



LIVRO 02  
originalmente  
CLICHÉ

O bad-boy  
E A  
PATRICINHA DE DIAMANTE

GRÁVIDA DE UM CAFAJESTE

SARA FIDÉLIS



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

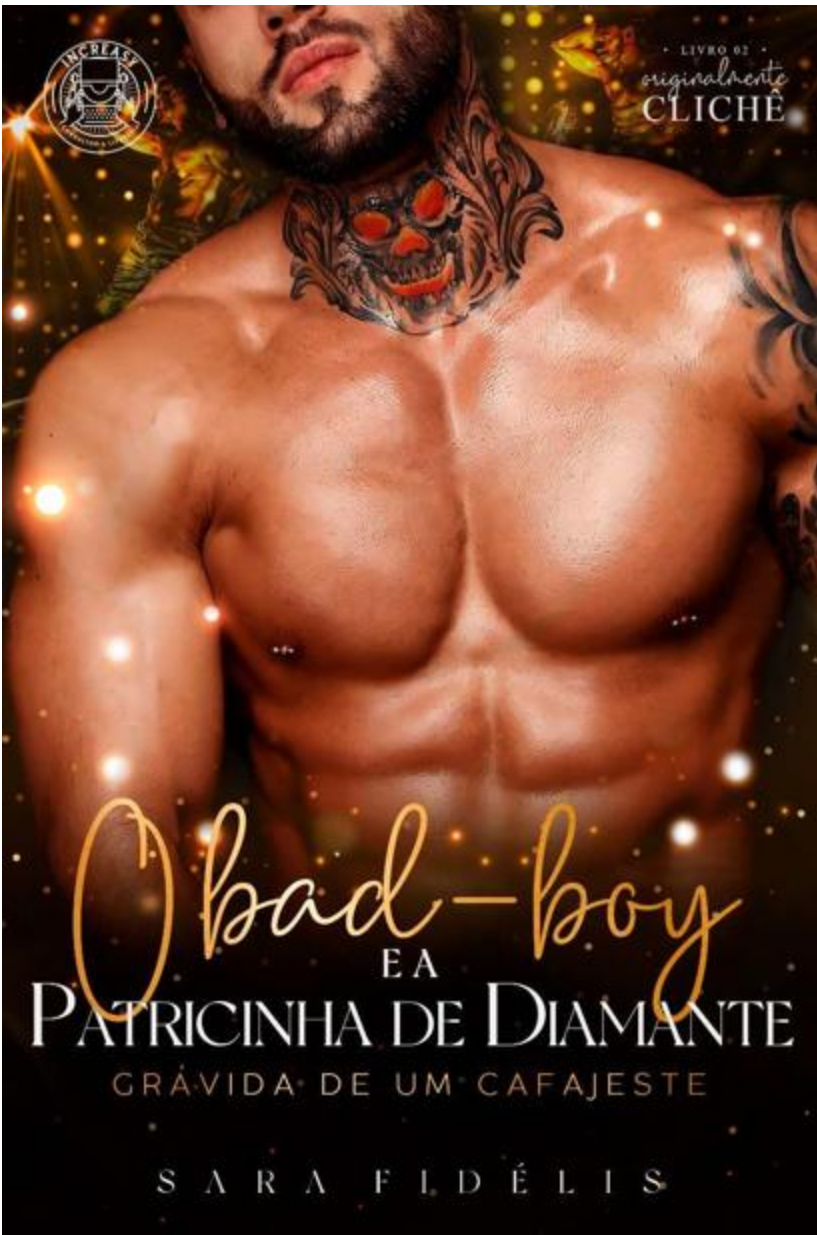
---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

---





LIVRO 02  
*originalmente*  
CLICHÉ

*Obad-boy*  
e a  
PATRICINHA DE DIAMANTE  
GRÁVIDA DE UM CAFAJESTE

SARA FIDÉLIS

*Obad-boy*  
EA  
PATRICINHA DE DIAMANTE  
GRÁVIDA DE UM CAFAJESTE

O bad-boy  
EA  
PATRICINHA DE DIAMANTE  
GRÁVIDA DE UM CAFAJESTE

Copyright © 2022 Sara Fidélis

**O BAD BOY E A PATRICINHA DE DIAMANTE**

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma,

meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

**Capa:** Maria Vitória Mariano Eleodoro

**Preparação de texto:** Graziela Reis

**Revisão:** Graziela Reis

**Diagramação:** Sil Zafia

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

## ***Sumário***

[Notas Iniciais](#)

[Dedicatória](#)

[Aviso:](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)



[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Degustação - Império de Diamante](#)

## *Notas Iniciais*

*Olá, pessoal! Esse é o segundo livro da série Originalmente Clichê e aqui vamos conhecer a história de amor de Héctor e Maria Rafaela. Ainda que seja o volume dois, não é preciso ler o primeiro para se jogar nesse romance, mas claro, alguns spoilers do primeiro casal são inevitáveis.*

*Preciso alertar que O Bad-boy e a Patricinha de Diamante têm um enredo bem erótico, nem mesmo se compara a Império de Diamante e é mais quente que todos os livros que eu já escrevi, no*

*meu ponto de vista. Então se cenas eróticas explícitas e fetiches, são coisas que te incomodam, fica aqui o alerta.*

*O livro tem uma trama divertida e não é muito pesado, então o único gatilho aqui, diz respeito a vidas solteiras. Se for o seu caso, acho que vale deixar um banho gelado preparado, ou as pilhas do seu amigo vibratório.*

*No mais, é isso. Se joguem e sejam INCENDIADAS!*

*Sara Fidélis.*

## *Dedicatória*

*Dedico esse livro a todas às pessoas que precisam de mais fogo em suas vidas.*

## *Aviso*

*Pai, se chegou até aqui, feche este livro!*

*Melhor não ler.*

*Estou avisando!*

*É por sua conta e risco...*



## **Héctor**

2004

Estou deitado em minha cama, de bruços, o travesseiro sobre a cabeça em uma tentativa de abafar os gritos da mamãe, ela e o papai estão brigando de novo, isso acontece sempre, mas eu não gosto, então venho para o quarto para não assistir.

— Quero que você vá para o inferno com aquela vadia!

Ela sempre disse que vadia era uma palavra muito feia...

— Eu já estou saindo, Joice, já pode parar de gritar.

Saindo? A palavra me tira do estado de negação e me levanto da cama, calçando meus chinelos ao lado dela.

— Vou gritar o quanto eu quiser!

Dessa vez a briga parece mais séria. Quando saio do quarto consigo ver que mamãe jogou algumas roupas do meu pai pelo corredor, suas meias e cuecas estão espalhadas pelo piso.

Desço os degraus da escada, mantendo o olhar fixo na porta. Não sei se ele vai mesmo dessa vez, já disse isso antes e não foi de verdade, mas odeio ficar aqui quando eles brigam e sempre fujo para a casa do vô Tetê quando acontece, ele não é meu

avô de verdade, mas como é da minha amiga, Amanda, eu também o chamo assim.

Minha calça de pijama está grande, e a barra se arrasta pelo chão, mas não posso parar agora para dobrar, porque senão vão me ver fugindo.

Aqui na vizinhança sempre tem brigas muito piores que essa, com carros de polícia e um montão de gente espiando tudo pelas janelas. Eu tenho oito anos, já sou um menino grande e não fico assustado com coisas assim, só prefiro não ouvir o que eles falam.

Estou quase alcançando a maçaneta quando minha mãe segura minha outra mão e me leva para o meio da confusão. Eu tapo os ouvidos outra vez e começo a cantarolar.

— Para com isso, Héctor! — Minha mãe me chacoalha, tentando tirar minhas mãos dos ouvidos.

Pelo que entendi, meu pai tem outra mulher, mas acho que ele já teve outra mulher outras vezes, então não sei o que torna a briga de hoje mais séria que as outras.

— Estou falando com você! Isso é sério!

— Eu quero ir embora! Me solta, quero ir pra casa do vô Tete!

Meu pai meneia a cabeça, aborrecido com essa confusão.

— Deixa o garoto em paz, Joice...

— Seu pai está indo embora — ela diz, me empurrando para mais perto dele —, diga adeus pra ele, Héctor.

Papai desvia seus olhos dos meus, mas não nega o que ela diz. Acho que é verdade, ele bagunça meu cabelo, como sempre faz quando não quer que eu chore.

— Eu venho te visitar sempre, filho.

Então é verdade dessa vez. Apesar das ameaças, nunca chegaram a esse ponto.

— Por que você vai embora? — pergunto.

Isso não faz nenhum sentido, nós moramos juntos desde sempre, essa é a nossa casa e pais moram juntos.

— Porque ele tem outra família agora, filho — minha mãe diz, antes que ele possa responder. — Seu pai está trocando a gente por uma outra esposa e um molequinho mimado.

Meu pai respira fundo, acho que ele não gosta que ela fale assim, está tentando não perder a paciência.

— Não estou trocando você, Héctor, só não vamos mais morar juntos, mas tudo vai continuar como antes, tá bom?

Ouçõ a campainha tocar e minha mãe se vira de costas para pegar a mala que está no chão, junto com duas sacolas grandes, encostadas na parede. Eu nem tinha visto aquilo ali.

— Sua carona chegou — ela diz, e bate a mala em seu peito com força, fazendo meu pai cambalear um passo para trás.

Ele engole a seco, desviando seus olhos dos dela, e eu começo a chorar.

— Não precisa chorar, garotão, vamos nos ver muitas vezes e você pode passar suas férias comigo. Que tal?

— Não mesmo — mamãe fala. — Meu filho não vai ficar perto daquela gente.

— Por favor, Joice! — ele grita, e minha mãe cruza os braços.

Choro ainda mais porque ela não quer me deixar ir, eu não sei o motivo, já que ela quase não fica em casa, então não teria problema...

Papai me puxa para um abraço e diz que vai sentir saudade, ainda não consigo entender o que está acontecendo porque é tudo muito rápido. Não deve ser pra valer, não pode ser. Às vezes os pais brigam e depois fazem as pazes.

— Até mais, garoto.

— Eu não quero que você vá embora, papai, você prometeu que a gente ia jogar no final de semana, lembra? Você disse que a gente ia viajar para ver os primos no Natal...

Ele suspira, como se minha fala o incomodasse.

— Eu sei, quando a gente se encontrar de novo, vou te levar para jogar no campo. Tá bom?

Ele disse que seria no final da semana, eu lembro! Mas meu pai sempre conta mentiras, sempre promete essas coisas,

então nem respondo nada porque sei que não vai acontecer. Seco o rosto molhado com as mangas do pijama.

— Seja um bom menino, Héctor.

Meu pai beija minha testa e depois disso segue até a porta, quando ele a abre vejo um carro vermelho parado do outro lado da rua.

Uma mulher morena está de pé, perto da porta, e um garoto que tem mais ou menos a minha idade está ao seu lado, segurando sua mão. Ele sorri quando vê meu pai se aproximar.

Então mamãe não mentiu, meu pai tem um outro filho agora, ele tem uma nova família mesmo e não vai mais voltar, agora seremos só eu e a mamãe, e eu serei o homem da casa, responsável por cuidar dela.

Talvez, sem as brigas, as coisas melhorem, talvez ela seja mais boazinha sem as dores de cabeça que ele lhe causava.

Apesar de tudo, ainda espero que ele realmente venha me ver, que me leve pra jogar como prometeu e que mamãe me deixe ir passar as férias na nova casa dele.

2008

### ***Maria Rafaela***

Camila empurra a porta de um dos boxes do banheiro feminino e me encara, segurando os seios falsos sob o sutiã e a camiseta do uniforme.

— E então? O que achou? Ficaram bons?

Estou segurando a porta para que nenhum aluno nos veja em ação, se meu irmão ou um dos amigos dele descobre o que estamos fazendo, estou ferrada.

— Sim, Mila, até que ficou bom — falo.

— Os seus ficaram melhores — ela diz com um sorriso.

A Camila sempre faz isso, porque gosta de me paparicar, mas dessa vez está sendo sincera, meus peitos de papel higiênico ficaram bem mais naturais que os dela.

— Certo. Então vamos? Quero dar duas voltas pelo jardim, onde o Henrique Leopoldino está jogando dominó com os outros meninos.

Camila assente, estufando o peito e vindo na minha direção, seus cabelos castanhos estão amarrados em um rabo de cavalo meio torto, mas acho que ela não percebeu.

— Onde está a Michele? — pergunto. — O intervalo vai acabar e ela ainda está lá dentro.

— Estou aqui! — Ela empurra a porta, seus seios falsos parecem duas bolinhas de pingue-pongue.

Camila começa a rir primeiro, mas quando Michele revira os olhos, irritada, eu não consigo me conter e caio na risada também.

— Ficou tão ruim assim?

Aquiesço, porque eu seria uma amiga pior se a deixasse andar por aí com isso, que dá na cara que são falsos.

— Ficou, amiga, e agora não temos mais tempo. Vai ter que ir sem os peitos — falo.



Ela arranca os papéis e os joga no chão, concordando com a cabeça, depois disso vem até onde estou e enlaça seu braço no meu.

Sempre gostei da atenção que recebo aqui no colégio.

Como meu pai é o dono, todos querem ser meus amigos e do Leon, ele não gosta muito disso, vive se isolando no bosque atrás da

escola para fugir das pessoas, mas eu acho que, assim como eu, ele deveria se aproveitar mais da posição que tem.

— Maria Rafaela, é a professora Miranda! — Camila me puxa pelo braço, desviando nosso caminho. — Se meu pai souber disso...

— Que bobagem! Logo, logo, você não vai precisar mais do enchimento, tipo a Nay, da turma do Leon.

— Ah, o Leon... — Michele suspira.

— De novo suspirando pelo meu irmão, Michele?

Não sou uma irmã ciumenta, só acho uma besteira ficarem babando por alguém que nem olha pro lado delas, mesmo porque Leon já tem dezessete e Michele ainda vai fazer doze.

Ela balança a cabeça, negando.

— Não. O Leon está ali, sentado na mureta, foi o que eu quis dizer.

Tarde demais para fugir, mas espero que ele não perceba.

Nós passamos juntinhas, passos curtos e, como eu imaginava, ele nem olha na nossa direção, entretido em uma conversa com Túlio, que é o melhor amigo dele.

— Às vezes é bom ser ignorada pelo próprio irmão — falo.

Camila e Michele começam a rir, enquanto se amontoam em cima de mim. Não que isso seja necessário, já que Leon não está olhando mesmo.

E então eu o vejo: Henrique Leopoldino, meu sonho de consumo há cinco dias, desde que foi transferido para a *Ecole francaise du renseignement de Flor dos Montes*.

Henrique tem cabelos loiros, como os meus, e as bochechas rosadas são um charme à parte. Pelo que soube, ele veio morar em Flor dos Montes porque seus pais se divorciaram. O senhor Omar Leopoldino, pai de Henrique, é dono de uma rede enorme de postos de gasolina e agora os dois vivem aqui, sozinhos.

— Estou bonita? — pergunto, e arrumo a tiara sobre meus cabelos soltos.

— Linda — as duas dizem em uníssono.

Respiro fundo, me preparando para minha entrada triunfal.

— Vocês podem falar comigo sobre qualquer coisa para me distrair? Quero parecer casual.

Estamos nos aproximando de onde os garotos estão agora, no meio do pátio.

— Humm... Como foi a viagem para a Disney? — Mila pergunta.

— Maravilhosa, como sempre — falo, me lembrando do quanto Leon e eu nos divertimos. Nossos pais ficaram mais fechados no hotel, mas, mesmo assim, foi o máximo. — A casa dos meus pais em Orlando estava sendo dedetizada, então tivemos que nos hospedar em um resort. Um verdadeiro sonho... — Henrique levanta seus olhos e sorri. Meu Senhor Jesus! — Ai meu Deus! Ele está olhando pra cá!

Henrique se levanta, caminhando na nossa direção, e acho que meu coração vai sair pela boca!

— Ele está vindo! Ele está vindo! — Camila aperta a minha mão com força.

Aliso meu cabelo e forço um sorriso.

— Oi, Michele!

O quê? Como assim, "*Oi, Michele*"?

— Oi, Rick! Tudo bem? — ela fala com naturalidade, enquanto eu estou prestes a ter uma síncope.

— Tudo bem e você?

— Tudo bem. Você já conhece minhas amigas?

Henrique estende sua mão e eu a aperto. Com certeza essa é a mão mais macia que já toquei em toda minha vida!

— Muito prazer, sou o Henrique.

— Prazer, sou a...

— Maria Rafaela Vidal — ele completa.

Eu sorrio. Ele sabe quem eu sou! Bom, claro que ele sabe...

— Isso.

— E você deve ser a Camila, irmã gêmea do Caio, estamos fazendo italiano juntos.

Camila também aperta a mão dele.

— Sim, sou irmã daquele pateta.

Henrique ri e constato que ele tem um sorriso lindo!

Maravilhoso, perfeito!

— Até mais, meninas.

Ele me dá um outro sorrisinho antes de ir embora, mas não acredito que Michele o conhecia esse tempo todo e não me falou nada.

— Michele! — Me viro para a encarar. — Quer se explicar, por favor?

Ela dá de ombros, como se não fosse nada demais, acho que queria esconder Henrique só para ela, isso sim.

— Meus pais são amigos do pai dele, Henrique esteve na minha casa no final de semana, mas eu já o conhecia antes que se

mudasse pra cá.

— Ele foi na sua casa? — pergunto.

Minha voz sai mais estridente do que eu gostaria, mas não posso acreditar na audácia dessa cobra.

— Sim, mas pode ficar tranquila, porque eu não gosto dele

— ela diz, meneando a cabeça. — Você tem um ótimo gosto, ele é bonito, mas eu sou sua amiga...

Falsa. Eu duvido muito que isso seja verdade, mesmo porque se ela o conhecia antes, não posso ser sua justificativa para não gostar dele.

— Tá bom, já chega disso.

Camila fica do meu lado, de braços cruzados, esperando, seus olhos também fitam Michele com ar de desconfiança.

— Já que você escondeu isso de nós, das suas amigas, acho que você me deve uma. Não é, Mila?

Ela faz que sim, concordando comigo e Michele tem a decência de parecer envergonhada. O sinal toca, nos lembrando que é hora de voltar para a sala de aula.

— Tudo bem. Pode pedir o que quiser, mas não foi minha intenção esconder, só esqueci de contar mesmo.

Camila solta uma risada debochada. Nós somos muito amigas, as três, mas sabemos ser irônicas quando necessário.

— Ah, sim, esqueceu... Com a Maria Rafaela falando dele vinte e quatro horas por dia? — ela questiona, colocando mais lenha na fogueira.

— Não achei que fosse um detalhe importante.

Cínica demais! Como assim não era relevante?

— Até parece...

Ergo as mãos e impeço que a discussão se estenda, se ela diz a verdade, sua proximidade com Henrique pode ser útil

pra mim, mas se ela gosta dele, vai ser castigo mais que suficiente me ajudar a conquistá-lo.

— Tudo bem. Já que vocês são tão amigos, você vai falar de mim pra ele.



Ela dá de ombros e concorda com o meu pedido, mas conhecendo a Michele como eu conheço, acho que ela também gosta dele.

— Falo, sim. Sem problemas.

Nós nos viramos para subir de volta para a sala de aula, e Michele não fala comigo pelo resto do dia.

Minha mãe acena pela janela do carro, chamando minha atenção, seus óculos de sol cobrem boa parte do rosto e seus cabelos estão presos em um coque baixo.

O Alberto, motorista dos meus pais, sai do veículo e abre a porta para mim, e me sento ao lado dela no banco.

— Boa tarde, minha flor.

— Boa tarde, mãe. Onde está o Ed?

Geralmente, como meu pai fica por conta da Gracy's, Ed fica responsável por nos trazer e depois nos levar para casa.

— Ele deve estar chegando para pegar o Leon, mas eu quis vir para levar a minha filha ao shopping hoje. Preciso de um vestido novo para as gravações da Gracy's e você vai me ajudar a escolher.

— A nova campanha publicitária? Você vai ser a garota propaganda?

Ela sorri, toda animada.

— Sim! Quem melhor que eu para divulgar a nossa marca?

Mamãe toca meu cabelo em um gesto de carinho inesperado, mas em seguida ela penteia os fios com os dedos e entendo que os está arrumando.

— O papai concordou?

Rodrigo Vidal vive em prol da rede de joalherias, o legado da nossa família, e geralmente ele costuma escolher celebridades e modelos famosas, nomes de peso para representar a marca nos desfiles. Não sei o que mamãe fez para o convencer.

— Teve que concordar, ele está em dívida comigo. — Ela balança a mão em um gesto de desdém. — E, em breve, será você,

a princesa da Gracy's. Seu rosto vai estar nos outdoors das grandes cidades, na Times Square, o que acha? Exibindo os mais lindos diamantes e pedras preciosas.

Faço que sim com a cabeça, sorrindo. Eu já fiz algumas fotos para a Gracy's, especiais para o dia das crianças e uma campanha para o dia das mães, mas sonho em aparecer sozinha quando crescer, bem como ela está dizendo, talvez papai deixe.

Alberto começa a dirigir pela avenida, e mamãe aperta o botão que faz subir a janela entre o assento do motorista e o nosso, nos separando.

— Mas a fama custa caro, meu amor, sorte a sua que podemos pagar esse preço. — Ela sorri e toca a ponta do meu

nariz. — Você é praticamente perfeita e terá o mundo aos seus pés, logo, logo.

Mamãe aperta meu nariz e estreita os olhos. Penso que vai mencionar a tal rinoplastia outra vez, mas acaba não dizendo nada.

— Obrigada. Sorte a minha ter você para me ajudar com isso.

— Vou estar aqui para garantir que tudo aconteça como planejado.

Começo a observar os carros que cortam a avenida através da janela, pensando em como tive sorte de ter essa família e o destino minuciosamente planejado desde o dia em que nasci. Minha mãe sempre diz que as coisas para nós simplesmente dão certo,

mas não acho que seja tão simples assim, sei que meu pai e ela estão sempre cuidando de tudo.





## Capítulo 2

2012

### **Héctor**

Encaro minha imagem no espelho embaçado da velha casa que, até hoje, vinha dividindo com a minha mãe. Ela está de pé, escorada no batente, me fitando com desinteresse.

— Pronto? Pegue suas coisas logo que o Carlos vai te deixar no colégio. Já fiz sua mala com todas as suas coisas.

— Mãe, eu sei que estão começando um relacionamento agora e disse que eu posso estragar as coisas, mas um colégio interno...

Mamãe balança a cabeça de um lado para o outro, nem mesmo me deixa concluir.

— Héctor, não tem discussão. Você está reclamando do quê? A vida toda sempre estudou em escolas horríveis e agora tem a oportunidade de ter um ensino de qualidade, deveria agradecer, isso sim.

— Eu sei, mas vou ficar sozinho. Não conheço ninguém e não sei nem o que fazer por lá.

— Você vai pra casa nas férias, duas vezes no ano, e o seu almoço está incluso na mensalidade, vai ter um tempo livre, é só arrumar um bico que vai conseguir dinheiro pras suas coisas e pra ocupar a cabeça.

Penso em retrucar, mas sei que não adianta, meus olhos estão ardendo, mas me forço a segurar o choro. Não sou uma criança e já deveria ter aprendido que minha vida é essa. Depois de ser abandonado, agora pela segunda vez, eu sei que estou sozinho, aceitar é o primeiro passo para seguir em frente.

— Tá bom.

Ela me dá as costas e sai pelo corredor, os saltos batendo no chão de madeira e fazendo barulho. Minha mãe não usava roupas e sapatos caros, mas desde que o Carlos surgiu, as coisas

mudaram muito pra ela. Acho que ele não iria me querer na casa dele. Tudo bem, tenho dezesseis anos e sei bem me virar.

Quando um pouco mais tarde me deixam na escola nova, sou conduzido por um colega até um dormitório que fica no terceiro andar, após fazer minha matrícula. É um salão social grande, algumas televisões estão espalhadas pelo lugar e há sofás por toda parte. Nas paredes laterais, portas, dos dois lados, que conduzem aos dormitórios.

— Você vai dormir aqui — o rapaz, que se apresentou como Ítalo fala. — Seu colega é o Mendes, que deve estar andando por aí.

Ele abre a porta, e me vejo em um quarto amplo. As camas ficam uma de cada lado e entre elas há um longo espaço,

preenchido por um tapete estampado.

Um guarda-roupas grande toma conta da parece em frente a elas, e Ítalo mostra onde posso colocar minhas coisas.

— O banheiro fica à sua direita, o café da manhã é servido das seis às sete, quando começam as aulas e o almoço a partir das onze e meia, quando elas acabam. Na parte da tarde você está livre e pode fazer algumas das atividades disponíveis no colégio ou trabalhar.

— E o jantar?

— Não está incluso na mensalidade, mas você pode comer no restaurante da escola ou pedir alguma coisa. O pessoal também costuma ir à cidade comer por lá.

Isso me deixa preocupado. Não que eu esteja com fome agora, mas não tenho dinheiro para o jantar, e se não está incluso na mensalidade não sei como vou fazer.

— Valeu, cara... — Olho ao redor e coloco minha mala diante da cama. — Sabe se tem algum tipo de trabalho que eu possa fazer aqui?

Ítalo me encara como se a pergunta demorasse a fazer sentido.

— Você não é bolsista...

— Não, mas não tenho dinheiro.

— Isso aqui custa quase dez mil por mês.

Arregalo os olhos diante do valor. Eu não fazia ideia de que pudesse custar tanto assim.

— Caralho! Isso tudo?

Ele ri ao perceber meu susto.

— Ridículo, né? Eu sou bolsista aqui, do contrário jamais poderia bancar.

— Minha mãe se casou com um ricoço e me mandaram pra cá pra se livrarem de mim.

— Jura?

— Sério. Só que não me dão dinheiro, não tenho nada além da mensalidade, então preciso fazer alguma coisa se quiser comer.

— Que merda... Eu não tô sabendo de nada, mas vou perguntar por aí e se souber de alguma coisa eu te falo.

— Beleza. Obrigado, cara.

A verdade é que eu queria ter continuado na escola pública com a Nath. Ela, Amanda e eu somos amigos desde sempre, mas quando Amanda foi matriculada em um outro colégio de ricos, sobramos nós dois, e agora estamos os três separados, um em cada canto. Isso é uma merda!

Deixo minhas coisas sobre a cama e saio para conhecer o resto do colégio, talvez eu possa me adaptar e, se encontrar algo para fazer, conseguir levar isso adiante.

Quando meu pai nos deixou, sofri muito com o abandono, senti a rejeição cortar a alma como se fosse uma ferida sangrando, principalmente porque ele acolheu a outro filho.

Nunca pensei que minha mãe repetiria o que ele fez e devo parecer um fracote por me sentir assim, mas a vontade que tenho é de me deitar embaixo das cobertas e chorar

escondido. Eu fui abandonado duas vezes, pelas pessoas que deveriam ser as únicas obrigadas a me aturar.

Porra...

Alguma coisa eu devo ter feito de muito errado. Rebobino na mente o momento em que conheci Carlos, o novo namorado dela.

Eu fui educado até, conversei com ele e o tratei bem, não pareceu que ele não tinha gostado de mim.

Estou seguindo pelo pátio, perdido em meio a esses pensamentos nebulosos, quando vejo duas meninas conversando mais à frente. Acho que discutindo descreveria melhor.

— Você é ridícula! De que adianta viajar pra onde quer e ter tudo, se ninguém gosta de você?

Sinto o golpe em mim mesmo, e olha que pelo jeito eu estou pior que a garota, já que não tenho tudo, nem posso viajar.

— Quem disse que ninguém gosta de mim, Jaqueline? Só porque você não gosta e tem inveja, não quer dizer que as outras pessoas também se sintam assim.

— Eu não tenho inveja coisa nenhuma! Você nunca nem beijou na boca.

Estou parado agora, observando a briga. Me parece que Jaqueline afetou a outra, como se beijar fosse grande coisa.

— Não beijei? Eu faço sexo com meu namorado sempre!

— E quem é esse namorado misterioso? Porque eu nunca vi, Pietra.

Nesse momento Pietra me vê e percebo em seu olhar a merda que vai fazer.

Não, não, não...

— Vocês ainda não se conhecem? — Ela segue direto até onde estou e engancha o braço no meu, que a sigo aturdido. —

Esse é meu namorado, acabou de entrar pro colégio.

Pietra me arrasta com ela até estarmos em frente à Jaqueline, que me mede dos pés à cabeça.

— Você é namorado dela?

— Hum... — Pietra me dá um beliscão no braço. — Sou.

— Qual é o seu nome?

— Quem quer saber? — pergunto, encarnando o namorado atrevido.

Jaqueline coloca as mãos na cintura fina e me olha com desdém.

— Como assim você não sabe quem eu sou?

Dou de ombros.

— Não sei, acabei de chegar e só vim pra ficar perto da minha gatinha — respondo, piscando pra Pietra, que sorri, contente em estar vencendo a briga agora.

— Eu sou a Jaqueline, meu pai é praticamente dono dessa cidade.

Grande coisa... Essa cidade é feia. Prefiro mil vezes Flor dos Montes.

— Legal, eu não me ligo muito nesses lances de riquinhos.

— Ele é um bad-boy — Pietra fala, orgulhosa, e sinto vontade de rir.

Jaqueline ainda nos analisa com ar de dúvida. Já que estou no papel, decido que é melhor fazer direito.

— Fiquei com saudades, onde você estava? — Me viro para encarar Pietra e acaricio seu rosto.

Ela fica toda vermelha, constrangida, mas parece gostar da atenção.

— Na aula, também senti sua falta — responde, seguindo com a encenação.

E então dou o golpe fatal. Me inclino e beijo a boca dela com vontade, um beijo rápido, mas que manda um recado: Jaqueline está sobrando.

A morena sai batendo os pés e nos deixa sozinhos. Quando já está longe, Pietra se vira para mim, com um sorriso grande.

— Acabou com ela! Meu nome é Pietra — ela diz, estendendo a mão para se apresentar.

— E eu não sei? Sou seu namorado, afinal.

— Você é o Héctor.

— Como sabe meu nome?

— Eu estava na secretaria quando chegou, por isso sabia que era um aluno novo. Sabe... Você podia fingir que é meu namorado por mais tempo.

Meneio a cabeça, rindo da ideia da maluquinha.

— Eu vi que ela estava te enchendo e ajudei, ganhei um beijo de brinde. Mas foi só isso, não vou me amarrar logo no primeiro dia.

— Mas não vai ser de verdade!

— Mas vão achar que sim, dá na mesma.

Ela cruza os braços, me sondando.

— Se parar agora, ela vai falar pra todo mundo que terminou comigo.

— Devia ter pensado nisso antes de me enfiar nesse rolo.

Você é meio sem noção, né? Por que acha que eu faria isso por alguém que nem conheço?

— Por dinheiro, como se fosse um trabalho — fala, dando de ombros.

Ela só pode estar brincando.

— Olha, você é bolsista, não é? — pergunta, tão arrogante quanto a tal Jaqueline.

— E daí? — pergunto, sem negar.



Ainda que eu não seja, minha história não é mesmo da conta dela.

— Dinheiro eu tenho, só não tenho um namorado pra exibir por aí. Se você topa trabalhar fingindo ser meu namorado, eu pago bem.

Apesar de achar a tal Pietra uma pirada, estou mesmo procurando um trabalho, e fingir ser um namorado, dando uns amassos ocasionais na garota, não é um trampo ruim.

— Por quanto tempo? — Estreito os olhos aguardando uma resposta.

— Uns seis meses? Mas tem que comprar minhas ideias, quando eu disser que saímos ou viajamos, tem que concordar. Vou inventar nossa história de amor e no final vai me deixar terminar pra sair por cima.

— E o que eu ganho?

— Quinhentos por semana e vou te bancar também.

— Quê?

Devo ter entendido errado. Ninguém pagaria tudo isso pra alguém brincar de ser seu namorado.

— Eu não posso namorar alguém que usa roupa da feira, Héctor, vai precisar de umas coisas novas pro papel.

E essa foi a primeira vez que topei um programa, ainda que esse não envolvesse sexo.

**Héctor**

2013

Estamos sentados em uma mureta atrás do colégio. As aulas de hoje terminaram e temos o tempo livre, eu particularmente, já que meu contrato atual acabou de ser finalizado.

— Caralho, Héctor. Não entendi por que deixou a Brenda escapar... — Ítalo comenta, vendo minha atual ex-namorada passar do outro lado.

*Porque nosso contrato venceu.*

Abro os braços e dou de ombros.

— Não estava mais dando certo.

— Tá sabendo que depois que ficou com ela, o Iago ficou doido, né? Eu achava que ele nem ligava pra ela, mas agora parece que estão saindo. Sinto muito, cara.

Se ele soubesse que meu trabalho era justamente esse, tornar Brenda atraente pro paspalho do Iago que não notava a garota, iria me aplaudir por conseguir cumprir com minha função.

Tarefa cumprida, pagamento na conta, namoro encerrado.

— Acontece...

— E agora? Vai ficar com dor de cotovelo ou partir pra próxima?

— E eu fico sofrendo por causa de garota?

A próxima já fez o depósito adiantado e o trabalho começa em breve. Preciso dar um espaço de ao menos duas semanas, para parecer que sofri um pouco com o término. O fato de Brenda ter começado a sair com Iago

imediatamente depois acabou ajudando, porque me deu a liberdade para fazer o mesmo.

— Pelo jeito não.

— Não. Por falar nisso, sua prima Aline está solteira?

Ele dá uma encarada em Adriano, que está ouvindo a conversa, agora com atenção redobrada.

Adriano e Aline querem namorar faz um tempo, mas os pais dela o acham meio esquisitão. Por isso os dois me contrataram e os pais dela com certeza vão implorar para eles namorarem, quando me conhecerem. Eu sei ser um babaca completo e recebi muito bem pra isso.

Adriano finge que não sabe do esquema e me olha de um jeito meio assassino.

— Bom, solteira ela está... Ela e o Adriano quase namoraram, mas não rolou.

— Mas você não tem ciúmes né, Adri? Queria levar ela em um show de punk e depois, vocês sabem...

— Ishi, cara. Acho que meu tio vai embaçar, eles são bem protetores — Ítalo comenta, meneando a cabeça.

— Relaxa, vou falar com ele. Mas vou dar um tempo, ainda não superei a Brenda direito.

Apesar das preocupações do primo, o pai dela não nos proibiu de sair, ele só ficou chateado quando uma foto nossa no cemitério chegou até sua mesa de trabalho no dia seguinte.

Como se dar uns amassos em cima de um túmulo fosse coisa de gente sem futuro!

Sinceramente, é tanto preconceito.

O bom nisso tudo é que Adriano passou a ser um ótimo partido.

## ***Maria Rafaela***

*2014*

Henrique e eu estamos namorando há quase oito meses.

Depois que fomos apresentados, as coisas evoluíram rápido.

Michele e ele realmente se conheciam desde pequenos e acho que ela até tinha uma queda por ele, mas Henrique me chamou para sair, e eu aceitei. Não durou muito, tínhamos treze anos, mas nesse verão tudo mudou.

Fomos para a casa de praia que mamãe comprou em Guarujá e por um acaso encontrei Henrique por lá. Acabamos indo a uma festa juntos, ficamos e pouco depois começamos a namorar.

Já tenho dezoito anos e sei que é meu primeiro relacionamento sério, talvez seja o único, se Henrique sentir por mim tudo que sinto por ele.

— Você sabe que os pais dele não estão em casa, não sabe?

Michele está sentada na minha cama, observando enquanto faço minha maquiagem em frente ao espelho. Eu tenho uma cicatriz na retina do olho direito, que complica um pouco as coisas, mas não é algo tão visível, só prejudica minha visão

desse lado, então para me maquiar preciso de mais atenção que as outras garotas.

— Eu sei. Como você sabe?

— Eles viajaram com os meus, também estou sozinha.

Pensei que fôssemos sair...

— Chama a Camila, eu vou pra lá ficar com o Henrique.

— Mas só vocês dois?

— É, precisamos ter momentos só nossos, ou as coisas nunca vão evoluir... — Passo o batom vermelho e fito minha imagem no espelho.

— Você está falando sobre sexo?

Ela parece apavorada, não sei se porque é um assunto sério ou por ciúmes.

— Já estamos juntos há alguns meses e eu já tenho mais de dezoito, Michele. Uma hora vai acontecer, ele quer e eu também.

— Bom, claro, são namorados, mas eu acho precipitado.

Talvez devesse esperar um pouco mais.

— Não vai ser hoje de qualquer forma — faço uma careta infeliz —, ainda não criei coragem para dar o próximo passo, mas espero conseguir logo.

Ouçõ uma batida na porta, e minha mãe coloca a cabeça para dentro.

— Rafaela? Seu irmão está no telefone.

Deixo Michele no quarto e corro até a sala para atender a ligação. Leon é minha pessoa favorita no mundo, mas agora está

estudando fora do país e faz muito tempo que não nos vemos.

Mesmo assim, ele sempre dá um jeitinho de me ligar e contar as novidades.

— Alô?

— *E aí, princesa? Tudo bem?*

— Oi, Lê! Aqui tá tudo igual, bom, mais ou menos...

— *Está difícil aguentar a mamãe?*

Olho para trás para confirmar que ela não está ouvindo, antes de responder.

— Ela não para muito aqui, vive viajando e fazendo coisas da Gracy's, fico mais sozinha — falo, chateada.

— *Eu também não gosto de ficar sozinho aqui nos Estados Unidos.*

— Então devia voltar logo — respondo, fazendo drama.

— *Sabe que se eu pudesse já teria voltado. Mamãe não vai me deixar voltar enquanto não me formar e puder assumir a Gracy's.*

Leon foi estudar no exterior, mas ainda falta mais de um ano para se formar e voltar para casa. Bom, melhor olhar pela perspectiva de que já faz vários anos que ele se mudou, então falta pouco, se comparar.

— Agora falta pouco, logo vamos ficar juntos de novo. E você me ajuda a dividir a chatice da mamãe.

— *Sabe muito bem que quando estou por perto a parte ruim fica só pra mim* — ele fala rindo, mas ambos sabemos que é a verdade.

Por alguma razão, Suzana implica muito mais com ele que comigo. Talvez seja pelas responsabilidades que Leon tem sobre os ombros, como futuro CEO da empresa.

— Leon, quero contar uma coisa.

— *O quê?*

— Eu estou namorando. Não quis falar antes, até ter certeza de que era sério.

— *Ah, não tá namorando não. Pra que isso? Você ainda é uma garotinha.*

O comentário dele me faz sorrir, para o meu irmão acho que sempre serei uma menininha.

— Eu vou fazer dezenove em poucos meses.

— *Tem muito o que curtir ainda.*

— Da pra parar de ser ciumento e ficar feliz? É o Henrique.

Leon faz uma pausa, e acho que está tentando se lembrar a quem me refiro.

— *Aquele que estudou com você? Acho ele um cara bem chato.*

— Chato é você! — respondo, rindo do jeito dele.

— *Tá bom, Rafa* — ele diz, agora rindo também. — *Vou fazer o que daqui de tão longe? Sou obrigado a aprovar essa sua paquera.*

— Namoro.

— Rolo.

— Namoro, insisto.

— *Isso, namoro.*



2014

### **Hector**

Minha mãe me obrigou a vestir um terno preto para o enterro do senhor Carlos, em sinal de respeito, já que o velhote bateu as botas. Acho engraçado que a pessoa seja ruim em vida e vire santo depois de morrer, minha mãe mesmo só suportava o cara por causa do dinheiro dele e agora está toda séria, forçando choro, como se estivesse sofrendo demais.



Na verdade, ele era um escroto, arrogante e extremamente grosseiro, eu percebia quando minha mãe me ligava que estava sempre com medo de dizer alguma coisa que ele reprovaria, e no meu caso, ele quis me deixar no colégio interno porque um rapaz seria um obstáculo para realizar as vontades que ele ainda tinha, apesar da idade.

Carlos só queria saber de noitadas, viagens e sexo, um solteirão que não percebeu que envelheceu e que acreditava cegamente que exercício físico o faria viver nesse ritmo para sempre. Não fez.

— Nós vamos voltar para nossa casa, Héctor — minha mãe diz, enquanto dirige para o velório onde o corpo será velado.

— Eu também?

Já me formei no ensino médio, e acabo de completar dezoito anos, mas desde que as aulas acabaram, cerca de um mês atrás, fui jogado de um lado para o outro, sem saber ao certo onde deveria ficar, entre meu pai e minha mãe, que não fizeram questão de esconder que não me queriam em suas casas e meus tios, que pareciam mais ressentidos ainda com a minha presença.

— Sim. Você vai comigo, vamos ficar juntos agora.

Suspiro. Não é que ela queira realmente ficar comigo, mas não tem muita opção agora e apesar de ter atingido a maioridade, estava estudando e ainda não tenho um emprego fixo. Os namoros falsos no colégio até que foram uma ideia boa, mas não posso continuar com isso agora.

— Que bom. Eu sinto falta da Amanda e da Nath, do vô Tetê e até da escola.

Minha mãe sorri. Seus olhos azuis e a expressão calma sempre transmitem paz, isso para quem não a conhece, é claro.

— Pensei que você fosse continuar morando na casa dele...

Ela meneia a cabeça.

— A casa está no nome da filha, parece que tenho direito a parte dela, mas vai demorar e vou ter que brigar na justiça. Tudo o que ele me deixou foi este carro, porque foi um presente.

Já é alguma coisa.

— Tudo bem, mãe. A gente sempre se virou.

2015

### ***Maria Rafaela***

Confiro mais uma vez o nécessaire, vendo se coloquei nela tudo de que preciso para essa noite: escova de dentes e de cabelo, maquiagem, sabonete íntimo, óleo corporal e a lingerie sensual que comprei especialmente para a ocasião. Nada pode dar errado.

Olho para o meu reflexo no espelho, meus cabelos loiros estão macios e sedosos depois da hidratação e pela primeira vez na vida fiz um bronzamento artificial — escondido da minha mãe, é claro — que resultou em charmosas marquinhos de biquíni.

Coloquei um vestido soltinho, bem casual e sandálias de saltos. Estou pronta para ir.

Sempre sonhei com a minha primeira vez e esperei muito pelo momento certo, até porque a pessoa certa já estava definida desde quando o conheci. Henrique e eu temos uma história juntos e eu nunca tive dúvidas sobre o que sinto por ele, então não existe medo, apenas a certeza de levar nosso relacionamento a um outro nível.

A família do Bruno Pacheco — melhor amigo do Henrique — tem uma casa de campo em Holambra, e uma plantação de girassóis a se perder de vista, o destino mais romântico e intimista que eu poderia imaginar. Bruno nos emprestou a casa por todo final de semana.

Minha mãe saiu bem cedo, ultimamente ela anda bastante ocupada na Gracy's, mas pelo menos não vou ter que lidar com as

especulações dela. Disse que iria viajar com a Camila e ela simplesmente aceitou, sem complicações, o que, se tratando da Dona Suzana Vidal, é no mínimo estranho.

Pego minha chave na bolsa e entro no carro. Ligo o som e coloco *The Killers* para tocar. Talvez assim eu consiga controlar um pouquinho da ansiedade. Por causa da cicatriz na retina, que me acompanha desde que nasci, nunca consegui tirar carteira, não passei no exame de vista já que consigo ver perfeitamente apenas de um dos olhos, mas consegui o carro de presente com a condição de que sempre teria um motorista comigo.

Só que eu sei dirigir e não tem a menor condição de levar alguém comigo quando minhas intenções são do tipo que minha mãe não pode nem sonhar!

Meu celular toca, parando a música, e atendo a ligação diretamente do painel, deixando que a voz macia de

Henrique preencha todo espaço.

— Oi, amor.

— *Oi, minha linda. Você já está vindo?*

Eu amo quando ele me chama de linda.

— Sim. Acabei de tirar o carro da garagem — falo.

— *Que ótimo. Preparei uma surpresa pra você.*

Henrique foi para Holambra de manhã e eu sabia que ele estava planejando alguma coisa com essa história. Mal posso esperar para chegar lá e descobrir o que é.

— Sério? O quê?

— *Se eu te contar, não é surpresa.*

— Tá bom. Acha que não tem perigo mesmo se eu for dirigindo?

— *Lógico que não — ele me tranquiliza — , você sabe se virar muito bem no volante, eu que te ensinei, lembra?*

Claro que me lembro. Henrique sempre acreditou no meu potencial.

Faço a curva na esquina e sigo para a entrada do condomínio. Sinto meu coração disparar no peito só de imaginar o que vai acontecer em algumas horas. Henrique e eu saímos

algumas vezes quando adolescentes, mas começamos a namorar pra valer bem depois disso.

Nós já chegamos muito perto, especialmente em uma viagem que fizemos com nossos amigos no mês passado, contudo, a falta de privacidade me deixou muito incomodada e eu preferi esperar uma oportunidade melhor.

— Tá bom. Estou ansiosa.

— *Então vem rapidinho. Beijo.*

A música volta a tocar. Meu sorriso nem cabe no rosto.

O trânsito na Marginal Tietê me segura por um tempo, mas é até bom porque consigo me acalmar com a minha pequena

aventura, e depois disso a viagem flui. Pelos meus cálculos, devo chegar por volta das dezessete horas.

Respiro fundo e repasso mentalmente o que aprendi depois de ler tantos artigos sobre primeira vez, é claro que a prática deve ser bem diferente da teoria, mas Henrique já fez isso antes e vai saber me conduzir.

As horas passam devagar enquanto minha ansiedade só cresce.

Fico tamborilando os dedos no volante, seguindo o ritmo da música e cantarolando as frases, minha mãe odeia que eu ouça rock ou qualquer outro gênero musical que não seja a música clássica e acredito que seja esse o motivo que me fez gostar tanto,

ainda que eu também ame os clássicos, principalmente no meu piano.

*Now I'm falling asleep*

*And she's calling a cab*

*While he's having a smoke*

*And she's taking a drag*

*Now they're going to bed*

*And my stomach is sick*

*And it's all in my head...*

Os minutos se arrastam, mas agora falta muito pouco. Da avenida Posse de Ressaca até Holambra são uns doze quilômetros

ou até menos.

Percebo um borrão em uma unha feita, pintada de rosa, e quando levanto meus olhos outra vez vejo duas luzes brilhantes diante do meu rosto, assim, de repente. São faróis do que parece ser um caminhão bem grande e o som alto de uma buzina, como se eu estivesse errada.

Não tenho tempo para sair. Não há nenhuma chance. O

motorista veio pela lateral, justamente pelo lado em que não podia vê-lo chegando e me pegou desprevenida.

Eu não sabia que aquelas duas luzes amarelas seriam a última coisa que eu poderia ver. Barulho, barulho e uma dor tão forte, que não durou mais que um segundo, como se tudo em mim fosse desligado para me poupar.

Depois disso, nada, apenas a escuridão 2015

**Héctor**

Estamos sentados no chão da sala quase vazia, Amanda, Nath e eu. Minha mãe se foi tem uma hora mais ou menos e minhas amigas vieram me fazer companhia.

— O que a gente vai fazer agora? — Nath pergunta, olhando de Amanda pra mim.

— Como assim? Vocês não precisam fazer nada, eu é que tenho que dar um jeito nas coisas.

— A gente tá com você, precisamos ajudar de alguma maneira. O complicado é que precisa pagar o aluguel, o dono da casa não vai te deixar ficar aqui se atrasar.

— É, eu preciso conseguir uma grana.

— Você pode falar com a vó Lúcia e o vovô Tetê, eles têm um quarto sobrando, vão te deixar ficar lá — Amanda sugere, esperançosa.

— Já é difícil pros dois se virarem com tudo e cuidarem de você também, não posso pedir nada disso.

A ideia não seria ruim, mas eles não têm condições para isso, principalmente porque desde que a mãe de Amanda faleceu e o pai sumiu no mundo, eles já cuidam dela.

— Mas não precisa morar lá de favor, só até arrumar trabalho, aí depois pode ajudar nas despesas.

— Eu tenho que me virar... — Tomo um gole da cerveja que estou segurando. — Aprendi apanhando da vida, se não cuidar de mim, ninguém vai.

Nathalia meneia a cabeça, chateada.

— Só porque seus pais são uns merdas não quer dizer que todo mundo vai te abandonar. Amanda e eu estamos aqui, além disso o vô te ama como se fosse neto dele, não vão te deixar na mão.

Minha mãe se provou uma decepção novamente. Primeiro me trouxe de volta para casa e depois, quando finalmente conseguiu recuperar parte dos bens do falecido marido, me deixou e partiu em busca de uma nova aventura. Ela teve ao menos a decência de deixar um bilhete avisando.

— Eu sei disso, vocês são a única certeza na minha vida.

Só que vô Tetê e a vó Lúcia não vão durar pra sempre, de qualquer forma preciso correr atrás das minhas coisas, já tenho vinte anos, passou da hora.

Elas acabam por concordar, entendendo meu ponto. A verdade é que nenhum de nós tem muito para dividir, o que importa é que estamos dispostos a isso se necessário.

E não é que eu seja um vagabundo. Venho trabalhando desde que deixei o colégio, mas recentemente fui mandado embora

do mercado em que era empacotador e minha mãe escolheu esse momento para ir embora.

— O que vai fazer então? Imprimir uns currículos?

— É, eu vou sair amanhã procurando alguma coisa, vai dar certo.

Só que não deu.



No dia seguinte sai procurando por alguma vaga de emprego e no próximo também. Sai a semana toda e durante o próximo mês também tentei de tudo, mas não tinha nada.

A cidade não é grande e as possibilidades não são muitas, mas minha inexperiência complica tudo. Com apenas um registro na

carteira e sem ter feito faculdade não querem me dar trabalho, sempre existe alguém mais capacitado.

Um mês inteiro sem grana começou a deixar tudo mais nebuloso, o aluguel já venceu e as mensagens recorrentes do senhorio já estão enchendo o saco. Comer macarrão instantâneo quase todos os dias no jantar também não está sendo legal.

No almoço consigo filar um prato na casa da Amanda e as vezes na Nath, mas não tenho coragem de ir também a noite, então disse a elas que estava tudo bem.

Nem posso acreditar quando leio a mensagem que chega no meu celular. É como se fosse aquela pequena luz no fim do túnel.

*“Você deixou um currículo aqui, precisamos de um rapaz pra trabalhar no bar. Se puder vir pra uma entrevista, às 18h, pode fazer um teste hoje ainda.”*

O endereço chega em seguida.

Estou muito empolgado quando digito mensagens para Amanda e Nathalia contando sobre a oportunidade. As duas respondem tão animadas quanto eu e me desejam sorte.

Quando chega o horário de ir, visto uma das minhas melhores roupas, uma camisa preta de botões e uma calça jeans, tentando parecer mais sério é responsável e com isso talvez ganhar alguns pontos.

Chegando ao local percebo que ainda não está aberto ao público, mas tem um rapaz pouco mais velho que eu guardando umas caixas de bebida atrás do balcão e ele se levanta quanto me ouve entrar.

— Oi, tudo bem? Eu sou o Héctor, recebi uma mensagem sobre um trabalho aqui, me chamaram pra um teste.

Ele parece segurar uma risada ao olhar para as minhas roupas e analisando as dele, bem despojadas, consigo entender que talvez tenha exagerado.

— Vou falar pro Ernesto que você chegou.

O rapaz sobe uma escada na lateral do bar e desaparece.

Aproveito o momento pra dar uma olhada em tudo. O bar é equipado com um móvel comprido feito em madeira escura e vários bancos altos em frente a ele. Do lado de dentro, várias bebidas estão dispostas nas prateleiras, juntamente com os copos.

Em frente ao bar, há um salão. Agora as mesas estão empilhadas em um canto e o espaço está vazio, mas imagino que quando abrir, elas devam ficar espalhadas pelo local. Do outro lado, aos fundos, há um palco e presumo que seja onde as bandas e cantores se apresentam.

— Ei, rapaz... — Olho pra cima e vejo o mesmo cara que falou comigo antes. — Sobe aí.

Faço o que ele pede e subo rapidamente. Depois entro em uma salinha. Um homem forte e grande está sentado atrás de uma

mesa pequena demais para ele e há uma papelada espalhada à sua frente.

— Héctor, certo?

— Sim, senhor.

El parece vasculhar os papéis a procura de alguma coisa e sorri quando encontra.

— Seu currículo diz que tem vinte, você é bem forte pra sua idade — ele diz, me olhando com atenção.

— Tenho vinte sim — respondo, sem saber o que mais posso dizer.

— Você sabe dançar?

Franzo o cenho, pensando ter entendido errado, mas ele continua esperando uma resposta.

— Dançar?

— É, não estou falando de dança de salão, mas de rebolar um pouco — explica, dando de ombros.

— Desculpe, mas isso é importante? Pensei que fosse trabalhar em um bar...

— É um bar para mulheres, Héctor. Estamos procurando por um dançarino.

— Tipo, dançar para as mulheres?

Isso está muito esquisito.

— É, parece estranho no começo, mas você vai ver que é um bom trabalho e não é difícil. Primeiro, não tem nada a ver com prostituição, você só vai dançar e receber um bom dinheiro com isso, vai dançando e tirando a roupa, entende?

Eu o encaro sem responder, ainda em choque com a proposta inusitada.

— Não vai ficar pelado também, se é o que está pensando

— Ernesto continua. — Vai manter a cueca, é pra ser sensual, entende?

— Acho... acho que sim. Eu realmente pensei que fosse ser garçom.

— Não temos vagas pra garçom agora, mas temos pra dançarino. Quem sabe você possa começar assim e quando surgir uma vaga no bar, pode ser remanejado?

— E o salário? — questiono, ainda sem acreditar que estou considerando mesmo isso.

A perspectiva de voltar para casa e pular o jantar parece deixar a oferta mais promissora.

— Um salário-mínimo, de quarta a sábado.

Um salário por quatro dias de trabalho, não me parece ruim.

— E tem as gorjetas, as mulheres costumam ser generosas se gostarem da apresentação.

— Eu até consideraria, mas não sei dançar — admito, coçando a cabeça.

— Um dos rapazes pode te treinar, mas não tem muito segredo, é só se mexer e tirar a roupa. Você começa hoje, tem umas três horas pra pegar o jeito.

Meu coração acelera no peito e acho que não vou conseguir, mas o cara que me recebeu me dá uma dose de Vodka e sinto meu corpo relaxar um pouco.

Quando subo ao palco à noite percebo minhas mãos tremendo. Não acredito que vou fazer isso, mas preciso tentar.

Ernesto permitiu que eu usasse uma máscara para ajudar com a timidez, e realmente ajuda. Ao menos eu sei que ninguém me

reconheceria assim, caso houvesse algum conhecido aqui.

A música começa a tocar, e Kleber — o dançarino que me ensinou uns passos nas últimas horas —, segue até o mastro do outro lado do palco. O número dele vai ser no pole dance e eu tenho uma cadeira como acessório.

As notas mais sensuais começam a tocar e forço meu corpo a se mover. Não sei bem o que estou fazendo, mas me esforço para imprimir sensualidade nos meus gestos. Bom, Kleber disse que era pra agir como se fizesse sexo, mas sem fazer, e é o conselho que sigo.

Quando tiro a camiseta ouço os gritos na plateia, também escuto os aplausos, a maioria das mulheres aqui é bem mais velha

que eu, mas elas não sabem disso, não que importasse também, caso soubessem.

Sento-me na cadeira e abro as pernas de frente para elas, minhas mãos passeiam pelo meu abdômen e eu as desço até o cós da calça.

Levanto-me depois e me aproximo da beirada do palco, como Kleber me instruiu antes, e remexo os quadris devagar. Deixo que uma delas se aproxime e ela passa a mão pelo meu corpo.

Sinto-me estranho. É um tanto quanto invasivo, mas estou aqui pra isso, então tento não demonstrar meu incômodo. Ela desliza uma nota de cinquenta reais para o meu bolso e pisca para mim sugestivamente.

Não acredito que acabo de ganhar uma gorjeta.

Abro o zíper da calça ao perceber que a música caminha para o fim e ainda estou vestido. Quando fico só de cueca e escuto os gritos delas, tenho certeza de que estou tão vermelho quanto se pode ficar, mas graças a máscara ninguém pode ver. A música se encerra e deixamos o palco, seguindo para o camarim.

— E aí? O que achou? — Kleber pergunta, me olhando enquanto veste suas roupas outra vez.

— Meio estranho, fiquei travado e com vergonha, mas acho que ninguém reparou — falo, mostrando os cinquenta reais.

— Aí, sim, moleque! Sua primeira gorjeta, mandou bem.

— Você faz isso a muito tempo?

— Uns cinco anos, e quer saber? Ninguém entra nessa porque quer, nunca conheci alguém que acordou um dia e pensou que queria ser stripper quando crescesse, a gente cai nessa de paraquedas, mas é um bom trabalho.

— Sério? Você curte?

— Com o passar do tempo você vai gostar, é bom saber que as pessoas desejam você, e a grana não é ruim. Além disso, pra quem quer, existem outras alternativas que aumentam o dinheiro.

— Tipo o quê?

— Primeiro aprenda a dançar, depois quem sabe possa ir além.

— Tá falando de quê?

Ele me encara, parecendo indeciso sobre falar ou não, mas acaba cedendo.

— A Trin meio que agencia uns caras, ela promove os encontros pra gente e recebe antecipadamente, assim não corremos o risco de levar cano. A gente só tem que ir e fazer o serviço, existem umas boates melhores em São Paulo, e como é perto, dá pra ir e voltar se quiser.

— Que tipo de serviço... sexo?

— É, pagam melhor que aqui, dançando.

— Acho que aí é meio demais pra mim. Não tô julgando, cara — completo, com receio que me entenda mal —, mas sei lá, não sei se conseguiria.

Ele dá de ombros, vestindo a camiseta pela cabeça.

— Eu também pensava assim, mas você aprende a lidar.

Precisa estudar um pouco, ficar bom nisso, porque a pessoa está pagando. Além disso dá pra escolher, você não precisa ir em todos os casos.

— E pagam bem mesmo?

— Eu chego a ganhar quinhentos por noite, imagina quantos salários dá pra fazer no mês?

— Caralho...

— Bom, não é pra agora. Mas quem sabe uma hora queira experimentar? Eu vou embora porque tenho cliente marcada. Até amanhã, Héctor.

Eu o observo indo embora e me pergunto se eu realmente teria coragem de fazer algo assim. Mas não sei a resposta.



2016

### ***Maria Rafaela***

Está tudo escuro. Na verdade, tudo está sempre escuro agora, dependendo da luminosidade do ambiente, consigo perceber tons mais claros na minha falta de visão, mas isso geralmente ocorre sob a luz do sol, por exemplo, que ultimamente não faz parte da minha rotina.

Ouçó o som de batidas na porta e imagino que seja a Tainá.



— Pode entrar.

Escuto o barulho da porta se abrindo e depois os passos dela, que seguem até o outro lado do quarto.

— Bom dia! Vou abrir as cortinas pra luz entrar, está um dia tão lindo!

Como se fizesse diferença...

— Obrigada.

Os sons dos passos outra vez, agora eles param ao lado da cama.

— Vem, vou te ajudar a se vestir.

Eu odeio isso. Não que seja culpa dela ou de qualquer um, apenas minha, mas tem sido difícil me adaptar à nova realidade, uma situação em que eu preciso de ajuda para basicamente tudo, até para me vestir.

Ela segura minha mão, e me apoio para me levantar da cama, calço meus chinelos que estão sobre o tapete, da mesma maneira que ficavam antes do acidente, e Tainá me guia até meu closet.

— O que quer colocar hoje? Um vestido fresco, talvez?

— Pode ser.

— Tá... — Ela remexe os cabides nas araras, procurando alguma coisa, o som deles tilintando um contra o outro me mostra

isso. — Achei! Escolhi um florido, na altura dos joelhos, é bem fofo e delicado.

— Tá bom, obrigada.

E me parece engraçado que ela se preocupe com isso, eu não vejo e não vão me ver, já que ninguém vem até aqui.

— Escolhi porque você vai ter visita hoje. — Sua voz parece mais ansiosa agora e a informação me surpreende.

— Visita?

Por um momento meu coração se acelera e penso em Henrique. Será que ele mudou de ideia sobre nós e vem conversar comigo?

Desde o acidente ele passou a se comportar diferente, até que uns três meses depois disse que achava melhor terminarmos, porque não conseguia se adaptar à minha nova realidade.

Minhas amigas, Michele e Camila até tentaram por mais um tempo, principalmente a Camila, mas acabaram desistindo de mim também. Eu sempre recusava os convites pra sair e acho que não era uma companhia muito agradável, sempre emburrada com a vida, mas eu teria sido mais persistente no lugar delas, só faz seis meses desde que tudo aconteceu.

— Quem? — pergunto, sem querer criar muita expectativa.

Tainá faz um pequeno suspense, antes de soltar um gritinho.

— Seu irmão! Leon chega dos Estados Unidos hoje pra te ver!

— Tá brincando? — pergunto, agarrando o braço dela com mais força.

Não posso acreditar!

— Sim, sua mãe finalmente falou com ele sobre o acidente e ele largou tudo pra vir ficar com você.

Mal me dou conta de que estou chorando. Quando tudo aconteceu, mamãe proibiu a todos de falarem alguma coisa ao Leon, ele estava concluindo os estudos e ela alegou que, se descobrisse, ele deixaria tudo para ficar comigo e que isso não era o melhor.

Eu me resenti disso, queria que ele estivesse aqui, mas também não queria estragar a vida e os planos do meu irmão, então concordei.

Leon provavelmente está furioso, mamãe e ele nunca foram os melhores amigos, mas desde que meu pai faleceu a relação deles só piorou.

Depois de meses trancada em meu quarto, me afundando em tristeza, tanto pelo acidente quanto por não conseguir fazer as coisas como antes, hoje finalmente me sinto disposta.

Agradeço a Tainá por se oferecer para me maquiar e deixo que o faça, ela também arruma meus cabelos e me deixa apresentável. Quando ouço o som do carro estacionando em frente à casa, meu desejo é sair correndo ao encontro do meu irmão. Mas

não posso descer as escadas sem ajuda, então sou obrigada a esperar que ele suba, o que não demora a acontecer.

Tainá abre a porta para ele, e sofro por não poder ver seu rosto depois de tanto tempo.

— Rafa... — Sua voz me alcança e me viro na reação do som.

— Leon!

Seus braços me envolvem em um abraço apertado, e sinto seus ombros tremerem contra mim.

— Você está chorando? Eu estou bem... — falo, para o tranquilizar.

— Que história é essa de que está bem? Fechada nesse quarto escuro, sozinha por meses...

— Eu... Bom, eu não consigo descer sem ajuda, então fico mais aqui — respondo, não quero preocupá-lo ainda mais.

— Por que não me ligou? Como me deixaram sem saber disso por tanto tempo?

— Você precisava se formar, não queria atrapalhar.

— Rafaela, você é minha única irmã. Acha que a faculdade é mais importante? Você poderia ter morrido!

— Eu sei que os estudos não são mais importantes, por isso mesmo concordei com a sugestão da mamãe de não falar. Porque sabia que você voltaria correndo.

Leon se cala por um momento, e espero ansiosa por suas próximas palavras. Queria ver seus cabelos ruivos, poder perceber sua expressão agora.

— Como... Como está se sentindo? — ele questiona, um pouco depois.

— Bem. Meus olhos não doem mais e as dores de cabeça também diminuíram.

— Não estou falando fisicamente.

Demoro um pouco a responder. Preparei toda uma história de superação e resiliência para meu irmão, mas sei que ele me conhece o bastante para reconhecer uma mentira, então acabo optando por falar a verdade.

— Sinceramente? Me sinto uma inútil, não consigo fazer nada sem ajuda.

— Não é assim que tem que ser. Você precisa se adaptar e reaprender a fazer as coisas, vou te ajudar com isso.

— Como?

— Vamos começar com a escada, se decorar a quantidade de degraus e a largura deles, vai conseguir descer e subir.

Percebo que ele se coloca de pé e pouco depois sua mão toma a minha.

— Vamos.

— Mas... A mamãe disse que é perigoso eu sair daqui.

— Perigoso é você achar que sua vida acabou, Rafa. Muitas pessoas nascem sem enxergar e vivem sem a visão. Pra você vai ser mais complicado porque vai ter que aprender a fazer coisas que antes eram instintivas, mas vai conseguir.

Eu o acompanho para fora do quarto, e Leon e eu passamos o dia subindo e descendo as escadas, treinando. Ele me leva pela sala e me ensina qual é a disposição dos móveis, segue comigo até o quintal onde não piso há meses e depois me leva até o piano.

Chego a chorar de felicidade ao perceber que é uma das coisas que não desaprendi. Minhas mãos se lembram e consigo tocar com bastante precisão, ao menos as músicas que sei de cor.

— O que os médicos disseram?

— Sobre minha visão? — pergunto o óbvio. — Existe uma possibilidade de cirurgia, posso voltar a ver se fizer um transplante na córnea que foi afetada no acidente, ao menos do olho que era bom.

— Vamos tentar.

— Não sei... parece arriscada, eu tive uma segunda chance e não sei se estou disposta a passar por uma cirurgia perigosa.

— O médico disse isso?

— Disse que existem riscos, e a mamãe está apavorada, ela acha que vou morrer se fizer.

— Ela não deveria decidir por você.

— Você sabe que ela se preocupa comigo, tenho medo de que tenha razão. Além disso, foi tudo minha culpa, eu não deveria ter dirigido, agora estou pagando pelo meu erro.

Ele respira fundo.

— Se prefere esperar um tempo para tentar operar, entrar na fila para o transplante, então vai ter que se ajustar, Rafa. Não pode viver fechada nessa casa, no seu quarto.

— Eu vou dar um jeito, prometo que vou retomar minha vida devagar.

2017

## **Héctor**

A casa está cheia essa noite e, atrás das cortinas vermelhas, foco meus pensamentos na minha performance e ouço os gritos ensurdecedores da plateia.

A Nely está me anunciando, como faz em todas as minhas apresentações. Depois de dois anos trabalhando como stripper na Soul, já sei esse texto de cor.

— Vocês estão prontas para ele, meninas? Espero que estejam usando protetores de calcinha, porque esse cara sabe como atear fogo em um lugar.

Elas gritam lá embaixo. Kleber me disse que temos duas despedidas de solteiro acontecendo hoje e anotou os nomes das noivas para as brincadeiras. Uma delas poderá passar óleo corporal

no meu abdômen e vai se sentar em uma cadeira para receber a dança especial, e a outra vai ganhar frutas e chocolate na boca.

— Ele é safado e atrevido e, se pedirem com carinho, ele mostra mais um pouquinho! — A Nely tem um dom inacreditável para fazer rimas ruins e, por incrível que pareça, a clientela adora.

— Preparem as gorjetas para o incinerador de... calcinhas!

Recebam com muito entusiasmo o Incendiário!

As cortinas se abrem e a energia do público me atinge imediatamente, no mesmo instante em que a música

sensual começa a tocar. Não há mais timidez depois de tanto tempo, aprendi a gostar do que faço e a fazer bem.

Consigo visualizar as noivas daqui de cima, usando tiaras com tule branco, e pisco para a ruivinha, que comemora com as

amigas. Jogo a gravata para a segunda noiva, a morena, e em seguida começo a desabotoar a camisa.

— Gostoso! — alguém grita.

Danço devagar, no ritmo da música, e começo a mostrar o abdômen e os músculos dos braços e das costas. Mantenho a academia e a alimentação sempre em dia, porque meu corpo é também o meu instrumento de trabalho.

Eu me aproximo das garotas para o primeiro ponto alto da apresentação, quando me livro da minha calça com um puxão rápido no cós, mantendo apenas a cueca. Elas adoram essa parte, e seus gritos sempre me arrancam uma risada.

Depois de brincar um pouquinho com a imaginação delas, massageando meu pau por cima da cueca, é a hora de chamar a primeira noiva para subir ao palco. Ela se chama Letícia, e já está bêbada quando caminha meio trôpega até mim e envolve seus braços no meu pescoço.

Nós dançamos juntos por alguns minutos, enquanto suas amigas vibram lá embaixo, rebolo contra ela, que se esfrega em mim de um jeito meio engraçado, mas mantenho a pose. Depois disso ela mesma pega o óleo corporal sobre a mesa e esparrama diretamente no meu peito, antes de começar a me esfregar. Ela se dedica aos meus mamilos, fazendo caras e bocas para a plateia quando toca nos piercings. Eu enceno bem, como se estivesse



morrendo de tesão e mordo o lábio inferior, franzindo o cenho e conduzindo suas mãos.

A segunda noiva, a ruiva, parece ser mais tímida, para a sorte do noivo e, quando chega a vez dela, a moça se senta na cadeira e espera que eu ofereça as frutas. Quando seguro um tablete de chocolate na boca e peço que ela venha buscar, ela se nega com um sorriso grande no rosto, enquanto suas amigas começam a vaiar sua atitude, em tom de brincadeira.

Eu me despeço do público e sigo para o camarim nos fundos. O Ernesto está descendo a escada quando me vê e aponta para o armário.

— Seu celular não para de tocar.

Abro a minha mochila e vejo as chamadas perdidas de um número desconhecido. Saio para a varanda do lado de fora, onde a Trin e os outros costumam fumar, e retorno a ligação.

— *Alô, Héctor?* — É a voz da minha mãe do outro lado da linha.

— Oi, mãe. Uau! Já faz um tempo, hein?

A noite está fresca e uma brisa suave toca meu rosto. Eu queria não sentir tanta mágoa quando ouço sua voz, mas ainda não posso evitar.

— *Sim. Estou morrendo de saudade, filho.*

— Ah, é? Porque eu te liguei umas mil vezes e você não atendeu.



— *Eu troquei de número, é uma longa história.*

— Sei...

— *Estou na cidade. Será que podemos nos ver amanhã?*

*Tomar um café juntos?*

Nely aparece na porta e levanta uma cerveja, me chamando para beber. Eu peço um minuto.

— Tá, tudo bem, pode ser. Onde?

— *No Quiosque. Que tal? Eu adoro aquela esfirra.*

— Perfeito. Eu também adoro — digo, mas ela já sabe disso.

Minha mãe parece abatida. Seus olhos estão fundos, com olheiras e a pele um pouco pálida. É meio estranho que nós, sendo mãe e filho, tenhamos tão pouca intimidade. Percebo que estamos preenchendo os espaços com assuntos casuais, porque a verdade é que não temos muito em comum e nem sabemos sobre a vida um do outro.

— E então? Você tem namorada? — ela pergunta, enquanto mistura o seu café.

— Não. E você?

— Não. — Ela sorri, meio sem jeito. — Mas você é um rapaz tão bonito, deve ter várias garotas atrás de você.

Ela não faz ideia de quantas, mas não estão atrás do Héctor, e sim do Incendiário. Eu não tenho nada a oferecer e ninguém teria um relacionamento sério com alguém que leva uma vida como a minha, também não faz parte dos meus planos me comprometer.

O garçom traz a minha limonada, e vejo minha mãe tamborilar os dedos sobre a mesa com impaciência. Ela quer me dizer alguma coisa.

— Está tudo bem? Você parece... preocupada.

Ela meneia a cabeça, olhando na direção da rua, incapaz de me encarar.

— Estou com problemas, Héctor. Há alguns meses eu precisei muito de dinheiro e fiz um empréstimo e agora não consigo pagar.

Eu não chego nem a colocar o copo na boca, ao invés disso o deixo no centro da mesa e solto o ar que estava preso.

— Está devendo para o banco?

Ela meneia a cabeça de novo e coloca uma mecha do seu cabelo escuro atrás da orelha.

Merda.

— Eu pensei que conseguiria pagar, mas não deu e não tenho esse dinheiro. Estão me ameaçando, filho, quebraram os meus móveis na casa que eu alugava em Pouso Alegre.

Pouso Alegre. Ela esteve em Minas Gerais, a menos de quatro horas de distância de mim esse tempo todo e nunca veio me ver. Até precisar, claro.

Eu me encosto na cadeira e respiro fundo, tentando assimilar o que está acontecendo, dois anos sem ver minha mãe e ela aparece com isso.

— Quanto?

— Trinta, mas uns vinte já deve resolver...

Penso por um momento, mas o que ela está dizendo não faz o menor sentido, não a ameaçariam por causa de trinta reais. E

então a compreensão me atinge.

— Trinta mil? Mãe, eu não tenho essa grana — falo, meneando a cabeça.

Ela começa a mexer na toalha da mesa, impaciente, e percebo que suas mãos estão tremendo.

— Mas você tem amigos, não tem? Alguém deve poder emprestar...

— Não. Eu não tenho amigos que tenham trinta mil assim, dando sopa. Meu carro não vale nem dez mil, não tenho de onde tirar isso.

Passo as mãos por entre os fios do meu cabelo preto. Em que merda ela foi se meter?

— Você está se drogando, por acaso? — pergunto, exasperado. — Ou quem sabe arranjou um namorado novo

e quis fazer uma média com ele? Pra que precisava desse dinheiro?

Minha mãe engole a seco e de repente sua expressão muda.

— Isso só diz respeito a mim, Héctor.

— Não quando você me pede dinheiro emprestado.

Ela fica em silêncio. Cacete! Já chega.

— Quer saber, vou embora, sinto muito e espero que tudo se resolva pra você.

— Héctor! Isso é sério! — Ela segura meu braço e, quando volto a me sentar, esconde o rosto nas mãos e começa a chorar.

Percebo que as mesas ao nosso redor estão nos olhando e, apesar de tudo, não gosto de vê-la desse jeito. — Eu estou ferrada! Você acha que eu teria vindo aqui se isso não fosse sério?

Putá que pariu. Como ela consegue ser assim? Se existisse um concurso de como ser uma péssima mãe, com certeza ela levaria o prêmio.

— É claro que não, Joice, você não teria vindo mesmo.

Porque visitar seu filho nunca está nos seus planos, você nem me atende quando eu ligo, imagine só querer me ver, agir como mãe uma vez na vida...

Ela me encara agora, seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Eles vão me matar se eu não conseguir esse dinheiro, Héctor, eu sei que sou uma péssima mãe, mas preciso mesmo da sua ajuda. Eu não tenho mais tempo.

Porra!

Que merda eu fiz pra ter que passar por isso?

— Pede uns dois dias a eles, eu vou tentar conseguir o dinheiro. — Me levanto para tentar resolver o problema. — E me atende quando eu ligar.

— Claro! — Ela também se coloca de pé e me abraça apertado. Se ela soubesse o quanto eu esperei por isso, aguardei até ter certeza de que ela nunca seria esse tipo de mãe e então segui em frente.

Eu a deixo na lanchonete e não pergunto onde vai ficar, prefiro que não vá para a minha casa ou fique se metendo mais na minha vida. Dirijo até a Soul, ainda que esteja bem adiantado em meu horário.

O Ernesto pode até pagar de rei aqui, mas quem manda na porra toda é a Trin. Ela é quem agencia os caras e as garotas de programa e quem mais lucra, no final das contas.

Antes de conhecê-la, quando eu só ouvia falar, imaginava uma coroa durona, mas a mulher não deve ter mais que quarenta anos, é toda trabalhada no silicone e tem um excelente humor. Todo mundo gosta dela.

Ela está bebendo no balcão quando chego, conversando com o novo barman, sondando a mercadoria. Eu devo ter

enlouquecido, afinal não devo nada à minha mãe, mas também não posso deixar que seja morta por essa merda toda. Eu já estou fodido, já vendi meu corpo para o diabo, por que não vender a alma também? Então me sento na banquetta ao lado de Trin e me preparo para ter essa conversa.

— Bebendo sozinha hoje, Trin?

— E aí, Héctor? Tudo bem? — Ela aperta a minha mão, suas unhas compridas estão pintadas de onça hoje. — Estou jogando conversa fora com o rapaz novo.

Trin tem cabelo cacheado e o usa em um penteado bem armado, pelo que me falaram, para agradar essa mulher, basta a presentear com um pote novo de creme de tratamento para os

cachos. Kleber uma vez me disse que ela botou pra correr um cara que tocou no seu cabelo sem permissão.

— Trin, eu queria conversar com você em particular — falo, em voz baixa.

Ela sorri de canto e me olha com os olhos semicerrados.

— Mudou de ideia, bebê?

Assinto, um pouco envergonhado. Nos últimos dois anos eu recusei várias propostas dela, ainda não fazia sentido para mim, não até precisar desesperadamente de mais dinheiro.

— Perfeito! Eu já tenho até uma lista de espera! — Ela ri, toda animada. Para Trin isso é apenas um negócio, e eu sou como

um produto novo. — Não precisa fazer essa cara de quem vai para a forca! Você vai se dar bem e vai se acostumar rapidinho...

— É que tem uma outra coisa.

Trin bebe o último gole do seu drinque e dá de ombros.

— Condições? Todos têm no começo, mas depois isso acaba. Aposto que vai dizer que não quer que introduzam nada no seu...

— Não é isso — interrompo, ainda que anote mentalmente essa condição. — É a minha mãe. Ela pegou dinheiro com um agiota e agora o cara a está ameaçando de morte, por isso vou entrar nessa, preciso conseguir o dinheiro.

— Que merda... Sinto muito, eu nem sabia que você tinha mãe.

É, nem eu. Engulo a seco antes de fazer a pergunta que me trouxe até aqui, o máximo que pode acontecer é ela dizer não.

— Mas vai levar um tempo pra juntar e ela não pode esperar, queria saber se poderia me dar um adiantamento.

Trin revira os olhos e bate o copo com força sobre o balcão.

— Garoto, faz mais um, por favor? — ela pede ao barman, antes de se virar para me encarar. — Mas você ainda nem começou.

— Eu sei, mas ela é minha mãe e eu não tenho a quem recorrer.

Ela assente, meio contrariada.

— De quanto você precisa?

— Trinta mil — falo, constrangido.

Até eu sei que é dinheiro demais para pedir assim, antes mesmo de começar a trabalhar no lugar.



O barman entrega a bebida para ela, e Trin abre um sorriso gentil para o rapaz, ele parece ter dezoito anos e provavelmente ainda não sabe onde está se metendo.

— Tudo bem, Héctor. Você tem sorte de ser gostoso, mas vai ter que se dedicar a isso.

— Eu vou...

Ela me sonda por entre os cílios postiços.

— Eu gosto das tatuagens que você fez, e dos piercings nos mamilos. Tenho poucos rapazes assim. Está disposto a fazer mais?

— Claro.

Trin acquiesce, animada.

— Talvez um piercing no... — Ela aponta diretamente para o meu pau, e sinto uma fisgada de dor imaginária. — O que acha?

Porra...

— Eu topo.

Tudo para salvar a mulher que me abandonou duas vezes.

— Eu não costumo errar em um palpite e acho que você vai se dar bem. Vou te dar o dinheiro e, se você fizer o trabalho bem-feito, vai conseguir me pagar em poucos meses.

— Obrigado, Trin, muito obrigado! — Me levanto da banquetta. — Não vou te decepcionar.

— Eu sei que não vai. Você não decepciona nunca, mas e a mamãe? Ainda que eu esteja feliz em ter você no meu time,

acha que ela vale seu sacrifício?

É claro que não. Minha mãe só me procurou porque precisa de dinheiro, não se importa com nada além de si mesma.

— Não vale — respondo, com um meio sorriso, Trin o retribui, e eu me sinto péssimo.

— Manda seus dados bancários por mensagem que transfiro ainda hoje. Eu te ligo amanhã, te passo as coordenadas para o seu primeiro dia.

Então me afasto dela, seguindo na direção do camarim.

— Só tenta caprichar na minha estreia, tá? Seja boazinha.

Prefiro nem imaginar quem vai ser a cliente. Se é atraente ou não é algo que não posso me dar ao luxo de escolher, só preciso fazer a minha parte e vai dar tudo certo.



2022

**Maria Rafaela**

Sinto minha garganta se fechando. Meu coração acelera no peito com as perspectivas de subir ao palco, e um desejo de

fugir de tudo isso me domina, então saio correndo para os jardins.

Eu me isolei de tudo por muitos anos. Durante esse tempo minha casa foi meu refúgio e, logo agora que me libertei, percebo que não consigo, não posso fazer isso e voltar a viver no mundo.

Tropeço pelo caminho, esbarrando nas coisas, e tateio à procura de uma saída, seguro a barra do vestido longo e sinto as lágrimas queimarem meus olhos. Não faço ideia de onde estou ou para onde ir, e esse é o problema. Não posso subir ao palco, não quando sei bem que posso cair ou tropeçar e estragar tudo.

É o desfile da nova coleção da Grac'ys, Leon e Amanda prepararam tudo com muita dedicação e deixaram a joia mais importante de todas para ser apresentada por mim. Coloquei o vestido e deixei que me arrumassem, mas não consigo ir em frente, ciente de que tantas pessoas estarão concentradas em mim sem que eu possa vê-las, sem que eu possa ver qualquer coisa à minha frente.

Eu me sento no chão, minhas mãos buscam apoio e percebo que estou em um gramado úmido, devo estar nos jardins.

Respiro fundo, mas a calma não vem. Meu sangue corre rápido nas veias e a sensação é sufocante. Estou tendo uma crise de pânico, sinto como se tudo ao meu redor se fechasse contra mim e eu estivesse cada vez menor, hiperventilando.

— O que veio fazer aqui? Ficou louca, Rafaela? — É a voz da minha mãe.

Como ela me achou aqui? Eu me mudei, deixei Flor dos Montes para morar em São Paulo longe da influência dela,

para finalmente conseguir alguma independência, mas ela sempre dá um jeito de me achar.

Tento responder, mas minha voz não sai, minha garganta está seca e acho que não consigo mais respirar.

— Não deu conta, não é? Eu já te disse que não deve inventar de fazer o que não consegue! Você não pode desfilhar em uma passarela se não sabe por onde anda.

O desfile. Eu deveria subir ao palco e desfilhar com o diamante da Gracy's, mas minha mãe tem razão, não posso fazer isso.

Tremores percorrem meu corpo, e um frio inesperado parece congelar meus ossos.

— Oi... — É uma voz desconhecida, um homem. — Precisa de ajuda, fada?

Ele está falando comigo? Por alguma razão a voz me alcança e me sinto bem, mas não consigo responder.

— Ela não precisa, sou a mãe dela.

— Quer me dar a mão? — ele insiste.

— De onde foi que você saiu? Suma daqui antes que eu chame os seguranças!

Minha mãe agora está gritando com o homem, isso me deixa mais tensa. Inspiro fundo e tento me acalmar.

— Eu não sou um intruso, tenho convite. E, sim, a senhora já se explicou, entendi que é mãe dela, mas não está vendo que ela está passando mal? Não pode se controlar um pouco?

— Eu sei muito bem como lidar com a minha filha, rapaz.

— Ela está tendo uma crise de pânico, se parasse de gritar, ajudaria.

O homem sabe, parece entender o que está acontecendo comigo, e isso me inspira confiança. Minha mãe diria que é frescura, mas não consigo controlar.

Amanda, a namorada do meu irmão está aqui agora. Ouço a discussão deles que se intensifica, todos gritando, mas estou me desligando. Acho que vou desmaiar...

De repente braços fortes me erguem do chão e sinto um cheiro amadeirado de perfume, misturado com algo cítrico.

— Fica calma, fada — ele sussurra perto do meu ouvido —, vou te tirar daqui.

Ignoro os outros sons e tento me concentrar nele, na voz que parece ser capaz de penetrar meu desespero e me alcançar.

### ***Héctor***

Estou sentado ao lado dela, deram um remédio para que dormisse e o sono começa a chegar, ela parece bem mais calma agora.

— Qual é o seu nome? — sussurra.

— Héctor. Eu sou amigo da Amanda, fica tranquila que ela e o seu irmão estão vindo pra cá.

— Tá bom... obrigada por me salvar, Héctor. Você foi meu herói hoje.

Isso me faz sorrir.

— Sinto muito, fada. Mas a última coisa que eu sou é um herói.

Ela suspira, e suas pálpebras se cerram.

— Pra mim você foi — fala, antes de se render ao sono.

O que uma garota como ela pensaria se soubesse quem eu realmente sou? Como ganho a vida?

Com o passar do tempo, me acostumei ao meu trabalho e passei a gostar do que faço, ao menos de uma parte.

Aprendi a

seduzir, busquei técnicas de danças eróticas, e o trabalho como stripper passou a me agradar.

Os programas não são minha parte preferida, ao menos não sempre. Eu gosto de sexo, e se posso lucrar com isso, por que não?

O verdadeiro problema era não poder escolher as minhas clientes, mas também resolvi isso quando passei a trabalhar por conta própria.

É um trabalho. Às vezes é bom, em outras cansativo, mas paga as contas, salvou minha mãe e me ajuda a manter o estilo de vida que hoje consigo ter.

Não acho que essa menina, que mais se parece com um anjo delicado, conseguiria entender algo pecaminoso assim. Eu nem

mesmo deveria ter tocado nela, parece tão pura e frágil que sinto que um simples toque meu poderia manchar sua tez pálida.

Ela não enxerga. Percebi isso pouco depois que a encontrei sentada naquele chão sujo, e olhando para ela posso ver como somos completamente opostos.

Ainda que tenha colocado um terno para prestigiar o desfile que Amanda se empenhou tanto para preparar, por baixo da camisa meu corpo é coberto por tatuagens e os piercings me dão uma aparência que com certeza a assustaria se pudesse ver.

Ela, por outro lado, tem os cabelos dourados e a pele de aparência macia e suave, está usando um vestido branco e diáfano que faz com que se torne ainda mais angelical.

Eu sou cheio de cicatrizes, por fora não são tantas, mas na alma, inúmeras. E ela beira à perfeição.

É claro que eu sei que não é bem assim. Rafaela teve uma crise de pânico e aquela mãe dela é uma bruxa, a vida dessa fada não deve ser tão fácil, e não consigo parar de pensar no que causou a ela um abalo emocional tão forte.

Tive apenas duas crises como as dela, uma foi pouco antes da minha primeira vez com uma cliente. Me veio à mente tudo que vivi até aquele momento, o sentimento de solidão me atingiu em cheio e senti a comida se revirando dentro de mim.

A segunda vez não teve um estopim. O estresse da semana se acumulou, a ligação que recebi da minha mãe contribuiu e os pensamentos que tumultuavam minha mente foram combustíveis. Eu

estava em casa quando aconteceu e levei muito tempo até conseguir me acalmar sozinho.

Depois disso, o remédio, mas principalmente os exercícios físicos contribuíram para diminuir a ansiedade e as crises cessaram.

Mas foi por isso, por já ter vivido a mesma coisa que consegui reconhecer quando vi. Eu sabia que ela estava em meio a uma crise.

## ***Maria Rafaela***

### ***Atualmente...***

Desde que minha mãe faleceu, venho me adaptando à minha nova vida. Meu irmão e Amanda se casaram e estão felizes.

Vivi, minha funcionária leal e amiga, se mudou para o meu apartamento e me ajuda com os afazeres do dia a dia, e venho tentando retomar a vida que foi tirada de mim junto com a minha visão.

Não é fácil. Não apenas porque deixei de enxergar e isso me limitou, mas porque me fizeram acreditar que eu não podia mais ter uma vida normal. Minha mãe fez isso, foi ela também quem me manteve praticamente como uma prisioneira em nossa própria casa, mas desde que ela se foi, tenho me esforçado para colocar minha mente em ordem, tentando encontrar um caminho e me esforçando para não sofrer com sua morte, não depois de tudo que descobri a seu respeito.

Ela morreu tentando matar minha cunhada e fez com que Amanda perdesse o bebê que esperava. Como se não bastasse, descobrimos também que ela preparou o acidente que causou a morte do meu pai. Eu simplesmente não a conhecia.



Estou ouvindo um audiobook na sala, deitada no sofá, quando ouço a voz de Vivi me chamando.

— Rafa?

— Estou na sala.

Seus passos estão mais perto agora, e ouço o farfalhar de suas roupas quando ela se senta no outro sofá.

— O que quer comer no almoço?

— Não sei, pode pedir qualquer coisa para entregarem.

— Tá bom. Escuta, chegou uma carta pra você, um convite.

— É mesmo? Está em braile?

— Não...

Geralmente quando os convites partem da Gracy's, são enviados de modo que eu possa ler, o fato de o convite não estar em braile me mostra que não veio de lá.

— De onde é?

— Parece que veio de uma moça chamada Camila. Não é aquela sua colega da época da escola?

— A própria — respondo, já sentindo um incômodo.

— Quer que eu leia?

— Por favor.

Não vejo ou falo com minhas antigas amigas desde o acidente, já que nenhuma delas fez muita questão de se

manter por perto, então é bem estranho receber notícias agora.

— Huum... Vão fazer uma reunião de dez anos do ensino médio e querem que você vá, vai ser em Flor dos Montes, na próxima semana. Um baile, jantar formal, com uma banda.

— Foi a Camila quem enviou o convite?

— Isso...

— Faltando uma semana? Tenho certeza de que esperam que eu recuse — digo, compreendendo tudo.

— Não fala isso, se mandaram...

Meneio a cabeça, sabendo perfeitamente o que é isso.

— Elas me mandaram por obrigação, já que eu fui parte dessa turma. Geralmente se preparam para esse tipo de festa por meses, fazem vestidos e tudo mais, e uma semana não é o bastante, mas não se importaram de enviar o convite em cima da hora porque não acham mesmo que eu vá.

— Ah, mas agora eu acho que devia ir, Rafa! — Vivi soa irritada. — Principalmente se elas não querem que você vá, eu iria pra esfregar minha presença na cara dessas lambisgoias!

O comentário dela me faz rir, essa é uma das coisas que mais adoro em Vivi, seu jeito espontâneo.

— E como é que eu vou? Não conheço o lugar, não consigo ver ninguém, nem dançar. Vou fazer o que lá?

— Isso é besteira. Você se mudou, está morando aqui nesse apartamento, se virando muito bem e saindo de casa. Você só precisa de um acompanhante pra te ajudar.

Penso por um momento no que ela diz. Não seria uma má ideia, mostrar a elas que eu estou viva.

— E quem eu poderia levar?

— Não sei, o senhor Vidal iria com você se pedisse.

Faço uma careta com a sugestão.

— Meu irmão não! Isso sim seria fim de carreira. A pobrezinha, que nem tem um cara disposto a sair com ela e precisa sair com o irmão, que é casado!

— Ah, que exagerada! Você não sai com ninguém porque não quer. — Ela faz uma pausa, como se pensasse, e logo volta a falar: — E aquele amigo de vocês?

— O Túlio? Ele não está no Brasil agora, não teria como me levar.

— Não, ele não. O tatuado bonitão, amigo da Amanda.

— O Héctor? — Só de pensar já sinto um arrepio me percorrer.

— Esse!

— Nós não somos amigos assim, ele é muito amigo da Amanda, não meu — digo, me explicando.

Não sei de onde ela tirou essa ideia absurda.

— Mas você sabe que ele trabalha como acompanhante, não sabe?

Tenho certeza de que meu rosto está todo vermelho agora, porque Vivi desata a rir, a palhaça.

— Eu sei sim, obrigada por lembrar.

— Pois é, seria como um trabalho pra ele.

— Eu sei que usamos o termo acompanhante, mas você sabe que a função dele não é exatamente acompanhar, né?

—

pergunto, apenas para confirmar.

Ela ri ainda mais.

— Sei, mas também sei que é um trabalho, então se você pagar bem, ele vai topa.

— Acha mesmo?

Só de pensar na possibilidade já fico ansiosa. Héctor tem a capacidade de mexer comigo, ele me instiga sem se esforçar em nada para isso. O interessante é que desde que perdi a visão, nunca mais me senti atraída por alguém, mas não preciso vê-lo para

me sentir assim. O som da sua voz, o toque das mãos dele, a risada baixa, sedutora. Absolutamente tudo nele me excita.

— Acho. Eu posso ligar e vocês conversam, o máximo que ele poderia fazer, seria recusar e não vejo por que faria isso.

Passo a mão pelos meus cabelos, sentindo os fios macios e finos e aproveito o momento para pensar. Eu, com certeza não deveria fazer isso, e é por isso que decido fazer. Tenho me privado muito de tudo nos últimos anos e estou farta.

— Liga pra ele então, e me dá o telefone.

Vivi se aproxima de mim no sofá, percebo seus movimentos ao meu lado e pouco depois sinto sua mão colocando o celular na minha. Eu levo o aparelho ao ouvido e espero que ele atenda.

— *Oi?* — A voz rouca, que tanto mexe comigo, se faz ouvir.

— Oi, é o Héctor?

— *Isso. Quem fala?*

— Maria Rafaela, tudo bem?

Ele fica em silêncio por um momento.

— *Vidal?*

— Sim. — Sorrio com a surpresa na voz dele.

— *Opa! Melhor agora* — responde, safado como sempre. —

*Aconteceu alguma coisa?* — Seu tom muda para preocupado.

— Não exatamente, precisava falar com você pessoalmente.

Será que pode vir até aqui?

— *Na sua casa? Não sei, não... Seu irmão...*

— Ele está na Gracy's e não vem aqui sem avisar. Além disso, é uma visita de amigos, certo?

— *Certo...*

— Então, vai vir?

— Tá bom. Me passa o endereço. Posso ir agora durante o dia? Eu trabalho à noite.

— Sim, pode vir assim que der.

Encerro a chamada depois disso. Eu consigo entender a resistência de Héctor, meu irmão e ele tiveram um início de amizade complicado, já que Leon sentia ciúmes da relação dele com a

Amanda, mas acabaram se entendendo, e sei que ele não deseja mudar isso.

As horas passam se arrastando, talvez porque eu esteja contando os minutos para que ele apareça. Vivi pede nosso almoço e prepara meu prato como sempre, mas mal consigo comer.

Troco de roupa duas vezes para estar apresentável e faço com que ela descreva as peças para mim detalhadamente, além de obrigar minha amiga a jurar que tudo está combinando e que estou bem arrumada.

— Você está ótima, Rafa. Já falei!

— Tá bom. Mas sabe aquele vestido longo, verde, que você comprou pra mim? É mais bonito que esse?

— O azul é perfeito.

— Tem certeza?

A campainha toca e volto para a sala, apressada. O jeito agora vai ser manter o azul, mesmo que talvez o verde seja melhor.

Por sorte já conheço meu apartamento de uma ponta a outra e nada nunca fica fora do lugar, o que facilita minha locomoção.

Ouçõ os passos de Vivi logo atrás de mim e depois o barulho que ela faz ao abrir a porta.

— *Boa tarde.* — A voz dele me alcança. — *Tudo bem? Eu vim falar com a Maria Rafaela.*

— Boa tarde, pode entrar, ela está te esperando.

Os sons dos passos dele são mais pesados que os dela e caminham até estarem diante de mim. Me levanto para cumprimentá-lo, e Héctor me pega de surpresa com um beijo no rosto. Sinto seu perfume e inalo o aroma que mescla o amadeirado e o cítrico, um cheiro que já decorei e que, na minha cabeça, é todo dele.

— Tudo bem, fada? Está linda.

Sorrio com o apelido e com o elogio. Ele passou a me chamar assim desde o dia em que me salvou da minha crise de pânico.

— Obrigada. Tudo bem, e com você?

— Muito bem.

— Pode se sentar.

— Tá bom. Vou me sentar do seu lado esquerdo, tá? — ele diz, adivinhando meu incômodo por não saber para onde focar minha atenção.

— Ótimo.

O sofá se afunda um pouco ao meu lado e me viro para ficar de frente para ele. Ainda que não possa ver seu rosto, a presença dele domina completamente o local, enche a sala, inunda meus outros sentidos.

— Vou preparar alguma coisa pra vocês beberem — Vivi diz e depois nos deixa a sós.

— Então, senhorita Vidal... fiquei bem curioso com o seu pedido para que eu viesse até aqui. Tanto que passei por cima do medo de brigar com o seu irmão. Pode aliviar minha curiosidade e me contar?

— Posso — respondo, sorrindo —, estou um pouco sem jeito com isso. Mas é o seguinte, tem um convite na mesa de centro, à sua frente, pode pegá-lo?

— Claro. Quer que eu leia pra você?

— Não precisa. É um convite para uma festa em Flor dos Montes. Dez anos da formatura do ensino médio.

— Sei... — Ele parece desconfiado.

— Preciso de um acompanhante. Antes que você se sinta na obrigação de explicar, eu sei que seu trabalho não consiste em ir a festas com garotas desacompanhadas e vestir um terno, mas vou pagar tão bem quanto você receberia por uma noite inteira.

— Olha, Rafaela, a questão não é o pagamento, é que...

Ergo as mãos antes que ele recuse.

— Eu juro que o Leon não vai saber, ou, se preferir, posso contar a ele eu mesma e explicar meus motivos.



— Não sei, não. Escuta, eu adoraria acompanhar você, justamente porque seria um descanso do meu trampo de sempre e com uma companhia agradável, mas é que...

— Tem tanto medo assim de apanhar do Leon?

— Quê? — Ele gargalha alto e o som me faz rir também. —

Eu não tenho medo dele! Se quer saber, eu sou muito mais forte que seu irmão. Sei que não pode ver, mas se visse iria concordar comigo.

Eu adoro esses comentários que ele faz, o fato de não ficar pisando em ovos para dizer que não enxergo. É só um fato sobre mim e não me resume, e Héctor sabe disso.

— Eu posso imaginar, você precisa do corpo pra trabalhar...

Ele ri outra vez, e sinto a ponta do seu dedo na minha bochecha, repentinamente.

— A senhorita fala o que quer e fica vermelha depois.

— Pois é. Mas e aí? Vai aceitar ou não?

— A Amanda é uma das minhas melhores amigas e se casou com o seu irmão. E ele já me disse pra manter distância de você várias vezes, não quero estragar nossa recente paz.

— Não vai estragar nada. Além disso, eu sou adulta, Héctor.

— E eu sou um cafajeste, Fada.

— Quando te pagam pra ser... — insisto, não querendo desistir da minha única opção.

— Quando não pagam eu sou ainda pior. Ou melhor, depende do ponto de vista. — O comentário feito em voz baixa me deixa meio desconcertada, e penso ouvir o riso baixo dele, mas não tenho certeza. — Tá, se vou fazer isso, vai ter que valer a pena.

— Quanto você quer?

— Ainda não sei, mas é um sábado, meu dia mais lucrativo.

Vai custar caro — ele fala, mas em um tom de deboche que não deixa claro o quão sério está falando.

— Não tem problema. Mas tem alguns detalhes que precisamos resolver.

— Como o quê?

— Vai precisar de um terno, de grife. Eu posso reservar alguns modelos pra você experimentar?

— Pode, é só me falar onde é que eu vou buscar.

— Ok. E não pode falar pra ninguém na festa que está sendo pago, combinado?

— Claro. Aliás, você quer companhia por que exatamente?

Não são todos seus amigos?

Uma risada amarga me escapa.

— São as pessoas que um dia foram minhas amigas, antes do acidente, e que sumiram depois dele. Elas acham que eu estou praticamente morta e me convidaram só por obrigação.

— Por que você vai, então?

— Vou mostrar que estou viva.

### **Héctor**

Quando saio do prédio em que ela mora, sigo até a loja para a qual Maria Rafaela ligou, reservando as roupas para que eu

experimentasse.

Explico a ocasião, e a vendedora me ajuda a escolher a melhor alternativa, um conjunto em um tom de cinza claro, camisa branca e uma gravata combinando com o terno. A mulher também atira um par de sapatos nos meus braços e me empurra para o provador. Visto as roupas e fico confortável ao ver que serviram perfeitamente e que ficaram boas.

Ela ainda tenta me vender mais alguns itens, mas como do meu próprio bolso eu jamais compraria nada nesse lugar que custa os olhos da cara, me recuso e agradeço. A vendedora inclui o pedido na conta dos Vidal discretamente, mas consigo ver a pequena fortuna que vai custar, e é impossível deixar de pensar em quanta coisa daria pra fazer com essa grana.

Depois disso, decido voltar para Flor dos Montes e chamar Nathalia e Lia para jantarem comigo, assistirmos a um filme, ou alguma coisa assim, disco o número de Nath que já sei de cor e espero que atenda.

Abro a janela do carro e acendo um cigarro.

— E aí, Nath?

— *Opa! Quem é vivo sempre aparece. Não veio aqui a semana toda* — ela fala, começando a sessão de

reclamações.

— Nossa, quanto sentimentalismo, hein? Cadê a Lia?

— *Tá aqui, mas ela não quer ouvir as fofocas do meu trabalho mais.*

Isso me faz rir, eu adoro ouvir as histórias mirabolantes que acontecem no emprego dela.

— Eu quero! Faz a pipoca que mais tarde eu colo aí pra gente assistir a alguma coisa.

— *Jura? Não vai trabalhar hoje?*

— Não. Já estou chegando em casa, vou desligar agora.

Hoje tive um cancelamento. Soraia é uma cliente fiel e geralmente nos vemos duas vezes no mês, mas seu marido retornou mais cedo de viagem dessa vez e isso fez com que cancelasse nosso encontro. Melhor para mim, tenho a noite livre.

No caminho, sigo pensando na proposta inesperada que recebi hoje e no que vou fazer a respeito.

Não me sinto bem em cobrar para acompanhar Maria Rafaela a esse baile, preferia encarar a situação como diversão, como um favor para uma amiga, talvez. O problema é que se não cobrar também posso dar a impressão errada, de que é um encontro e confundir as coisas. Não é o que eu quero.

Também não pensei ainda sobre esconder isso do Vidal e de Amanda ou contar a eles sobre nosso acordo. Nenhuma das opções me parece uma boa ideia e, por mais que eu não goste de mentir, não vejo Leon encarando isso muito bem.

Eu consigo entender o que ele pensa, claro. Ganho a vida fazendo sexo e não sou boa coisa, já ela é a irmã caçula dele, linda, milionária e solitária. Eu também teria receio de que se aproveitassem da garota.

Chego em casa sem ter tomado uma decisão quanto a isso.

Coloco as chaves no suporte que fica pendurado na parede, na sala, e tiro os tênis, antes de seguir para a cozinha. Abro a geladeira e pego a jarra de água, enchendo um copo para tomar.

Rafaela...

Tão jovem e bonita, fechada dentro de casa por causa daquela bruxa. Que o diabo a tenha!

Essa menina merece um dia de diversão, sair um pouco, conversar com outras pessoas, se sentir bem e mostrar para as amigas da onça que está bem. Não posso e não vou negar isso a ela e, talvez, eu possa me divertir um pouco também. Faz tempo desde a última vez que saí com alguém só para jogar conversa fora,

e ultimamente, quando acontece, estou de vela pra Lia e Nath ou Amanda e Leon.

É, vai ser bom. Uma noite inocente na minha vida desregrada para variar.



### ***Maria Rafaela***

Chegou o dia da festa e, por sorte, Héctor não desistiu de me acompanhar. Passo as mãos pela saia do vestido, o cetim é leve e macio ao toque, e a peça se ajusta ao meu corpo. Escolhi o azul-marinho porque a Vivi diz que essa cor combina muito com meu tom de pele, e é um modelo liso, sem detalhes, com uma fenda na barra e decote discreto para dar sustentação aos seios.

Sempre prefiro os modelos simples porque assim posso me imaginar neles, consigo visualizar melhor.

— Nossa! Você está maravilhosa! — Vivi fala. — Dá uma voltinha.

Eu faço o que ela pede, me equilibrando sobre os saltos não muito altos e quadrados.

— Agora falta só um detalhe, precisa usar um colar digno de uma princesa.

— E os brincos, Vivi. Acho que aqueles de diamante que ganhei do Leon mês passado ficariam bons.

Ouço o barulho das gavetas se abrindo, enquanto ela procura pelas joias que sugeri, tenho uma coleção enorme e apego

emocional por algumas peças específicas, mas não posso mais vê-las. As que ganhei depois do acidente, posso apenas imaginar, mas as descrições de Leon e Vivi são sempre bem detalhadas.

— Aqui estão... — Ela segura meu pulso ao lado do corpo e coloca os brincos na minha mão. — Vou colocar o colar.

Vivi coloca meu cabelo sobre o ombro para abotoar o fecho, e eu mesma atarraxo os brincos, um de cada vez.

Frederico me maquiou mais cedo, enquanto sua assistente enrolou meus cabelos em grandes ondas. Me elogiaram tantas vezes que comecei a acreditar que realmente fiquei bem.

Como a festa é em Flor dos Montes, combinei com meu motorista para que me leve até lá e só então vou me encontrar com

Héctor. Na volta, no entanto, ele se ofereceu para me trazer em casa. Agora estou pronta e só me resta sofrer com a ansiedade até a hora de ir.

— Perfeita!

— Obrigada, Vivi.

— O bonitão vai cair de costas quando te encontrar — ela diz, empolgada.

— Até parece, isso é só trabalho pra ele.

Consigo imaginar a quantidade de mulheres que se jogam em cima dele todos os dias, deve até estar cansado.

— Mesmo assim. Agora, se sente ali na penteadeira, por favor, vou tirar algumas fotos.

— Por quê? Eu não vou ver nada disso — reclamo, resmungando.

— Mas outras pessoas vão e não podemos desperdiçar uma produção nesse nível.

Eu me sento na poltrona da penteadeira e começo a fazer poses. Antes do acidente eu fazia ensaios fotográficos o tempo todo e tinha me esquecido da sensação. É claro que com a Vivi sendo minha fotógrafa a coisa toda fica muito mais divertida e rimos um pouco das ordens dela para que eu faça caras e bocas.

Depois de cinco minutos, a campainha toca, o motorista que vai me levar até Flor dos Montes finalmente chegou. Repito para mim mesma que isso não é um encontro, mas a carência, somada à atração inexplicável que sinto por Héctor, fazem com que me sinta como antes, exatamente como eu me sentia quando estava apaixonada pelo Henrique.

— O Edgar chegou. Vamos lá? — Vivi segura meu braço, e seguimos juntas.

*Deus, que eu não esteja cometendo um erro, amém.*

## **Héctor**

Aos sábados geralmente danço na boate em São Paulo, e sempre após o show aparecem boas propostas para o restante da



noite. É um dia em que não mantenho ninguém fixo, justamente pelas altas possibilidades.

Mesmo assim, como precisava que alguém cobrisse meu horário na boate, pensei em Nicolas. Ele está precisando de uma grana extra e não recusou o trabalho, o que me deixou livre para passar essa noite com Maria Rafaela, em Flor dos Montes.

— Que escândalo! Esse galã a Globo não tem! — Nath faz cara de impressionada e se abana.

— De onde foi que você tirou esse terno chique, hein? Isso aí é alta costura, aposto que é de alguma grife. — Amanda me analisa pela chamada de vídeo, enquanto Lia segura o celular virado para mim.

— Ganhei da minha cliente.

Talvez eu devesse contar o que estou fazendo e quem é a cliente misteriosa, mas não acho certo expor ainda mais a menina.

Ficou claro para mim que essa coisa com o ensino médio é uma fraqueza que ela ainda tem, e não quero que suas inseguranças virem pauta entre meus amigos ou sua família.

— Você e esses presentinhos generosos...

— Você é quem ganha os melhores presentes, Amandinha.

— Me viro para que as três possam me ver direito. — Com gravata ou sem gravata?

— Com gravata, Héctor! Se vai fazer isso, tem que fazer direito — Lia aponta.

— Mas eu não sei como dar o nó.

— Vem cá, Dom Juan, não deve ser difícil, é só assistir algum tutorial na internet.

— Que horas você tinha que pegar a coroa mesmo? — Nath pergunta, olhando para o relógio.

— Que coroa? — pergunto, desatento.

— A dona Maria, Héctor.

Dona Maria, foi o nome que dei para essa nova cliente. Eu não queria mentir, mas também não podia contar a verdade, então dei um jeito de ficar na omissão. Também nunca disse que era uma coroa.

— Marcamos às oito.

— Já são oito e cinco, vai sem a gravata mesmo.

Putá que pariu. Não posso deixar a garota me esperando na porta do colégio.

— Até mais, meninas!

Tiro o carro da garagem e sigo para o salão de eventos Edílio Pérez, que fica na avenida principal de Flor dos Montes. O

estacionamento já está bem cheio e tenho dificuldade em encontrar uma vaga.

Quando consigo estacionar, envio uma mensagem para Maria Rafaela, dizendo que já cheguei e estou à disposição dela.

Sua resposta chega em seguida.

*"Pode me buscar no carro? Você sabe, não consigo andar por aí sozinha rs."*

Que cabeça a minha! Deveria ter proposto isso desde o começo pergunto onde está e ela me instrui com outra mensagem.

Desço do carro e acendo um cigarro, para evitar fumar durante o baile.

Trago apenas algumas vezes, quando chego até onde ela está e o atiro no chão, pisando sobre ele para apagar. Vejo primeiro o motorista alto, que está de pé do lado de fora, ele me cumprimenta e em seguida abre a porta.

Maria Rafaela está simplesmente perfeita, linda e sexy de um jeito que nunca vi antes, dentro de um vestido justo. Estendo

minha mão para ela, por um instante me esquecendo de que ela não pode ver o gesto.

— Uau!

— Oi, Héctor — ela cumprimenta, meio tímida.

— Me dê sua mão, por favor.

Ela estende sua mão e eu a seguro, Maria Rafaela se apoia para descer e se agarra ao meu braço como se sua vida dependesse disso.

— Está tudo bem?

— Sim, só me sinto insegura estando fora de casa. Saber que em alguns minutos vou estar no meio de toda aquela gente me

deixa apavorada — confidencia.

— Essa noite eu serei o seu guia, nada vai te machucar e tudo vai dar tudo certo, só confie em mim.

— Tá bom. — Ela respira fundo algumas vezes, assentindo.

— Cabeça erguida, princesa, senão a coroa cai. Isso é importante, você consegue.

Ela sorri e faz o que peço, erguendo o queixo, Rafaela ajusta sua postura e até se afasta alguns centímetros do meu corpo, demonstrando confiança.

Pegamos uma fila curta até a entrada principal e logo percebo que estão todos olhando para nós. Uma morena usando

um vestido de paetê não para de olhar para trás e cochichar com outra moça.

— Acho que seremos o rei e a rainha do baile — brinco, falando ao pé do ouvido dela.

— Por que diz isso?

— Porque estão olhando muito.

Ela sorri e dá de ombros. Seus olhos azuis são como espelhos ou rios de águas cristalinas. São perfeitos, mesmo com as pequenas cicatrizes visíveis e me deixam hipnotizado, se ela pudesse ver, saberia que não consigo parar de olhar.

Sinto uma onda de empolgação com essa noite. Não sei quanto tempo faz que não saio com uma garota assim, como um

encontro, e ainda que eu saiba que não é, a sensação não vai embora.

— Está com vergonha? — ela pergunta, e percebo que está incomodada com a nova informação.

— Eu? Estou acostumado a chamar atenção pelado, linda.

Hoje até que estou muito vestido — falo, só para arrancar uma risada dela e quebrar o clima. — Na verdade, todos os caras da fila estão usando gravata, menos eu.

— Por que não está usando? — ela pergunta.

— Eu não sei dar o nó e estava tarde para aprender.

— A gravata está com você? Se quiser, posso fazer.

Na verdade, sim, ela está no meu bolso.

— Está aqui, mas...

— Algumas habilidades ficam, mesmo depois que a visão se vai. Por exemplo, eu toco piano tão bem quanto tocava antes do acidente.

— Você toca piano?

Maria Rafaela toca meu peito e meu pescoço, em seguida passa a gravata ao redor dele e mede as pontas, seus gestos são suaves e sem pretensão, mas não consigo ficar olhando para o rosto dela assim, tão perto, sem querer fazer uma besteira.

— Sim, e sou boa — ela diz, com um sorriso que percebo de soslaio. — Foi meu pai que me ensinou a dar nó em gravata quando

eu ainda era criança e depois fiz isso para o Leon várias vezes.

Ela aperta o nó e desce o colarinho da camisa.

— E então? Como ficou?

— Ficou ótimo, obrigado.

Maria Rafaela dá seu nome e o meu, como acompanhante, na entrada e nós atravessamos o túnel de LEDS para dentro, pisando devagar, seguindo no ritmo dela.

O salão é bem grande e está decorado com árvores de galhos secos, a luminosidade é baixa e uma música instrumental está tocando, tudo de muito bom gosto.

A garota de vestido brilhante deixa seu par por um instante e agora segue na nossa direção.

— Uma garota morena de dentes grandes vem vindo —  
sussurro, meio de lado.

Maria Rafaela segura uma risada e assente.

— Maria Rafaela Vidal. — A garota para onde está e parece não saber muito bem o que fazer com as mãos.

— Oi, Camila, tudo bem?

— Tudo bem, e você? Há muito tempo que não nos vemos.

— Sim, desde o meu acidente.

Ponto para a Fadinha. Estou gostando de ver essa garota afiada. A tal Camila faz que sim com a cabeça, mas eu que

posso ver suas expressões, sei que ela ficou sem jeito com o comentário.

— Acho que sim. Que bom que você veio, vocês. — Ela aponta para mim, e estendo minha mão para ela.

— Muito prazer, Camila, sou Héctor Coleman, namorado da Maria Rafaela.

— Muito prazer, Héctor. — Ela me mede de cima a baixo. — Fiquem à vontade essa noite, espero que se divirtam.

— Obrigada. — Maria Rafaela sorri por alguns segundos antes de apertar a minha mão.

— Já foi embora — falo, a guiando mais para dentro.

— Uau! Isso foi bem estranho! — Ela está segurando uma risada.

— Vocês eram amigas?

— Sim. Obrigada por falar dos dentes, me preparou para ela, e obrigada por dizer que é meu namorado.

— Por hoje eu sou mesmo, sou todo seu.

— Agora, senhor Coleman, será que podemos pegar uma bebida?

— Achei que não ia perguntar.

Maria Rafaela enlaça seu braço no meu e seguimos juntos até o outro lado do salão. Todos olham para ela, impressionados por

sua beleza. Ela parece um anjo que desceu do céu, caminhando entre nós, meros mortais.

— Que sobrenome chique você tem — ela comenta, em tom de brincadeira.

— Ah, esse não é meu sobrenome, Fada, foi o primeiro que veio na minha cabeça para impressionar.

— Sério? Você mentiu? — Ela tomba a cabeça, me encarando, é quase como se pudesse me ver. — Qual é seu nome completo?

— Héctor dos Santos — respondo, rindo da cara de espanto dela.

Maria Rafaela considera.

— É bem...

— Comum?

— Eu ia dizer brasileiro, mas, em compensação, nunca conheci um Héctor.

Nós paramos em frente ao balcão onde estão servindo os coquetéis, e peço uma cerveja para mim e um Cosmopolitan para Maria Rafaela.

— Eu ainda não disse, mas você está maravilhosa. A maquiagem combinou muito com você.

— Mesmo? Fiquei com medo de estar exagerada.

Eu a conduzo até uma mesa e nós dois nos sentamos.

— Não, está ótimo. A sombra dourada e essa coisa brilhante nas bochechas e no nariz te iluminaram.



Maria Rafaela começa a rir e meneia a cabeça.

— Esse é o objetivo, essa coisa brilhante se chama iluminador.

— Ah, sim, funcionou. E o vestido é muito sexy.

Suas bochechas ficam coradas e ela sorri, passando as mãos pelos cachos perfeitos.

— Obrigada.

O garçom serve nossa mesa com várias opções de frios e frutas frescas, ao mesmo tempo que um senhor de óculos caminha

até onde estamos.

— Boa noite, Maria Rafaela, que prazer te ver aqui!

— O prazer é meu, estou muito feliz por estar aqui também.

Quem é?

O senhor bate com a mão no rosto e balança a cabeça.

— Que deselegante da minha parte. Sou eu, o professor Cosme.

— Ah, sim, é claro, eu não reconheci sua voz. Como estão as coisas, professor?

Eu não consigo deixar de admirar o modo como ela se comporta. Maria Rafaela é uma dama por completo.

— Tudo bem, tudo ótimo agora que vou me aposentar. Eu amo lecionar, mas estou velho.

— Um descanso merecido, não é? Meus parabéns pela trajetória e por todos os ensinamentos. Desejo sucesso nessa nova fase.

— Para você também, minha querida.

O professor se afasta, e eu me inclino para falar de modo que apenas ela possa me ouvir.

— Posso pegar sua mão por um instante?

Penso que deve ser ruim ter alguém te tocando sem consentimento.

— Hum... pode.

— Aqui estão os queijos, muçarela de búfala e até gorgonzola. — Levo sua mão para a esquerda. — Aqui as azeitonas, palmitos e outras conservas. — Agora a conduzo para o centro da mesa. — Aqui temos salaminho e presunto de parma.

Caso prefira, pode me pedir.

— Tudo bem. Obrigada. — Ela aperta minha mão, antes de soltá-la.

### ***Maria Rafaela***

Héctor tornou essa noite perfeita. Não haveria pessoa melhor para me acompanhar, a maneira como ele conduz tudo, com naturalidade, me encanta e me dá segurança.

Uma música lenta começa a tocar e ele pergunta se quero dançar. Eu quero, essa é a finalidade de um baile, afinal, mas não me sinto preparada para ir até lá, no meio de todas aquelas pessoas, se eu esbarrar em alguém isso pode se

transformar em um desastre e eu não quero estragar nossa noite.

— Acho que não...

— Por que não? — ele pergunta.

Héctor é do tipo que não desiste por meias palavras.

— Eu tenho crises de pânico às vezes, você sabe, pode ser que alguma coisa dê errado no meio de toda aquela gente. Além disso, pessoas como eu não devem ficar no meio de tanta gente, posso atrapalhar...

Ouço um som semelhante ao estalar de uma língua, acho que isso quer dizer que ele achou besteira o que eu falei.

— Você está me dizendo que não vai fazer uma coisa que quer por medo do que pode acontecer? Olha só, nós estamos aqui e está tudo bem, eu vou ficar com você, conduzir seus passos, e pessoas como você, lindas e maravilhosas, devem ficar onde quiserem.

Héctor faz tudo parecer tão fácil, o modo como ele fala, seu tom de voz, me faz sentir confiança.

— Tá bom, vamos.

— Isso! — Ele comemora. — Vou te conduzir para o meio da pista, pode ficar tranquila que se tiver alguém no caminho eu te

desvio.

Héctor apenas apoia sua mão em minha cintura dessa vez, e eu decido confiar, caminho livre pelo espaço para onde

ele me conduz. Quando estamos em determinado lugar, ele me gira para si e eu envolvo seu pescoço com os braços.

Nós balançamos de um lado para o outro no ritmo da música e durante toda a nossa dança, ele me diz palavras de afirmação. Sinto-me flutuar pelo salão, não pensei que pudesse sentir isso de novo, a sensação de estar nos braços de alguém e me sentir completa, transbordando de felicidade.

Seus dedos tocam meus cabelos, os afastando do rosto, e sinto aquela mesma fragrância que já é tão dele. Estamos muito

perto agora, e é impossível não perceber os músculos fortes sob o terno, enquanto toco seus ombros e depois o enlaço pelo pescoço.

— Fada...

— Hum?

Provavelmente esse tumulto só acontece dentro de mim, não sei se ele sente a mesma coisa, essa atração que me impele para mais perto, que faz com que eu me cole ainda mais nele.

— Vou te beijar.

Meu coração dispara no peito e sinto um frio na boca do estômago. Tento encontrar palavras para responder a isso, mas não tenho coragem de dizer que sim, que também quero isso, e com toda certeza não posso negar, não posso me arriscar a afastá-lo.

De repente, sinto uma leve pressão nos lábios e a língua que abre espaço para tomar minha boca. Héctor me beijou,

nós estamos nos beijando. Eu me permito desfrutar desse momento e das sensações que se misturam dentro de mim, ele aprofunda nosso beijo e pressiona seu corpo contra o meu, segurando meus quadris.

Por um momento até me esqueço de onde estamos e sinto um formigamento entre as pernas. Ele desperta todos os meus sentidos e me faz perder a razão.

— Quer se sentar? — ele pergunta, ainda depositando beijos rápidos nos meus lábios.

— Sim, por favor.

Héctor me ajuda a voltar para a mesa onde estávamos e beija minha testa com carinho.

— Está tudo bem, Fada? — ele pergunta, em tom de diversão.

O beijo que me deixou balançada, para ele é apenas um beijo, deve fazer parte do trabalho.

— Sim, é claro.

— Não gostou do meu beijo? — ele pergunta, e sinto uma pontada de insegurança em sua voz. — Passei dos limites?

— Não, eu gostei.

— Eu também gostei muito. Então podemos repetir quando eu voltar, mas preciso ir ao banheiro. Você pode me esperar aqui?

— Não vou a lugar algum — digo.

— Tá bom, eu já volto.

Estão tocando música eletrônica agora, acho que é um DJ.

Balanço a cabeça enquanto espero e pesco um queijo da bandeja.

— Oi, Maria Rafaela.

Droga. É a voz do Henrique. Por um momento eu me esqueci que ele também deveria estar aqui.

— Oi, Henrique.

— Você está ótima. Meus parabéns, te vi dançando com seu namorado.

— Obrigada. Estamos bem, e você?

— Também estou, adivinhe quem está aqui comigo?

Que jogo é esse? E eu lá posso adivinhar as coisas agora?

Sinto aquela sensação terrível de novo, que aperta meu peito e quase me faz perder o controle.

— Sou eu — ela diz —, a Michele.

— Oi, Michele! Tudo bem? — questiono, sentindo um incômodo ainda maior.

— Tudo ótimo, nós achamos que você não viria, você sabe, no começo não queria sair de casa...

Tento forçar um sorriso.

— Eu tinha sofrido um acidente e perdido a visão, acho que é natural levar um tempo de adaptação, mas as coisas mudam.

— É bom que tenha dito isso... — ela fala, mas parece hesitante. — Queria ter te falado antes, sobre o Henrique e eu.

Droga. Espero que meu rosto não demonstre o que estou pensando agora. Eles me deixaram e se uniram. Isso já foi há muito tempo, mas estou sabendo agora, então é inevitável me surpreender. Não culpo Henrique pelo meu acidente, ele apenas me

incentivou a ir, a irresponsabilidade foi minha, ainda assim eles são o casal menos empático da face da Terra.

Respiro fundo e abro um sorriso.

— Vocês estão namorando?

— Bom...

— É muito bom ver que você está superando — Henrique a interrompe —, você merece ser feliz como qualquer pessoa normal.

Pessoa normal? Santo Deus! Eu devo ter me transformado em um extraterrestre então.

— Obrigada.

— Voltei. Está tudo bem, amor? — Héctor apoia as mãos em meus ombros e eu assinto.

— Sim. Esse é o Henrique Leopoldino, éramos namorados, e essa é a Michele, que era minha amiga. Agora os dois são namorados — comento, toda sorridente, mas as palavras são diretas.

Sinto Héctor se esticando sobre meus ombros e suponho que tenham apertado as mãos.

— E aí, cara?

— Héctor Coleman, muito prazer. — A apresentação alivia um pouco meu nervosismo e sinto vontade de rir do nome que ele escolheu.

— Eu sou a Michele.

— É um prazer.

Um silêncio recai sobre o grupo, mas ao invés de se afastarem, Michele decide quebrá-lo.

— Eu sei que deve parecer estranho que estejamos juntos, Rafa. É que quando aconteceu o acidente, foi muito difícil pra nós e acabamos nos dando apoio, isso nos aproximou.

Eu perco a voz. Não acredito que ela esteja me dizendo que o meu acidente foi difícil para eles e que os aproximou!

— Vocês estavam com ela no carro? Eu sinto muito, também se feriram? — Héctor pergunta, seu tom é inocente, mas eu sei que ele entende o que está havendo aqui.

— Não, não estávamos, mas...

— Sabem de uma coisa? Foi bom que essa situação tenha unido vocês. Apesar de tudo, terem se afastado foi o que me permitiu ter uma chance com essa mulher incrível — ele diz, e eu aperto a mão dele sobre meu ombro, grata pelo apoio.

— É isso, a vida cuida de nos mostrar quem fica e quem vai, espero que sejam tão felizes quanto nós — falo, e sinto um



beijo de Héctor no topo da minha cabeça.

— Isso... Bom, nos encontramos por aí, Maria Rafaela.

Héctor se senta na cadeira ao lado da minha e segura minha mão com carinho.

— Que monstros, você namorou esse cara mesmo?

— Sim, ele me deixou depois do acidente.

— Que babaca...

— Completo.

— Se serve de consolo, seu acompanhante é muito mais bonito.

— É mesmo? — O comentário dele me faz rir.

— Claro, ele deve estar morrendo de ciúmes. É meio fracote, né? E eu tenho todos esses músculos.

— Sei... Então Michele deve estar morrendo de inveja de mim.

— Ah, isso com certeza. Não só pelo namorado gostoso que você tem, mas principalmente porque você é a mulher mais bonita aqui, até o magrelinho do namorado dela não para de babar.

— Bobo!

— É sério. Eu não estranharia se ele fosse para o banheiro chorar de remorso agora mesmo.

— Então acho que já cumpri meu objetivo aqui essa noite.

— Sério? Que tal um passeio pela cidade? Te levo pra casa depois.

— Agora?

— Sim. Qual é o problema?

Ele tem razão. Qual é o problema nisso? Há tempos não me divirto tanto.



## **Héctor**

Estaciono em frente ao campo onde eu costumava jogar quando era moleque. A iluminação aqui não era boa no passado e continua não sendo, um poste está com a lâmpada queimada e o outro piscando. Provavelmente Maria Rafaela teria medo se pudesse ver, mas não há nada de errado, o lugar só ficou meio abandonado mesmo.

Quis trazê-la em algum lugar em que ela pudesse se sentir livre, um lugar quieto, longe das pessoas e das limitações. Essa foi minha primeira opção, porque não há nenhum obstáculo pelo caminho que possa oferecer algum risco.

Não estava nos meus planos beijá-la, mas quando dançamos tão próximos eu me vi incitado a sentir o gosto dela. As pessoas que dançavam ao nosso redor começaram a olhar para ela como se fosse uma atração, sei que muitos estavam apenas curiosos, mas ela estava tão feliz e inocente em meio àquilo que me deu a certeza de que eu precisava tomar uma atitude e constranger qualquer um que olhasse demais.

A garota é perfeita e proibida para mim, é claro. Esse é um detalhe importante que não posso esquecer, Maria Rafaela foi feita

para a realeza, ou o mais próximo disso que possa existir, e eu sou um plebeu, o pior tipo, tocá-la seria um pecado imperdoável que com certeza me mandaria direto para o inferno.

— Chegamos — digo ao estacionar.

— Onde estamos?

— É um lugar a que eu costumava vir quando criança.

Saio do carro e dou a volta para ajudá-la a descer, Maria Rafaela me dá sua mão e noto que ela traz uma pequena bolsa consigo.

— Pode guardar minha gravata nessa bolsinha? Vai facilitar as coisas aqui...

Ela aquiesce. Afrouxo o nó e a retiro, antes de entregar nas suas mãos.

— A rua tem alguns paralelepípedos, então segura firme no meu braço. — Nós atravessamos devagar, Maria Rafaela

tem os sentidos aguçados e parece perceber o ambiente mesmo sem vê-lo.

— Degrau... certo — Subimos no passeio e eu me aproximo do portão, mexo na corrente com o cadeado. — Está trancado.

— Não tem outra entrada?

O portão é baixo e a mureta ao lado é da altura ideal para pegar impulso e passar por cima dele. Nem sei por que isso está aqui se qualquer pessoa poderia pular, qualquer pessoa que enxergasse, é claro.

— Acho que dá pra pular.

— Mas... Eu não vou conseguir — ela diz meio sem jeito, mexendo no tecido do vestido.

— É claro que vai. Vou te ajudar e, se não conseguir, voltamos para o carro, precisamos tentar.

— Você quer mesmo que uma garota como eu pule um muro?

— Quero — respondo, rindo. Ela deve me achar louco.

Maria Rafaela hesita por um segundo, mas logo em seguida assente, e acabo sorrindo por ter conseguido convencê-la.

Por essas e outras que o Vidal me disse para não me aproximar. Mal cheguei e já estou fazendo a princesa de diamante pular um portão enferrujado em uma rua sem iluminação.

— Certo. Tire as sandálias e suba o vestido até as coxas.

Ela faz o que peço, deixando os saltos no canto, depois começa a subir o tecido do vestido. Suas pernas são lindas, e ela me parece ainda mais adorável assim, menos engessada nos trajes de gala.

— Vou colocar minha mão na sua perna direita e a levar até o local onde você vai se apoiar para subir, tá bom? Não precisa ficar com medo, se você se desequilibrar eu te seguro, prometo que não vou te deixar cair.

— Tá bom. — Rafaela respira fundo e solta o ar, tomando coragem.

Fico atrás dela e deslizo minha mão até a curva interna do seu joelho. Sinto o cheiro do perfume em sua nuca e não consigo evitar sentir uma tensão sexual entre nós nesse momento, eu devo ser um perverso. Porra!

Meneio a cabeça e coloco sua perna sobre a mureta, depois levo suas mãos até as grades.

— Certo. Sinta o seu apoio e segure com firmeza nas grades, vou segurar sua cintura enquanto você toma impulso. Um, dois, três...

— Consegui! — ela comemora e finalmente está em cima.

— Agora precisa apoiar a outra perna ao lado dessa. —

Levo sua perna direita até um ferro curvado que corta as grades de um lado para o outro. — Sentiu firmeza?

— Sim.

— Só que agora você precisa dar impulso e passar a perna que está na mureta para o outro lado, como quando se pula uma cerca, sabe?

— Sei. — Ela está nervosa, mas extremamente concentrada nisso.

— Quando você se virar, do outro lado, vou colocar seu pé no lugar certo. Tá bom?

— Tá bom.

— Então vamos lá. Um, dois, três!

Maria Rafaela dá impulso e joga a perna por cima da grade.

Ela se desequilibra por um segundo, mas eu seguro suas mãos e coloco seu pé solto sobre o ferro, sua respiração está ofegante, mas ela sorri.

— Consegui. Deu certo!

— Você foi incrível! Eu sabia que conseguiria, agora é só descer. Não há absolutamente nada que possa ficar no seu caminho aí dentro.

Ela desce em um pulo corajoso e eu faço o mesmo percurso, pulando para dentro.

— Ótimo, chegamos. Me diz, Fada, há quanto tempo você não corre?

Maria Rafaela ri, jogando a cabeça para trás.

— Correr? Sei lá, faz anos, desde bem antes do acidente e agora não dá. Não consigo ver, lembra?

— Então nós vamos correr agora — decido.

Como uma coisa que para uns pode ser tão simples pode se tornar um desafio tão grande de acordo com as circunstâncias?

— Héctor! Uma loucura por vez, por favor, eu acabei de pular um portão!

— Exatamente! Você pode fazer o que quiser, então bora aproveitar essa adrenalina e extravasar!

Ela apoia as mãos na cintura e meneia a cabeça, como se fosse uma péssima ideia.

— Você é maluco. E se eu bater?

— Não vai. Eu garanto, pode confiar em mim.

Eu pego sua mão na minha e ela a aperta.

— Você é uma Fada, linda. Agora corre comigo, voa — falo, rindo da expressão de ultraje que ela faz.

Mas Rafaela não se nega. Começamos a correr de mãos dadas pelo campo, pisando sobre a grama verde alta. Seus cabelos

loiros voam e ela está sorrindo muito, damos uma volta quase completa e estamos ofegantes, mas ela não quer parar agora.

Então eu solto sua mão e deixo que ela continue a correr sozinha, mas sigo acompanhando-a de perto.

— Está chegando na grade — aviso. — Faça a curva à direita.

Ela para, imediatamente, e se vira para o lado contrário.

— Pra cá?

— Isso aí, garota! Agora corre...

Ela continua correndo, correndo de verdade, em uma velocidade impressionante, até estar cansada demais para continuar. Maria Rafaela apoia as mãos nos joelhos trêmulos, e eu caminho até ela, a seguro pela cintura e depois a levo para o chão.

Nos deitamos de costas sobre a grama e sob as estrelas.

— Héctor! Obrigada por isso! — ela diz, em meio à respiração entrecortada. — Foi incrível! Eu não pensei que pudesse fazer isso de novo.

— Você foi ótima, eu que agradeço por confiar em mim. Se importa se eu fumar?

Ela faz que não, e pego um cigarro do maço, o acendendo em seguida.

— Onde estamos?

— É um campo de futebol. Eu adorava vir aqui quando criança, mas meu pai nunca podia me trazer, então comecei a vir sozinho.

— Ele era muito ocupado?

Trago o cigarro enquanto penso na resposta e solto a fumaça para o outro lado, evitando que vá para o lado dela.

— Ocupado com as amantes, isso sim. Eu tinha oito anos quando ele foi embora de vez.

— Sinto muito.

— Está tudo bem. Isso foi há muito tempo — digo.



Maria Rafaela apoia as mãos na cabeça, ainda respirando com dificuldade.

— Isso foi perfeito, eu nem sei como agradecer. Há muito tempo não me sentia tão livre.

— Fico feliz que tenha sido especial.

Ela vira a cabeça na minha direção, como se pudesse me ver.

— Ainda está sendo.

— Pra mim também, acho que não me divirto tanto faz muitos anos.

— Sério? Pensei que suas noites fossem todas divertidas e agitadas — comenta, com um toque de ironia.

— Agitadas sim, divertidas nem sempre.

— Você não gosta do trabalho? — Seu tom agora volta a ser sério.

— Depende. Eu curto dançar, já me acostumei a isso, aprendi e fiquei bom, sabe? Essa parte é legal, gosto da empolgação da plateia também.

— Mas...

Apago o cigarro no chão, ao meu lado e pego um chiclete no bolso, para tirar o gosto da boca.

— Os programas não costumam ser tão legais. As vezes dou sorte e saio com alguém que tem um bom papo, ou rola uma certa química, mas geralmente vejo essa parte mais como trabalho mesmo, não é tão divertido, mas não é de todo ruim.

— E você é bom no seu... desculpe — ela interrompe a pergunta e percebo um rubor subindo pelo seu rosto.

Isso me arranca uma risada.

— Ia perguntar se sou bom no meu trabalho?

— Não percebi como ia soar estranho.

— Ah, eu sou muito bom no que eu faço, Fada.

### ***Maria Rafaela***

Héctor me trouxe até São Paulo depois que saímos do campo. Para pular o portão de volta foi ainda mais fácil que da primeira vez, e não consigo conter a felicidade que estou sentindo agora.

Ele não só me deu uma noite perfeita, mas também me fez superar limites que eu pensava serem inalcançáveis para alguém em minhas condições. Nós chegamos diante do prédio e ele desliga o carro. Me dói pensar que esteja acabando, eu só queria que essa noite nunca tivesse fim.

— Prontinho, Rafa. Chegamos.

Ouço o barulho quando ele abre a porta e sai do carro, depois Héctor também abre a minha e segura em minha mão, me dando apoio para descer.

— Vou subir no elevador com você.

Héctor faz o que diz e, logo quando bate na porta, Vivi abre, como se estivesse sentada esperando por mim e provavelmente estava mesmo.

— Oi! Que bom que você chegou! — Ela segura minhas mãos. — Obrigada por trazê-la em segurança.

— Eu é que agradeço, foi uma noite incrível.

Isso me faz lembrar de uma coisa importante do nosso acordo, afinal, esse é o trabalho dele. De todo modo, foi maravilhoso ter a sensação de estar em um encontro de novo, me sentir desejada e viva, mesmo que seja mentira.

— Só um minuto, Héctor. Vivi pega o meu talão de cheques na bolsa, por favor.

— Maria Rafaela, eu não quero — ele diz, me interrompendo.

Mesmo assim Vivi me entrega o talão e começo a folhear as páginas.

— Como assim, não quer? Esse foi o nosso acordo, eu sei como isso funciona e você foi perfeito...

Ele toca minhas mãos, me impedindo de continuar.

— Não vou receber por isso. Há muito tempo eu não me divertia assim, não foi trabalho.

Simplesmente não sei o que responder, não consigo pensar em nada. Então isso significa que ele quis fazer tudo aquilo, não pelo dinheiro, mas por mim, certo?

— Obrigado. Foi ótimo. — Héctor beija minha bochecha demoradamente. — Boa noite.

— Boa noite...

Vivi fecha a porta.

Droga! Eu não consegui nem agradecer direito.

Sigo pela sala até o sofá e me sento, sem acreditar no que acabou de acontecer. Ouço os passos dela se aproximando, e depois disso o sofá se afunda ao meu lado e Vivi passa o braço sobre meus ombros.

— E então? Como foi?

— Parecia um sonho, Vivi.

— Me conta os detalhes. Estou morrendo de curiosidade!

Nem consegui dormir.

— Nós dançamos, e ele me beijou na frente de todo mundo.

— Sério? — Vivi cai em uma risada de empolgação. — Que maravilha! Deve ter sido incrível, porque ele é um gato.

— Foi ótimo, e eu pensei que ele não pudesse superar o beijo.

— Vocês fizeram mais que isso? — ela pergunta de supetão.

— Não! Não foi isso. Não precisa surtar, tá? — Começo a rir de antemão. — Mas ele me levou para um campo de futebol e me ajudou a pular o portão, depois me deixou correr lá dentro por vários minutos. Correr, Vivi! Tem ideia do que isso significou para mim?

— Que coisa linda, a intenção dele foi fofo, mas não posso deixar de mencionar o quanto acho isso arriscado. Você podia ter caído!

— Mas não caí. Ele ficou comigo o tempo todo, e depois da corrida nós nos deitamos na grama, conversamos sobre muitas coisas...

— Então ele é gostoso e romântico.

— Talvez eu precise me arriscar mais — falo, finalmente colocando para fora o pensamento que vem me consumindo desde que entramos no carro para vir embora.

— O que quer dizer?

— Não sei, vai achar que fiquei doida.

— Me fala, antes de mais nada nós somos amigas, pode confiar em mim.

Aquiesço, pensando no que ela está dizendo.

— Pensei que poderia contratar ele por uma noite.

— Pra sexo? — Seu tom é carregado de surpresa.

— Sim, queria ter a chance de transar com alguém, Vivi. Me sentir desejada, saber como é a sensação. Eu já tenho vinte e cinco anos, amiga.

— Mas ele é um garoto de programa, Rafaela.

— Eu sei, mas também me trata como uma princesa. Além disso, quem, além dele, aceitaria ficar comigo?

— Qualquer um que te conhecesse — ela diz. — Você é linda e sabe disso, é inteligente e agradável.

— Mas eu não conheço ninguém, mal saio de casa. — Me viro no sofá para segurar nas mãos dela. — Estou condenada a morrer aqui sozinha.

— Que drama! Você tem a mim e seu irmão.

— Meu irmão tem a Amanda e você também vai ter alguém, e eu nem estou falando desse tipo de companhia.

Vivi segura minhas mãos com carinho.

— Se é assim, e se você não acha que vai se arrepender no futuro, deveria propor a ideia a ele.

Nem consigo acreditar que ela esteja apoiando a minha ideia insana.

— Acha mesmo?

— Acho. Você é rica, solteira e linda. Não deve mesmo ficar limitada, faça o que tem vontade que eu apoio. Te levo lá na boate se quiser.

Isso me faz gargalhar. As vezes não precisamos de muitos amigos, apenas de bons amigos.

Mas não consigo me imaginar fazendo isso, perdendo a minha virgindade com um garoto de programa, mas é melhor que ficar esperando por um milagre.

— E se ele recusar?

— Por que ele faria isso? Ele transa com mulheres por dinheiro, é o que ele faz, e você é maravilhosa, acho que ele é que deveria te pagar — Vivi fala, mantendo o sorriso no meu rosto.

— Talvez por ser o melhor amigo da Amanda e não querer problemas com o meu irmão...

— É uma possibilidade — ela diz. — Mas você só vai saber quando tentar.

Sigo para o meu quarto, tomo um banho demorado e me deito para dormir, mas o sono não vem. A conversa com a Vivi continua perambulando pela minha cabeça.

Antes do acidente eu estava pronta para ter a minha primeira vez com o Henrique e fico feliz que não tenha acontecido, porque eu estava muito apaixonada e a decepção teria sido pior nesse caso, mas agora as coisas são diferentes, eu não sou mais uma adolescente iludida e sei bem com quem estou lidando. Seria só sexo e boa companhia, acho que eu também mereço isso.

Tateio sob o travesseiro até encontrar meu celular.

Deficientes visuais usam o smartphone com o auxílio do leitor de

tela, um recurso de acessibilidade que salvou a minha vida. Toco na tela, no canto direito, onde fica meu WhatsApp, e a voz mecânica confirma, dois cliques para selecionar. Deslizo o dedo enquanto ouço os nomes dos meus contatos, até chegar à conversa com Hector.

O leitor de tela lê as letras para que eu possa formar as palavras, mas dessa vez prefiro utilizar o ditado de voz. A questão é definir qual será a abordagem, porque nunca

passei por essa situação antes. Eu devo ir direto ao ponto, como quando se contrata um serviço? Ou quem sabe usar metáforas e esperar que ele entenda?

De todo modo, preciso tentar.

## ***Hector***

Desde que deixei de trabalhar para a Trin e comecei a me virar sozinho, as oportunidades em São Paulo se tornaram mais promissoras. Eu danço na *Sweet Fantasy*, na rua Augusta, aos finais de semana e aluguei um apartamento pequeno para não ter que me hospedar em hotéis, embora minha moradia fixa ainda seja em Flor dos Montes.

As luzes com sensor de presença dos corredores do prédio se acendem enquanto sigo para o meu apartamento. Desde que deixei Maria Rafaela em casa, não consigo tirar aquele beijo da minha cabeça, já faz tempo desde o meu último flerte sincero, e mais tempo ainda que não me sentia feliz assim.

Destranco a porta e acendo as luzes, deixo minhas chaves sobre o balcão da pequena cozinha e vou direto para o chuveiro.

Enquanto tomo meu banho as lembranças dela correndo livre pelo campo preenchem minha mente, e um sorriso desponta dos meus lábios. Uma coisa que parecia tão simples para mim foi importante para ela, e estou contente por ter lhe dado uma noite especial.

Antes de me deitar, assisto por alguns minutos ao amanhecer do dia pela janela. É uma coisa que sempre faço aqui, já que nunca durmo antes das cinco da manhã, fecho as cortinas e me deito, mas antes de dormir verifico minhas mensagens.



A notificação de Maria Rafaela aparece na tela e abro a mensagem imediatamente, no fundo eu já esperava por isso.

Mas não estava preparado para o que ela escreveu.

*“Oi... Quero agradecer mais uma vez pela noite, foi ótima.*

*Sei que disse que não foi um trabalho e que também se divertiu, mas estive pensando, será que estaria disposto a aceitar um trabalho?”*

Que tipo de proposta é essa? Antes que eu pergunte, ela volta a digitar.

*“Vou direto ao ponto ou vou acabar desistindo. Acho que posso encarar o que você faz como um serviço e não preciso ficar tímida ou com receio de levar um fora, certo? Quero saber se você também aceita programas com garotas inexperientes, para uma primeira vez.”*

Porra... Isso não pode estar acontecendo. Ela está me dizendo que é virgem? E que quer transar comigo?

*“Rafaela...”*

*“Eu nunca fiz isso. Estava planejando quando tudo aconteceu, eu quero saber como é ter uma noite pelo menos.”*

Escrevo rápido, tentando não dar tempo para que ela continue o que está dizendo. Isso ultrapassaria todos os limites e eu não posso ser essa pessoa, não posso tocar nela dessa maneira, ainda que meu corpo todo implore por mais dela.

*“Existem caras por aí que fazem o seu estilo, com quem você pode namorar e transar, não precisa de mim pra isso. Eu sei que é o que eu faço, mas não posso aceitar e não quero que se ofenda, não é que eu não queira, entende? Só não posso, sinto muito.”*

Coloco o celular sobre a mesa de centro e fecho os olhos.

Não quero ver se ela enviar outra mensagem.

Eu simplesmente não posso, seria errado em tantos níveis e nem mesmo eu posso ser cafajeste a esse ponto.

Ela é pura. Não por não ter experiência, mas por ser uma garota inocente, que foi resguardada do mundo e não conhece mais nada dele, está desacostumada com a maldade das pessoas e parece um anjo, com aqueles olhos claros e o sorriso doce.

E eu sou toda podridão que existe na Terra, simplesmente não posso colocar minhas mãos nela.



**Maria Rafaela**

Vivi está na sala de jantar, provavelmente pondo a mesa para o nosso almoço, já que pulamos o café da manhã hoje. Sigo até a mesa e afasto uma cadeira para me sentar.

— Bom dia, Bela Adormecida — ela cumprimenta, parecendo bem mais animada do que eu estou me sentindo após a rejeição de ontem à noite.

— Bom dia.

— Seu irmão ligou e ficou todo preocupado quando eu disse que você ainda estava dormindo... — De repente seu tom de voz muda e ouço seus passos se aproximando. — Ei, que carinha é essa? Está triste?

— Ele recusou, Vivi — conto, sei bem que não iria conseguir esconder isso dela.

Héctor disse não para a minha proposta e, por mais que ele tenha seus motivos, e que sejam muito válidos, não posso dizer que concordo com sua escolha.

— Recusou o quê? Quem?

— O Héctor, ele disse que não quer o trabalho — explico, dando ênfase na última palavra.

Ouçó a cadeira ao meu lado sendo arrastada, e entendo que Vivi também está se sentando.

— Não acredito... Tinha certeza de que ele aceitaria a proposta.

— Que droga — reclamo. — Nem mesmo pagando consigo transar.

— Maria Rafaela!

— Mas é verdade! — retruco, exasperada.

Vivi se levanta outra vez e começa a deixar os utensílios diante de mim, sei disso porque ouço o tilintar dos talheres quando são colocados sobre o prato.

— Melhor tirar essa ideia da cabeça por enquanto, se concentrar em outras atividades. As coisas não acontecem assim, tudo tem seu tempo.

— Ontem você me disse o contrário, disse que ele aceitaria.

— Eu disse que não via razão para que recusasse, mas está tudo bem. Mesmo porque você não está apaixonada por ele, não é?

Mas que pergunta boba. Eu teria que ser muito ridícula e carente para me deixar levar assim por alguém apenas por algumas horas de atenção.

— É.

— Você está?

— Não! Eu só concordei que não.

Ouçó quando Vivi despeja um líquido na minha taça, e imagino que seja meu suco, geralmente é o que bebemos todos os dias.

— Ótimo. Tudo pronto, Rafa, vou te servir — ela diz por fim.

— Hoje fiz arroz branco, feijão, salada verde, legumes, carne grelhada...

— Não estou com fome.

— Mas que mau humor, hein?

Tateio a mesa, procurando por sua mão e Vivi a coloca sobre a minha.

— Vivi, eu preciso da sua ajuda.

— Ah, não, Maria Rafaela! Não vou fazer nenhuma loucura.

— Por favor, você é minha única amiga, se existisse outra maneira, faria tudo sozinha, mas não dá. Além disso, você disse que iria comigo se eu quisesse.

— O que você quer?

— Lembra que ontem disse que me levaria a boate se eu quisesse? Pois é, eu quero. Acho que se for até lá e conseguir conversar pessoalmente com ele, Héctor vai aceitar.

Vivi suspira profundamente, como se eu fosse um caso perdido. Que bom que ela sabe disso.

— Tira esse homem da cabeça, Rafaela, você vai se magoar...

— Vivi, eu sei que parece loucura, mas ele me faz sentir viva. O que há de errado em querer um pouquinho de diversão?

Quero novas experiências, quero experimentar, eu também mereço isso! Eu mereço! — exclamo um pouco mais emocionada do que gostaria.

A questão é que algumas vezes me sinto tão frustrada por depender dos outros até no que diz respeito a uma coisa que deveria ser minha intimidade.

Vivi fica em silêncio por alguns segundos e eu torço para que ela diga sim. Preciso que me ajude, ou terei que me virar sozinha.

— Tá bom. Você venceu, eu vou com você. — Ela suspira, se dando por vencida. — Maldita a hora que eu falei que iria, se seu irmão descobrir, vou falar que fui obrigada.

Levanto-me da cadeira em um pulo e puxo minha amiga para um abraço. Eu nem acredito que ela vai mesmo até lá comigo!

— Obrigada! Eu te amo! Eu te amo!

— Eu também te amo, mas já sabe. Se as coisas não saírem conforme seus planos, eu não tenho culpa nenhuma. E vê se come...

— Tá bom, eu quero tudo, estou faminta!

Ela começa a rir enquanto serve meu prato.

Eu nem acredito que vou a um clube de mulheres. Minha mãe deve estar se revirando no túmulo.

Tudo que preciso agora é descobrir onde exatamente ele trabalha e sei bem que se perguntar diretamente a ele, vai se recusar a me dizer, principalmente agora que já está ciente dos meus planos. A única capaz de me ajudar é Amanda.

Almoço em silêncio, enquanto bolo um plano para conseguir as informações de que preciso. Quando Vivi retira meu prato, pego o celular e faço a ligação.

— Amanda? É a Rafa, tudo bem? — Faço minha melhor voz de inocente.

— *Tudo. Sabe como é, essa azia que não passa e os enjoos horríveis, mas ao menos seu irmão não para de me mimar e trazer sorvete de flocos.*

Minha cunhada está no primeiro trimestre da gestação e não está sendo um mar de rosas, mas, como ela disse, meu irmão faz o possível para tornar as coisas mais fáceis.

— Leon é o melhor.

— *Ele é. E você? Tudo bem por aí?*

— Ótimo. Escuta, eu preciso de um favor seu.

— *Pode falar.*

— Minha amiga, a... Michele — falo o primeiro nome que me vem à mente e faço uma careta em seguida —, ela vai se casar daqui quinze dias — invento.

Com certeza se ela se casasse, eu estaria em último lugar na lista de convidados.

— *Eu conheço essa sua amiga?*

— Não, não... Acho que não vai lembrar dela da época do colégio.

— *Ah, me lembro sim! Vocês eram inseparáveis, as duas e aquela Camila. Eram o trio de malvadinhas.*

— Isso mesmo. — Sorrio por ela se lembrar das coisas assim. — Bom, acontece que as meninas querem um *gogoboy* pra despedida de solteira. Eu não vou, mas pensei em passar o contato do seu amigo, Héctor.

— *Ah, legal. Não sei se ele pega serviço assim por fora, geralmente ele dança nas boates, mas não custa perguntar.*

— Pois é, ela tentou ligar e não conseguiu falar com ele.

Queria passar o endereço da boate em que ele trabalha, assim elas já podem ver o show e decidir se gostam, mas não sei qual é...

Ouçó um arquejo de surpresa de Vivi, acho que nem ela consegue acreditar em como a mentira saiu naturalmente. Mas o que vou fazer? Falar pra Amanda que quero contratar o Héctor? Ela jamais me apoiaria nessa.

— Em Flor dos Montes ele dança na Soul às quartas, mas nos fins de semana ele trabalha aqui em São Paulo mesmo. Vou te mandar o endereço.

— Tá bom, vou encaminhar pra ela. Obrigada.

Encerro a chamada e coloco o celular sobre a mesa.

— Pode falar, eu sou um monstro igual a minha mãe e menti pra minha cunhada grávida...

Vivi está rindo agora, aliás, é mais uma gargalhada.

— Maria Rafaela Vidal, eu não conhecia esse seu lado!

Enganou a Amandinha, você inventou toda uma história! Que atriz!

— Eu não gosto de mentir, tá? Eu amo a Amanda, mas a verdade com certeza não é uma opção aqui.

— É, nesse ponto vamos concordar.

### ***Héctor***

Um único led de luz laranja ilumina o contorno do palco. Lá embaixo as pessoas dançam enquanto a música eletrônica



começa a se tornar mais agitada.

A Sweet Fantasy é um clube das mulheres, em outras palavras, um local em que as mulheres podem se ver livres de pudores e aproveitar uma noite de diversão. O show é todo para elas e os números são variados.

Eu gosto de trabalhar aqui. O salário é bom e o ambiente é bem frequentado; me abriu portas para o meio artístico e me deu popularidade nas redes sociais.

Meu número de dança é caracterizado para se parecer com um espetáculo teatral. Faço malabarismo com tochas de fogo antes de começar o striptease e só quando estou vestindo apenas a cueca é que começo a dançar no pole dance.

Eu me seguro na barra de metal e faço um giro no ar, prendendo uma das pernas. Peço as palmas da plateia enquanto me preparo para a próxima acrobacia. A pele dá aderência à barra e impede que escorregue, mas é a força nos membros e a habilidade que determina o nível da apresentação. Com o apoio das mãos,

desço de ponta cabeça, descendo as pernas para o chão devagar, depois giro com o corpo arqueado.

A apresentação do Incendiário é um dos pontos altos da noite e dura cerca de quarenta minutos. Meu trabalho, depois disso, é entreter as garotas na pista, oferecer doses de bebidas, dançar e ajudar o Max com os drinks, quando necessário.

Assim que a apresentação no pole dance termina, arrasto uma mangueira para a frente do palco. Quem ainda não conhece o número, acha que vai se molhar, mas a

mangueira, na verdade, é um soprador adaptado que levanta os vestidos das desavisadas e anima a galera.

Giro para um lado e depois para o outro com a mangueira acionada, e, de repente, vejo dois rostos conhecidos.

Vivi parece preocupada, mas o que ela está fazendo aqui?

Ao lado dela, tentando tirar o cabelo loiro do rosto, está Maria Rafaela.

Desligo o soprador e agradeço ao público, encerrando minha apresentação. Pulo do palco para o chão e sigo até as duas, que agora estão afastadas da multidão.

— Vocês estão bem?

É a Vivi quem responde.

— Estamos. A Rafa só se assustou com o vento no rosto.

Depois da proposta dela na noite anterior é como se as coisas tivessem ficado meio estranhas entre nós. Chega a ser engraçado constatar que eu ainda posso ficar constrangido com

alguma coisa, isso vindo de alguém que está no meio de uma multidão usando apenas uma sunga.

— Sinto muito — falo, por falta do que dizer.

— Parabéns pela performance, inclusive. — Vivi está toda arrumada essa noite, com os cabelos castanhos soltos e usando batom vermelho e seus olhos percorrem o ambiente, admirados. —

Não sei como consegui ficar naquele tronco sem cair, mas arrasou.

— Obrigado. — Eu decididamente estou sem graça. Ontem eu apareci lá de terno e gravata e agora...

Maria Rafaela está maravilhosa, usando um vestido justo e preto que valoriza suas curvas. A maquiagem é mais marcada, sensual.

— O que vieram fazer aqui? — Não consigo evitar a pergunta, não é como se a herdeira da Gracy's frequentasse esses ambientes sempre.

— Eu vim falar com você — Rafaela diz, sem nenhum pudor.

É a primeira vez que se dirige a mim essa noite e, tendo como referência as mensagens de ontem, sei bem sobre o que ela quer conversar.

— Preciso trabalhar agora, e saio só às três da manhã — explico, na esperança de que ela mude de ideia —, isso se não surgir nenhum extra.

Ela cruza os braços, parecendo irritada com o comentário que fiz propositalmente.

— Vamos esperar — ela diz, decidida.

— Tudo bem. Divirtam-se, então.

A noite segue sem maiores surpresas, e faço o mesmo que em todos os finais de semana. Vendo algumas tequilas para as garotas, danço no balcão do bar despejando bebidas nas bocas das meninas enfileiradas e ajudo o Max a servir as clientes.

Estou fazendo uma Pina Colada atrás do balcão enquanto vejo Maria Rafaela arriscando alguns passos de dança do

outro lado da pista. Um sorriso me escapa quando vejo Vivi comemorar.

— Cara, vai lá falar com a moça. Você está babando. —

Max apoia sua mão no meu ombro, mas meneio a cabeça.

— Não é nada disso.

— Sei... Você fica tão ligado no trabalho que esquece que existe sexo por diversão.

— E quem disse que eu não me divirto com o trabalho?

Ele começa a rir enquanto sacode a coqueteleira.

— Mas convenhamos que seria muito mais divertido com a loirinha...

Entrego o drink para a mulher que estava esperando e quando volto a olhar na direção das garotas, vejo um dos outros

dançarinos tentando se aproximar delas, enquanto a Vivi, baixinha, mas perigosa, tenta afastá-lo.

Pulo por sobre a bancada e atravesso a pista até estar do outro lado. É o Iago, que hoje está de médico, ele geralmente é um cara legal, mas acho que não sacou que a atenção não é bem-vinda.

— Tudo bem por aqui? — pergunto.

— Eu estou dizendo pra ele que a gente não quer tequila na boca, muito obrigada — ela fala, enfática, e Iago me encara esperando que eu diga alguma coisa.

— Cara, elas estão comigo e só querem dançar. Dá uma mão pro Max lá no bar.

Ele dá de ombros apenas e se afasta.

— Obrigada, Héctor, mas acho melhor nós irmos embora, Rafaela.

— Não vou embora, Vivi.

Alguém estoura um confete atrás dela e Rafaela pula no lugar, assustada.

— O que aconteceu?

— É só confete — Vivi responde, a acalmando.

Deve ser assustador estar em lugar como esse sem conseguir enxergar, ouvindo os ruídos altos, tocando em desconhecidos que estão muito chapados para sequer pedir desculpa. Se ela continua aqui me esperando, é porque realmente quer falar comigo.

O problema é que recusar algo que eu adoraria fazer, por telefone, já foi uma prova de fogo. Agora, ter essa Fada me pedindo pessoalmente para foder com ela, e dizer não, é um desafio para o qual não me sinto preparado.

— Eu vou buscar minhas coisas e a gente vai para o meu apartamento conversar, Rafa.

Ela assente, animada, e Vivi agradece.

O que eu vou fazer para conseguir não me meter com essa garota? O Vidal vai me matar, com certeza, e a Amanda também iria

me odiar por isso, mas Rafaela está tornando tudo muito difícil para mim.

### ***Maria Rafaela***

Depois de muita insistência, consegui convencer a Vivi a voltar pra casa sem mim. Sei que ela fica preocupada, mas depois de ontem, Héctor ganhou alguns pontos em sua confiança.

Nós seguimos de carro para o seu apartamento, que fica no centro. Ele não está falando muito dessa vez, e começo a pensar que talvez já tenha enjoado da minha companhia. Quero insistir, mas não quero ser inconveniente. Não quero que fique comigo por pena.

— Você está agindo diferente hoje — comento, depois de alguns minutos de silêncio.

— Diferente como?

Começo a mexer no cinto de segurança para tentar conter a ansiedade.

— Ontem você estava mais solto, hoje mal está falando comigo.

— É que ontem você ainda não tinha feito aquela proposta.

— Qual é o problema da proposta? Esse não é o seu trabalho? Imagino que seja comum.

— Não quando vem de você — ele diz.

— Por que sou deficiente visual?

Ouçõ um resmungo baixo, como se ele não tivesse gostado do comentário.

— Porque você é linda, inocente e eu sou um cretino.

Ele estaciona e desfivela seu cinto, então eu faço o mesmo. Héctor abre sua porta e sai do carro, alcanço a alavanca para abrir a minha porta e saio antes que ele dê a volta.

— Não sou inocente. As pessoas têm esse hábito horrível de infantilizar quem tem alguma deficiência, mas eu não sou criança, sou uma mulher, tenho meus desejos e eles não são inocentes.

Héctor segura minha mão e me puxa para frente antes de bater a minha porta.

— Eu não disse que você é uma criança, eu com certeza tenho ciência de que você é uma mulher, mas eu continuo sendo um cretino.

Nós andamos alguns metros adiante e paramos.

— Chamei o elevador. — Ouço o som que indica que ele chegou e logo depois Héctor toca minha cintura para que eu entre.

Ouço as portas se fecharem.

— Acho que você está sendo preconceituoso.

— Maria Rafaela, não diz uma coisa assim, você me ofende...

— Mas eu não entendo! Se é isso o que você faz, por que não pode fazer comigo?

As portas se abrem outra vez e nós saímos, Héctor segura meu braço enquanto me guia até seu apartamento.

Ele destranca a porta e a abre, nós dois entramos.

Acho que ele acende a luz, porque consigo discernir alguma claridade.

— Seu irmão me pediu para ficar longe de você, e a Amanda é minha melhor amiga. Não posso trair a confiança deles, você sabe que esses são os meus motivos.

Ele me conduz até o sofá e eu agradeço, me sentando em seguida.

— Quer beber alguma coisa? Um suco, água?

— Não, obrigada.

Ouçó seus passos pela casa e quando abre a geladeira.

Aproveito o momento sozinha para refletir sobre o que ele disse. Se Héctor está sendo sincero, o único motivo que ele tem para recusar, é algo que não tem a ver comigo.

— Ninguém vai saber e eu pago bem — insisto mais uma vez, tentando quebrar sua objeção.

— Não é uma questão de dinheiro.

— Então confia em mim, eu não vou misturar as coisas.

Ele se senta ao meu lado e ouço seu suspiro, acho que está pensando a respeito. Não posso recuar agora.

— Eu só quero ter um pouco do que todo mundo tem, acho que também mereço.

— Sim, você merece...



Viro-me de lado no sofá e estendo a mão, procurando por ele. Héctor segura minha mão e me levanto para ficar de pé diante dele.

Sinto suas pernas e as toco com minhas mãos, encontro seu abdômen e subo até tocar seu rosto.

— Eu não acho que sou a pessoa ideal para você.

— Não estou procurando um namorado. É só sexo, você vai aceitar meu pagamento dessa vez e com isso vamos impor limites, não vou confundir as coisas.

Ele coloca as mãos sobre as minhas.

— Tá bom, então... E que Deus me perdoe porque não sou de ferro.

Engulo a seco. Não tenho nada planejado a partir daqui, mas assinto em concordância. Meu plano consistia em vir até ele, convencer Héctor de que minha proposta era uma boa ideia e fazer com que deixasse suas objeções de lado.

Agora que consegui, não sei exatamente como prosseguir, mas imagino que o básico sirva por hora e, depois, ele saberá como me conduzir.

— Posso te beijar? — pergunto, praticamente num sussurro.

— Pode.

Toco seus lábios suavemente, mas Héctor retribui tomando minha boca num beijo intenso. Se isso não for desejo, ele sabe muito bem como encenar. Não há pressa, ele me excita só com sua língua a princípio, afinal, nós temos a noite inteira.



## Capítulo 9

### **Maria Rafaela**

Por um momento seguro as palavras na ponta da língua, envergonhada com o pedido que estou prestes a fazer. Mas é isso, quero o serviço completo.

— Héctor...

— Oi, Fada.

— Quero pedir uma coisa.

— O que você quer?

— Eu gostaria muito de ter assistido à sua dança hoje, ouvi os gritos das pessoas e fiquei tentando imaginar. Já que não posso ver, quero te sentir. Pode dançar para mim?

Ouçó o som da sua risada e, sem perceber, levanto a mão para sentir seus lábios sorrindo. Imediatamente Héctor fica sério e penso ter sido muito invasiva, odeio quando me tocam sem meu consentimento.

— Me desculpe.

— Tudo bem, vou dançar pra você.

Ele se levanta e inverte nossas posições para que eu me sente. Depois de alguns segundos uma música instrumental começa

a tocar, o saxofone na melodia torna a canção sensual e eu já estou gostando antes mesmo de começar. Penso que meu coração vai sair pela boca, mas tento manter a calma.

Héctor pede que eu segure sua mão e me conduz até uma cadeira.

— Pode abrir espaço entre suas pernas?

Ele se encaixa ali e começa a se movimentar devagar.

Héctor coloca minhas mãos espalmadas sobre seu peito nu e eu começo a tocá-lo. Sinto primeiro seus ombros largos e os músculos saltados, enquanto ele dança.

Quando desço minhas mãos para seu peito, esbarro no que parece ser um piercing, na verdade um em cada mamilo. Esse

mínimo detalhe me deixa muito excitada e arfo ao constatar os acessórios.

— Você gostou deles?

— Muito...

— Espera até sentir o outro.

Agora eu quero sentir.

Escorrego minhas mãos para o seu abdômen enquanto ele rebola e sinto a inquietação entre minhas pernas crescer. Héctor me beija outra vez, e dessa vez não pede permissão,

ele se aproxima de mim e começa a roçar seu pau na parte interna das minhas coxas.

Nunca me imaginei vivendo uma experiência como essa, nem mesmo antes do acidente. Eu não o vejo, mas sinto cada pedaço da sua pele exposta e quente, cada músculo no seu corpo esculpido, sinto a maciez e a rigidez, sinto a tensão sexual que exala dos poros, é tudo tão intenso que ele mal me tocou e já estou molhada.

Ainda que eu não o veja, todos os meus outros sentidos estão atentos.

Minhas mãos deslizam por seus braços fortes. Volto a tocar seu peito devagar, me deliciando com a sensação do metal frio dos piercings. Desço mais, sentindo agora o movimento do abdômen, conforme ele dança sensualmente contra meu corpo.

Héctor afasta meus cabelos do pescoço, e inala meu cheiro.

Sinto o toque suave dos seus cabelos no meu rosto e o roçar da barba quando ele beija meu queixo enquanto envolve minha nuca com uma das mãos.

O cheiro dele se mescla ao meu perfume, o toque incendeia minha pele e, por fim, o gosto. Quando sua boca se une à minha, sinto o sabor do álcool misturado ao de cigarro e a menta do chiclete. Héctor tem gosto de pecado, e eu queimaria com ele, sorrindo.

— Rafa... tem certeza disso, não tem? Você é deliciosa, e eu tenho um puta tesão no seu corpo, se continuarmos eu vou te foder. Você entende que não vamos fazer amor?

Suas palavras são cruas e por isso mesmo, excitantes. Não estou em busca de um felizes para sempre, mas eu quero

todo o resto. Minha mão alcança a beirada da calça dele e abro o botão, e o zíper depois disso.

— Tira a calça.

Héctor se afasta um pouco e sinto frio onde antes seu corpo estava, mas ele não demora a voltar. Eu o toco sobre a cueca e sinto a rigidez, o comprimento e ouço um gemido baixo vindo dele.

— Você vai me matar, Fadinha.

Quero perguntar se é sincero, se ele me deseja mesmo dessa maneira, mas não quero cortar o clima caso seja tudo

ensaiado, então afasto a dúvida da mente e me concentro nas provas. Ele está duro, então deve ser de verdade.

— Você... Qual a cor da cueca que está usando?

— Hum, branca. Coloca a mão dentro dela — ele pede, sussurrando em meu ouvido.

Eu o faço, sinto sua pele na ponta das unhas e afasto o tecido, antes de envolvê-lo com a mão. A textura, o comprimento e grossura, sinto tudo isso devagar, guiando meus dedos por ele todo e então eu o toco, o metal gelado na ponta.

— Não disse que ia gostar do outro? — Sua voz tem uma nota de diversão.

— Santo Deus...

Ouçó sua risada rouca e me repreendo mentalmente pelo comentário. Não é muito apropriado.

A música continua tocando ao fundo, e ele remexe o quadril no meu colo. Eu estou totalmente fora de mim, sinto a umidade entre as minhas pernas e um calor que me consome.

— Vem comigo — Héctor pede, se levantando.

— Pra onde?

— Cama.

Segurando a minha mão, ele me conduz. Eu apenas o sigo, porque não tenho nenhuma oposição quanto a isso.

— Chegamos no quarto, vou te levar até a cama agora — ele diz, me conduzindo pela cintura. — Pronto, pode se sentar.

Faço o que ele diz e sinto o toque das suas mãos nas minhas pernas.

— Vou tirar seu vestido, estou louco pra ver você.

— De verdade? — A pergunta me escapa.

— É sério que tem alguma dúvida? — Ouço seu tom bem-humorado. — Não me lembro da última vez que quis tanto ver uma mulher nua.

Suas mãos erguem meu vestido, e levanto os braços para facilitar que ele o retire. Por sorte peguei um conjunto novo de

lingerie, preto e de renda, na esperança de que a noite terminasse assim.

— Caralho... você não é mesmo humana.

O comentário parece sincero, o tom dele é de admiração, o que me deixa mais confiante.

— Você é muito... perfeita. Eu não mereço isso.

Eu estico os braços até conseguir tocá-lo novamente e puxo seu corpo sobre o meu. Caímos juntos na cama, o peso dele sobre mim, suas mãos afoitas agora percorrem meu corpo com pressa e sua boca se junta à minha em um beijo intenso.

Nossas línguas se encontram, e quase grito de prazer quando sinto seus dedos tocarem meu sexo sob a calcinha, ele

escorrega para cima e para baixo, me tocando em uma tortura deliciosa.

— Alguém já chupou sua boceta, Fada?

Meneio a cabeça, apenas a menção dele faz com que minha respiração fique irregular.

— Então se prepara pra ir do céu ao inferno, princesa.

Quero brincar dizendo que é uma fala arrogante, mas quando ele retira minha calcinha, fico calada esperando seus movimentos, o fato de não poder ver o que Héctor vai fazer em seguida é torturante. Sinto o toque úmido e arqueio o corpo, assustada.

— Eu só vou te beijar, você não quer?

— Quero...

E ele o faz. É surreal, primeiro sinto as lambidas lentas e provocativas, depois uma mordida leve e deliciosa, e em

seguida ele abarca todo meu sexo com a boca. Héctor me suga e lambe, me chupa com tanta vontade que mais parece estar comendo um banquete. Talvez esteja...

Sinto o prazer crescer dentro de mim, enquanto as mãos dele sobem pelas laterais do meu corpo, até tocarem meus seios.

Héctor continua me incitando com a boca, mas seus dedos apertam meus mamilos delicadamente, e simplesmente explodo sobre ele em milhares de partículas de prazer, gemendo e gritando, implorando por algo mais.

Eu tenho o orgasmo mais longo da minha vida, mesmo que a comparação não seja muito justa, já que os outros tive sozinha, mesmo assim é excepcional. Ele, no entanto, não para de me chupar, como se não conseguisse se afastar, e rebolo contra sua boca enquanto Héctor tira cada gota de mim.

Quando os espasmos cessam e minha alma volta ao corpo, vinda como ele mesmo disse, do céu ao inferno, Héctor se posiciona acima de mim. Eu o sinto ao meu redor, antes de sentir seus lábios nos meus.

— Está tão pronta pra mim... — Ele me beija devagar e minhas mãos se afundam em seus cabelos. — Só um minuto.

Seu corpo se afasta do meu e ouço o som de uma gaveta se abrindo e depois o barulho do plástico sendo aberto. Ele está

colocando um preservativo, é isso, vai acontecer.

— Preparada?



Aquiesço, concordando e sinto seu pau tocar minha entrada.

— Vou devagar, se quiser que eu pare é só falar. — Ele empurra um pouco mais e sinto uma leve ardência. — Não acredito que estou fazendo isso...

Essa fala é mais baixa, e não consigo discernir se está se autorrepreendendo ou só admirado.

— Vai doer um pouco, tá bom?

Assinto, e cravo as unhas nas costas dele, me preparando para o pior. Quando ele finalmente entra, sinto como se antes

houvesse uma barreira ali, que acaba de ser rompida. Dói, uma dor diferente, ruim, mas suportável.

— Está ruim? — Sinto seu beijo leve nos meus lábios.

— Um pouco dolorido, mas...

— O quê?

— Você é tão gostoso, não quero parar mesmo assim.

— Ah, cacete... Por que você é tão doce?

— Não sou, continua, Héctor.

Ele começa a se movimentar devagar, e a princípio a dor incomoda um pouco, mas ele distribui beijos no meu pescoço, na minha orelha, e desce um pouco mais, beijando meus seios. É tão

estimulante que logo a dor é esquecida e volto a me concentrar no prazer que ele me oferece.

Seus movimentos são rítmicos, sinto seu corpo entrar e sair do meu, e a fricção me deixa excitada. Um pouco mais calma, consigo me concentrar no que estou sentindo, consigo perceber o piercing me tocando por dentro e me excitando ainda mais.

Héctor sussurra em meu ouvido, falando o quanto sou gostosa e como me quer e, ao menos por hora, me permito acreditar.

— Fadinha, preciso dizer uma coisa...

— O quê?

— Eu não vou conseguir me controlar, prometo te compensar depois.

Não entendo bem a que ele se refere a princípio, mas Héctor se impulsiona mais algumas vezes, em seus movimentos de vem e vai, e instantes depois ouço o som do seu gemido rouco e a sua respiração descompassada, antes que ele se deite sobre mim.

— Héctor?

Ele sai de dentro do meu corpo e sinto o colchão se afundar ao meu lado. Héctor me puxa para deitar minha cabeça sobre si mesmo e então começa a rir.

— Que foi?

Ele continua rindo, e sua risada me contagia, me arrancando um sorriso também.

— Qual é a graça?

— Eu sou a porra de um prostituto — fala, em meio à gargalhada —, e gozei nas calças como um adolescente.

— Você... Você não fez isso.

— É modo de dizer, mas não aguentei segurar! Cacete, não sei quanto tempo faz que eu não sinto tanto tesão em alguém.

— Tá brincando comigo?

— Não — ele ri —, falo muito sério. Mas vou te compensar, prometo.

— Não tem o que compensar, você foi incrível, foi tudo maravilhoso.

Ele respira fundo.

— Você dorme aqui?

A pergunta me pega de surpresa, não esperava por isso, e não sei o que responder. Eu deveria ir embora, mas teria que chamar um táxi a essa hora e não estou pronta para sair e romper essa bolha.

— Dormir? Tem certeza? Não sei se é uma boa ideia.

— Como eu disse, vou compensar você. Vamos tomar um banho, vou trocar os lençóis e depois podemos comer alguma coisa.

Amanhã cedo te deixo em casa.

— Tá bom, então.

— Vou pegar a roupa de cama e uma camiseta pra você vestir, manda mensagem pra Vivi avisando que não vai

voltar.

Héctor entrega o celular na minha mão e escuto seus passos saindo do quarto. Prefiro ligar para Vivi porque é mais prático, e assim o número já fica salvo na discagem rápida.

— *Oi, Rafa! Ainda bem que ligou, estou aqui morrendo de preocupação.*

— Não precisa, tá tudo bem. Só que está tarde, vou dormir aqui e amanhã cedo vou pra casa...

A linha fica muda por um instante e chego a pensar que a pobre vivi desmaiou de choque.

— Vivi?

— *Meu Deus do céu... Você fez mesmo isso, não fez?*

— Fiz — respondo, sem disfarçar o sorriso na voz.

— *Me fala que eu não tenho culpa de nada e que você é adulta e eu não sou sua mãe? Só pra me acalmar.*

— Você não tem culpa, eu sou adulta e você não é minha mãe. Agora vai dormir tranquila que o Héctor vai me levar de manhã.

— *Tá bom. E como foi?*

— Isso eu te conto quando chegar.

— *Ah, ele vai ouvir né? Mas foi bom? Responde sim ou não.*

— Sim, mil vezes.

— *E... Tá bom, detalhes amanhã. Ai, eu nem vou dormir.*

— Vai sim, boa noite.

Quando encerro a chamada, a voz dele me alcança.

— Vamos tomar um banho, dona Fada.

— Dona Fada? Estamos evoluindo nos apelidos? Olha que eu vou te chamar de Incendiário.

### ***Héctor***

Rafaela está sentada na minha cama completamente nua. O corpo dela parece esculpido, os cabelos claros caem sobre os seios

bonitos e ela ostenta uma expressão de serenidade. Não lembra em nada um anjo que acabou de se meter com um demônio.

— É brega, não acha? — pergunto, achando graça no comentário que ela acaba de fazer.

— Um pouco, mas faz sentido.

— Sei...

Eu a conduzo até o banheiro e ligo o chuveiro no quente.

Deveria ser mais esperto e ter me afastado imediatamente depois, mas estou me sentindo estranho, meio possessivo talvez, por ter recebido a primeira vez dela. Além disso, por mais que tenhamos sido bem claros quanto ao que era isso, Rafaela não é uma desconhecida.

— Como você não conhece o banheiro, vou ser obrigado a tomar banho com você.

Ela sorri, percebendo meu stratagem, e eu a abraço por trás, aproveitando o momento um pouco mais.

Entro embaixo da água, puxando Rafaela comigo. Ainda estou impressionado com o quanto ela é linda, as curvas sutis, os cabelos longos que quase chegam à bunda arredondada, um corpo feito para destruir a sanidade de qualquer homem.

A água cai sobre nós, e vejo o sangue seco entre suas pernas se dissolver e escorrer pelo ralo. A prova de que eu a toquei e profanei uma Fada.

— Vou ensaboar você...

Por mais que saiba o tamanho do meu erro, não consigo me afastar. Não ainda.

Eu limpo os vestígios de sangue e Rafaela permite que eu a toque para passar o sabonete. Quando me levanto, ela me surpreende tocando meu rosto e me puxando para si. Nos beijamos novamente, e sinto seu gosto outra vez, começo a perceber que não vou me esquecer dessa noite tão cedo.

Eu entrego uma toalha para que ela se seque e depois a camiseta que separei para que vestisse. Rafaela faz tudo isso com destreza, são coisas corriqueiras, e suas mãos já se habituaram e não encontram dificuldades.

— E esse apartamento? Sua casa ainda fica em Flor dos Montes, não?

— Fica. — Eu a abraço pela cintura e a conduzo na direção da cozinha. — Quando comecei a trabalhar aqui, não fazia sentido pagar um hotel todo fim de semana, é mais cômodo e até mais barato assim.

— Então você fica lá durante a semana e aqui de sexta a domingo?

— Isso.

— E você traz suas clientes pra cá?

— Às vezes. Em Flor dos Montes não.

— Por que, não?

— Você é bem curiosa.

— Sou mesmo — concorda, rindo.

Eu a dirijo até um dos bancos em frente ao balcão para que se sente.

— Bom, é a casa que morei com a minha mãe, muitos dos meus vizinhos são os mesmos de quando criança, o vô Tetê mesmo morava lá até pouco tempo, não pega bem... Lá é tipo meu santuário, não trabalho em casa.

— Entendo, você disse que morou com a sua mãe, então hoje você mora lá sozinho?

— Moro.

— Por causa do trabalho?

Ela não vai desistir. Respiro fundo pensando se é algo que estou disposto a compartilhar, mas percebo que as palavras deixam minha boca com uma facilidade impressionante, quando se trata de conversar com Rafaela.

— Tivemos idas e vindas. Morei com ela até os dezesseis, fui mandado pra um colégio interno, depois voltamos a morar

juntos, e perto dos vinte ela me deixou sozinho e sumiu no mundo.

Abro os armários à procura de algo para comermos e encontro um pacote de pão fechado. Também abro a geladeira para ver o que ainda tem nessa casa.

— Sinto muito. Por *sumiu* você quer dizer que não teve mais notícias dela?

— Não exatamente. Ela apareceu uns anos atrás e depois sumiu de novo. — Não menciono que ela só veio atrás de dinheiro.

— Às vezes manda uma mensagem pra dizer que está viva, e nossa relação se resume a isso.

— E seu pai?

Encontro ovos, presunto e queijo e coloco tudo na bancada da pia. Respiro fundo, pensando na pergunta que ela acaba de fazer, esse com certeza não é um programa comum.

— Desde que saiu de casa nosso contato é quase zero.

Passei umas férias na casa dele uns dez anos atrás, eu acho.

— Parece que ganhamos na loteria dos pais. Sabe que sua história é ruim, mas a minha ganha, né?

A naturalidade com que ela fala disso agora, me surpreende. Rafaela ficou muito mal quando descobriu a verdade, me lembro de como as coisas ficaram tensas na época do acidente, e da morte da mãe dela, ainda que eu tenha presenciado tudo um pouco mais afastado.



— Sua mãe assassinou seu pai. Realmente, a sua consegue ser pior.

— É, depois eu virei a Rapunzel dela, presa na torre — aponta. — Pelo menos meu pai era legal, não era tão presente, mas me mimou muito.

— Por sorte você tem o Leon.

Acendo o fogo e coloco a frigideira para aquecer, antes de quebrar os ovos.

— Você não tem irmãos?

— De sangue não, mas tenho a Amanda e a Nath, que são como se fossem minhas irmãs.

— São amigos desde crianças, é natural que se sintam assim.

— Sim, elas e o vovô são tudo pra mim — conto.

Coloco o sal nos ovos e mexo um pouco mais, até ficarem bem amarelinhos. Passo manteiga nos pães e depois os coloco na frigideira, só pra derreter.

— Por falar nisso, o vovô sabe o que você faz pra viver?

Isso me arranca um sorriso.

— Não, ele é bem moderno pra idade dele, mas não sei como iria lidar com isso.

Coloco os ovos, o presunto e o queijo nos nossos pães, finalizando os sanduíches.

— E ele pensa que você faz o quê?

— Que sou dançarino, dessa parte ele sabe.

Rafaela aquiesce, pensativa. Deposita o prato na frente dela e pego duas latas de refrigerante na geladeira, também ofereço uma a ela.

— Por falar nele, você vai no Leon amanhã? No aniversário do vovô?

— Não existe a possibilidade de não ir, são os noventa anos dele. A menos que eu queira ser morto pela Amanda.

— Então parece que vamos nos encontrar de novo... Vai ser estranho?

Dou de ombros, esquecendo por um momento que ela não consegue ver esse gesto.

— Bom, não terminamos um namoro, não tem por que não agir normalmente.

Rafaela concorda.

— Passamos a noite juntos, trabalhando — comenta, segurando uma risada.

— Engraçadinha...



## **Héctor**

Apesar da conversa que tivemos antes, rever Maria Rafaela no aniversário do vô Tetê pode sim ser meio estranho. Geralmente não socializo com minhas clientes em festas de família, mas o caso em si é uma exceção desde o começo.

Leon é quem me recebe à porta. Nós ainda somos melhores amigos, mas o amor que temos em comum pela Amanda nos uniu, e acho que ele até gosta de mim. Um pouco, pelo menos.

— Boa noite, Héctor. — Ele aperta minha mão com firmeza e até sorri.

— Boa noite, ruivo. Como vão as coisas? — Abro um sorriso, usando as brincadeiras para disfarçar a tensão.

— Vão bem. Entre e fique à vontade — Leon diz, abrindo espaço.

Se eu tivesse vergonha na cara não estaria aqui depois de comer a irmã dele na noite passada, imagino o que ele faria se soubesse.

Eu mesmo ainda não sei o que deu em mim para ceder dessa forma, arriscando uma amizade de anos por um trabalho do qual eu não precisava, com certeza. A questão é que não foi um

programa como os demais, eu realmente me deixei levar pelo desejo e devo ser um cretino sem uma gota de juízo, porque faria outra vez sem pensar.

Encontro Amanda na sala de jantar da cobertura que divide com Leon e o vovô. Ela está linda, exibindo a barriga ainda pequena, e parece muito feliz, qualquer um que a conheça bem pode ver o quanto ama Leon.

Quando me vê, ela abre um sorriso sincero e caminha até onde estou, me abraçando com carinho.

— Que bom que você chegou! O vovô Tete já perguntou por você hoje.

— Queria fazer uma surpresa, pulando a janela do jeito que ele e o Leon adoram, mas aí iria morrer...

Amanda ri alto com meu comentário, provavelmente se lembrando de quando pulei para entrar na casa dela e fui confundido com um bandido.

— E onde nosso aniversariante está? — pergunto, sondando sobre o ombro dela.

— Já está no terraço com a Nath, a Lia e a Maria Rafaela.

Só de ouvir o nome dela já sinto uma nova onda de ansiedade. Eu sou um cafajeste, mas jantar aqui com todos eles, e agir como se não tivesse feito tudo o que fiz ontem, é demais até pra mim.

— E você está linda, Amandinha. — Leon se aproxima de nós e segura sua mão com carinho. — Mal posso esperar para conhecer meu afilhado, ou afilhada.

Leon não diz nada sobre a indireta. Talvez eu não seja sua primeira opção como padrinho, mas Amanda tem poder de dominação sobre o homem, então ele concordou.

— O tempo está passando muito rápido, logo o bebê vai estar aqui com a gente.

Depois disso, como sou o último convidado a chegar, subimos os três para o terraço. Leon fez um espaço muito foda aqui em cima, com balanço, um deck de madeira muito bonito e luzes por toda parte.

A comemoração não terá muitos convidados, mas Amanda caprichou na decoração. Há balões por todo o espaço — ainda que a maioria já esteja voando por aí — e, na mesa onde estão os docinhos e o bolo, vejo dois balões enormes com os números nove e zero em dourado.

Estão todos em volta dela, embora o jantar vá ser servido do outro lado, na grande mesa de madeira que já está sendo preparada pelos funcionários da casa.

Nath se levanta primeiro e vem me abraçar, anunciando minha presença, vejo Maria Rafaela enrijecer quando escuta meu nome e sorrio com a cena. Ela é muito pior que eu em disfarçar as coisas. Por sorte, ninguém suspeitaria de nós, não há razão para isso.

— Oi, Nath.

— E aí, Héctor? — Lia me abraça apertado, sempre me surpreendo com a força que essa garota tem nos braços.

— Oi, Lia. Tudo bem?

— Tudo ótimo.

Eu me aproximo dela, que está sentada ao lado do vô Tetê segurando sua mão.

— Oi, Maria Rafaela.

— Oi, Hector. Tudo bem? — Vejo quando ela engole a seco, constrangida.

Lembro do modo como estive entre as pernas dela ontem à noite e dos seus gemidos e sorriso ao ver suas bochechas coradas agora. Essa mulher é o ser mais adorável que eu já conheci.

Eu me aproximo dela devagar, toco sua mão primeiro, antes de avançar, e em seguida beijo seu rosto. Seu cheiro é maravilhoso e acho que me demoro mais que o necessário para parecer natural.

— Tudo bem e você?

— Tudo bem.

Lia e Nath trocam um olhar rápido, e percebo que desconfiaram dessa aproximação, elas são espertas e me conhecem bem.

Além disso, a Fada resolveu usar um vestido preto bem decotado, que tem uma fenda que deixa sua perna totalmente exposta. Já estou excitado só de olhar pra ela e lembrar de tudo o que a gente fez, o que não ajuda a fingir desinteresse.

— E finalmente o dono da festa... Feliz aniversário, vô Tetê!

Ele fica de pé para me abraçar e está todo sorridente.

— Obrigado, meu filho. Você demorou!

— Sentiu saudades, não foi velho safado?

O vovô meneia a cabeça e franze a testa em repreensão, mas é óbvio que está segurando uma risada.

— Não vem mais me ver, acha que só porque ganhei um neto novo vai escapar de mim? — pergunta, me dando um tapa forte nas costas.

Eu não poderia faltar a um momento tão especial para ele.

Vô Tetê é a minha referência como pai, me acolheu como parte da família e cuidou de mim como pôde desde que eu era só um moleque. Serei sempre grato por isso.

— De jeito nenhum, eu sei que o senhor tem o Leon agora, mas eu sou o mais bonito, não acha? — Levanto o embrulho com o presente que comprei especialmente para ele. — Trouxe um presente. Espero que o senhor goste.

Seu Teófilo segura o embrulho e se senta novamente ao lado da Rafa, depois desamarra a fita.

— Não precisava se preocupar comigo, filho.

Tirando a caixa retangular do embrulho, ele lê o nome do jogo de tabuleiro.

— Perfil.

— Isso, é um jogo de adivinhação.

— Charadas?

— Conhecimentos gerais — falo, orgulhoso com a escolha.

— Que legal! Vou mostrar para a Amanda e para o Leon, vamos jogar mais tarde. Todos! — Ele se levanta, animado e vai a passos lentos para o outro canto do terraço, onde eles estão ajustando o som e conferindo os pratos sendo postos na mesa.

Tomo o lugar onde o vô Tetê estava, ao lado dela, suas mãos agarram a toalha da mesa.

— Está tudo bem mesmo? — questiono, percebendo que Lia e Nath estão agora entretidas em um papo só delas.

Rafaela sorri e responde com um movimento de cabeça.

— Estou bem. É sério.

— Que bom. Você veio sozinha?

— Meu motorista me trouxe, a Vivi está de folga hoje.

— Entendi.

Leon caminha até onde estamos, ele me encara por alguns segundos e acho que não gosta de ver que me sentei ao lado dela,

mas faço minha melhor cara de inocente.

— O jantar já vai ser servido — ele diz, se aproximando dela. — Vamos para a outra mesa.

— Posso te ajudar? — pergunto a ela, e Maria Rafaela assente.

Mas Leon se coloca entre nós e me lança um olhar fatal, eu deveria rir das reações exageradas dele, mas pelo jeito o



cara tem mesmo uma alma sensitiva.

— Não, Hector, não precisa. Eu mesmo faço isso, obrigado.

— Leon segura o braço direito dela e os dois seguem juntos para a mesa de jantar.

Nath está parada, me encarando, e abre espaço quando os dois se aproximam. Ela meneia a cabeça, com um sorrisinho esperto no canto dos lábios.

— O que foi, Nath?

— Tira os olhos da princesinha, Héctor. É sério.

Merda.

— Do que você tá falando? Só ofereci ajuda.

Ela estreita os olhos e se aproxima com os braços cruzados, Lia está segurando uma risada.

— Eu te conheço...

— Meu Deus, agora eu vi tudo! Vai ficar me vigiando? Cuida da sua mulher, ali.

Amanda nos chama para o jantar, e dou uma piscadela para Lia, antes de seguir em frente como se não devesse nada a ninguém. Bom, eu não devo mesmo.

— Vamos comer, o vô Tetê não dorme tarde, vocês sabem.

Passo pelas duas, também sigo até a mesa de jantar. Os outros já estão sentados, e eu tomo meu lugar entre a Amanda e o vô Tetê. Leon está ao lado dele e Maria Rafaela na outra ponta, distante o bastante para não criar mais suspeitas.

— Pode se servir, Héctor, fique à vontade — Amanda fala.

— Obrigado. Tudo parece delicioso.

Nath se senta com Lia, ao lado da Fada e entram em uma conversa sobre vestidos e sapatos.

— Rafa, posso servir pra você? — Amanda pergunta, estendendo a mão para alcançar o prato.

— Por favor.

— Temos macarrão com queijo, lagarto ao molho madeira, salada de maçã...

— Pode pôr um pouquinho de tudo — ela diz.

Vô Tetê fecha os olhos enquanto saboreia a primeira porção de macarrão.

— Que maravilha!

Leon aquiesce, experimentando também.

Amanda coloca o prato feito diante da Rafa, que agradece e começa a comer em silêncio. Também sirvo meu prato, me concentrando muito em evitar ficar encarando a garota o tempo todo.

— Então, Rafa, a Vivi disse que tem uma escola em Holambra te oferecendo um emprego, é verdade?

— Sim, querem que eu dê aulas de piano para crianças, a ideia é linda, mas ficaria mais longe de vocês.

— E com certeza não queremos isso, ainda mais com seu sobrinho ou sobrinha a caminho...

— Eu vou ser uma tia muito babona. Inclusive precisam descobrir logo o sexo do bebê, quero começar a comprar coisas!

Amanda ri, meneando a cabeça.

— Também quero saber logo, mas estávamos esperando passar o primeiro trimestre, antes de nos empolgarmos assim. Vou marcar a ultra pra semana que vem.

Como Amanda perdeu um bebê antes, em um acidente, eles ficaram meio receosos dessa vez, mas agora os três primeiros meses passaram e tudo começa a parecer mais definitivo para os dois.

Amanda serve seu próprio prato agora, e eu começo a comer. Ainda que esteja atento à conversa, procuro puxar assunto

com o Vidal e esquecer sua irmã antes que ele me arranque o pau com a faca de cortar carne.

— E você, Leon? Como vão as coisas no trabalho?

— Trabalho? Eu só penso nesse bebê, cara. Se for uma menina, eu não vou ter mais paz nessa vida.

— Que exagero, amor! — Amanda sorri, se divertindo às custas do marido. — Pretende ficar no pé da nossa filha igual fica com a Rafaela.

Leon revira os olhos, como se ela estivesse exagerando.

— Rafaela pode namorar, acha que eu não quero que ela seja feliz? Só não pode ser com um babaca.

— Eu já tenho alguém, Amandinha — Rafa interrompe, com um sorriso.

Leon bate com os talheres no prato e arregala os olhos. O vô Tetê comemora com palmas enquanto a Nath olha de mim para ela.

Também não estou entendendo do que ela está falando.

Nós tivemos uma noite e deixei bem claro o que significava, ela não pode ter levado isso a sério.

— Como assim, Maria Rafaela? — Leon pergunta, se esticando sobre a mesa, como se isso fosse fazê-lo ouvir melhor.

— Tenho um flerte. Qual o problema nisso? Sou adulta e dona de mim.

Um flerte...

— Quem é esse cara?

— Você não tem que saber — ela fala, petulante.

Apesar de me assustar com suas expectativas, preciso segurar um sorriso diante da resposta mordaz.

— Que ótimo, menina! O amor faz a vida mais bela! — Vô Tetê a incentiva.

— E como ele é, Rafa? — Nath pergunta.

Não sei se desconfia de mim, mas acho suspeito o seu interesse repentino.

— Ele é ótimo. É advogado, veio do Rio Grande do Sul para trabalhar em São Paulo.

Como é que é?

— E como vocês se conheceram? — Leon pergunta.

O cara está parecendo um tomate e acho até que deve estar suando frio com a ideia de vê-la namorando alguém, mas em sua defesa está até reagindo bem.

Eu, por outro lado, estou confuso.

— Redes sociais. Tinder, para ser exata.

Mas que porra... Ela não deveria ter me procurado se já tinha esse cara. Eu servi então pra lidar com a virgindade e deixar

Rafaela livre pra um engomadinho qualquer?

— Você tem um perfil no Tinder, Maria Rafaela?

— O que é Tinder? — Vô Tetê pergunta.

— É um aplicativo de namoro, vô — Lia explica.

— Eu tinha, Leon, agora não tenho mais por que já encontrei o Marcelo.

Marcelo? Quem diabos é esse cara? Respiro fundo, tentando entender por que estou tão irritado com isso, afinal de contas muitas das minhas clientes são até casadas. Acho que o que me incomoda é o fato de que Maria Rafaela não me disse antes. É, com certeza é sobre isso.

Não tem problema, eu sempre soube que seria assim. Eu sou o cara com quem ela se diverte e os Marcelos da vida

são os caras com quem garotas como ela namoram.

Eu me estico sob a mesa por impulso, para roçar minha perna na dela, provocar.

— Quem me deu um chute? — Lia pergunta, antes de se enfiar debaixo da toalha, procurando.

Merda, errei a perna. Me concentro em comer, mas acho que estou quieto demais e isso também pode parecer suspeito.

— Alguma coisa chutou a minha perna — ela insiste.

Aproveito o momento para olhar debaixo da mesa e fingir estar ajudando.

— Não tem nada aqui, Lia — falo.

Amanda começa a rir enquanto o vô Tetê limpa o prato. Meu Deus! Que confusão!

— Você e o Marcelo já se encontraram? — Leon pergunta, voltando ao assunto que também me interessa.

— Ainda não. Estou me preparando.

Será que eu entendi direito? Ela não faria isso. Ou será que faria? Fui mesmo usado para tirar o lacre e o desgraçado comer depois?

— Quando acontecer eu quero ser o primeiro a saber — ele diz, finalmente voltando à sua cor normal.

— A primeira vou ser eu, e ele. Mas você pode ser o terceiro

— brinca, com a carinha de inocente que já me enganou antes.

Alguns minutos depois, quando todos já terminaram de comer, Amanda afasta sua cadeira e se levanta.

— Vamos partir o bolo?

Minha mente ainda está trabalhando para entender essa história de flerte virtual e ao mesmo tempo fico puto por estar incomodado com uma coisa que não diz respeito a mim. Eu não deveria me importar com isso.

Amanda deixa o bolo diante do vô Tetê, acende as velinhas e começa a cantar os parabéns. Nós nos levantamos e seguimos em coro, batendo palmas.

Quando acaba a música, Amanda o abraça e beija sua bochecha, ele fica emocionado. Um a um, vamos cumprimentando o homem que fez tanto por nós, dono de um amor incondicional e de um caráter inquestionável.

Rafaela pede licença para ir ao banheiro e minha vontade é seguir logo atrás dela, mas por razões óbvias não posso fazer isso.

— Vou cortar o bolo. Estou louca para experimentar! Amor, pode buscar a espátula, por favor? Ou nosso filho vai nascer com cara de bolo.

Ele começa a rir e agora parece mais despreocupado. A ideia de ver Maria Rafaela namorando não o agrada muito de qualquer jeito, mas é muito melhor que seja um advogado do que um dançarino que faz programas por dinheiro.

— Leon, precisa me ajudar com as cruzadinhas aqui. Não estou achando... — V ô Tetê tem uma revistinha nas mãos e batuca com a caneta sobre a mesa agora.

— Eu busco a espátula — me ofereço. — Está onde?

— Sim, na terceira gaveta. Pega pra mim?

— Claro...

Desço no elevador, mas ao invés de seguir para a cozinha, vou direto para o banheiro e bato na porta.

— Sou eu — sussurro —, me deixa entrar.

Rafaela abre a porta quase que imediatamente, seu semblante demonstra confusão, mas ela não se opõe quando passo

por ela e tranco a porta atrás de mim. Maria Rafaela se apoia no gabinete da pia, seu peito sobe e desce rapidamente, mas não sei se está assustada com o perigo em que nos coloquei ou excitada.

— Esse Marcelo é real? — pergunto, antes de mais nada.

— Por que quer saber?

Eu me aproximo devagar, para que ela perceba e me afaste se quiser, mas ao invés disso, seu corpo se inclina na direção do meu, ao mesmo tempo que ela levanta o queixo, aproximando sua boca da minha.

— Curiosidade.

Meus dedos trilham a linha do seu pescoço e descem para o decote proeminente.

— Tanta que me seguiu até aqui?

Encontro seu seio sob o tecido e aperto o bico entre os dedos, me deliciando com o gemido que escapa entre seus



lábios.

— Eu não te segui até aqui pra isso, minha Fada.

— Então foi por quê?

Seguro sua cintura e a coloco sentada sobre o gabinete.

Maria Rafaela envolve meus quadris com suas pernas e minhas mãos deslizam sob a fenda do vestido.

Eu a beijo sem nenhum pudor dessa vez, com pressa, beijo suas orelhas e seu pescoço. Desço as alças do vestido e beijo também os seios lindos que estão me matando de tesão, mordisco um de seus mamilos e ela afunda os dedos em meus cabelos.

Eu não devia estar aqui com ela, mas não consigo voltar atrás, não agora. Maria Rafaela desliza suas mãos sobre minha camisa até o cós da minha calça. Ela desabotoa o jeans e abre meu zíper, me dando permissão para ir adiante nessa loucura.

Meus dedos encontram o tecido fino da sua calcinha e eu a retiro por suas pernas, guardando o pedacinho de pano no bolso da calça. Toco sua boceta molhada, pronta para mim e Maria Rafaela arqueia o corpo, sedenta por mais.

Ela afasta as pernas, apoiando os saltos na pia, antes que eu enterre meu pau dentro dela com uma única estocada firme, e se agarra aos meus ombros enquanto nossos movimentos se intensificam. Não temos muito tempo, afinal.

Caralho, como é bom foder essa garota, não queria ter que parar e com certeza não quero outro homem tocando essa boceta apertada. É um pensamento idiota e eu sei disso,

principalmente em se tratando de alguém como eu, mas não consigo evitar.

Maria Rafaela esbarra em um pote de sabonete líquido de louça que vai direto para o chão, se quebrando em quatro partes.

Ouçó passos no corredor antes que alguém tente abrir a porta, forçando a maçaneta.

Nós paramos por alguns segundos, cubro a boca dela com a mão e tento não me mexer, mas Maria Rafaela contrai a musculatura da pélvis repetidas vezes, pressionando meu pau e eu não consigo me manter parado. Onde foi que essa garota aprendeu a fazer isso?

Ouçó a voz da Lia seguindo pelo corredor e volto a socar, mais forte agora. Pego a calcinha no meu bolso e coloco na boca dela, abafando seus gemidos, seguro seus quadris e aumento o ritmo das estocadas.

Rafaela morde a calcinha enquanto sua boceta se contrai em espasmos deliciosos sobre o meu pau, anunciando o clímax.

Não tenho por que esperar mais, arremeto mais quatro vezes, antes de me despejar dentro dela.

Cacete! Nem temos tempo para respirar. Tiro um pouco de papel higiênico e a ajudo a se limpar antes de colocá-la de volta no chão e vestir sua calcinha novamente.

— O que fazemos agora? — ela pergunta em um cochicho.

— Fica aqui, vou subir com a espátula que Amanda pediu.

Daqui cinco minutos você vai.

— Tá bom.

Abro a porta e sondo o corredor. Por sorte, está livre.

Sigo para a cozinha e procuro a espátula no lugar que Amanda indicou, mas não a encontro. Não posso demorar, ou Rafaela vai sair e subiremos juntos.

Volto para o terraço de mãos vazias e passo as mãos pelos cabelos, tentando disfarçar o que acaba de acontecer.

— Onde você estava? — Amanda pergunta, me olhando desconfiada.

— Eu estava procurando a espátula na terceira gaveta, mas não achei — falo.

— Estava demorando, a Lia desceu e pegou, mas ela não te viu.

— Aquele seu closet é muito bagunçado — falo, me fazendo de doido.

Amanda me encara com o cenho franzido.

— Por que estava no closet? — É Leon quem pergunta, com as sobrancelhas arqueadas.

— Amanda disse que estava na terceira gaveta do closet.

Dessa vez ela começa a rir e quase me sinto mal pela mentira, até mesmo o vovô está rindo de mim.

— De onde tirou isso? Quem guarda espátula no closet, Héc? Terceira gaveta da cozinha, né?

— Ah, que idiota eu sou. — Sorrio também.

— Viu a Rafa? Ela também sumiu. — Nath cruza os braços sobre a mesa, me encarando.

— Não vi. Mas talvez esteja no banheiro, a porta está fechada — falo, apontando na direção.

— Vou ver se ela precisa de ajuda. — Amanda passa por mim e sai para encontrar Maria Rafaela.

Nath me encara com os olhos estreitos e meneia a cabeça.

— Você é um caso perdido.



## **Héctor**

Dispensei meus compromissos da semana para sair com ela. Bom, não me arrependo, não é como se estivesse precisando de dinheiro agora e depois do que passamos juntos naquele banheiro, não consegui parar de pensar que preciso de um pouco mais para tirar a garota do meu sistema.

Fiquei pensando em atividades que pudéssemos fazer juntos, coisas que ela não costume fazer e que possam ser

experiências legais. O foda é que não podemos ficar juntos na minha casa, em Flor dos Montes, e eu não arriscaria sair com ela pela cidade, já que todo mundo conhece os Vidal e com certeza muita gente também me conhece.

Precisamos de um fim de semana longe do trabalho, longe das pessoas que poderiam nos descobrir e em um lugar em que ela fosse se divertir. Abro meu laptop e começo a pesquisar chalés em meio à natureza e coisas semelhantes, desde casas na árvore, até cabanas isoladas. Depois de algum tempo, encontro algo que pode ser tudo que imaginei.

Uma cabana em frente ao mar em Ilha Bela. Há uma trilha que passa atrás dela, então sei que consigo criar um programa para nós que envolva um passeio pela natureza, um banho de mar e

outras coisas que com certeza Maria Rafaela não vivencia tem muito tempo. Pelo valor das diárias o lugar deve ser ótimo, e as fotos também são incríveis.

Com a Fada, pela primeira vez na vida não me senti confortável recebendo o pagamento por um programa, na verdade fiquei bem irritado quando recebi seu pix. Talvez porque eu tenha gostado demais para conseguir encarar dessa forma, como trabalho, mas não havia uma maneira de rejeitar sem que as coisas ficassem estranhas e eu fosse obrigado a admitir que fiz tudo por prazer.

Então é isso, essa é a alternativa. Vou usar o cheque que recebi dela para cobrir os custos da viagem, assim ao menos sinto que estamos usufruindo do valor juntos.

Deito-me na cama e pego meu celular. Penso por um instante no que devo dizer, porque não quero dar a impressão errada, não posso magoar alguém como ela,

além disso, por causa de Amanda, sempre haverá uma proximidade entre nós. Então preciso ser honesto sobre o que pretendo, e deixar que Rafaela decida se quer participar disso. Não que em algum universo ela fosse querer ficar com alguém como eu, não de verdade e publicamente, principalmente se o tal Marcelo está na jogada. Sei muito bem o meu lugar, só preciso garantir que estejamos em sintonia sobre isso.

Começo a digitar, e cada palavra é muito bem calculada.

*“Oi. Olha só, estou precisando urgentemente de um fim de semana de férias e queria companhia. Não seria trabalho, mas*

*também não é nada além do que parece, entende? Você e eu, nos divertindo juntos por alguns dias, como fizemos ontem na casa do seu irmão. O que acha?”*

Como sempre, Rafaela não demora a enviar sua resposta.

*“Oi... Não sei, Héctor. Parece tentador, mas também potencialmente problemático, um lugar desconhecido, ao qual não me adaptei.”*

Claro que eu sabia que ela apresentaria obstáculos, mas me preparei para responder a isso.

*“Eu vou cuidar de tudo pra que você não tenha preocupações e vamos fazer coisas beeem legais. Com e sem roupa.”*

Já estou com um sorriso besta no rosto, esperando sua resposta.

*“Que idiota você é, hahaha. Então... Não seria um programa e não seria um encontro, certo?”*

Pelo jeito a Fada também tem medo de que o gato borralheiro, no caso eu, confunda as coisas e se apaixone. Posso entender o receio, a garota não tem defeitos e tem uma fortuna como atrativo para idiotas.

*“Relaxa, não espero que a princesa de repente se veja apaixonada pelo sapo aqui, mas não vou cobrar por algo que com certeza me beneficia, porque caralho, sua boceta é a melhor invenção desse século! Topa?”*

A resposta dela demora um pouco a vir e fico apreensivo enquanto aguardo. Não existe envolvimento romântico aqui, não tem problema algum se ela recusar, mas por algum motivo meus pensamentos se tumultuam e fico imaginando milhares de coisas que possam passar pela cabeça dela agora.

*Quem esse babaca acha que é para me propor alguma coisa assim?*

Ou ainda pior. Mas a resposta não é nada negativa.

*“Topo. Mas meu irmão não pode saber, vou inventar alguma coisa.”*

Eu me levanto do sofá em um pulo. Não acredito que ela aceitou de verdade. Pelas próximas horas fico obcecado, nem

lembro quando foi a última vez que tirei férias, ou que fui à praia.

Pesquiso os valores dos passeios, os restaurantes por perto e os itens que preciso levar. Tudo que puder dar mais liberdade a ela e que possa tornar nosso tempo juntos melhor. Há um quarto, a cama fica de frente para grandes

janelas de vidro com vista para o mar, também tem uma jacuzzi que com certeza vai ter muita utilidade.

Caralho, eu estou animado...

### ***Maria Rafaela***

Meu irmão está sentado à sua mesa no escritório da Gracy's. Se ele ficou surpreso com minha visita, não deixou transparecer. Não tenho vindo tanto a empresa quanto deveria e

ainda não me sinto apta a assumir uma função mais ativa nos negócios, mas eventualmente dou o ar da graça.

— Sabe, acho que no próximo desfile da Gracy's devemos tentar outra vez — ele fala, a voz tranquila deixando claro que é uma decisão minha. — Vamos lançar a nova coleção em alguns meses e ainda quero que você apareça, Rafa.

— Não sei, na última vez me deu crise de ansiedade e não consegui levar até o fim.

— Estive falando com a Amanda sobre isso. Talvez se construíssemos uma passarela mais larga, isso te desse mais confiança.

— Vou pensar no assunto, prometo.

Eu gostaria muito, na verdade. Ainda que não trabalhe ativamente na Gracy's, ela faz parte de quem eu sou, é o legado do meu pai e amo as joias delicadas e o que é um trabalho feito com tanta dedicação. Acontece que quando tentei desfilar com o diamante Gracy's, as coisas saíram do meu controle e não sei se consigo.

— Já te falaram da nova caixa?



— Não, vai mudar o design da Gracy's box?

Isso sim me surpreende. A caixa rosa, com laço preto de cetim é assim desde antes de meu pai assumir os negócios, é um clássico.

— Vamos manter a tradicional, mas a nova coleção se chama Luxúria, e criamos uma caixa especial preta, com laço dourado, apenas para o lançamento.

Alguém bate na porta e instantes depois eu a ouço abrir. Os saltos batendo no chão me dão um indicativo de que deve ser a secretária do meu irmão.

— Café ou chá, Rafa? — Leon questiona, confirmando minhas suspeitas.

Escuto a bandeja sendo colocada na mesa, à minha frente.

— Chá, por favor.

O líquido é despejado na xícara e o som da colher mexendo o açúcar também me fornece informações. Ouço o barulho do pires

sobre a mesa quando ela o coloca diante de mim.

— Obrigada.

— Por nada, senhorita Vidal. Com licença.

Espero a confirmação audível de que ela fechou a porta e me volto para o meu irmão outra vez.

— Posso imaginar como deve estar linda! E as cores combinam com o nome, sexy e elegante.

— Também gostei.

Aquiesço, pegando minha xícara com cuidado e mudo o rumo da conversa, para o assunto que me trouxe aqui.

— Escuta, vim falar com você sobre outra coisa, planejei uma viagem para o final de semana e queria te avisar, você sabe, para o caso de ficar preocupado comigo.

— Uma viagem? — Seu tom deixa nitidamente transparecer o nervosismo.

Leon é maravilhoso. Apesar de se preocupar muito comigo, ele faz o possível para me deixar livre e não tenta podar minhas asas, mesmo que eu saiba o quanto ele gostaria de me ter por perto a todo momento.

— Vou à praia, faz muito tempo que não faço algo assim.

— Vai com quem? O tal Marcelo?

— Não, com alguns amigos — minto, mas estou tão animada que nem consigo sentir remorso. — Vou estar com o telefone o tempo todo, não precisa surtar.

Ouçó a risada dele e sorrio também.

— Tá bom. Você precisa mesmo se divertir, acho que faz bem em sair mais e retomar o controle da sua vida.

Fico contente em perceber que há uma concordância aqui, entre nós.

— É isso! Sabe o que fiz outro dia? — Como ele continua em silêncio, deduzo que queira saber. — Eu corri!

— O quê? Correu?

— É, fui ao baile de dez anos da formatura do colégio e depois corri em um campo aberto, lá em Flor dos Montes.

Foi uma sensação maravilhosa, e agora quero experimentar outras coisas assim.

— Você não me disse que tinha ido ao baile. Foi com quem?

Não foi com o Henrique, né?

Sorrio ao perceber a crítica em seu tom. Leon odeia o Henrique, mas com certeza tem seus motivos. Imagino que ele ainda preferiria esse acompanhante ao que realmente levei comigo.

— Não! Fui com outra pessoa, mas ele estava lá também —  
falo, torcendo pra que Leon deduza que não conhece meu acompanhante.

— O babaca falou com você?

Graças a Deus, agora, ele está concentrado na raiva que sente de Henrique.

— Falou, está namorando a Michele, acredita?

— Ah, que droga, Rafa. Sinto muito.

— Por quê? Não me importo mais com eles, eu dancei e curti a festa, e ainda dei umas alfinetadas nos dois. Foi bem legal.

— Que bom, mas se quiser que eu vá atrás desse idiota...

— Você não briga com ninguém, Leon — interrompo, rindo agora abertamente. — Além disso, já faz mais de cinco anos, superei faz tempo.

Ele fica em silêncio por um momento, e como não consigo ver sua expressão, fico me perguntando se isso significa

que desconfia de algo que falei. Mas então Leon retoma o assunto da viagem tranquilamente.

— Ótimo. Praia, então? Não esqueça de levar suas coisas direito, leva roupa de frio, porque a noite em frente o mar esfria e...

— Tá bom, pai.

— Superprotetor demais? Estou tentando melhorar — ele diz, com um sorriso na voz.

Não tem como me chatear com ele, não quando é a única família que me resta, também o único que sempre se importou comigo. Graças a ele agora também tenho Amanda e o vovô Tetê.

— Vou me cuidar, relaxa. Agora vou pra casa arrumar minhas coisas.

Depois disso o tempo se arrasta, os dias passam lentamente enquanto separo meus biquínis, compro um novo protetor solar e roo minhas unhas de ansiedade. Vivi surtou um pouco com a viagem, mas depois que prometi ligar se precisasse de algo, ela ficou mais tranquila e até feliz em poder descansar pelo final de semana.

Quando chega o sábado, pego um táxi na porta de casa e vou para o apartamento dele. Achamos melhor do que correr o risco de alguém ver Héctor me buscando em casa.

A viagem em si é divertida, ouvimos música e cantamos juntos, conversamos um pouco sobre nossas vidas, e ele me conta

algumas histórias engraçadas sobre seus dias no trabalho. Héctor já viveu muitas aventuras, e é engraçado ouvir as

histórias e imaginar como ele lidou com tudo.

O clima está ótimo. Sinto o vento entrar pela janela e bagunçar meus cabelos, mas não está frio. Faz sol, mas também não está muito quente, perfeito.

Quando chegamos, Héctor estaciona atrás da cabana e me leva pela mão até a porta da frente. Guardamos nossas coisas, pegamos bebidas e seguimos direto para a areia.

Estamos sentados agora. Ainda que eu não veja o cenário, consigo sentir em todo meu corpo, é um momento mágico. Ouço o som das ondas quebrando na praia, o barulho do mar e das águas que cantam. Sinto a brisa fresca na pele, me causando arrepios,

sinto os grãos de areia entre os meus dedos, esfrego um pé no outro, curtindo a fricção. O cheiro da água salgada, do perfume da noite e o aroma de Héctor, sentado ao meu lado.

Sinto o gosto da cerveja gelada, e o frio na barriga que antecipa todo o resto.

— Héc...

— Oi.

— Você teve dezenas de mulheres, provavelmente centenas e de todas as formas possíveis. Existe algo que você nunca fez?

Algo sexual que você gostaria de experimentar?

Ele fica calado por um momento e chego a pensar que não vai dizer nada. Não sei por que fui perguntar algo idiota assim, mas

estive pensando e gostaria também de poder proporcionar algo especial a ele. Talvez seja uma besteira, coisa da minha cabeça boba.

— Algumas coisas. Imagino que deve ser diferente transar sem um dos sentidos, como acontece com você.

— Você nunca foi vendado? Me parece algo *quase* comum

— comento, rindo.

— Geralmente eu domino, sabe? Nunca estive na posição de ser dominado.

— E o que mais?

Ele reflete na pergunta por um momento, acho que com a bagagem que tem, sobraram poucas coisas que ainda não experienciou. Sinto o cheiro do cigarro e sei que está fumando, na verdade não me incomoda, gosto do gosto da boca dele quando fuma, ainda que saiba que não é nada saudável.

— Nunca fiz sexo no mar — fala rindo e acho que isso é uma sugestão. — Já ouviu falar de Golden Shower?

— Acho que não. O que é?

Héctor definitivamente está rindo agora, o que me deixa mais curiosa.

— Quando em meio ao orgasmo, ou durante o ato sexual, um parceiro urina no outro.

— Isso parece nojento — respondo, fazendo uma careta. —

Não tem algo assim em *Sex and the city*?

Ele ri novamente e dessa vez eu o acompanho.

— Não sei. Mas parece, não é? Mesmo assim tenho curiosidade, pra mulher deve ser melhor, porque dizem que o orgasmo feminino é bem mais intenso. Bom, é algo que nunca experimentei — comenta, casualmente. — Você que perguntou.

— Sei...

— E nunca fiz amor.

Essa resposta me causa uma sensação estranha, ele diz isso em um sussurro e penso ouvir um tom melancólico em sua voz, provavelmente é apenas fruto da minha fértil imaginação.

— É, pensei que você diria que nunca fez sexo a três ou em público, mas você tem umas ideias mais peculiares.

— Isso porque já fiz os dois.

— Tá bom, senhor experiente garoto de programa! Mas qual seria o objetivo? Se pra mulher, o orgasmo é mais intenso, já vejo vantagens, mas e para o homem? Quer se sujar?

— Eu? Não. Acho que deve sair quente — comenta, em meio a uma risada —, mas minha curiosidade é mais pela mulher, assistir esse orgasmo intenso assim, deve ser do caralho.

— Já vi que se quiser te surpreender vou ter que fazer xixi em você.

Héctor começa a rir alto agora e não aguento me manter séria. A risada preenche o lugar todo e só posso imaginar que se alguém passar por aqui, vai achar que enlouquecemos.

Apesar de achar graça no que ele disse, não consigo tirar a ideia da cabeça. Queria fazer por ele algo que marcasse, algo que ele jamais tivesse experimentado e, por mais que o tal Golden Shower não tenha me ganhado ainda, fico pensando nas demais opções.

Mais tarde, Héctor se deita ao meu lado e começa a me beijar. Tenho total liberdade na cama, ciente de que estamos em um colchão no chão e que não há nada que possa me atrapalhar.

Eu gostaria de poder imaginar o rosto dele, o corpo, mas não tenho nenhuma referência.

— Posso... conhecer você?

— Como assim? — questiona, sem entender exatamente a que me refiro.

Primeiro busco seu rosto, toco a barba aparada e o queixo anguloso.

— Consegue se descrever pra mim?

Héctor guia minhas mãos até seus cabelos, para que eu possa os tocar enquanto ele fala.

— Meus cabelos são lisos e pretos, o corte não é tão curto, as vezes caem um pouco sobre meu rosto.

Toco os fios sedosos e aquiesço, ainda que não veja consigo imaginar o que ele diz. Minhas mãos passam por sua testa e então toco suas pálpebras fechadas.

— Meus olhos são verdes e intensos.

— Sério?



— Não — ele ri —, são castanhos, mas pensei que pudesse te enganar...

Sorrio com a brincadeira dele, mas meu reconhecimento continua.

— Meu nariz acho que é normal, nada muito marcante. E minha boca, hum...

Ele se cala para que eu toque seus lábios, proporcionais e macios, e por fim o queixo e a barba.

— Eu não sou muito branco, também não sou negro, acho que posso dizer que tenho um bronzeado do sol o ano inteiro.

— Certo, eu sou bem branca — comento, tentando nos comparar —, sou mais clara que você?

— Sim, bem mais.

Meus toques sutis continuam.

— Você tem os piercings nos mamilos...

— E várias tatuagens.

— Mesmo? Como elas são?

— Bom, começam no pescoço, tem uma mandala nele, sabe? Ela cobre meu pescoço completamente. Meu peito também é

todo desenhado — ele fala rindo —, são desenhos geométricos, flores e mandalas idênticas dos dois lados, mas no meio tem uma imagem de uma espécie de tornado, que representa destruição.

— Por que destruição?

Toco seu pescoço e trilho o caminho para o meio do peitoral, bem onde ele acaba de mencionar o desenho.

— Sei lá — Ele está rindo de novo e acaba me contagiando.

— Quando fiz eu achei uma imagem da hora e curti que representasse isso.

— Mas por quê? — insisto.

Como estou com as mãos em seus ombros agora, sinto quando ele os levanta.

— Talvez porque eu seja destruição.

— Você não é, você é tudo de bom no mundo — falo —, ao menos é assim comigo.

— É que você desperta meu lado adorador de fadas.

Ainda sorrindo, desço a mão para o abdômen, sentindo os gominhos marcados.

— Aqui também tem?

— Não, não tenho tatuagens aí, mas meus dois braços são completamente cobertos.

— E o que tem neles? Mais mandalas?

Héctor conduz minhas mãos para seus braços fortes.

— Em um deles tem um anjo, bem em cima, com auréola e tudo, em volta dele e descendo têm nuvens e espaços, pássaros, como se fosse o céu. Do outro lado são mais mandalas e flores, inclusive nas mãos.

— E eu nunca fiz uma tatuagem.

— Pois deveria fazer, eu acho que logo não vou ter mais espaço no corpo.

— Tem mais?

— Minhas costas estão cobertas, um leão enorme, cercado por uma grande folhagem, e minha perna direita tem um navio no alto da coxa, e o mar representado abaixo. A outra perna ainda está livre.

Sorrio, tentando imaginar o todo.

— Você é como uma obra de arte.

— Gosto de imaginar que seja.

Toco suas pernas e tento visualizar os desenhos que ele descreveu, não sei se consigo, mas ao menos tenho uma ideia de como ele é. É como quando lemos um livro e tentamos montar um personagem na mente com base nas características descritas.

— Bom, no meio de tudo, tem isso aqui... — Héctor coloca minha mão sobre uma protuberância macia e que aos poucos começa a enrijecer.

— Não acredito que colocou minha mão no seu pau em um momento como esse!

— Você queria me conhecer inteiro...

— Já conheço essa parte.

Seu corpo estremece com a risada.

— Então sabe que são vinte e cinco centímetros de prazer e que tem um piercing na cabeça. A grossura é ideal pra te levar à loucura.

Sua boca busca meu pescoço e por um momento perco o foco no que estávamos falando, mas percebo um detalhe ainda que minha mente comece a se dispersar.

— Eu não enxergo, mas sei medir, tá tentando aumentar o tamanho dele?

— Me pegou. São dezenove e não preciso de mais que isso.

— Ninguém precisa, e sobre o resto eu concordo.

— Agora que já conheceu cada pedaço meu, que tal ficarmos sem roupa, Fada?

Ainda estou pensando no que conversamos mais cedo e coloquei na cabeça a ideia de proporcionar novas experiências a ele também.

— Quero tentar algo diferente. Posso?

— Pode. O que quiser...

Tateio o chão ao lado da cama e encontro minha bolsa.

Dentro dela, pego a gravata que eu trouxe para entregar a ele.

Quando a trouxe, não imaginava que teria uma finalidade tão diferente do previsto.



## Capítulo 12

### **Héctor**

Rafaela coloca a gravata sobre os meus olhos, e eu a ajudo a amarrar. A experiência de ficar com ela é cada vez mais surpreendente. Suas mãos me empurram até que eu me deite sobre os travesseiros e então ela monta em cima de mim.

Um pouco depois, sinto um líquido quente sendo derramado sobre o meu peito.

— O que é isso?

— Quietinho. Minha vez de dominar as coisas por aqui.

Suas mãos espalham o líquido, em movimentos constantes, é uma sensação muito boa.

— Estou gostando disso...

Não consigo prever onde ela vai me tocar em seguida e isso me excita, cria expectativa e me faz ficar ansioso para descobrir os seus próximos passos.

Sinto seu cabelo tocar meu rosto e então sua boca está em meu pescoço. Rafaela me beija e lambe, arrancando um gemido da minha garganta.

Porra de Fada gostosa...

Ela é inexperiente, mas compensa em vontade, ela me saboreia como alguém faminta diante de um banquete. Seus beijos tomam cada pedaço do meu corpo que antes ela conheceu com as mãos e, quando finalmente chega abaixo do meu umbigo, sinto suas mãos me despirem da cueca e se fecharem em volta do meu pau.

Rafaela segura firme e fico aguardando em silêncio, mas arquejo quando sinto o calor da sua língua me tocar.

— Caralho...

Ela usa a boca para brincar com a joia na ponta dele, me enlouquecendo, e o fato de não poder ver o que está fazendo me

deixa alucinado. Então me sinto ser engolido pela umidade da boca dela, que suga forte.

Enrolo seus cabelos na mão e fodo sua boquinha, a princípio com cuidado, mas quando ela me leva até o fundo sem reclamar, com vontade, e alternando entre lambidas e sucção, não resisto e passo a entrar com mais força.

— Huum... — ela geme como se me saboreasse, e o som que vem direto da sua garganta é a minha perdição.

Como é que uma garota que era virgem até outro dia pode me fazer gozar em cinco minutos?

Tento focar meus pensamentos em outras coisas e por algum tempo funciona, subo as mãos por baixo do vestido que ela

está usando, até alcançar seus seios e os toco, também provocando-a.

Rafaela despeja um pouco do líquido quente no meu pau, e me masturba com desenvoltura, sem parar de sugar a ponta dele.

— Se continuar chupando assim eu vou ser obrigado a encher sua boca, Fada.

— Ainda não...

Ela se afasta e solto seus cabelos, frustrado com a interrupção, mas a frustração só dura um minuto.

Sinto a boceta apertada descer sobre o meu pau e trinco os dentes quando ela começa a subir e descer. Ouço o som do corpo dela contra o meu e os gemidos de tesão que ela não reprime.

Minhas mãos erguem e arrancam seu vestido pela cabeça e toco seus seios até ela gemer, aperto a carne macia nas minhas mãos e belisco seus mamilos de leve, arrancando um gritinho gostoso dela.

— Posso te ver gozar? — peço, ansioso para a assistir em cima de mim.

— Pode...

Atiro a venda longe e me deparo com a imagem que nunca vai abandonar minha mente. Os cabelos loiros caídos sobre os seios que sobem e descem junto com o corpo dela, seus

lábios entreabertos, a respiração ofegante, os olhos fechados. A calcinha foi apenas afastada para um dos lados, como se ela não pudesse esperar para montar em mim.

Maria Rafaela é a coisa mais gostosa que eu já vi.

Empurro o quadril contra o dela, indo mais fundo, metendo enquanto seus gritos intensificam meu prazer. Qualquer um que passasse por aqui poderia nos ouvir agora e isso pouco me importa.

Quero mais é que saibam que estou metendo nessa mulher e assistindo enquanto ela goza pra mim.

Rafaela se entrega, chamando meu nome, os lábios formando um círculo perfeito enquanto seu corpo estremece com meu pau bem no fundo. Não consigo resistir a imagem que ela é, me enterro mais e mais, sentindo o gozo sair de mim para dentro do calor dela.

Seu corpo desaba sobre o meu, e acaricio suas costas e seus cabelos conforme nossas respirações vão se acalmando. Beijo

seu queixo e a encaro com adoração.

— Nossa, Fada...

— O quê?

— Eu acho que me enganei a seu respeito.

Vejo seu sorriso terno, doce. Nem parece a mesma mulher que cavalgava loucamente o meu pau poucos instantes atrás.

— Por quê?



— Você sabe ser doce e meiga, angelical até. Mas no fundo é safada.

Ela meneia a cabeça, ainda sorrindo.



— Já disse que eu não sou uma menina inocente, você que se iludiu.

— Não é? Realmente fui enganado aqui. Rafa, você podia fazer um strip-tease pra mim, hein? Nunca estive do outro lado.

— Acho que está querendo demais.

— Eu tinha que tentar — respondo, me divertindo.

O melhor de passar tempo com ela nem é o sexo, são nossas conversas, a companhia. Quando chego a essa conclusão, também percebo o quanto isso é perigoso.

Acordo antes dela. Maria Rafaela dorme tranquilamente no colchão, uma das pernas sobre a outra e as mãos embaixo do travesseiro, seus cabelos bagunçados caem sobre seu rosto.

Eu me levanto e sigo até a pequena cozinha, não trouxemos muita coisa, mas deve ter café em algum lugar, e preciso muito de uma xícara agora.

Encontro o pó em um pote no armário e alguns filtros dentro da embalagem. Coloco a água para ferver e enquanto espero, procuro por alguma coisa para comermos, mas só trouxe alguns biscoitos.

Coo o café e sirvo em duas canecas e coloco junto com os biscoitos em um prato. Maria Rafaela se remexe na cama e um pouco depois ela se senta.

Assisto enquanto ela se coloca de pé e busca a bengala que trouxe para ajudar a se locomover. Ela abre caminho na direção da cozinha e me chama.

— Héctor? Você fez café?

— Fiz, já coloquei pra você.

— Obrigada. Vou ao banheiro antes... — Ela se vira para o lado esquerdo.

— Fica do outro lado.

— Ah! Obrigada...

Espero por ela e entrego a xícara assim que retorna. Rafa prendeu os cabelos em um coque no alto da cabeça e já passou

protetor solar, sinto o cheiro gostoso no ar.

— Não tem muita coisa aqui pra comer, pensei em irmos até um quiosque que tem um pouco pra frente, já é quase hora do almoço.

— Tarde assim? Nossa... Acho que estava muito cansada.

— É, eu causo esse efeito nas pessoas.

A danada me mostra a língua como uma menininha birrenta, e isso me faz sorrir.

— Qual será nosso roteiro pra hoje? — pergunta, bebericando o líquido quente.

— Pensei em almoçarmos lá, depois podemos dar uma volta pelas barracas da feira de artesanato, comprar lembrancinhas se quiser.

Ela aquiesce, acho que gosta da ideia.

— E mais tarde queria fazer a trilha que passa aqui atrás, podemos entrar no mar depois.

— Uma trilha? Será que eu consigo?

— Com certeza, vou te guiando.

Não encontramos problemas para chegar ao quiosque.

Seguro na mão dela e caminhamos pela areia, sem obstáculos. De modo geral, Rafa consegue se virar muito bem, ela tem um ótimo

senso de direção e seus outros sentidos são muito aguçados, o que facilita as coisas.

Nós nos sentamos em uma mesa no deck de madeira, e uma garçonete vem nos atender em alguns minutos.

— Boa tarde — cumprimenta, sorrindo —, o que vão querer?

— Boa tarde. Pode trazer o cardápio?

Ela não demora a voltar com o menu, mas não se afasta, fica ao lado da mesa aguardando nosso pedido.

— Vocês têm cardápio em braile? — Rafaela pergunta, educada.

A mulher olha dela pra mim, e me sinto incomodado pela maneira como demonstra sua pena, como se houvesse razão para esse sentimento.

— Sinto muito, não temos.

A Fada apenas assente, sem questionar, mas por algum motivo isso me irrita muito mais que a ela.

— Sabia que é lei? Deveriam ter.

Não sei bem como funciona. Acho que bares e restaurantes grandes são obrigados por lei, já sobre os menores não tenho certeza, mas falo mesmo assim.

— Huum... Desculpe — ela fala, mas acho que também não tem certeza de que estou certo.

— Não tem problema, ele vai me falar quais são as opções

— Rafa diz, sorridente. Claro que eu vou, mas não significa que devam se importar menos com a acessibilidade. — Acho que podemos comer um peixe, Héctor. O que acha?

— Pode ser, iscas de Tilápia? Ou quer peixe assado? Tem um ao molho de maracujá que parece bom.

— Eu gosto de molho de maracujá. Uma porção de arroz pra acompanhar?

— Isso... — concordo, agora olhando as bebidas. — Quer tomar cerveja?

Ela nega com um gesto de cabeça, também acho melhor não mexer com álcool antes de fazer a trilha.

— Suco de laranja?

— Perfeito.

A garçonete anota o pedido e se afasta. Tento deixar a irritação com o lance do cardápio de lado e foco em nossa conversa.

Rafaela é sempre divertida, mas, desde que chegamos, sinto que está mais leve e descontraída. Talvez seja o mar, também me sinto assim.

Enquanto esperamos, apoio a mão sobre sua coxa, exposta por um short jeans curto. É impossível me controlar e percebo o sorriso sutil dela que mostra que já percebeu o rumo dos meus pensamentos.

A comida chega e comemos enquanto falamos sobre tudo e nada. Ela me conta sobre suas bandas preferidas e eu falo pra ela sobre meus gostos musicais bastante ecléticos.

Quando terminamos, pago a conta e seguimos para a feira de artesanato que mencionei antes. Rafaela compra lembrancinhas para o irmão, para Amanda e o bebê, Vivi e para o vô Tetê. Também gostaria de levar presentes para eles, mas me controlo, porque isso mostraria claramente que estávamos os dois viajando e não sei se conseguiríamos explicar isso sem nos entregar.

Já são mais de quatro da tarde quando entramos na trilha, atrás da cabana. Levo comigo uma mochila com alguns salgadinhos para comermos e uma garrafa de água grande, que Rafaela já esvaziou quase completamente.

Seguro sua mão, guiando-a pelo caminho, alertando sobre os relevos e as pedras, e descrevendo a paisagem.

— Eu adoro esse cheiro de mato — ela comenta de repente.

Já estamos andando a cerca de vinte minutos, e as árvores são um pouco mais altas aqui.

— De mato?

— É, como te ensinei ontem à noite, quando nos privamos de um sentido, os outros ficam mais despertos — fala, se referindo à venda. — Respira fundo pra você sentir, o cheiro do mato, da terra molhada...

Concordo com um gesto, me esquecendo por um momento que ela não pode ver.

— Eu sei como é. O barulho também, está ouvindo? Os passarinhos cantando, o som do mar que está perto.

— Sim, os seus passos...

— Até nisso você presta atenção?

Desvio de um buraco, a levando para o outro lado da trilha.

— É o que eu mais ouço. Eu escuto seu coração também.

O comentário me surpreende, não entendo como ela poderia ouvir.

— Agora?

— Não — ela ri —, quando estou deitada do seu lado.

— Pedra! — Me viro para segurar e seguro suas mãos, a ajudando a subir na pedra. — Pode vir reto agora.

— Sabe o que eu quero? Mais um pouco de água.

— Você não costuma andar né?

Rafaela meneia a cabeça.

— Não, já não andava antes do acidente, sempre de carro, imagine depois.

Entrego a garrafa nas mãos dela e espero que beba o suficiente antes de guardar de volta na mochila. Logo à frente vejo uma clareira e, saindo dela, finalmente chegamos à praia.

Deixo a mochila em um canto e tiro os chinelos. Ela também fica descalça e eu a conduzo pela mão até a beirada da água.

— Nós vamos entrar?

— Vamos, vou segurar você o tempo inteiro.

Maria Rafaela aquiesce, confiante. Tiro a camiseta e a bermuda, enquanto a observo despindo os shorts e a regata branca.

Agora ela usa apenas um biquíni branco minúsculo, a calcinha desaparece na bunda arrebitada.

Eu a levo para dentro do mar. Caminhamos até a água bater um pouco acima do meu umbigo. Ela não é muito menor que eu, então também está bem, mesmo quando as ondas veem, elas não nos cobrem.

— Que delícia, faz tanto tempo!

— O que é uma pena, porque você fica uma sereia de biquíni.

Rafaela franze o cenho, achando graça.

— Fada, sereia... Estou começando a achar que você tem fetiche com criaturas mitológicas.

— Sabe que estou desconfiando também?

Envolvo Rafaela pela cintura, colando seu corpo molhado ao meu. Caralho, já estou duro só de sentir meu pau roçar na pele dela.

— Eu tenho uma ideia, sereia.

— Por que eu acho que é uma ideia indecente?

— Porque conhece bem o cafajeste que eu sou. Estou pensando, o que acontece se eu colocar meu tridente dentro da fenda da sereia?

O som da risada dela faz um sorriso sincero tomar conta do meu rosto.

— Acho que precisamos descobrir.

— Também acho.

Coloco a mão sob a calcinha do biquíni dela e toco seu clítoris, a instigando, antes de deslizar um dedo para dentro da sua entrada apertada.

— Tem alguém por perto? — ela questiona em voz baixa.

— Não, a praia é deserta. Somos só nós.

Rafaela desamarra a parte de cima do biquíni, ousada, e desfaz os laços laterais da parte de baixo, a deixando nua. Ela toca meu corpo, descendo as mãos até encontrar meu pau e o conduz até sua boceta gostosa.



Não há razão para esperar, estamos vivendo em preliminares o tempo todo, a tensão à flor da pele. Brinco com meu piercing em seu clitóris, provocando, antes de me afundar dentro dela.

Rafaela passa as pernas ao redor do meu quadril e seguro o peso dela no colo, enquanto meto mais fundo e mais rápido.

— Caralho, Rafaela... Você gosta de dar pra mim?

— Eu adoro. Me come mais rápido, Héctor.

Eu nunca imaginaria a princesa de diamante me pedindo para foder mais forte, mas ela pede e sua voz doce falando sacanagem é minha perdição.

— Isso...

— Fada, você acaba comigo, eu quero comer, chupar e gozar nessa sua boceta o tempo todo.

O barulho que a água faz, batendo em nossos corpos é estimulante. Essa mulher molhada, com os seios na altura da minha boca, gemendo enquanto eu me enterro nela a céu aberto, é tudo.

Meus movimentos se aceleram, e ela se remexe quando sente o piercing batendo no fundo dele. Aperto a bunda redonda,

cravando meus dedos na pele macia e trazendo seu corpo pra mim.

— Héc... — ela geme, choramingando. — Eu bebi muita água.

— O quê?

— Água, preciso ir ao banheiro. Você indo fundo na minha bexiga não está ajudando — fala, em meio a uma risada.

Mas sua expressão fica séria de repente.

— Que tal aproveitar pra experimentar aquilo? — sugere, sem explicitar.

Rafaela fica quieta por um instante, acho que Apesar da sugestão, ainda está pensando a respeito.

— Você consegue — instigo. — Se solta enquanto goza pra mim. Quero sentir, gostosa.

Volto a beijar a boca dela, me afundando mais rápido, Rafaela não se nega. Seguro um de seus seios, o erguendo para chupar e espalmo a outra mão em sua bunda, em um tapa forte.

Estoco bruto, sentindo um desejo incontrollável de me fundir a ela.

— Eu vou...

Ela parece estar tentando se soltar, mas acho que exige bastante concentração. Sua boca se abre em um círculo perfeito, enquanto seus olhos se fecham.

Rafaela grita alto, em um gemido muito intenso do que qualquer outro antes e se contorce em meu colo em um orgasmo

delicioso, que me comprime, enquanto sinto os jatos quentes sobre o meu pau. Mesmo dentro da água, é impossível não sentir por causa da diferença na temperatura.

— Héctor... puta que pariu! — fala, me surpreendendo com o palavrão.

O orgasmo dela dura um minuto inteiro, Rafaela continua gemendo e rebolando no meu pau, enquanto eu a carrego na direção da areia agora. Deito a no chão e me movo sobre ela, arremetendo e chupando seus seios, a devorando com minha boca, enquanto fodo sua boceta encharcada. Seguro suas mãos no alto da cabeça e me enterro em seu corpo.

— Caralho...

Saio de dentro dela em tempo e gozo sobre seus seios e sua barriga plana. Quando caio ao seu lado na areia, minha respiração está irregular e a dela também.

— Caramba, o que foi isso?

— Foi o que você pediu — ela fala, rindo, mas suas bochechas estão coradas. — É tão... diferente.

— Você gostou?

— Não pensei que fosse dizer que sim, mas, eu nunca tive um orgasmo tão intenso. Não é algo que dê pra se fazer na cama, mas...

— Foi foda pra cacete.

— Foi.

### ***Maria Rafaela***

Voltamos devagar para a nossa cabana. Não quero pensar muito sobre o que estamos fazendo aqui, mas é impossível não sentir que construímos algo bem além do que planejamos.

Evito analisar a situação para não descobrir que ao final disso, vou perceber que me envolvi mais do que deveria. Héctor é um garoto de programa, um stripper profissional, nós somos duas almas um tanto perdidas que acabaram se encontrando e se identificando. Nada mais que isso.

Mas quando ele segura minha mão assim, me guiando, quando toco sua boca, sentindo seu sorriso na ponta dos dedos,

quando deito a cabeça sobre seu peito e conto as batidas do seu coração, é difícil não pensar que poderíamos ser mais.

Já é noite agora, pra mim a diferença é pequena, mas fora da cabana consigo discernir pelo grau de escuridão.

Héctor inventou de fazer uma fogueira e assar milho e marshmallows, e nem sei de onde ele tirou os milhos. Talvez tenha comprado no quiosque mais cedo ou na feira, sem que eu notasse.

— Um marshmallow por seus pensamentos, Fada.

— Estava pensando de onde tirou esses milhos.

Sua risada me aquece.

— Comprei na feira enquanto você pegava as lembrancinhas.

— Imaginei... posso perguntar uma coisa? É meio particular, suponho.

— O quê? Pode perguntar.

— Como começou a trabalhar com o que faz hoje?

— Abre a boca... — Ele se senta ao meu lado e me oferece um pedaço do doce, que derrete na minha língua. — Eu tinha acabado de ser demitido, morava com a minha mãe e ela simplesmente foi embora.

— Te deixou sozinho?

— Sim, tudo bem que eu já era maior de idade. Mas estava sem trabalho e não conseguia nada, aí me ofereceram a vaga como stripper, eu tinha muitos boletos vencendo e um senhorio ameaçando me despejar, então aceitei.

— E assim surgiu o Incendiário.

— Foi mais ou menos assim, mas o nome vem de uma situação meio inusitada.

— E você já começou com os programas?

— Não, de jeito nenhum. No começo eu rejeitava toda proposta desse tipo, nunca teria entrado nessa se não tivesse acontecido algo que mudou as coisas — ele conta, meneando a cabeça.

— O que aconteceu?

— Minha mãe aconteceu.

Assinto, entendendo mais do que gostaria.

— Por que não estou surpresa? São sempre nossas mães.

— Ela me procurou de repente, estava devendo pra um agiota e sendo ameaçada de morte se não pagasse em alguns dias.

Fiz meu primeiro programa naquela noite.

— E como foi?

— Tive uma crise de pânico e a cliente teve que me ajudar.

Foda...

— Então entrou nessa pra salvar sua mãe?

— É, eu tinha que pagar o dinheiro que a Trin me emprestou, e isso levou vários meses. No fim das contas já não achava tão ruim, ganhava bem, consegui poupar um pouco e acabei ficando.

— Mas não começou porque quis...

— Quase ninguém começa — ele diz, não há autopiedade em sua voz —, mas não ache nem por um momento que sou um pobre rapaz que fui forçado pela vida a isso. Posso não ter escolhido entrar, mas decidi ficar e sou bom no que faço. Não é um problema, entende? Não é uma história triste.

— Não estou julgando, não acho que seja uma história triste hoje. Não mais, mas já foi um dia...

— É, talvez tenha sido.

Sinto seus dedos tocarem minha mão, antes de se entrelaçarem aos meus.

— E sua mãe está onde?

— Não faço ideia, por aí tentando fisgar o próximo marido rico, provavelmente.

— Interessante. Você disse que Incendiário surgiu de algo inusitado, acho que quero ouvir essa história...

Héctor coloca um milho na palma da minha outra mão e percebo que está quente, mas não muito. Começo a comer enquanto escuto sua história.

— Eu vi um número com tochas de fogo e resolvi que queria fazer, meu patrão apoiou e fiz a dança me sentindo um verdadeiro pirotécnico. Mas aí na hora de tirar a calça, coloquei a tocha acesa no chão, dá pra acreditar? Perto da cortina, e pegou fogo.

— Meu Deus! Que ideia foi essa?

— Sei lá, acho que pensei que fosse apagar. Conseguiram controlar o fogo, mas virou piada interna, brincavam que eu literalmente colocava fogo nas calcinhas das mulheres e começaram me chamar de Incendiário, acabou pegando...

— Quem imaginaria que começou por um incêndio literal...

Héctor toca meus lábios com um de seus dedos, o indicador, presumo.

— Não espalhe meu segredo por aí, Fada.



**Maria Rafaela**

Eu vivi possivelmente os melhores dias da minha vida, e eles serão apenas lembranças agora. Talvez eu tenha sido burra o bastante para me apaixonar por um garoto de programa, por alguém que nunca vai querer nada além de sexo, nem comigo nem com qualquer outra pessoa, e agora está na hora de seguir em frente e tirar Héctor do meu sistema.

Faz três semanas desde que voltamos da praia e ainda que tenhamos trocado mensagens algumas vezes, foram relacionadas a coisas corriqueiras e não nos vimos mais. Não vamos nos ver.

Tivemos uma conversa definitiva na volta, e ele deixou muito claro que tinha acabado ali, e está certo. Não faz sentido insistir em algo que está fadado ao fracasso.

— Bom dia, Rafa! Fiz um bolo gostoso pro café, depois você ficou de sair com a Amanda pra comprar umas coisas para o bebê.

— Acho que vou ligar pra ela me pegar aqui.

— Por quê? O motorista pode te levar.

Hesito um pouco antes de declarar meus motivos, até eu sei que eles são bem estranhos, principalmente quando ditos em voz

alta.

— Você... vai parecer uma pergunta estranha, mas você notou que ele tem cheiro de pinho?

— O motorista?

O tom dela não poderia ser mais surpreso.



— É, eu até gostava de cheiro de pinho, mas está me embrulhando o estômago. Tadinho, ele é tão legal, mas não tô conseguindo ficar perto dele.

Vivi solta uma gargalhada, com certeza achando hilário tudo que eu disse.

— Nunca vi isso! Cheiro de pinho, Rafaela? Você e esse seu nariz sensível.

Sou obrigada a concordar.

— Pois é, tô chateada. Parece coisa de gente arrogante, ficar reclamando do cheiro dos outros. Ainda se fosse um cheiro ruim... mas pinho!

— Para de falar bobagem e come o bolo. Coloquei o prato na sua frente e à sua esquerda o suco de laranja.

Preparo uma garfada do bolo para levar à boca, mas sinto a náusea vir forte, junto com o cheiro.

— Você colocou ovo no bolo?

— E como quer que eu faça um bolo sem ovos? Que pergunta! Claro que coloquei ovo.

Faço uma careta involuntária.

— Não sei por que, mas está com cheiro forte.

— Iiiiiii, você tá impossível! Credo! — Vivi tira o prato da minha frente, reclamando. — Vai comer o que, então?

— Não é de propósito! Só tô enjoada! Me dá uma fruta...

— Se eu não soubesse que é improvável, eu acharia que está grávida.

E repentinamente fico tensa.

Droga. Não pode ser isso...

— Não tem como ser isso, certo, Rafa?

— Não tem, né? — também pergunto, analisando a possibilidade. — Quer dizer, eu comecei a tomar remédio!

O gemido que Vivi solta não me parece muito positivo.

— Mas vocês usaram camisinha, não usaram? Porque você sabe que o remédio pode falhar nos primeiros meses...

— Eu... Por que ele pode falhar?

*E por que eu não sabia disso?*

— Maria Rafaela! Você não pode ter engravidado de um stripper, pelo amor de tudo que é mais sagrado!

— Vivi! Eu... Ai, meu Deus... — Sinto uma pontada forte no peito e quase instantaneamente o ar começa a me faltar. — Eu vou morrer.

— Calma, respira!

Ela segura minhas mãos, mas não adianta. Não posso encontrar o fôlego e meu coração bate tão forte que consigo ouvir.

Começo a suar e me sinto claustrofóbica.

A vontade que tenho é de sair correndo para a rua, em busca de ar fresco. Aperto as mãos uma na outra e sinto meu corpo travado, como se não pudesse sair do lugar, por mais que eu queira.

— Não tem bebê, fica calma!

Bebê. Ela disse bebê! Isso não pode estar acontecendo comigo.

— Vivi, o que eu faço? — pergunto, respirando o mais rápido que posso.

— Eu vou desmaiar! — Ouço o baque do corpo dela quando se joga também em uma cadeira.

— Você não pode desmaiar. Eu preciso da sua ajuda!

— Tá, respira fundo, vamos pensar. — A cadeira se arrasta, em um sinal claro de que ela se levantou novamente. — Primeiro seu remédio, precisa ficar tranquila.

Espero até que ela retorne, me ocupando apenas de inspirar e expirar. Sinto como se tudo ao meu redor estivesse comprimindo

meu corpo, se fechando sobre mim e é aterrorizante.

— Comprimido, abre a boca. — Faço o que ela diz e sinto a drácea na língua. — Agora água.

Ela entrega o copo na minha mão para que eu beba e engulo o remédio em um instante.

— Pronto. Bom, você precisa fazer um teste antes. Não adianta ficar aqui sofrendo por algo que não sabemos se é verdade, primeiro confirmamos e depois pensamos no que fazer.

Estou tentando manter a calma, mas quanto mais penso nisso, pior me sinto.

Teste. Precisamos fazer um teste, nisso ela tem razão. Não adianta surtar com uma hipótese sem ter certeza.

— Vou pedir na farmácia pra entregarem, fica quietinha aí.

Se existe uma coisa que não posso reclamar de Vivi é da sua agilidade. Ela faz uma ligação e encomenda os testes, quinze para ser mais exata, e cerca de trinta minutos depois eles chegam.

— Por que pediu tantos? Não vou conseguir xixi pra tudo isso.

— São uns modelos novos, que tem que ficar alguns segundos sob o jato. Segura todos e faz o xixi em cima.

Ela me acompanha até o banheiro, ainda estou assustada com a possibilidade, mas o remédio fez efeito e me deixou um pouco mais calma.

Vivi abre todas as embalagens, antes de me fazer segurar um amontoado de testes. Ela também me explica em qual ponta preciso testar e depois me deixa sozinha.

Catorze testes de farmácia depois e não restam dúvidas, eu consegui engravidar de um prostituto. Um dos quinze testes deu falha, mas Vivi conferiu todos os outros e o resultado positivo foi unânime.

— E agora?

Sigo até a sala e me jogo no sofá, levo as mãos à cabeça, tentando encontrar uma saída.

— Agora... Bom, acho que vai ter que falar com o Héctor.

— Vivi, por que eu falaria pra ele? — Meneio a cabeça, dispensando a sugestão. — Nós não somos um casal, e ele... Bom, ele vive de sexo! Não posso pedir que assuma um bebê.

— Uma coisa não tem a ver com a outra. Pra começar vocês nem precisam ser um casal, ele só precisa ser pai.

Ela parece não entender tudo o que a paternidade implica.

— Claro que tem, não posso fazer isso, não é como se ele estivesse aí para correr esses riscos, é só o trabalho dele, não dá pra aparecer falando que vai ter que assumir um bebê. Além disso, ele é amigo da Amanda, imagina o caos que isso ia ser? Preciso encontrar outra forma.

— Fica calma, independentemente disso você tem família que te ama, e tem a mim.

— O Leon! Ele vai me matar, eu não consigo lidar com ele agora, Vivi.

— Ele não vai te matar, mas não garanto nada quanto ao Héctor...

— Meu irmão nunca vai poder saber!

Eu me levanto e começo a andar de um lado para o outro, tentando encontrar uma solução para a minha vida.

— Bom, quando a barriga começar a aparecer isso vai ser difícil.

— Vai ser uma prova de fogo lidar com meu irmão agora, contar sobre a gravidez, vou ter crises e ficar pior. Não posso fazer isso com o bebê... O Leon não pode saber.

— Mas como? Como vai esconder uma gravidez até se sentir pronta pra enfrentar ele?

— Ficando longe. É... é a única forma.

Vivi fica quieta por um minuto, acho que tentando entender a que estou me referindo.

— Você quer voltar pra Flor dos Montes?

— Não! Preciso ficar em algum lugar em que o Héctor não possa me ver, porque ele vai saber que é dele. Não vou chegar e jogar uma bomba dessas em cima do rapaz, não estava no pacote.

— Não estava pra você também.

Aquiesço, porque com certeza eu não esperava por isso.

— Mas eu posso lidar com a gravidez.

— Rafa, você não tá pensando direito. Como vai cuidar do bebê sozinha? Além disso, o Héctor é próximo, ele vai saber quando você contar pra Amanda, mesmo que seja depois.

— Não vou estar sozinha, você vai estar comigo. — Penso nos próximos passos e em como proceder depois. — Quando o bebê nascer vou operar, se Deus me abençoar vou voltar a ver e cuidar do meu filho. E sobre o Héctor, bom, vou falar que não é dele, que... Não consigo, penso nisso depois.



Sinto suas mãos tocarem meus braços, e ela me puxa de volta para o sofá.

— Pra onde nós vamos? Leon não vai aceitar isso assim tão fácil.

— Por isso vou inventar um motivo. Vou dizer que recebi um convite pra dar aula de piano para crianças e por isso vou me mudar.

— Será que ele vai acreditar?

— Vai, porque é verdade, vamos pra Holambra e vou aceitar o convite que eles vêm me fazendo há tanto tempo.

Foram precisos três dias para que eu conseguisse sair de casa para ter a conversa com Leon, não consegui o enfrentar antes.

Estamos jogando palavras cruzadas, vovô Tetê e eu. Mesmo que não esteja com cabeça para isso, não pude recusar um pedido dele, que ainda que eu não seja sua neta, também me acolheu como uma.

— São cinco letras, corte de madeira — ele diz, esperando que eu ajude a encontrar a resposta.

— Huum... Ripa não dá, acho que tábua.

— Isso! Tão esperta!

Se eu fosse mesmo tão inteligente não estaria agora suando frio com a perspectiva de avisar meu irmão sobre a mudança.

Porque não teria engravidado de um stripper.

— Aqui temos cirurgia estética, no nariz. Onze letras.

— Essa é fácil, rinoplastia.

— Opa! Acertou de novo. Sabe, você é melhor que a Amanda nisso, mas não conta pra Minha Canção o que eu falei, tá?

Isso me faz sorrir. Vô Tetê é uma fofura e qualquer um tem sorte em ter o velhinho por perto.

— Pode deixar, não conto pra ela.

— Não vai me contar o que, dona Maria Rafaela?

Ouçó a voz de Amanda e fico tensa. Dependo da ajuda dela para falar com Leon, mas não sei se consigo mentir bem o bastante

para que acreditem em mim.

Eu só preciso de tempo. É óbvio que vão descobrir a gravidez e o bebê futuramente, mas se eu puder ao menos desviar o foco da minha interação com Héctor, e adiar o momento em que terei de contar a eles, será o suficiente.

— Fofoca nossa, cunhada.

— Que bom que você veio... — Seus passos seguem até perto de mim e me levanto para abraçá-la. — Vai jantar com



a gente?

— Não, eu quero falar com você e depois com meu irmão, mas quero que esteja perto.

— O que houve?

Amanda se senta na cadeira ao meu lado.

— Lembra que falamos no aniversário do vô Tetê sobre a oferta de emprego em Holambra?

— Lembro...

— Eu decidi aceitar. Pensei muito a respeito e acho que é o melhor pra mim.

— Por quê? Pensei que fosse ficar por perto e depois, quem sabe, trabalhar na Gracy's com o Leon.

— Pode ser que futuramente eu faça isso. Mas agora, sinto que vai ser bom pra mim, com as crises de ansiedade...

— Você acha que as aulas de piano vão ajudar?

— Não apenas as aulas — falo, ao menos essa parte não é bem uma mentira —, mas o ritmo de cidade pequena, desacelerar um pouco, sabe? E tem as aulas, claro, cheguei a mencionar que o instituto acolhe crianças e adultos com deficiências? Vai ser bom conviver com pessoas que como eu, lidam com suas dificuldades.

Acho que tenho muito a aprender.

Amanda respira fundo.

— Bom, eu preferia ter você por perto, mas se acha que vai ser bom pra você de tantas maneiras, não posso discordar.

— Quero que me apoie quando falar com o Leon.

— Tudo bem, seu irmão é superprotetor, mas vocês moraram longe boa parte da vida, e ele só quer o melhor pra você,

não acho que vá implicar com isso.

Depois disso, falamos sobre o trabalho dela como estilista, sobre a gravidez. Vô Tetê também entra no assunto e conta sobre os filmes que os três, ele, Amanda e Leon têm visto juntos e sobre sua dieta que agora é um pouco menos restrita — após ter feito um transplante de rim.

Leon não demora a chegar. Escuto o elevador se abrir na cobertura e depois o barulho mais pesado dos seus sapatos sobre o piso.

— Boa noite, Minha Joia — ele cumprimenta Amanda, com um beijo estalado que consigo escutar —, vovô.

Acho que só então ele se dá conta da minha presença.

— E Rafa? Não sabia que estava aqui.

— Vim conversar com você sobre uma coisa.

— Que foi? Algum problema?

Recebo um beijo no rosto também e depois escuto a cadeira sendo arrastada para que ele se sente ao lado de Amanda, de frente para mim.

— É uma novidade, mas é algo bom.

— O que é?

— Sabe o trabalho que me ofereceram em Holambra?

Leon não responde, o que me leva a crer que já tenha entendido o rumo dessa conversa.

— Resolvi aceitar. Eu sei que você não esperava por isso, mas vou explicar meus motivos.

— Rafaela, eu sei o quanto você gosta do piano e dar aulas poderia ser bom, mas não tem por que ser lá, tenho certeza de que pode encontrar um lugar para ensinar aqui, talvez dar aulas particulares.

— Eu sei, acontece que é um lugar único. As pessoas que frequentam também lidam com suas deficiências, acho que tenho muito a aprender com eles. Além disso, tem o que eu estava comentando com a Amanda, vai ser bom seguir o ritmo da cidade pequena de novo, mais tranquilo. Minhas crises de ansiedade podem diminuir, o tratamento vai fazer um efeito melhor em um prazo mais curto.

Ele demora um pouco a responder, acho que considerando tudo o que eu disse.

— Olha, irmã, eu sei que tem idade pra decidir o que vai fazer da vida. Minha preocupação é porque antes, bem ou mal, você tinha a... Suzana — fala, se referindo à mãe. — Mas e se precisar de ajuda? Eu sei que você é independente, mas...

— A Vivi vai comigo — explico, visando o tranquilizar —, vamos continuar trabalhando juntas. Ela vai cuidar da casa e me ajudar no que for preciso.

Busco as mãos de Leon e percebo que estão muito frias, as mãos dele sempre ficam geladas quando está nervoso.

— Não precisa se preocupar comigo, eu sei que é complicado porque sou sua única irmã, mas garanto que

tomei essa decisão pensando no melhor pra mim.

— Tudo bem — Sua resposta vem acompanhada de um aperto nas minhas mãos —, eu vou aumentar o salário da Vivi, pode falar pra ela, já devia ter feito isso antes. E se vocês precisarem de qualquer coisa podem me ligar.

— O trabalho lá não é voluntário, não precisa se preocupar.

— Vou continuar depositando sua parte dos lucros mensalmente. A Gracy's é sua também, então não precisa ficar pensando nisso.

Aquiesço, de acordo. Não estou em um momento adequado para recusar dinheiro, vou ter um bebê e preciso me adaptar a gravidez da melhor maneira possível.

— Obrigada por entender.

— Eu não gosto disso, mas apoio você sempre e entendo.

Não quero que se limite ou que deixe de fazer qualquer coisa por causa do meu receio. Você pode e deve fazer tudo que quiser.

— Eu te amo, Leon. Se pudesse, juro que nunca faria nada que fosse te magoar — falo com sinceridade.

Estou pensando no bebê, na gravidez e nas mentiras que venho acumulando. Mas ele não sabe disso, claro.

— Não me magoa, vou sentir saudades, mas está tudo bem.

### ***Héctor***

Eu deveria tirar a garota da cabeça, mas isso tem se provado uma tarefa difícil.

Estou no palco agora, erguendo a tocha de fogo no alto e dançando para uma plateia bem animada.

Caminho até o suporte, que fica bem na frente, e deposito a tocha no lugar, antes de começar a abrir os botões da camisa.

Uma loira na primeira fila me chama a atenção, e por um mísero segundo penso que é ela, que Rafaela voltou. Mas então a mulher se vira e fica nítido meu engano.

Ela não vai voltar à boate, também não vai aparecer na porta da minha casa.

Eu mesmo me encarreguei de deixar claro que as coisas precisavam de um ponto final. Se fosse outra pessoa eu poderia ter deixado que seguissem adiante, encontros ocasionais e sem relevância, mas percebi o quanto me sentia envolvido por ela, e fui obrigado a colocar um fim antes que fosse tarde.

Agora me pergunto se não demorei muito a fazer isso.

Talvez aquela viagem tenha sido o ponto irreversível, ou antes mesmo daquele fim de semana. Se estou vendo Maria Rafaela em meio a uma multidão de rostos desconhecidos, algo deu bem errado no meu plano de sexo sem apego.

Tudo em mim grita para que eu a procure, para que eu ligue e a convença a ficar comigo ao menos mais uma vez. Para erradicar de uma vez por todas esse desejo do meu sistema.

Mas a parte racional me lembra dos motivos que me levaram a essa decisão. Ela é o fruto proibido, e deve continuar sendo.

Quando a apresentação termina, sigo para o camarim atrás do palco, e encontro Ítalo se trocando para entrar. Ele já colocou a fantasia e está calçando os sapatos agora.

— E aí, cara? Qual é a boa hoje?

— Tenho um horário reservado pra Domênica amanhã cedo, então vou dormir.

— A mulher daquele médico? Achei que fosse semana que vem — ele comenta.

Trabalhamos juntos há tanto tempo que meio que já sabemos a agenda extra um do outro, e nos conhecemos do colégio, antes disso.

— Eu viajei umas semanas atrás, lembra? Aí deu uma bagunçada. — Lembro, acabou não me contando como foi.

— Foi legal — respondo, sem querer me estender.

Ítalo me encara, parecendo querer levar o assunto adiante, mas não está nos meus planos falar sobre Maria Rafaela com ele, ou com qualquer outra pessoa.

— Enfim, vou me trocar pra ir embora. Acho que já estão te anunciando.

Ele concorda, mas enquanto sigo para o banheiro sinto seus olhos curiosos na minha nuca.



## Capítulo 14

### **Héctor**

Isso nunca havia acontecido comigo. Claro que em algumas vezes precisei de mais esforço que em outras, mas sempre consigo desenvolver meu trabalho e o que esperam de mim.

Desde que deixei de trabalhar para a Trin, passei a escolher minhas clientes, então geralmente não tenho dificuldade em fazer meu pau entender que é hora do serviço e, quando acontece, basta

desviar os pensamentos para um momento mais estimulante, pensar nos cenários mais propícios, que ele dá sinal de vida.

Dessa vez nada disso foi o bastante.

Domênica não é o problema. Ela é uma mulher bonita, na faixa dos quarenta e com tudo em cima, principalmente considerando que o marido é cirurgião plástico. O que ela tem de físico, falta em personalidade, assuntos em comum e química, mas tudo bem, essa não é mesmo a questão.

Dessa vez ela escolheu um conjunto de lingerie de oncinha, que deveria me parecer sexy, mas que está surtindo o

efeito contrário no mini Héctor. Ele não parece encorajado a enfrentar a fera, talvez porque ela tenha insistido que ele também deveria se vestir a caráter e me fez colocar uma espécie de tanga de oncinha,

que deixa boa parte dos meus atributos de fora. Como não posso permitir que a cliente perceba minha falta de ânimo, planejo a fuga de sempre, pensar em coisas mais animadoras, em situações mais prazerosas.

O problema é que recentemente, o ponto do meu cérebro que pensa em sexo, resolveu se ligar à Fada, e tudo que consigo imaginar é o rosto dela, a boca aberta enquanto goza chamando o meu nome e o corpo feito para ser fodido. No entanto, a imagem que deveria me deixar ereto, não o faz. Porque me sinto um merda por imaginar Rafaela enquanto estou me preparando para transar com outra pessoa.

— E então, Incendiário... — Domênica sussurra, me fitando com olhos brilhantes. — O que vai fazer comigo hoje?

Abro meu melhor sorriso safado, me forçando a entrar no clima.

— O que quiser, meu bem.

— Pensei em incluirmos algo novo no cardápio — ela fala, sugestiva —, quem sabe a porta dos fundos?

A proposta seria animadora em outro momento, agora não me sinto impelido a nada. Talvez até a porra do meu estômago esteja embrulhado, isso justificaria minha falta de empolgação com o serviço.

— Quer dar essa bunda gostosa pra mim, oncinha? — *Eu sei, também me sinto um idiota falando coisas assim.* — Vou



te pedir só um minuto, preciso usar o banheiro antes.

Eu me esgueiro pela porta entreaberta e a fecho atrás de mim. Minhas roupas estão no quarto, mas deixei a carteira sobre a pia e, lá dentro, tenho a solução para o meu problema. Não costumo recorrer a artifícios, mas quando o natural falha não resta outra opção, não posso destruir minha fama por ficar pensando em uma garota que nunca vai ser minha de verdade.

Abro a carteira e encontro a pílula azul. Faço uma careta antes de jogar o comprimido na boca e abrir a torneira para engolir um pouco de água.

— Querido! — A voz dela está muito alta agora. Fecho a torneira, repentinamente em estado de alerta. — Não sabia que chegaria hoje...

Merda, é o marido!

— Não sabia? Pensei que estivesse usando isso pra me surpreender.

Fecho os olhos sabendo que o pior está por vir, dois segundos se passam antes que ele entenda o que está havendo.

— Você estava com outro, Domênica? Onde está o desgraçado?

Analiso minhas opções. Em uma luta corporal eu poderia vencer, já vi o sujeito, mas não estou disposto a bater em um cara que está sendo traído pela mulher, isso seria desumano. Além disso, ele tem uma arma em casa, eu já vi ao lado da cama. Se o homem se lembrar dela, aí fodeu de verdade.

A janela do banheiro não me parece grande o bastante para que eu saia tranquilamente, mas acho que se me espremer e talvez me machucar um pouco, possa ser possível. Mas pode ser que eu fique entalado e aí vão ter que chamar os bombeiros, vai ser uma cena e tanto.

— Quem é ele, sua puta mentirosa?

Ouçõ as portas do guarda-roupas sendo abertas e sei que tenho pouco tempo.

Subo no vaso sanitário e alcanço o beiral da janela, consigo içar o corpo para cima e passo uma das pernas, bem quando a porta se abre em um estrondo.

— Você estava comendo minha mulher, seu vagabundo?

Domênica está atrás dele, chorando e tentando conter o marido, que está agora segurando um controle remoto na mão. Eu não deveria rir, a situação é tensa, mas não sei por que a imagem do homem com o controle na mão me parece engraçada. O que ele pretende com isso?

— Eu vou te matar! — Ele atira o controle que acerta bem no meio da minha testa.

Incrivelmente dói pra caralho e já não estou rindo quando ele agarra minha perna que ainda está pendurada do lado de dentro do banheiro.

— Me solta — falo, meio tenso.

Estou com uma perna de cada lado e o corpo curvado para caber na altura da janela.

— De jeito nenhum! Não é amante dela? Me enfrente como homem e leva essa vagabunda com você. Pro inferno!

Droga, parece que ele tem sede de vingança.

— Eu não sou amante de ninguém, me larga... — Puxo a perna com força e ele acaba soltando, mas com isso me desequilibro e me vejo caindo do alto da janela.

Não sei quantos metros são, mas sinto o baque forte do meu corpo sobre o gramado e faço uma careta de dor. Talvez tenha quebrado alguma coisa, minha perna dói pra caramba.

— Eu vou te matar!

O homem não parece estar brincando, e quando ele some da janela, sei que não tenho muito tempo até que busque a arma.

Eu me levanto e corro, arrastando a perna na direção do portão. Consigo escalar, mesmo que esse seja bem mais alto do que aquele que pulei com Maria Rafaela, e quando chego no topo, me apoio no muro, as fisgadas na perna ainda mais fortes.

Eu pulo e tento me apoiar nos braços, que agora estão ralados e sangrando.

— Puta que pariu! — Urro com a dor que quase me faz desmaiar.

Coloco-me de pé e olho para os dois lados. Não tem muita gente na rua, mas avisto um casal caminhando abraçado na minha

direção. E eu estou de tanga, a porra de uma tanga de oncinha enfiada na bunda.

Saio pulando em uma perna, rumo ao carro que estacionei na esquina e passo por eles, que me encaram chocados. Ainda arrisco um aceno com a mão.

— Dia difícil — grito, sabendo que estão vendo metade da minha bunda agora.

Merda. Quando consigo chegar ao carro me lembro de um detalhe importante, minhas roupas, assim como as chaves e o celular, ficaram na casa dela, só consegui pegar a carteira.

Olho para os lados e avisto uma pedra, não penso duas vezes antes de pegá-la do chão e quebrar o vidro da janela.

Destravo a porta e me sento atrás do volante, tomando o cuidado de me livrar dos cacos de vidro antes. Ligação direta é minha única saída, por sorte minha vida não foi mole e já precisei fazer isso uma vez antes, então conheço os princípios. Pego um canivete que guardo no porta-luvas e saio do carro novamente, abro o capô e faço o trabalho de descascar os cabos rapidamente para fazer a ligação.

Quando dou a volta para entrar, vejo o marido médico correndo na minha direção, dessa vez com o revólver na mão, o que faria um estrago considerável na minha... Bom, na minha vida.

Uma velhinha me encara com os olhos muito arregalados do outro lado da rua e as bochechas coradas. Ignoro os dois e me sento no banco, batendo a porta em seguida.

Dou a partida e peço a Deus que me ajude.

— Por favor... Eu sei que não mereço, mas me tira dessa!

Eu juro que vou tentar ser um pouco melhor, por favor Deus... Eu não estou pronto pra morrer, ainda mais por uma mulher chamada Domênica.

O carro pega, mas agora o médico já está batendo na traseira dele, quando consigo arrancar, o homem já está ao lado do vidro quebrado, apontando a arma diretamente para a minha cabeça. Saio cantando pneus e ouço o tiro ecoar, mas ele fica para trás rapidamente.

— QUE FILHO DA PUTA DESGRAÇADO QUE EU SOU!

Não tenho como ligar pra ninguém, meu celular já era. Dirijo para casa, porque não tenho coragem de encarar ninguém assim, preciso me vestir antes de ir ao hospital.

— Obrigado, Deus! Eu juro que vou dar um jeito na minha vida e não vou mais pegar a mulher de ninguém.

Mas quando por fim estaciono na porta do meu apartamento em São Paulo, percebo que o carma é mesmo real. Amanda e Leon estão parados à minha porta, segurando o que parece ser uma vasilha com comida.

Soco o volante com raiva e penso em maneiras de explicar meu estado, mas Amanda dá a volta no carro para falar comigo e seus olhos percorrem o todo antes que eu tenha uma ideia. Ela fita

o vidro quebrado, meus braços ralados e minha cara que deve estar horrível.

— O que foi que aconteceu com você?

Leon caminha até parar ao lado dela e arregala os olhos, antes de cobrir os da esposa, o que me lembra que estou praticamente sem roupa.

— Nem sei por onde começar, mas eu acho que preciso de uma ajudinha.

— Você está usando uma calcinha? — Vidal pergunta. — E está... Excitado? Que porra é essa?

Apesar da seriedade, percebo que uma parte dele acha isso engraçado.

— Não é uma calcinha, é uma tanga masculina! De oncinha.

Mas isso é o de menos, acho que quebrei a perna, liga pra Nath, Amanda. Ela tem a chave de casa, preciso entrar e pegar uma roupa.

— Você precisa ir para o hospital! — ela grita, alarmada.

— Como está animado assim com a perna quebrada?

— Eu... Merda, isso não vai passar tão cedo.

Leon segura uma risada, acho que entende que tomei alguma coisa, porque não me questiona mais a respeito.

— Calma — ele fala, e estranhamente parece o mais tranquilo de nós —, a Nathália vai demorar a chegar, eu tenho uma roupa que uso pra malhar no carro. Pega pra ele, Amor.

Amanda aquiesce e sai, ainda sem olhar diretamente pra mim.

— Você vai ter que dar um jeito de vestir isso e vamos te levar pro hospital, porque, pelo ângulo dessa perna aí, deve estar doendo pra cacete. — Ele faz uma careta e parece até um pouco pálido. — Que merda você fez?

— Estava trabalhando...

— Acho que devia repensar certos serviços.

— É, também acho. Pensei que ele fosse me matar.

Leon aquiesce, me encarando com seriedade.

— Se fosse minha mulher... — Vidal faz uma pausa. — Ou minha irmã, você já estaria morto.

Respiro fundo, tentando ignorar a dor, e claro, tentando ignorar o que ele disse. Irmã... ótima hora pra me lembrar dela, a responsável pela minha salvação. Se não fosse o fato de ela atrapalhar minha performance, eu poderia estar naquela cama e aí estaria morto agora.

— Aqui estão. — Amanda tem uma das mãos esticadas para dentro do carro e a outra cobrindo os olhos. — Quem fez isso com você?

Pego o conjunto de bermuda e camiseta, dando graças a Deus por pelo menos não ser um terno, e começo a tentativa dolorosa de me vestir.

— Ninguém, eu pulei uma janela, mas era bem alta...

— Héc! Vovô já cansou de te falar pra parar com essa mania de pular janelas, olha só no que deu — fala, em tom de repreensão.

— Minha Joia, acha mesmo que ele pulou essa por livre e espontânea vontade? Não está na cara que estava fugindo?

— Ah, é... Isso... — Amanda respira fundo. — Amigo, você sabe que não precisa mais passar por essas coisas, não é?

Depois de muito trabalho, consigo vestir a bermuda.

— Pode olhar agora — falo, entredentes. — Eu sei... Jurei pra Deus que se me ajudasse a sair de lá, ia melhorar um pouco.

— Melhorar um pouco quer dizer o quê? — Amanda me encara agora, com os braços cruzados.

— Não preciso mais dos programas, eu posso só continuar com os shows...

Visto a camiseta e então abro a porta do carro e saio, abaixo os olhos e analiso o estrago, minha perna está mesmo meio torta e começando a ficar roxa.

— Vai ser um alívio pra mim, isso está cada vez mais perigoso. A Rafa se decidiu por uma vida mais calma, longe do agito da cidade grande, vai trabalhar — ela conta, aleatoriamente, e o comentário me paralisa —, você deve fazer o mesmo, menos agito vai te fazer bem.

— Vem, vou te levar no hospital — Leon oferece, e Amanda segura meu braço para dar apoio.

— Sua cunhada vai trabalhar então? — pergunto, como quem questiona sobre o tempo.

— É, veio falar com o Leon e comigo hoje, vai se mudar para Holambra ainda essa semana.

— Isso, vai ser bom pra ela — Leon concorda.

Mal percebo que entrei no carro chique dele. Agora a dor na perna e nos braços se soma ao incômodo latente que a notícia causa em meu peito. Maria Rafaela está indo embora da cidade, e nem mesmo achou que valia a pena mencionar que iria embora.



Claro, porque eu fui apenas um puto, que serviu para ficar com ela algumas vezes. A essa altura da minha vida eu já devia ter aprendido que ninguém fica, que eu sempre sou deixado pra trás e, depois de ser abandonado por meu pai e mais de uma vez pela minha mãe, ser ignorado por uma garota com quem transei algumas vezes, não devia incomodar tanto.

Não é nada demais, é só a minha vida seguindo o fluxo, como sempre foi, mas eu esperava ao menos uma mensagem, uma ligação, ou sei lá. Provavelmente achei que tivéssemos desenvolvido uma espécie de amizade, o que foi idiota da minha parte, admito.

Por que a princesa de diamante iria querer um merda de um prostituto como amigo?

### ***Maria Rafaela***

Eu gosto disso, de lidar com minhas coisas, minha vida e tomar decisões, me sinto bem, ainda que esteja vivendo um caos.

Seremos apenas Vivi e eu, vivendo de maneira modesta em uma cidade nova, então não foi difícil escolher uma casa.

Três quartos. Um para ela, um para mim e outro para o bebê, futuramente. Sala, cozinha, banheiro e um quintal mediano.

Nada muito grande ou elegante, com certeza não é a residência que um Vidal geralmente escolheria, mas estou experimentando essa coisa de ser apenas Maria Rafaela, ainda que com certa ajuda de custo do meu irmão.

O caminhão de mudanças com nossas coisas seguiu atrás de nós pela rodovia. Vivi dirigiu meu carro, um automóvel que também venho repensando, por ser chamativo demais e bastante desnecessário.

Estamos agora colocando nossas coisas no lugar, os móveis foram descarregados e o motorista e seu ajudante cuidaram de montá-los pra facilitar minha vida, mas ficamos com as roupas e utensílios da casa para guardar.

— Vou seguir o padrão que usávamos no apartamento, Rafa. Colheres e garfos na primeira gaveta, facas na segunda e as conchas e pegadores na terceira.

— Obrigada, Vivi. Assim me ajuda porque já decorei a ordem.

— Isso, depois que eu tirar todas as caixas do caminho, vou te levar nos cômodos pra aprender o caminho, vamos treinar isso.

Respiro fundo, pensando em quanta coisa nova vou ter pra me adaptar. Terei que aprender o trajeto para o trabalho, os lugares de tudo dentro de casa, e depois a lidar com um bebê.

— Acha que vou conseguir?

— Claro que sim, você sempre decora fácil!

— Não. Estou falando do bebê...

Ouçõ seus passos vindo na minha direção e percebo que estou prestes a chorar. Não me permiti desabar desde que descobri a gestação, mas agora que estamos aqui, longe de tudo e de todos, me sinto mais à vontade para simplesmente ceder.

Vivi segura minhas mãos entre as suas.

— Você é incrível e uma mulher fenomenal, sei que por muito tempo ouviu que não era capaz, que não podia, mas quero que saiba que eu acredito em você, seu irmão acredita e todo mundo que te conhece sabe como você é forte — ela fala, com a voz doce, tranquila. — Você consegue tudo que quiser, Rafa. Vai ser uma professora maravilhosa pra essas crianças, e uma mãe espetacular.

— Obrigada por dizer isso, mas fico com medo... não tive o melhor dos exemplos.

— Teve sim, aprendeu exatamente o que não fazer — ela fala, com um sorriso na voz —, vai amar seu filho, cuidar e incentivar, vai mostrar que suas dificuldades não te limitam, que o mundo pode ser lindo e que o amor pode tudo.

— Já disse que você é a melhor amiga que alguém pode ter?

— Hoje não — brinca.

— E disse que o Leon vai te dar um aumento?

— O quê? Não disse! Isso sim é uma notícia incrível.

Meu celular vibra no bolso, e reconheço o toque escolhido para Amanda, atendo rapidamente.

— *Oi, cunhada! Como foi a viagem?*

— Chegamos bem, estou guardando as roupas agora, a casa é legal... — falo, abrindo um sorriso ao ouvir a voz dela.

— Ótimo, só liguei para saber se correu tudo conforme o plano. Amanhã de tarde ligo pra saber do seu primeiro dia no trabalho, vou desligar, estou no hospital...

— No hospital? Por quê? — questiono alarmada.

— *O Héctor se machucou, Leon e eu viemos com ele.*

Sua resposta me pega desprevenida, não estava preparada para falar nele tão cedo e muito menos para me preocupar.

— Machucou? O que houve?

— *Pulou uma janela fugindo do marido de uma cliente, acredita? Quebrou a perna e se ralou todo. Não sei o que eu faço com ele.*

— Ele está bem? — Apesar do que ela diz me causar desconforto e me deixar enciumada, só consigo pensar no bem-estar dele. Não importa a razão, não quero que se machuque, porque pelo jeito sou uma trouxa.

— *Sim, vai ter que engessar e ficar de molho um tempo, mas está bem. Eu vou lá, beijão, Rafa.*

Fico parada com o telefone na mão, assimilando tudo o que Amanda disse. Eu devo ser mesmo muito besta por ainda me preocupar com ele nas circunstâncias em que se feriu, mas não consigo evitar.

— O que foi? Quem se machucou?

Vivi pergunta, preocupada.

— O Héctor — falo, e não consigo evitar um suspiro resignado —, fugindo de algum marido irritado.

— Que droga...

— Ele está bem.

— E você? Pensou melhor sobre ele? Não vai mesmo falar sobre a gravidez?

— Consegue imaginar que caos seria isso? Primeiro que ele com certeza iria me culpar, eu disse que tomava remédio, ele só estava trabalhando... Como continua fazendo.

— Fala sério, Rafa. Você sabe que não é bem assim, vocês viajaram juntos e foi ele quem convidou.

— Não era trabalho, mas ele também deixou claro que não era um encontro.

— Tá, sexo casual então. As pessoas engravidam assim —  
Vivi insiste.

— Vivi, nós não vamos ser uma família feliz. Ele não pensa em mim assim, e não vou jogar essa responsabilidade em cima do Héctor. Além disso, iria destruir tudo, meu irmão o mataria e Amanda e o vovô nunca mais iam poder ver ele. Consegue imaginar as consequências disso?

— Consigo, mas ainda penso que talvez ele quisesse saber.

Você não tem preconceito com a profissão dele, então qual é o problema de verdade?

Respiro fundo, cedendo e decidindo por dizer o que realmente penso.

— Ele vai se sentir responsável, é um bebê, e eu sou cega, Vivi. Pode achar que precisa cuidar de nós, ficar por perto e eu não quero ser um fardo pra ninguém, nem quero que esse bebê seja.

Estamos bem aqui e vamos continuar assim.

Pode ser que em algum momento eu mude de ideia, talvez esteja cometendo um erro, talvez tenha razão. Nos dois casos, não seria a primeira vez.



## **Héctor**

Subo ao palco usando a farda de bombeiro. O capacete não para direito na minha cabeça, então é o primeiro item que eu atiro longe quando começo a dançar.

A música está alta e a plateia, animada, rebolo devagar, enquanto desabotoo o macacão. Minha performance mudou um pouco desde que quebrei a perna. Fiquei cerca de um mês e meio sem me apresentar e, quando voltei, fui obrigado a deixar o pole

dance de lado, porque ainda não me sinto seguro em ficar pendurado de cabeça pra baixo.

Faz cinco meses desde aquele dia fatídico e não foi apenas o meu número que mudou desde então. Me aposentei do outro trabalho, como disse que faria, e venho trabalhando apenas com os shows nas boates e como gogoboy em algumas festas. Enquanto isso, junto dinheiro para o que se tornou meu objetivo agora: abrir meu próprio bar.

Uma das garotas sobe ao palco, convidada por Ítalo e dançamos com ela em nosso meio, em um famoso sanduíche, suas mãos tocam os piercings no meu peito e eu sorrio para ela.

Ítalo puxa a menina para o seu colo e a ergue, fazendo com que coloque as pernas em volta do pescoço dele, que brinca com a

boceta da garota, sobre a calça, claro. O público enlouquece, e termino de arrancar o macacão, ficando apenas com a boxer vermelha.

Danço na beirada do palco e faço menção de tirar a cueca, provocando. Uma garota joga uma nota de cinquenta reais aos meus pés, então pego o dinheiro e pisco para ela, que aperta minha bunda descaradamente.

Quando a música acaba, volto para o camarim e troco de roupa, antes que os outros caras cheguem. Saio pela porta dos fundos, sem clima pra conversar, e dirijo pra casa. Ainda no caminho ligo pra Nathalia.

— *E aí?* — ela atende no terceiro toque.

— Oi, tô indo pra casa. Tá a fim de tomar uma cerveja lá?

— *Tô, a Lia foi visitar a mãe dela. Vou colar lá então. Vinte minutos?*

— Saí de São Paulo agora, vou chegar em uma hora mais ou menos. Compra a bebida que não tem nada lá...

— *Combinado.*

Ligo o som do carro e coloco uma playlist de funk pra tocar.

Ouço tanto nas boates, que acabei pegando gosto.

Quando chego em casa as luzes estão acesas, o que significa que Nath chegou antes. Entro na sala e a encontro deitada no sofá, comendo salgadinho e vendo uma série na televisão.

— Chegou, bonitão — ela se levanta num pulo —, vou pegar as cervejas na geladeira.

Eu me jogo no sofá em que ela estava deitada e arranco os tênis. Olhando para a tela mais atentamente, percebo que é um episódio de Friends, ela sempre gostou do seriado e confesso que também me arranca umas boas risadas quando estou no clima.

Nath volta pouco depois e me estende uma garrafa já aberta. Ela está com outra na mão e se senta ao meu lado, cruzando as pernas igual aqueles monges fazem quando meditam.

— O que tá pegando?

— Como assim? — Tomo um gole da cerveja, que desce gelada pela minha garganta.

— Sei lá, você veio pra casa cedo e queria conversar.

Meneio a cabeça, eu não quero falar sobre tudo que está me incomodando.

— Não disse que queria conversar, disse que queria beber.

— Dá na mesma. — Ela empurra meu ombro com o seu. —

Tô te achando pra baixo.

— Eu tô, acho. Sei lá...



— Sua mãe apareceu?

— Não.

Nath não insiste no assunto, ela conta sobre a viagem de Lia e fala sobre seu dia no trabalho, conversamos sobre o bebê de

Amanda e o quanto estamos ansiosos para que nasça e sobre como o vovô parece mais saudável desde o transplante. Busco mais cervejas na geladeira, e continuamos conversando e bebendo, enquanto as horas se passam.

— E agora? Vai falar o que tá acontecendo com você?

Nathalia sempre foi boa em esperar o momento certo, ela segue a máxima de que quando a bebida entra, a verdade sai.

— Acho que tô na crise da meia idade.

— Você não está na meia idade, amigo — responde, achando graça.

— Eu sei, é que... Já sentiu que sua vida é uma grande e colossal merda e que você não fez nada de produtivo?

Nath assente, bebendo mais gole da cerveja.

— Já, acho que todo mundo já se sentiu assim ao menos uma vez na vida.

Pondero o que ela diz, talvez tenha razão, mas não é bem o meu caso.

— Acontece que tenho me sentido assim faz muito tempo, acho que desde que quebrei a perna. Talvez já pensasse

assim antes, apenas não tinha me dado conta.

— Você não gostava dos programas, nunca curtiu muito, e parou com eles. Não se sente melhor?

— Um pouco. Eu sempre curti dançar, né? Mas não sei, parece que não é mais o suficiente, eu quero fazer alguma coisa

que tenha mais sentido. Tô pensando em abrir um bar.

— Um bar?

— Bom, eu não estudei, não tenho formação em nada, mas conheço bares. Sei o que é bom e o que é ruim, sei o que torna um lugar diferente e chama o público, e acho que também sei conduzir os negócios.

— Acho uma ótima ideia, e eu vou poder beber de graça.

— Já vai me falir antes de começar?

Ela ri alto, mas depois pousa seus olhos castanhos e muito observadores sobre mim.

— Mas não é só isso, né?

— Merda... — Viro o resto da bebida, tentando ignorar a vontade de contar tudo pra ela. — Vai me fazer falar?

— Desembucha, Héc.

— Tô meio depressivo, acho que me sinto sozinho. Você e a Lia não estão sempre aqui, Amanda e o vovô foram pra São Paulo, e eu fiquei. Só eu não tenho ninguém — confesso, um pouco envergonhado com a declaração.

— Não fala besteira, você tem a gente. Mesmo que não estejamos juntos todos os dias, estamos aqui pra você a qualquer hora que precisar.

— Eu sei disso...

— Sabe de uma coisa? — Nath se levanta de repente, abrindo um sorriso. — Eu sei do que você precisa!

— Outra cerveja?

— Além disso!

— Um cigarro...

Busco o maço no bolso e o isqueiro.

— Não! Você precisa de uma namorada.

— Quê? — A mera sugestão me arranca uma risada. —

Ficou doida?

Acendo o cigarro e puxo um trago, fechando os olhos.

— Por que não? Era mais difícil antes, nem todas as mulheres se sentem à vontade em dividir o namorado com clientes, mas agora você só dança, e disse que está se sentindo sozinho.

— Eu sei, mas com certeza não estou atrás de uma namorada.

Meneio a cabeça, descartando a ideia absurda.

— Por quê? — ela insiste. — Sabe a única coisa melhor que namorar?

— O quê?

— Se casar!

— Você ficou doida mesmo.

Dou mais um trago e solto a fumaça, percebendo que a conversa tomou um rumo bem diferente do esperado.

— É sério, Héc. Quem fala mal de relacionamentos, tá com a pessoa errada — ela diz, categórica. — Você ter alguém que te apoia, que te escuta e compartilha seus sonhos, alguém a quem você também quer ouvir e por quem quer torcer, e no final da noite abraçar e beijar essa pessoa, se divertir com ela e, claro, também transar com ela? O que pode existir de melhor?

— Não faço ideia, eu nunca fiz isso.

— Nunca mesmo? Não teve alguém com quem foi mais que trabalho? Uma pessoa que fez seu coração disparar e que te fez desejar algo mais que sexo?

Caralho, com certeza eu não queria me lembrar dela agora.

Não depois de todos esses meses sem notícias e de ter me convencido de que foi só mais uma na minha extensa lista.

— Pelo jeito teve alguém. — Nath aponta o dedo na minha cara e começa a pular feito doida. — Uma donzela que tocou seu coração de safado! Quem foi, hein?

Desvio os olhos dos dela e foco no cigarro na minha mão.

— Anda, me conta quem é! Vamos ligar pra ela!

— Para de falar besteira, foi só alguém de quem eu poderia ter gostado, se eu não fosse eu e ela não fosse ela. É

passado.

— Passado nada. Me conta!

— Não, deixa de se intrometer.

Entretenho-me com o cigarro, observando a fumaça no ar e tentando muito ignorar os olhos penetrantes da minha amiga.

— Eu conheço? Devo conhecer porque senão você não faria questão de esconder.

— Para de pular e dançar, seu gnomo.

— Conta vaaaai! — Ela une as mãos como se implorasse, mas de repente arregala os olhos e abre a boca. — Cacete! É a Maria Rafaela!

Provavelmente minha expressão de surpresa me entrega, porque Nathalia corre para se sentar do meu lado novamente.

— Eu lembro de como você ficou secando a menina naquele jantar e depois os dois sumiram ao mesmo tempo. E ela com certeza não era uma das suas clientes habituais. É ela, não é?

— Isso importa?

— Lógico que importa! O que rolou?

Respiro fundo, pensando em uma mentira.

Mas quer saber? Estou cansado e acho que bêbado o bastante para falar sobre isso.

— Sei lá. A gente transou algumas vezes, viajamos juntos e ficamos dois dias só curtindo e conversando. Ela era inteligente, divertida e perfeita, a gente se entendia.

— Mas?

Dou de ombros, não acho que tenha muito o que explicar a respeito.

— Mas eu era só um prostituto e ela foi embora da cidade sem nem mandar uma mensagem.

— Tenho certeza de que ela não via você assim.

— Ela me pagou — falo, com uma risada sem humor.

— Quê? Não brinca! Tá dizendo que fez *programa* com ela?

— Fiz, mas depois rolou a viagem — conto —, pensei que era alguma coisa diferente, mas aí falei pra ela que não dava pra rolar mais, porque tinha o Leon e a Amanda...

— Então foi você quem terminou.

— Terminar não é bem a palavra, eu só disse pra gente não se ver mais.

— Percebeu que estava envolvido e pulou fora — ela fala, os olhos carregados de acusação.

— O que mais eu iria fazer? Mas a gente se falava algumas vezes, até ela ir embora e nunca mais dar notícias. Não importa mais, o que eu diria pra ela? Olha, não faço mais sexo por dinheiro, será que a gente pode sair?

— Você trocou de celular.

— O quê?

— O celular — Nath fala, como se fosse óbvio —, você deixou na casa daquela mulher quando quebrou a perna e teve que comprar outro. Se ela mandou mensagem, você não saberia.

Penso por um instante no que ela está dizendo, e talvez eu tenha tirado conclusões precipitadas sobre essa questão.

— Verdade. Mas por que mesmo estamos falando nisso?

Não importa, mesmo que eu tenha sentido alguma coisa, Maria Rafaela é proibida. Somos tipo A Dama e o Vagabundo, uma princesa e um plebeu, uma santa e um ateu...

— Olha, eu fui a primeira a te falar pra ficar longe — Nath concorda —, mas achava que era só safadeza, não pensei que você gostasse dela.

— Nem eu.

— Mas agora que sei, penso diferente.

— Isso foi meses atrás, já passou.

— Mas poderia voltar a acontecer — fala, sugestiva.

— Você quer promover a terceira guerra mundial? Leon colocaria o país abaixo.

— A gente dá um jeito nele. Meu melhor amigo não é bom o bastante pra ela por quê? Quero ver quem vai dizer isso na minha cara!

— Para de falar bobagem, você bebeu muito. Vamos dormir, e esquece isso, a Amanda não pode saber.

— Vamos guardar segredo dela?

Seu olhar agora é carregado de julgamento, Nath não gosta de mentiras.

— Não gosto disso também, mas não vamos colocar a Amanda nessa posição.

Nathalia concorda, fazendo um gesto que encena um zíper fechando a boca, antes de cair no sofá e fechar os olhos.

### ***Maria Rafaela***

O instituto é como se fosse uma extensão da minha casa, já conheço o lugar perfeitamente, e o fato de ser todo adaptado para outras pessoas cegas ou com baixa visão, ajuda muito.

São ao todo quatro pianos, então as aulas são divididas em horários e grupos pequenos. No total são duas turmas infantis e uma de adultos.

— Vou ler as notas no ritmo musical pra vocês acompanharem — falo alto, chamando a atenção de todos.

— Mi, sol, sol, fá, fá, lá, lá, sol... Mi, sol, sol, fá, ré, mi, dó...

A música é Peixe Vivo, uma cantiga de roda infantil. Não é difícil e por isso mesmo a escolhi para ensinar para as crianças hoje.

— Todos juntos!

O som das notas enche a sala e sorrio ao perceber que a maioria conseguiu pegar. Sobre as teclas, colocamos os nomes das

notas em braile para facilitar a aprendizagem, mas vários alunos já conseguem encontrar as teclas pelo som.



Terminamos a cantiga e me levanto para me despedir deles, dois deles deixam a sala, mas Marieta caminha até onde estou, o barulho da sua bengala sobre o piso de madeira ressoa, até que ela para diante de mim.

— Tia Rafinha, posso dar tchau para o bebê?

— Claro que pode, amor.

As mãozinhas dela tocam minha barriga e em seguida ela dá um beijinho carinhoso.

— Até semana que vem, bebê.

Eu me inclino para também dar um beijo no rosto da pequena e me despeço dela com um abraço. Espero que Marieta saia e também pego minha bengala, antes de deixar a sala de música.

Sigo até a recepção, onde Dóris geralmente fica aguardando até que todos saiam. Dóris e seu esposo Emanuel são os administradores da fundação e são eles que tomam conta de tudo por aqui. Aprendi muito com os dois desde que vim trabalhar nesse lugar cinco meses atrás, principalmente sobre companheirismo, amizade, resiliência e, acima de tudo, determinação.

Dóris nasceu cega, não vê absolutamente nada desde sempre. Ela foi à faculdade, trabalhou em diversas áreas e vários

anos atrás decidiu se dedicar a tornar as vidas de pessoas como ela, mais fáceis.

Foi assim que conheceu Emanuel. Ele tem baixa visão, consegue discernir vultos e cores, mas nada além disso. Os dois estão juntos há mais de dez anos, tiveram um

garotinho muito esperto e que agora tem quatro anos, e trabalham lado a lado para auxiliar outros.

Não há nada que não façam, e nada que não possam fazer, se tornaram grandes exemplos para mim e me fizeram mudar minha percepção das coisas. Ainda pretendo fazer minha cirurgia, é uma possibilidade, e ninguém em sã consciência deixaria de tentar, mas se não der certo, não vai ser o fim do mundo. Minha filha vai ter o

melhor de mim e vai ser o bastante, assim como eles são mais que o suficiente para o pequeno Leandro.

— Ouvi a música das crianças daqui, estava tão linda!

— Eles aprendem muito rápido, Dóris. Acho que no Natal vão poder se apresentar.

— Vai ser maravilhoso. O Emanuel está todo emocionado com isso... — ela confia, baixando o tom de voz. — E a nossa bebezinha? Como está?

— Serelepe, não para de mexer mais. A barriga está pesando também.

— Ah, eu sei como é. Vai descansar, Maria, amanhã você volta.

— Vou mesmo, a Vivi ficou de fazer caldo de feijão hoje, e a bebê está pedindo!

Ela gargalha alto.

— A bebê né? Sei...

Despeço-me dela com um abraço e deixo o instituto.

São dois quarteirões apenas até a minha casa, do outro lado da rua, então caminho até lá a pé. Uso a bengala para perceber o espaço e me desvio facilmente dos obstáculos, já faz parte da minha rotina, mas sempre me pego pensando no quanto me limitei antes, por medo de avançar.

Ando para todos os lados na cidade e não me privo mais de ir a lugares que quero por falta de companhia. Ainda que eu não

veja, uso todos os meus outros sentidos para me guiarem.

Estou a poucos metros de casa quando meu celular vibra no bolso e o toque característico de mensagem toca. Clico sobre o leitor e a voz robótica passa a ler o texto para mim.

*“Não venha pra casa agora, seu irmão apareceu de surpresa pra te ver. Ele está querendo ir até o instituto. Ou vai ter que enfrentar ele agora ou é melhor se esconder.”*

Meu Deus do céu! Consegui me esquivar de Leon por todos esses meses, alegando muito trabalho para ir até São Paulo e fazendo chamadas de vídeo sempre que possível — a câmera propositalmente filmando apenas da cintura para cima. Eu devia saber que ele acabaria aparecendo assim, já andava desconfiado das minhas desculpas.

Inspiro fundo, tentando controlar a respiração. Comecei a fazer terapia aqui em Holambra, e isso tem me ajudado com as crises de ansiedade, geralmente consigo as driblar antes que fiquem muito intensas. O que eu faço agora?

Viro na esquina, tentando me situar. Se andei dois quarteirões, estou na rua da sorveteria. Sigo em frente, a mente trabalhando rápido, preciso sair da rua para não me encontrar com ele. Sinto o cheiro de pão e sei que acabo de passar pela padaria, são só mais alguns metros e estarei lá.

— Boa tarde, Rafaela. — Ouço a voz de Denise, a atendente da sorveteria.

Ceguei.

— Boa tarde! Parece que fiquei com desejo daquele sorvete de maracujá incrível que só você tem...

— Entra aí então, vou preparar um caprichado pra você e pra bebê!

Sento-me em uma das cadeiras e enquanto espero, digito uma mensagem para Vivi.

*“Estou na sorveteria, me avise quando ele desistir e for embora.”*

Já é noite quando volto para casa, ainda na porta consigo sentir o cheiro do jantar sendo preparado.

— Estou em casa...

— Graças a Deus! Foi por pouco hoje, Rafa.

Os passos dela caminham rapidamente até onde estou.

— O que fez pra ele ir embora?

— Nada. Leon foi até o instituto e não te achou, aí voltou pra cá e ficou sentado aí, reclamando que você estava demorando.

— E o que você disse?

— Falei que você sempre fazia isso, que dava aulas particulares e voltava tarde, que andava na cidade toda e que ia a igreja rezar, mas não tinha como saber onde exatamente estava.

— Ele ligou umas cinco vezes, achei que fosse dormir aqui!

— Acho que teria dormido, mas a Amanda mandou mensagem, e você sabe que o bebê está perto de nascer. Deve ter ficado preocupado com ela, porque rapidinho entrou no carro e foi embora.

— Será que o bebê deles vai nascer? — pergunto, alarmada.

— Não sei. Ainda faltam umas duas semanas eu acho, você se senta aí na sua poltrona que eu vou arrumar a câmera. Vamos ligar pra tranquilizar seu irmão e você se desculpa por ter demorado.

— Isso, vou falar com ele.

— Se o bebê deles nascer por agora, você deve ganhar um tempo. Ele não vai vir aqui com a Amanda de resguardo.

— Preciso segurar esse segredo até minha filha nascer, Vivi.

Não quero passar esse nervoso antes.

— E depois vai contar?

— Eu queria falar com o Héctor antes, mas não sei se vai ser possível.

Sim, eu mudei de ideia depois de algum tempo e tentei contar a ele, mas o telefone que ele usava foi desativado. Vivi sugeriu uma busca nas redes sociais, mas não acho que seja o tipo de notícia que se dê pelo direct do Instagram.

— Quer que eu peça o novo número dele pra Amanda? Falo que é pra uma amiga.

— Não sei se essa desculpa vai colar outra vez, mas vamos tentar. Não agora.

— Quando?

Respiro fundo, tentando me acalmar. Essa conversa e os últimos acontecimentos não estão ajudando.

— Vamos esperar a bebê nascer, sem esses confrontos antes.

— Não sei se sua psicóloga concordaria com a fuga de confrontos.

— Ela diria pra enfrentar — falo, aquiescendo —, mas eu sei que vou ter uma crise de pânico quando tiver que contar a ele.

Lembra como foi a última? Melhor esperar o bebê estar seguro fora de mim.

Meu irmão disse que viria me ver, enviou uma mensagem logo quando eu atravessava a rua e só não fui atropelada quando senti a onda de pânico chegar, porque um pedestre me tirou de lá e me levou para a calçada.

— Já faz tempo que não acontece.

— Sim, mas contar a alguém que engravidei e escondi isso por meses é um gatilho e tanto.

Sento-me na poltrona atrás do computador e Vivi posiciona o monitor de modo que a câmera foque apenas em meu rosto. Envio

uma mensagem para Leon avisando da chamada, e em seguida faço a ligação. Ele atende rapidamente.

— *Rafaela, eu te liguei cinco vezes!*

— Ô, irmão, me desculpe! A Vivi disse que esteve aqui em casa, tive uma aula particular hoje e não gosto de atender ao telefone enquanto ensino. Acho pouco profissional, então coloquei no silencioso e não vi.

Ele suspira audivelmente.

— *Tudo bem, foi chato porque eu queria te ver. Sabe que já tem meses que não nos vemos?*

— Eu sei, também estou morrendo de saudade. Parece até quando você foi estudar fora...

A risada dele me alcança e acabo sorrindo também.

— *Não vamos exagerar, ficamos anos sem nos ver quando fui para o exterior. Mas Rafa, infelizmente vou ter que adiar a ida até aí por um tempo. Essa semana tenho uma reunião importante no Rio e semana que vem meu filho nasce. Mas você pode vir conhecer seu sobrinho.*

— Ah! Não vejo a hora, claro que eu vou...

Não é bem uma mentira, estou louca para que ele nasça, mas infelizmente não poderei ir até lá em menos de três ou quatro meses.



### ***Maria Rafaela***

Estamos em casa há quase duas semanas. O parto foi difícil e ainda estou me recuperando, mas minha Lua é maravilhosa.

Dei esse nome a ela porque essa é a coisa mais linda, que sinto falta de ver. Queria que tivesse um significado, mas não tinha alguém especial a quem quisesse homenagear, e me decidi por Lua.

Ela quase não chora e dorme boa parte da noite. Consigo sentir seus cabelos macios e Vivi disse que são bem pretos, como os do pai, mas os olhos são meus. Ela com certeza é a coisa mais perfeita desse mundo!

Nós nos conectamos de uma maneira surreal. Eu a mantenho no colo sempre que posso, ignorando o que dizem sobre mimar a garotinha demais, quero mais é que seja mimada.

Seu cheirinho me dá conforto e desperta sentimentos tão fortes em mim, que nem sabia que poderiam existir, não nessa proporção. Eu a seguro enquanto a amamento e é um



momento tão especial pra nós duas que chego até mesmo a chorar algumas vezes.

— Está chegando a hora de te apresentar pra nossa família, Lua. O tio Leon vai te amar muito, e se ele brigar com a mamãe não precisa se preocupar, a raiva vai passar quando te vir...

Desde que ela nasceu fui tomada por uma vontade absurda de contar a todos o quanto antes, não vejo a hora de poder viajar e tirar esse segredo de dentro de mim. Minha filha é especial demais pra ser escondida dos outros.

— Você tem um priminho fofo, ele tem quase quatro meses agora e se chama Rodrigo, como o seu avô. Vocês vão ser muito amiguinhos, não vão?

Procuro a mãozinha dela, que agarra meu dedo com uma força que eu nem sabia que um bebê poderia ter.

— Com certeza vão — Vivi fala, chegando na porta do quarto —, e tem o papai, não é, Rafa?

Esse assunto ainda me deixa apreensiva, sempre que me lembro de Héctor ou que Vivi toca no nome dele, sinto o sangue gelar nas minhas veias.

— Tem... A gente vai contar pra ele, mas não sei como vai ser sua reação — sussurro baixinho, como se fosse errado dizer algo assim perto da Lua, mesmo que ela não entenda.

— Quem vai perder é ele, se não quiser amar essa fofura.

— Sim, e você precisa conhecer a tia Amanda e o vovô Tetê, eles vão te mimar muito.

— Vão mesmo, mas não tanto quanto a madrinha aqui.

Ainda não batizamos Lua, mas Vivi com certeza merece o posto de madrinha. É a melhor amiga que eu poderia ter.

— E se Deus abençoar, logo a mamãe vai poder ver o seu rostinho e vai ser o momento mais lindo desse universo.

As palavras dela são bem-intencionadas, mas me causam apreensão. Logo que viemos para cá, coloquei meu nome na fila de espera, que geralmente dura alguns meses, talvez até um ano.

Como já faz um tempo, sei que a hora está chegando. Não quero me apegar a essa esperança, mas é impossível não desejar que tudo dê certo.

Como sempre tive uma cicatriz na retina do olho esquerdo e no acidente um caco de vidro do para-brisa perfurou o direito, o transplante é a única forma, para que eu recupere a visão parcial

que tinha antes. Não é tão demorado quanto algumas outras filas para esse tipo de cirurgia em outros órgãos, o que me impediu até aqui foram as questões de saúde emocional e mental, o medo que minha mãe sempre fez questão de disseminar e o pavor da frustração, já que em alguns casos pode não acabar tão bem.

Depois que me decidi, após a morte dela, as coisas deveriam ter corrido mais rápido, mas então engravidei e decidi esperar o nascimento de Lua para seguir com os planos.

Agora o momento está chegando e a ansiedade quase não me deixa dormir. Pode ser que eu acorde e volte a ver tudo, mas pode ser que isso não aconteça. Nos dois casos, tudo vai ficar bem e já aceitei as duas possibilidades, o que não me impede de ficar ansiosa.

— O que acha de irem lá fora um pouco? Essa menina precisa tomar um solzinho, Rafa.

— Nós vamos, não é, meu amor? Lua precisa de sol.

Vivi me ajuda a colocar uma manta sobre a cabecinha dela, e eu a coloco no carrinho. Seguimos para fora de casa e inspiro o ar da rua. Faz tempo que eu também não saio de dentro do quarto e já estou com saudade do instituto.

Como tive um parto normal, em mais três semanas poderei voltar ao trabalho e Dóris já concordou que eu leve Lua comigo para cuidar e amamentar durante o dia. Vivi também pretende me ajudar com ela e vamos revezar para que ela esteja sempre como prioridade.

### **Héctor**

Ouçõ as batidas frenéticas na porta e saio ainda meio dormindo. Trabalhei até as cinco na boate e fui direto para o apartamento em São Paulo, onde costumo dormir a tarde toda, quando não sou acordado por pessoas insistentes. Esfrego os olhos e me assusto ao perceber que é Amanda do lado de fora, com meu afilhado no bebê conforto.

— Abre aqui, Héc!

— O que tá rolando? — Destranco a porta e ela passa rapidamente para dentro de casa. — Você nem disse que estava vindo, aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu algo bem bizarro e preciso falar com alguém ou eu vou surtar!

— Que foi? É o Leon?

— Leon? Não, tá tudo ótimo com ele.

Ela coloca o bebê conforto sobre o sofá e se vira para me encarar, as mãos na cintura. Amanda começa a andar de um lado para o outro.

— É a Rafaela.

Só o nome dela já é o bastante para mexer comigo. Logo vai fazer um ano que não nos vemos, e ainda assim ela tem esse poder.

— O que tem? Ela voltou?

— Não. Está em Holambra, e eu estava já achando tudo muito esquisito, porque ela fala com a gente só por chamada de vídeo e não vem nos visitar.

Como nunca pergunto a respeito, a informação me surpreende.

— Vocês não a viram nenhuma vez depois que se mudou?

— Pessoalmente não. O Leon foi até lá e ela desapareceu o dia todo, depois ligou com um papo de que estava dando aula e não viu as ligações.

Aquiesço, tentando pensar. É mesmo um pouco esquisito, ela é bem família e não faz muito sentido desaparecer assim do

nada, e não fazer nem mesmo uma visita.

— Tá, mas aí o Rodrigo nasceu, ela não veio conhecer o sobrinho? — pergunto, tentando entender o grau de esquisitice dessa situação.

Amanda meneia a cabeça, está nervosa e parece ter visto um fantasma.

— Não! Você não acha esquisito?

— Acho um pouco, sim. Mas pode estar muito ocupada, sei lá...

— A Rafaela não é assim, ela estava doida pelo bebê e de repente não tá nem aí? Achei muito descaso. Aí hoje cedo, decidi que ia até lá ver ela, de surpresa pra que não pudesse me escapar.

— E aí? Conversou com ela?

Amanda esfrega o rosto, impaciente e começo a ficar preocupado.

— Eu fui, coloquei o Rodriguinho no carro e fomos, não falei nem para o Leon.

Certo, então ela foi até Holambra e já está de volta, foi uma visita rápida.

— E conseguiu falar com ela?

— Não, mas eu a vi. Só que dei uma surtada, entrei no carro e voltei sem dizer que estive lá.

Estreito os olhos, estranhando sua reação.

— O que houve?

— Ela estava na calçada, com um bebê! Um bebê, Héctor!

De onde foi que saiu esse bebê?

— Espera — Caminho até o sofá e me sento, porque de repente sinto minhas pernas darem uma bambeada —, você está dizendo que a Maria Rafaela estava em Holambra com um bebê?

Bebê de quem?

Amanda suspira e bate as mãos nas pernas, irritada.

— E como eu vou saber? Mas agora estou aqui cheia de teorias e paranoias e não posso falar nada para o Leon ou ele vai pirar! Mas olha, era um bebê muito novinho e faz quantos meses que a Rafa foi embora repentinamente?

— Nove.

Esfrego o rosto, tentando fazer alguns cálculos. Isso não pode estar acontecendo...

— Isso, nove. — Amanda franze o cenho e me olha confusa.

— Como sabe que são nove?

— Eu contei...

A resposta soa estranha até pra mim, mas Amanda decide ignorar o comentário por hora e volta a falar.

— Ela se mudou tem nove meses, não veio conhecer o sobrinho, não falou com Leon quando ele esteve lá e agora estava com um bebê no carrinho. — Amanda me fita com os olhos esbugalhados. — Héctor, parece loucura, mas eu acho que a Rafa

estava grávida e escondeu isso de todo mundo. O que eu faço? O

Leon vai enlouquecer!

— Eu já estou fazendo isso por ele...

— Você está? Eu também estou!

Maria Rafaela não faria algo assim comigo, me esconder uma coisa séria como essa.

— Como ela foi fazer uma coisa dessas? — pergunto, mais para mim mesmo.

— Não é? Somos família! Será que pensou que fôssemos ficar contra ela? Que não íamos querer saber?

— Como ela não disse nada?

— E agora? O que eu faço? Falo pro Leon?

Eu me levanto em um pulo.

— Não! — Amanda me olha assustada com minha reação.

— Ainda não, você não sabe se o bebê é dela. Pode ser da Vivi.

— Da Vivi? É, pode ser... Mas e se for da Rafa? Quem pode ser o pai?

A essa altura já nem sei mais o que estou sentindo, puxo meus cabelos e esfrego o rosto, antes de dar um soco na mesa de centro.

— Porra!

— Héctor, você tá me assustando! Vai acordar o Rodrigo!

— Desculpa, é que...

Ouçõ um arquejo de choque e quando ergo os olhos Amanda está com a boca aberta me encarando.

— Ah não! Não, não, não, não... Você não fez isso, Héctor!

— Eu... nem sei como responder a isso.

Amanda se afasta de mim, erguendo as mãos para me impedir de me aproximar.

— Responde por favor dizendo que você não transou com a minha cunhada. PELO AMOR DE DEUS!

Fico quieto, não vou mentir e com certeza não estou inclinado a confessar isso agora.

— Héctor! Você está... Meu Deus do céu!

Ela se senta outra vez, agora com as mãos cobrindo o rosto, ouço sua respiração acelerada e o modo como tenta se controlar, mas não posso ajudar. Não quando sinto que acabaram de abrir um buraco no meio do meu estômago.

— Você transou. E me deixa adivinhar, isso tem mais ou menos uns nove meses?

— É...

— Por isso ela não falou — Amanda diz, me fitando de um jeito bem acusatório.

— Olha, eu fiz merda, eu sei. Sei que é sua cunhada, e que o Leon vai me odiar. De novo. Mas eu não consegui...

Sua risada é de escárnio.

— Sério? Tanta mulher nesse mundo, Héctor! Por que ela?

Eu quero que você e o Leon sejam amigos, por que você dificulta as coisas desse jeito? Não dava pra ser outra pessoa?

É a minha vez de rir, ela não faz ideia.



— Não dava, tá? Eu tentei, falei que não, mas ela insistiu, Rafaela foi na minha casa e poxa, eu não aguentei, tá? Não sou de ferro!

Sua expressão agora é de incredulidade.

— Está me dizendo que não foi atrás da Rafaela, mas que foi ela quem te seduziu?

— Ah, e como seduziu! Ela entrou na boate, na minha casa e depois na minha cabeça e ficou lá.

— Caramba... Você gosta dela!

Amanda fica de pé, as mãos cobrindo a boca em choque.

— Eu não gosto, eu só fiquei... Ela é maravilhosa, você não vê?

— E o que eu faço com essas informações?

— Nada. Escuta — me levanto para ficar de frente para Amanda e a encaro nos olhos pela primeira vez —, me dá um tempo, pode ser? Eu sei, Amanda, juro que sei que estou pedindo muito, mas pode esperar pra falar com o Leon?

— Héctor, eu não posso mentir pra ele!

— Tecnicamente você não vai mentir, porque não tem certeza se o bebê é dela, ou meu. Eu só quero um tempo pra ir até lá e falar com a Rafaela, descobrir a verdade.

— Héctor...

— Por favor! Pela nossa amizade de uma vida inteira, Amanda. E pela Maria Rafaela. Deixa a gente conversar e resolver isso antes de colocar seu marido no meio.

— Ele vai te matar...

Amanda está com o olhar perdido, percebendo a destruição colossal que arquitetei sem querer.

— Vai, e tudo bem me dar uma surra, eu mereço mesmo.

Mas me deixa antes descobrir se ela teve um filho meu.

— O que vai fazer se for seu?

— Vou apanhar do Vidal e continuar apanhando. Nunca que um filho meu vai ficar sem pai, Amanda. Nunca.

Ela aquiesce, Amanda entende perfeitamente as palavras que eu não pronuncio.

Um filho meu não vai passar por nada do que eu passei.

— Ai meu Deus, ela deve estar passando por tanta coisa, Héctor. Eu tenho o Leon, o vovô, e babá para o dia e a noite e mesmo assim é difícil, imagina a Rafa cuidando de um bebê sem enxergar, sem a família, sem o pai.

— Por escolha dela, Amanda! E se isso for verdade, a Rafaela vai ouvir muita coisa de mim. Ela não tem o direito de esconder uma coisa assim.

— Sim, eu sei... Se for verdade.

— É, se for.

— Estamos combinados, Amanda? Vai segurar essa pra mim até eu descobrir?

— Vou, mas só porque não vou preocupar o Leon sem saber a verdade antes.

Concordo, não posso pedir mais que isso. Até posso.

— Eu preciso do endereço dela, vou arrumar minhas coisas e vou pra Holambra ainda hoje.

Ela está roendo a unha agora, ansiosa. Não faz ideia do que está se passando dentro de mim.

— Você tá bem? — pergunta, perspicaz.

— Claro que não tô bem, mas se eu tomar um calmante posso me acidentiar no caminho. Porra, Amanda! Já me imaginou tendo um filho?

— Na verdade, acho que você é ótimo com crianças. Vai ser um ótimo pai, se sobreviver ao processo.

— E que processo! Eu era um prostituto, danço praticamente pelado em boates, o que acha que seu marido vai

dizer disso?

— Ele não vai gostar, não posso mentir pra você. Mas o Leon tem um coração enorme e no fundo sei que gosta de você, vai acabar aceitando, mesmo porque não tem outra opção, o bebê já foi feito!

Isso me faz rir, afinal ela tem razão. Como dizem, o que não tem remédio, remediado está.

— Certo. Eu prometo que te ligo assim que souber de tudo, você se concentra no Rodriguinho e me dá alguns dias.

— Tá bom. Mas e o trabalho? Não tinha que dançar hoje?

Eu a encaro com ceticismo.

— E quem vai se preocupar com trabalho em uma hora como essas?

— Tem razão... Amigo, você fez uma besteira gigante, mas estou torcendo pra que tudo dê certo. Sabe que eu adoro você e quero o melhor sempre.

— Também te gosto — falo, abrindo um sorriso.

É minha resposta padrão desde que Leon achou que falar eu te amo pra esposa dele era uma ofensa.

Amanda anota o endereço no meu celular e também me passa o contato da Fada, que perdi com o celular antigo. Penso em ligar e informar que estou a caminho, mas prefiro não avisar.

Se ela mentiu sobre algo tão sério, é porque não está disposta a me contar nada. Arrumo uma mala com várias trocas de roupas e pego todos os meus pertences mais importantes, não sei quanto tempo vou ficar fora.

Depois, ligo para Iago, pedindo que cubra meus turnos pelos próximos dias, negociando um arranjo para o substituir depois, e só então saio de São Paulo rumo a Holambra.

Acho que estou tremendo um pouco, e a onda de ansiedade faz meu coração disparar e um suor frio se concentrar na minha nuca e nas palmas das minhas mãos. Dirijo devagar por isso, me concentrando em não fazer besteira no trânsito.

Estou a uma hora da cidade quando meu celular toca, com uma chamada de Nathalia. Com certeza Amanda já contou tudo pra

ela.

— Oi... — Atendo, colocando no viva-voz.

— *Cara, como você está?*

— Amanda te contou?

— *Contou, me senti uma vaca por não ter falado antes que sabia de você e da Rafaela! Mas agora estou preocupada com você.*

— Eu falei tudo pra Amanda, mas ainda não sei se é verdade. Estou indo descobrir...

— *E volta quando?*

— Não faço ideia, por falar nisso, eu só entrei no carro e vim. Será que você consegue ver um hotel pra mim? Pelo menos

pra hoje.

— *Claro, em que bairro?*

— Vou te mandar o endereço dela, você procura algo ali por perto.

— *Tá bom... Vou desligar e ver isso, me encaminha aí. Beijo e boa sorte!*

Envio o endereço para Nathalia e cerca de vinte minutos depois recebo uma mensagem de confirmação de reserva. Não faço a menor ideia do que vai ser da minha vida depois dessa noite, mas com certeza essa é uma reviravolta e tanto.

Estou tenso, mas ao mesmo tempo uma parte de mim está empolgada. Não sei se é como deveria me sentir nessa situação,

talvez devesse surtar e dizer que não estava nos meus planos, e não estava mesmo, mas por algum motivo não me parece uma notícia ruim.

Quando estaciono em frente ao hotel, entrego o carro para o manobrista e faço meu check-in. Subo para o quarto e guardo minhas coisas. Talvez eu devesse tomar um banho e comer algo antes de enfrentar Maria Rafaela, mas não consigo, não posso pensar em outra coisa que não seja ir até a casa dela, que fica a apenas dois quarteirões de onde estou hospedado e esperar que me conte tudo.

Isso também pode ser apenas um surto coletivo. Vou chegar e descobrir que ela estava evitando a família apenas porque tem trabalhado muito e que o bebê é filho de uma vizinha. Sem ir até lá e

ouvir suas respostas às minhas perguntas, não tenho como saber, estou apenas supondo milhares de possibilidades sem certeza alguma.

Pego a chave do quarto e minha carteira e saio do hotel.

Não posso continuar pensando nisso, preciso bater naquela porta, esperar que ela me receba e então descobrir o que de fato está havendo.



## Capítulo 17

### **Héctor**

*Olho minha imagem no espelho grande, que fica na porta do meu guarda-roupa. A bermuda preta está na altura dos joelhos, ficando pequena para mim, mas os meiões disfarçam bem.*

*Coloquei a chuteira azul que minha mãe me deu no meu aniversário do ano passado e a camiseta do São Paulo, pra provocar meu pai. Ele é palmeirense.*

*Tentei arrumar meu cabelo sozinho, mas não alcancei a prateleira para pegar meu gel, então só uso o pente para deixar os fios menos bagunçados.*

*Papai foi embora de casa. Eu não queria que fosse e ainda estou meio chateado com essa coisa de que agora ele mora com outra família, outro garoto...*

*Mas ele disse que viria hoje pra gente jogar bola e mesmo bravo não posso deixar de ir. Combinado é combinado.*

*Desço as escadas correndo e encontro minha mãe na sala.*

*Ela está toda arrumada, pronta para sair de casa e quando me vê, abre um sorriso.*

*— Que lindo, Héctor! Aonde vai bonito desse jeito?*

*— Vou jogar com meu pai, lembra? Ele vai chegar logo —  
falo, subindo no sofá para ver a rua, lá fora.*

*— Ah, querido... Eu te disse pra não acreditar no que seu pai fala. Ele mandou mensagem, disse que vai trabalhar e não vem hoje.*

*Eu me volto para ela, procurando algum indício de que esteja mentindo, mas ela continua, como se não percebesse o quanto estou chateado agora.*

*— Deveria ir brincar com a Amanda na casa do Tetê. Eu vou sair agora, mas a Lúcia pode te dar almoço, tá bom?*

*Não consigo responder. Sinto um nó preso na minha garganta, mas não quero que minha mãe saiba que estou com*



*vontade de chorar, então não falo nada.*

*Quando ela sai pela porta, afundo a cabeça nas almofadas do sofá e deixo as lágrimas malditas escorrerem.*



Já é noite, passa um pouco das oito horas quando chego ao endereço dela. Pelo lado de fora, observo a casa, buscando confirmação de que esteja no lugar certo.

Há uma mureta baixa em frente e um portão que não chega à minha cintura em relação à altura. Atrás dele uma pequena varanda e a porta de entrada. Não parece nada seguro e com certeza não é a residência em que se espera encontrar a princesa Vidal.

Ouçó o som das teclas do piano, o que confirma minha suspeita. Por mais estranho que me pareça, é mesmo aqui que Maria Rafaela está morando desde que saiu de São Paulo.

Penso em tocar a campainha ou ligar para me anunciar, mas não sei se é a melhor opção. Ela pode acabar inventando alguma desculpa para não me encontrar ou criar alguma história. Preciso surpreendê-la para que não tenha outra opção que não seja dizer a verdade.

Um poste ilumina parcialmente a fachada da casa e vejo uma janela lateral entreaberta. Sondo pelo vão e percebo que é um quarto, há uma cama de solteiro no canto e um guarda-roupas em frente.

Dando a volta na construção, que fica bem na esquina, avisto outra janela, mas essa está bem fechada e não consigo ver nada através dela.

Não é a melhor ideia que eu já tive, mas a opção de pular a veneziana para entrar me passa pela cabeça. Só passa, porque, por mais irritado que esteja, também não pretendo assustar ninguém.

Respiro fundo, tentando manter a calma, retorno para a frente da casa e então toco a campainha.

— Já vai... — uma voz responde em seguida.

Vivi abre a porta poucos segundos depois e pela sua expressão, eu diria que acaba de encontrar uma assombração.

— Boa noite, querida — cumprimento, abrindo um sorriso.

Estou nervoso, mas o deboche parece fazer parte de mim, não consigo evitar quando sei que não esperavam que eu fosse aparecer assim.

— É... Oi — ela gagueja.

Vivi passa para o lado de fora e fecha a porta atrás de si, protegendo a entrada com o próprio corpo.

— Não vai me convidar para entrar, Vivi?

— O que... Como chegou até aqui? Eu... A Rafa já foi dormir.

Ela aquiesce repetidas vezes, como se isso enfatizasse sua resposta, mas só me mostra mais claramente que está mentindo.

— Mesmo? Então você estava tocando o piano?

Ela tem ao menos a decência de corar quando mente.

— Isso! Ela me ensinou. Olha, está muito tarde, que tal voltar amanhã pra falar com ela?

Agora Vivi está sorrindo, é um sorriso forçado e que não me engana, mas tenho que admitir que a garota é fiel, e protege Maria Rafaela como se fosse a si mesma.

— Que coisa feia, dona Viviane. Ajudando a Rafaela a esconder as coisas de mim. — Meneio a cabeça, estreitando

os olhos.

Percebo quando ela compreende que eu sei de tudo e desiste de negar.

— Não é bem assim, ela tentou falar com você, mas o celular...

— Quanto esforço! — Abro os braços, em uma alegria falsa e talvez um pouco exaltado. — Fico feliz em saber. Agora pode por favor dizer a sua amiga que eu vim falar com ela e que não vou sair daqui antes que isso aconteça?

Vivi aquiesce, os olhos arregalados e corre para dentro de casa. No entanto, eu ouço a chave girando no mesmo instante.

Essa safada me trancou pra fora!

Volto para a janela entreaberta e dessa vez eu a pulo sem nenhuma hesitação. Chego na porta do quarto e escuto as vozes sussurradas das duas, conversando.

— Rafa, fica calma, mas temos um problema. Daqueles beeeem grandes.

— Que foi? É o Leon?

— Acho que é pior...

Não considero uma crítica, considerando que estão mentindo para nós dois, talvez eu seja mesmo a pior pessoa para estar aqui agora.

— Quem?

Entro na sala e Vivi dá um grito, enquanto Rafaela se vira na direção dos meus passos.

— Quem está aí?

Ela continua tão linda quanto na última vez em que nos vimos, tantos meses atrás. Procuo evidências da possível gravidez, mas Rafaela está usando um vestido solto e não consigo notar nada muito diferente em seu corpo. Talvez os seios estejam maiores, o decote profundo em formato coração os deixa bastante evidentes.

— Sou eu, Fada. Me esqueceu tão fácil assim? — pergunto, me concentrando no que importa agora, que não são os seios dela.

Seus olhos se abrem mais com o susto, e Rafaela volta a se sentar no banco em frente ao piano, onde imagino que estava antes que Vivi entrasse correndo em casa. Com o baque, o braço dela cai sobre as teclas, que ressoam pela casa, e suas mãos cobrem a boca.

— Ninguém vai dizer nada? Até parece que eu sou um fantasma!

— Como entrou? — Vivi olha para trás de mim, procurando uma resposta.

— Deviam fechar a janela, principalmente com um *bebê* em casa — falo, dando ênfase na palavra *bebê*.

— Héctor... — Os olhos dela agora estão cheios de lágrimas, e eu me odeio por fazer algo assim, mas não consigo ter muito controle sobre a raiva que sinto agora. — Você sabe. Como?

— Como eu sei? Então é verdade? Você estava grávida e teve um filho meu? — grito, exasperado.

Nenhuma delas diz algo em resposta e perco toda a pose de ataque na mesma hora, deixando meu corpo desabar sobre o sofá.

Caralho, é verdade...

— Não pensou que eu deveria saber disso? — Minha voz agora soa baixa, estou tentando assimilar o que está acontecendo, mas é difícil.

Rafaela não responde.

Ergo os olhos e percebo que ela agora respira com dificuldade, a mão está sobre o peito que sobe e desce, agitado.

Seu corpo todo está tremendo e seu rosto está contorcido em uma careta de desespero.

— Maria Rafaela?

— Eu acho que vou vomitar... — consegue dizer.

Ela se levanta, mas suas pernas vacilam e seu corpo se encolhe, enquanto se apoia no piano.

Vivi faz menção de ajudar, mas me adianto e a seguro antes que ela caia. Eu a conduzo até o sofá e faço com que se sente, sua testa tem agora uma camada fina de suor, mas sua pele está gelada e a falta de ar é evidente.

— Ela está tomando remédio para as crises?

Vivi aquiesce freneticamente.

— Então vai pegar, e traz água.

Ela corre para os fundos da casa e me concentro para ajudar Maria Rafaela. Seguro as suas mãos geladas entre as minhas e faço o possível para esquecer que estou bravo, ao menos por enquanto.

— Fada... respira comigo, vai. Devagar, inspira bem fundo...

Acompanho o movimento ruidosamente, mostrando como ela deve fazer.

— Agora expira.

Ela segue meus comandos sem dizer nada, e continuamos assim por uns dois minutos, até Vivi retornar com o comprimido e o entregar a mim.

— É sublingual... — Vivi instrui, nervosa.

— Abre a boca. — Coloco o remédio sob sua língua e espero algum tempo, até que dissolva completamente. Só depois levo o copo de água até seus lábios entreabertos. — Toma a água agora pra tirar o gosto.

Rafaela apenas segue os comandos, eu detesto que ela ainda tenha essas crises, a vejo tão fragilizada e me sinto inútil por não poder fazer muito para ajudar.

Devolvo o copo para Vivi em seguida e volto a segurar as mãos dela.

— Continue respirando fundo, vai passar. Não precisa ficar nervosa, eu só quero conversar com você, tá bom? Vou tentar não te deixar mais ansiosa.

Ela aquiesce, e puxa uma mão para secar os olhos, úmidos das lágrimas que ela segurou corajosamente.

Devagar a crise vai cedendo, talvez o remédio esteja fazendo efeito, os tremores cessam e ela já não está mais tão fria, sua respiração também vai se normalizando.

— Eu... fiquei assustada quando descobri — começa a falar, a voz é como um fio, uma linha tênue —, acabei buscando a saída mais fácil, que era fugir.

Ouçõ um pigarreio atrás de nós e Vivi fala, logo depois:

— Vou deixar que conversem sozinhos, estou na cozinha se precisarem de mim.

Rafaela só volta a falar quando ouvimos a porta que separa os dois cômodos se fecha, eu apenas aguardo, dando tempo a ela.

— Nós não tínhamos uma relação, eu fui só um trabalho — diz, com um meio sorriso. — Como ia jogar uma gravidez em cima de você assim?

Meneio a cabeça, em negação.

— Não foi assim e você sabe. Tivemos sim um primeiro momento meio ambíguo, mas não era um programa quando viajamos juntos e não era também na casa do seu irmão, eu te disse que não era.

— E também disse que não era um encontro, nem namoro...

— Ainda assim, Rafaela — respondo. Faço o possível para não me exaltar, não quero que ela fique ansiosa, mas não posso aceitar essa justificativa. — Eu estava lá, você não fez nada sozinha, e eu tinha o direito de saber. Não quero te deixar nervosa, mas me sinto um lixo por perceber que você tomou essa decisão como se eu não tivesse voz. — Respiro

fundo, fazendo o possível para manter meu timbre sob controle. — Eu sei quem eu sou e o que eu faço, mas isso não faz de mim alguém que você pode descartar dessa maneira.

Aparentemente minha fala a surpreende, Rafaela coloca os cabelos loiros para trás, antes de responder.

— Você se sente assim? Descartado? Não pensei nisso nem por um instante, Héctor. — Balança a cabeça em uma

negativa. — Se escondi a gravidez não foi porque achei que você não merecia saber, que não valia a pena, mas porque pensei que não havia espaço na sua vida pra um filho. Pensei que não podia cobrar algo que não fazia parte do pacote, se me entende.

— Mas também não fazia pra você, essa é a questão, Rafaela. Assim como você é uma mulher que acabou engravidando, eu esperava que ignorasse minha profissão e me visse como um homem que seria pai, queria que tivesse me dito.

Ela aquiesce agora e aperta minhas mãos.

— Eu mudei de ideia quando coloquei a cabeça no lugar, mas aconteceram várias coisas. Primeiro não consegui falar com você no telefone, o número não existia mais... E como também não

contei nada a minha família, não tinha como conseguir seu número novo.

— Por que não contou a eles também?

— A princípio eu só surtei e fugi, não tive coragem de falar a verdade, sabia que o Leon iria reagir mal quando



descobrisse, principalmente se soubesse que o bebê era seu e tudo se tornaria uma grande bagunça.

— Ele não vai gostar — concordo —, mas o bebê não vai ser desfeito, não é algo que vá desaparecer. A única forma de lidar com isso é enfrentando a verdade.

— Eu sei... Já estava com uns quatro meses quando ele me mandou uma mensagem falando que estava vindo me ver e tive

uma crise de pânico horrível, no meio da rua. Quase fui atropelada grávida — ela conta, e seu corpo estremece com a lembrança. —

Então repensei as coisas e decidi esperar que ela nascesse, antes de falar... Eu pretendia ir a São Paulo em algumas semanas, quando meu resguardo terminasse.

— Meu Deus... — Estou refletindo sobre seu relato, quando parte dele me chama a atenção. — Você disse *ela*?

Maria Rafaela sorri pela primeira vez desde que cheguei e aquiesce.

— Disse. É uma menina, dei o nome de Lua a ela.

— Lua... — repito, testando o nome. — Eu sou pai de uma menina?

Deus do céu. Deve ser o carma, se preparando para me fazer pagar por todos os meus pecados.

— Sim, ela é perfeita. Está dormindo agora no quarto.

— Tá... — Volto a me sentar ao lado dela, puxando um pouco a gola da camiseta que estou usando.

Parece bem quente aqui agora, talvez eu também esteja perto de uma crise, respiro fundo fazendo o que eu mesmo a incentivei momentos antes e analiso as novas informações.

— Como você descobriu?

— Amanda veio te visitar ontem, ela te viu com um bebê e pirou, acabou não falando com você e foi embora.

— Ai, meu Deus! Meu irmão...

— Ele não sabe ainda, eu contei a ela sobre tudo o que aconteceu e pedi que me deixasse vir e descobrir tudo, antes que o Leon soubesse.

— A Amanda vai contar, Héctor!

— Não vai, não. Fica calma, vou ligar depois e falar pra ela esperar você se recuperar e aí você e o seu irmão conversam.

— Tá bom... tá... Eu posso lidar com isso.

— Claro que pode. Sou eu quem ele vai querer matar!

As sobrancelhas dela se arqueiam, acho que está considerando o que eu disse.

— Uma coisa de cada vez.

— Isso...

— Você está com raiva de mim e tem razão, eu sei que deveria ter falado antes, mas agora descobriu e está aqui. O que você pretende fazer? — pergunta, sem rodeios.

— Como assim? Existem opções?

— Claro. Biologicamente você é pai da Lua, mas não vou te forçar a assumir e estar na vida dela. Não quero que minha filha seja um fardo pra ninguém, que você sinta que ela atrapalha sua vida de alguma maneira.

Isso é tão absurdo na minha concepção que chega ao ridículo.

— Rafaela, você tem uma forma engraçada de analisar as coisas. Eu não sei que imagem tem de mim, mas não sou o tipo de pessoa que viveria tranquilamente sabendo que tem uma filha abandonada por aí. Se tem uma coisa que aprendi com o meu pai, foi a não ser como ele.

— A Vivi falou a mesma coisa sobre mim um dia, que eu seria uma boa mãe, porque aprendi tudo o que não se deve fazer.

Vindo de alguém que teve uma assassina como mãe, uma mulher que praticamente a aprisionou em casa e fez o possível para impedir a filha de voltar a ter uma vida normal, a fim de controlar a herança dela, não me restam dúvidas a respeito disso.

— Se é assim, nossa filha não poderia ter pais melhores —  
concluo. — Tivemos ótimos exemplos do que evitar.

— Certo. Então você vai assumir a Lua.

— Isso não está em discussão. Vamos enfrentar seu irmão juntos, vou te apoiar no que precisar, e estar presente. E quero ver ela agora...

— Tá bom. Mas tem uma última questão, eu estou morando aqui agora, trabalho aqui e você tem que voltar pra São Paulo. Isso é algo que vamos precisar discutir.

Eu entrei no carro e vim para Holambra totalmente sem rumo, não planejei o que fazer depois que descobrisse a verdade.

— Não pensei em nada quanto a isso, mas imagino que, como veio para a cidade por causa da gravidez, você possa voltar quando tudo isso for esclarecido — sugiro.

Mas Rafaela discorda.

— Eu poderia, mas não pretendo. Gosto daqui, meu trabalho é gratificante, ajudo outras pessoas como eu, é um lugar tranquilo para criar uma filha e uma cidade na qual eu tenho mais liberdade.

Aquiesço, compreendendo suas pontuações.

— Acho que não precisamos discutir isso agora. Por enquanto, vou tirar um mês de férias do trabalho, ficar na cidade e resolver tudo que precisarmos. Depois vemos como fazer isso funcionar.

— Vai ficar aqui?

— Sim, não quero estar longe. Eu sei que acabei de descobrir e ainda nem a vi, deve soar estranha toda essa determinação, mas isso é algo muito sério pra mim, Rafaela. Não se deixa um filho pra trás, nunca.

— Tá bom. — Ela aquiesce, abrindo um sorriso. — Então é hora de conhecer sua filha.

— Eu... Preciso lavar as mãos. Fumei quase um maço de cigarro, de tão nervoso que fiquei e devo estar fedendo.

Rafaela se levanta do sofá e segue pelo corredor, eu a acompanho de perto, em um misto de excitação e

apreensão. Ela abre a porta, me indicando o banheiro e me espera do lado de fora.

Quando saio, logo me vejo em uma cozinha ampla. Os móveis são

modernos e há um bom espaço entre eles que facilita para que ela ande pelo lugar, sem esbarrar em nada.

— Vivi?

— Estou no quarto...

Rafaela segue para a porta que fica nos fundos e a abre, ela apenas estende os braços e Vivi entende o que está pedindo e entrega o pacotinho enrolado em uma manta cor-de-rosa em suas mãos.

— Essa é a Lua, Héctor.

Eu me inclino para ver o rosto dela, estou tremendo um pouco quando encontro o par de olhos azuis abertos.

Um pouco em choque e emocionado, pego a pequeninha dos braços da mãe dela e esquadrinho seus traços. Ela é uma recém-nascida ainda, mas tem muitos fios de cabelo preto cobrindo a cabecinha, são bem parecidos com os meus.

O rostinho redondo ainda não me diz muito, se tem mais da Rafaela ou de mim, mas há um furinho no queixo que é exatamente como o que eu tenho.

A bebê está usando um macacão branco e está toda empacotada entre os cobertores, mas as mãozinhas estão livres.

Coloco meu dedo sobre a palma minúscula e Lua o segura com força.

— Oi, Lua... Eu sou seu papai, sabia? Que surpresa, não?

Os olhos azuis encontram os meus e, de alguma forma, sinto que ela pode entender o que estou dizendo agora.

— Não precisa ficar com medo, eu pareço malvado, mas prometo que só vou ser do mal com quem tentar machucar você, combinado?

Percebo uma lágrima minha cair sobre a manta rosa, e ao fundo também ouço Rafaela fungar.

— Eu vou te amar daqui até a Lua, do tamanho do céu.



### ***Maria Rafaela***

Eu me sento em frente ao computador e cliço no link que Fernanda, minha psicóloga, enviou. Lua está dormindo e Vivi está arrumando a cozinha do almoço, então estou sozinha na sala.

A voz de Fernanda chega até mim e abro um sorriso para a tela.

— *Boa tarde, Maria Rafaela. Como você está?*

— Boa tarde! Estou melhor, acho que na outra semana já devo voltar a ir ao consultório.

— *Vai ser ótimo, estou sentindo falta das nossas sessões presenciais. E como vai a Lua?*

— Muito bem, tenho novidades...

— *É mesmo? O que você tem para me contar hoje?*

Nem sei por onde começar.

— Foi uma semana calma, mas as últimas vinte e quatro horas foram um turbilhão — digo, pensando em tudo que houve. —

Eu tive uma crise de pânico ontem, precisei tomar o remédio como medida de urgência, mas passou rápido.

— *Já fazia um tempo que isso não ocorria, o que você acredita que tenha desencadeado isso?*

— Eu não acho, eu sei — falo, dando de ombros. — O pai da minha filha descobriu sobre ela, e apareceu aqui em casa ontem, me pegou de surpresa.

— *Sério? Eu achei que ele não soubesse onde você estava.*

— Héctor me contou que minha cunhada veio até aqui e parece que me viu com a Lua, ela comentou, porque são muito amigos e ele deduziu o resto sozinho.

— *Bom, uma hora você teria que enfrentar isso. Já conversamos sobre lidar com confrontos e não fugir de situações que precisam ser enfrentadas.*

Assinto, porque é verdade. Realmente falamos a respeito, o que não torna tudo mais fácil.

— Eu acho que no fim as coisas correram bem. O Héctor não está feliz comigo, pelo modo como falou, ficou magoado porque eu escondi, como se tivesse roubado a decisão dele de participar da vida da Lua.

— *E o que você acha disso?*

Não há mesmo o que contestar.

— Eu sei que ele tem razão, mas expliquei meus motivos.

Por mais que não esteja contente, acho que ele entendeu meu lado.

— *E como o... Héctor, certo? — ela pergunta. — Como ele reagiu a sua crise?*

— Ele me entende, nós nos conhecemos assim, na verdade.

Eu estava no desfile da nova coleção da empresa e não conseguia respirar, corri pra fora e minha mãe me achou. As coisas ficaram complicadas e eu estava muito mal, Héctor foi quem me levou ao hospital e ficou comigo.

— *Parece ser uma boa pessoa.*

— Sim, ele é. Eu acho que por causa da profissão dele, pensei que não fosse gostar de saber sobre o bebê. Fiz uma suposição errada.

— *Qual é a profissão dele?*



— Héctor é stripper — conto, e abro um sorriso enquanto tento imaginar a expressão da pobre doutora Fernanda —, e garoto

de programa.

Essa coisa de não deixar transparecer o choque deve ser difícil. No caso dela, pelo menos pode fazer caretas e expressões de surpresa, porque não estou vendo mesmo.

— *Entendo...*

— Não esperava por essa, né? Mas quero que saiba que não existe nada que o torne menos... maravilhoso — digo, sem encontrar outra palavra que o descreva tão bem. — Eu só não esperava que ele fosse desejar ser tão presente.

— *E ele deseja?*

— Sim. Conheceu a Lua ontem e foi emocionante, disse umas coisas lindas pra ela e fui eu que acabei chorando. Héctor vai

ficar na cidade até decidirmos o que fazer.

— *E como você se sente quanto a isso?*

— Acho ótimo, quero que a Lua o tenha por perto.

— *Sim, mas quero saber sobre os seus sentimentos. Você disse que ele trabalha com sexo, então como definiria a relação de vocês?*

— Eu sempre me senti muito atraída por ele, e acabei o procurando uma noite. A princípio era pra ser um... você sabe, um programa — admito, um pouco constrangida. —

Depois acabamos saindo, ficamos juntos mais algumas vezes porque queríamos e eu engravidei. É confuso demais.

— *Parece uma relação que começou sem vínculos, mas acabou se desenvolvendo, como geralmente acontece. Você tem sentimentos por ele?*

— Eu... não sei bem o que eu sinto, mas com certeza não sou imune a ele. — Balanço a cabeça, rejeitando a pergunta. — Isso não importa, não é algo possível, então prefiro não pensar a respeito.

— *Por causa do trabalho dele ou pela sua família?*

— Pelo trabalho, não sou do tipo que gosta de dividir, se me entende.

— *Sim. E quanto a ele, você disse que pretende ficar na cidade...*

— Isso, ele vai alugar uma casa por perto para ficar, ao menos esse mês. Quer estar perto da Lua.

— *Isso é maravilhoso. Apesar de tudo isso, acho que fizemos avanços, Maria Rafaela. A situação te pegou desprevenida e o seu emocional foi abalado, isso te desestabilizou e as crises podem acontecer em momentos assim, o importante mesmo é sua reação diante delas, e a maneira como assume o controle.*

— Sim, eu não estava esperando por ele, mas Héctor me ajudou a respirar fundo, me acalmar e depois tivemos uma longa conversa.

— *Essa questão com o segredo sobre a Lua, era algo que vinha impedindo você de avançar, estava te prendendo. Creio que*

*quando enfrentar seu irmão, teremos ainda mais resultados positivos.*

— Quero fazer isso logo, Héctor disse que vai estar comigo.

Quando encerramos a sessão, procuro por Vivi e a encontro ainda na cozinha.

— Como foi? — ela pergunta, antes mesmo de me sentar ao seu lado para conversarmos.

— Bem, falei pra ela sobre o Héctor — conto, bem aliviada por ter colocado para fora.

— Aquele cara... me deu maior susto ontem!

— Eu não entendi nada — admito. — Você foi abrir a porta e voltou sozinha, de repente ele apareceu do além!

— Ele pulou a janela, não ouviu quando disse que devíamos deixar fechada? Eu tranquei a porta na cara dele e acho que pensou que não fosse deixar que entrasse, aí simplesmente pulou.

— Sério? — Por mais estranho que seja o momento que estamos vivendo, isso me faz rir. — Lembro do vovô Tetê falando que ele adorava entrar na casa dele pela janela, um dia o Leon viu e pensou que fosse um ladrão.

— É doido! Sair pulando na casa dos outros... Mas, olha, apesar do susto, estou feliz que ele tenha vindo, é um segredo a menos.

— Também estou contente, quero ter paz e pra isso preciso enfrentar a verdade.

**Héctor**

O dia começa agitado. Não consegui dormir bem, pensando em Lua e Maria Rafaela, e na virada brusca que minha vida teve nas últimas vinte e quatro horas. Mas quando o dia amanhece, começo a lidar com tudo que é preciso fazer hoje, mesmo que ainda esteja na cama.

Amanda me mandou um milhão de mensagens e já me ligou três vezes, então decido começar por ela.

— *Héc? Graças a Deus* — ela atende. — , *E aí? Como foi?*

— Bom dia, Amandinha. Tá sentada?

— *Para de brincar comigo.*

— Bom, não tem um jeito diferente de dizer que você estava certa.

— *Santo Deus...*

— Ela engravidou e teve o bebê, e sim, eu sou o pai.

— *Jesus Cristo!*

Suas reações são engraçadas e um pouco exageradas.

— Agora vem a parte prática, você me prometeu que me daria uns dias e isso ainda se mantém.

— *Por quê? Você já sabe de tudo! Preciso falar para o Leon.*

— A Rafaela está de resguardo, se recuperando, e o plano dela era esperar as duas semanas que faltam e aí ir até São Paulo conversar com ele e contar tudo. Eu acho que o Leon merece saber por ela, e a Rafaela também merece a chance de se explicar.

— *Claro que os dois merecem, mas você quer que eu esconda isso por duas semanas? Ele vai ficar muito bravo comigo quando souber.*

— Aí você joga a culpa toda em mim, eu aguento. Prometo.

— *Tá bom* — ela concorda. — *Eu vou fazer isso porque é um segredo da Rafaela, e ela tem o direito de contar ao irmão. Mas também porque acho que vai ser mais fácil quando vocês não estiverem brigando entre si.*

— Eu não briguei com ela. Quer dizer, eu comecei a brigar, mas estava só piorando as coisas e, cacete, Amanda. Eu tenho uma filha!

— *Ai meu Deus! É uma menininha?*

Sorrio ao ouvir a empolgação dela.

— Ela se chama Lua, e é a coisa mais linda do mundo. Tem os olhos azuis como os da Rafa e os cabelos pretinhos, parece a Branca de Neve.

— *Aiiii que coisa fofa! Eu vou ter que esperar duas semanas pra ver! Eu ia pedir fotos, mas vou me sentir ainda pior por conhecer ela antes do Leon, então vou esperar.*

— Tá bom, não vou te falar mais nada. Esquece que sabe de alguma coisa.

— *Vou tentar, mas eu fiquei tão preocupada que sonhei com você.*

Isso não me surpreende, Amanda é campeã de ter sonhos esquisitos.

— Mesmo? Também não dormi direito por causa disso tudo.

O que você sonhou dessa vez?

— *Foi estranho...*

— E quando seus sonhos não são?

— *Bom, você tinha uma casa em Londres.*

— Quê? — Essa é nova até para os sonhos malucos dela.

— *É, mas era na Londres vitoriana. E era viúvo. A Rafaela estava trabalhando na sua casa e vocês se pegaram, mas aí ela abriu uma porta e tinha uma múmia lá dentro.*

— De onde você tira essas coisas?

Apesar do momento ser tenso de modo geral, sinto vontade de rir com a história que a cabeça dela foi capaz de criar.

— *Sei lá, mas era a múmia da sua primeira esposa. Aí de repente começou um apocalipse Zumbi e morreu todo mundo.*

— Credo, Amanda, que merda de sonho. Se for um presságio eu vou virar Zumbi e voltar pra puxar seu pé!

— *Larga de ser bobo. Meus sonhos nunca fazem sentido! É*

*que ontem eu vi Orgulho e Preconceito com o Leon, o que explica a parte de Londres e depois ele me fez assistir a um filme de terror, o que justifica os Zumbis. Mas pelo menos você era um Zumbi bonitinho.*

— Eu era Zumbi? Você não disse que eu morri?

Cada vez pior...

— *Foi, e virou Zumbi. Enfim, vou desligar porque preciso dar o leite do Rodriguinho.*

— Tá bom, beijo.

Francamente...

Encerrando a ligação, aproveito para já resolver as coisas no trabalho, e disco o número do lago.

— *E aí, cara?*

— Tudo de boa por aqui. Como foi ontem?

— *Bem, nem sentiram sua falta* — ele fala, tentando me provocar.

— Que boa notícia, porque preciso de um favor.

— *O quê?*

— Preciso tirar férias, vou falar com o chefe e ver se me libera por esse mês, mas queria ver se você e o Ítalo dividem meus turnos.

— *Um mês inteiro de férias? Não lembro de você já ter feito isso alguma vez.*

— Porque nunca fiz. Sempre tem uma primeira vez.

— *Tudo bem, por mim tá combinado. Fala com eles e me avisa depois...* — Ele faz uma pausa se preparando para desligar, mas parece se lembrar de algo em tempo. — *Aqui, e aquele clube de sexo? A gente ia se apresentar lá no final do mês, lembra?*

Eu tinha mesmo me esquecido. O clube é novo na cidade e, ainda que os adeptos sejam pessoas que vão até lá

especificamente para o sexo, o exibicionismo e suas variáveis, em alguns casos, contratam dançarinos profissionais para entreter o público e fechamos um final de semana com números de dança e de striptease.

— Eu volto pra isso, não se preocupa. Mesmo que tenha que ir e vir, eu dou um jeito.

— *Então beleza, quem sabe a gente se apresenta e pode entrar nas brincadeiras lá?* — ele pergunta, gargalhando.

lago não vê a coisa só como trabalho, ele realmente se diverte muito na loucura toda que é essa vida que levamos.

— Sei não, tô com umas coisas sérias pra resolver, mas vou cumprir o contrato, relaxa.

— *Beleza, se precisar de alguma coisa é só chamar.*

— Valeu, cara. Até mais.

Depois de resolver tudo na boate também, saio do hotel à procura de um lugar para ficar. Na imobiliária não encontro muitas opções, são casas muito grandes e em sua maioria, muito longe do lugar onde Maria Rafaela está morando.

Quando percebo que já está na hora que combinei de ir até lá, deixo minha busca para o dia seguinte e aumento mais uma noite na minha estadia no hotel. Fumo um cigarro no caminho, mas o apago logo que chego diante da casa.

Rafaela mesma é quem abre a porta dessa vez. Ela está bonita, usando uma calça folgada e regata justa.

— Boa tarde — cumprimenta, me dando passagem.

— Boa tarde, Fada. Está linda.



— Não precisa mentir, acabei de ter um bebê — fala, sorrindo com sarcasmo.

— Continua linda.

— Obrigada. E aí, resolveu alguma coisa?

Nós entramos na casa e vejo Lua no bebê conforto, o mesmo montinho de cobertores de ontem, mas agora usando um conjunto amarelo, e ostentando um laço enorme na cabecinha.

— Oi, coisa linda... — Dou um beijo suave no rosto dela e vejo as pálpebras estremecerem, então me afasto para não atrapalhar o cochilo.

Por um momento penso no cheiro do cigarro, que deve estar em mim. Isso começa a me incomodar, eu deveria parar, porque não

é bom para uma bebê conviver com isso e não é como se o vício me fizesse bem.

Meneio a cabeça, afastando o pensamento por hora e focando no que importa agora.

— Bom, falei com a Amanda e ela vai esperar você ir até São Paulo.

— Graças a Deus...

— Sim, mas ela está nervosa, teve até um daqueles sonhos doidos dela.

— Jura? Não deve ter sido pior do que aquele que eu era um peixe perdido no oceano — comenta, seguindo para o sofá.

— Ela sonhou que você era o Nemo?

Eu me lembro de quando ela sonhou que eu era uma carteira, de dinheiro mesmo. É cada uma...

— Foi o que eu disse, mas ela falou que não — Rafaela explica. — Eu estava perdida e meu pai me procurava, fui parar em um consultório.

— É o Nemo! — insisto.

— Um consultório de cirurgias plásticas, porque eu não gostava do meu nariz.

— Um peixe que não gostava do nariz? — Aqui a equação se complica.

— Pois é, a cirurgia foi feita no meio de um show do One Direction.

Agora Rafaela está rindo abertamente, ninguém fica imune a um dos sonhos da Amanda.

— Que isso... Essa garota precisa ser investigada pela NASA.

— Pois é.

— Mas acho que o de hoje é bem estranho também —

conto —, dessa vez eu era algum lorde vitoriano em meio a um apocalipse zumbi. Nem tente entender. — Faço uma pausa quando meus olhos encontram Lua, adormecida no bebê-conforto e admiro

sua respiração tranquila. — A propósito, falei com os caras na boate e vão me substituir, estou livre o mês todo.

— Que ótimo, já arrumou lugar para ficar?

— Ainda não, fui ver algumas casas, mas é tudo longe e muito grande. Vou ficar no hotel até achar um lugar.

— Estava pensando em uma coisa.

— O quê? — Me sento ao lado dela, esperando o que vai dizer.

— Já mencionei que pretendia fazer a cirurgia das córneas, certo?

— Sim, antes de tudo você disse que iria fazer logo.

— Isso. Aí veio a gravidez e decidi esperar, agora está chegando minha vez, não sei quanto tempo ainda vai levar, mas pela posição sei que está perto...

— Que maravilha! Isso é ótimo.

— Bom, não é certeza de que vai dar certo e mesmo que dê, pode levar um tempo para que eu volte a ver.

— O importante é tentar, principalmente porque se não fosse aquela bruxa da sua mãe, você já teria feito isso muito tempo antes.

— Eu sei... enfim, pensei que quando fizer, talvez precise de mais ajuda com a Lua. Vai ser difícil pra Vivi cuidar de duas pessoas. E se você ficasse aqui?

— Na sua casa?

O convite me pega de surpresa. Lógico que seria melhor e muito mais fácil, até porque estou aqui apenas por elas, mas não esperava a oferta.

— É, você fica perto da Lua e não precisa gastar com o aluguel. E eu tenho alguma ajuda no começo...

— Isso não vai te atrapalhar? Tirar sua liberdade, não sei.

— Não vai, vai ajudar a nós dois.

— Por mim acho uma ótima ideia — confesso. — Fico perto das duas e economizo.

Rafaela sorri, animada.

— Ótimo! Tem uma garagem, você pode guardar seu carro aqui.

— Então acho que vou buscar minhas coisas no hotel, vai ser melhor já vir de uma vez.

— Combinado, vou conseguir um colchão pra você.

— Não se preocupa. Eu passo na loja e compro um, já que vai ficar por um tempo indefinido, melhor providenciar. E é o que faço. Depois que saio da casa dela, ocupo o resto do meu dia com a pequena mudança. Faço o check-out no hotel, pego minhas coisas e coloco no porta-malas, depois tiro o carro do estacionamento.

Dirijo até o centro da cidade e compro um colchão de casal, que peço para entregarem com urgência. Se precisar fazer a Lua

dormir de madrugada, me parece uma opção mais viável. Também compro pasta de dentes e alguns itens que geralmente eu usaria do hotel, e depois sigo para a casa que será meu lar pelas próximas semanas.

Maria Rafaela me cedeu o quarto que em teoria é da Lua, mas que não vai ser usado por ela durante um bom tempo. Ainda assim, várias de suas coisas de bebê estão espalhadas por ele, a maioria para que ela use quando

estiver maior, como uma pilha de pacotes de fraldas tamanho G, lenços umedecidos e itens como um carrinho, uma cadeirinha de alimentação e um andador.

— Uau, você já comprou coisas pra ela por muito tempo.

— As fraldas nós ganhamos, fizeram um chá de bebê pra mim no instituto e todos levaram os pacotes. As outras coisas fui

comprando ao longo dos meses.

— Eu quero ajudar, se tiver algo que precise comprar, me fala.

— Falo sim — ela concorda, mas não sinto que vá dizer mesmo. — Pode colocar suas coisas aí, vou dar mamá pra ela.

Rafaela deixa o quarto e dessa vez acabo me demorando mais observando seu andar para fora. Como ela pode continuar gostosa assim se teve um bebê outro dia mesmo?

Passo o resto do dia babando pela minha filha, observando enquanto dorme e a segurando no colo quando acordada. Apesar de estar conversando pacificamente com Maria Rafaela, sempre que me lembro do que ela fez, sinto a raiva na superfície, o que não

me impede de desejá-la outra vez e estar tão perto mexe bastante com minha cabeça. A que usa um piercing.

Jantamos juntos e Vivi se esforça para trazer assuntos imparciais, nos forçando a falar sobre temas bem aleatórios, como política e a importância de preservar as praças das cidades. Rafaela está cansada e vai dormir cedo, aproveito para fazer o mesmo e tirar o atraso da noite anterior.

Mas no meio da madrugada o barulho me acorda, ouço o choro baixinho e me sento no colchão em um pulo.

Lua está chorando.

Meio cambaleante de sono, eu sigo até o quarto delas, mas quando empurro a porta encontro Rafaela já com a pequena nos

braços, balançando de um lado para o outro.

— Tudo bem aí?

— Ela queria o leite, já vai dormir de novo.

— Quer que eu fique um pouco com ela?

— Não precisa, era só fome — fala baixinho, e realmente o choro cessa em seguida.

Rafaela ainda nina Lua no colo um pouco mais e depois a coloca de volta no berço. Só então eu noto o que ela está vestindo, Rafaela está usando apenas uma camisola de cetim, preta, que deixa muito pouco para a imaginação.

Merda. Acho que já estou sem fazer sexo tem muito tempo, o que não era comum pra mim. As pernas grossas estão à mostra e o decote é bem proeminente, e não consigo desviar o olhar.

— Héctor? — ela sussurra.

— Hum...

— Ficou quieto de repente.

Não vejo razão para mentir.

— É que você é muito gostosa, eu não tinha notado a camisola.

Rafaela não responde a isso rapidamente, primeiro ela parece assimilar o que eu disse.

— Eu devia ter colocado algo menos... não pensei direito, não achei que fosse vir aqui.

— Não devia, não. Eu gosto muito dessa camisola.

Ela tem a expressão carregada de surpresa.

— Você é muito atrevido!

— Quanto tempo mesmo dura essa coisa de resguardo?

— Você não está falando sério! Eu tive um bebê! —

sussurra, mas parece estar falando sério. — Foi exatamente por essas ideias aí que isso aconteceu, e nós não somos um caszinho de namorados! Não tem que discutir meu resguardo como se fosse transar comigo quando ele terminar.

— Ah, mas agora é isso mesmo que eu pretendo.

— Não pretende nada! Eu não quero, nem quando as duas semanas acabarem.

Dois semanas, quinze dias, morando na mesma casa que ela.

— Então eu acho que tenho duas semanas pra te fazer mudar de ideia, Fada.

— Não vai acontecer.

Avanço para perto dela, sua respiração fica mais condensada. É nítido que ela percebe a aproximação e que isso não mexe apenas comigo.

— Tá bom. Só um beijo, então.

— Héctor...

Colo minha boca na dela, e Rafaela geme contra meus lábios, rendida. Suas mãos tocam meus braços e ela aproxima mais o corpo do meu, enquanto minha língua encontra caminho até a dela.

Minhas mãos sobem o tecido fino da camisola e aperto a bunda gostosa, sentindo meu pau crescer, doido pra se afundar nela. Mas, conhecendo os limites, apenas mordo a pontinha da boca cheia que ela tem, antes de me afastar.

— Duas semanas, Fada. Se prepara.

Quando deixo o quarto, ela está com a mão sobre a boca, como se ainda sentisse meu beijo, e é a cena mais sexy que vejo em meses.

## **Capítulo 19**

### **Héctor**

De acordo com o médico, a córnea para o transplante de Maria Rafaela, agora pode surgir a qualquer momento.

A questão é que com tantas preocupações, não quero que seu irmão acabe descobrindo de repente sobre Lua e causando ainda mais conflitos para a cabeça dela agora, então decido eu mesmo enfrentar o inevitável, e envio uma mensagem para Leon.



Também prefiro não preocupar Amanda, então não digo nada a ela.

A coisa já começa mal, porque quando digo que estou em Holambra e peço para que venha me encontrar, ele já responde com uma mensagem gentil.

*"Que porra você tá fazendo aí?"*

É, se o dia terminar e eu não tiver os dois olhos bem roxos, vou poder me considerar um vencedor.

Peço para que ele me encontre próximo a um posto de gasolina, antes da entrada da cidade. É um lugar mais afastado para que possamos conversar e resolver as coisas sem interrupções. Tento pensar em um plano de ação, na forma mais tranquila de abordar a questão, mas não há uma maneira fácil de explicar o que aconteceu.

Vejo a BMW preta pelo retrovisor, um dos carros do empresário que domina o ramo de joias a nível mundial, e assisto quando Leon desce do carro pela porta de trás e caminha na minha direção. Também saio e ele me cumprimenta com um aceno de cabeça. Desde que nos entendemos, geralmente nossos encontros são mais amistosos, mas hoje ele se mantém distante e sério, porque está desconfiado. Ainda dou um oi para Eduardo, o motorista dele, antes de partir para o confronto.

— Não sei se entendi bem por que você me fez viajar até aqui pra te encontrar — ele diz, com o cenho franzido.

— Precisamos conversar.

Chega a ser engraçada a discrepância entre nossos estilos.

Leon Vidal é um cara bonito, não posso negar, tem os cabelos

ruivos e um porte atlético, usa ternos bem cortados o tempo todo e tem essa aura que exala dinheiro. Não poderíamos ser mais opostos, mas só estou divagando para postergar o momento da verdade.

— E é só uma coincidência que esse encontro seja na cidade em que minha irmã está morando?

— Não, não é uma coincidência.

— Imaginei. O que me leva a perguntar, o que está acontecendo?

Sua expressão não me dá muitas dicas do que está pensando, mas fica claro que não gosta do que quer que seja.

— Bom, pensei muito em como dizer isso e explicar tudo.

Seria melhor em ordem cronológica? Ou jogar a merda toda no ventilador de uma vez? — São perguntas retóricas. — O que você prefere? Talvez se eu começar do início você entenda melhor e não surte muito...

— Ah, mas eu já estou surtando — ele diz, aquiescendo freneticamente. — Quero a merda toda de uma vez. Desembucha, Héctor. Que porra você fez com a minha irmã?

Respiro fundo me preparando para ouvir os gritos que vão vir.

— A Rafaela teve um bebê. E eu sou o pai, pronto, falei...

Mas tudo é silêncio. Leon me fita com uma calma bizarra, os olhos estão vidrados. Acho que entrou em choque. Abano a mão em frente ao seu rosto e ele meneia a cabeça.

— Como... O que você disse? Como a minha irmã pode ter tido um filho? Isso é uma pegadinha?

Então é isso. A verdade é tão chocante que o homem nem mesmo acredita.

— Eu sei que parece bem ruim... Mas essas coisas acontecem, não é?

Depois disso é tudo caos e destruição. Nunca eu poderia imaginar que o engomadinho do Leon tivesse um soco tão forte.

Mudo de opinião quando meu dente cai na terra, ao meu lado e o sangue começa a pingar da minha boca.

— Puta que pariu, Leon! Você quebrou meu dente!

Estou cuspendo sangue e olhando para o chão à procura dele.

— E eu acho que sua boca quebrou minha mão, vagabundo.

— E A CULPA É MINHA? VOXÊ QUE ME XOCOU! — estou gritando de volta, mas as palavras saem meio estranhas, com a boca toda zoada.

— E você que... Eu ainda não entendi nada que você disse direito.

— Então por que me bateu? *Xai* batendo *nox outrox xem* entender o que *extá acontecendo?*

Ele meneia a cabeça, apoiando a mão sobre a outra aberta e andando de um lado para o outro.

— Você disse que minha irmã está grávida? Porque parece que disse que teve um bebê!

Isso vai ser mais difícil de explicar do que eu pensei. Cuspo o sangue e tento falar sem o som bizarro de *xís*.

— Eu também não tenho culpa! Ela só me contou, porque eu fui até a casa dela e vi com meus próprios olhos.

O vermelho agora já mancha minha camiseta e minha mão, mas em compensação avisto meu dente sobre um amontoado de

grama e o coloco no bolso.

— Como assim, *viu?* Tem um bebê na casa da Rafaela?

— É uma menina, nossa fi...

— EU VOU TE MATAR, DESGRAÇADO! — ele grita e corre na minha direção, mas eu escapo correndo para o outro lado.

—

Como é que a Rafaela foi ter um filho seu?

Estou do outro lado da BMW dele agora, e Eduardo nos encara do banco do motorista, sem entender nada.

— Acho melhor não explicar essa parte, mas você entende a mecânica da coisa. Primeiro as pessoas ficam sem as roupas...

Leon me fuzila e eu encolho. É quase impossível conter minha língua dentro da boca e as frases irônicas saem sem que eu perceba e soam como provocações.

— Tá, eu vou explicar tudo, tá bom? — Ergo as mãos em um gesto de rendição. — E você não pode deixar sua sobrinha sem pai, então vê se fica calmo. Eu juro que tem uma explicação razoável!

Leon está rindo agora, rindo não, gargalhando, jogando a cabeça para trás. Eduardo desce do carro para tentar ajudar de alguma forma, só espero que não venham os dois pra cima de mim.

— HÉCTOR — ele grita —, você transa com mulheres por dinheiro e ganha a vida usando cuecas de oncinha! Não consigo imaginar uma explicação razoável pra que, sendo meu amigo e da

Amanda, você tenha achado que seria normal transar com a minha irmã.

— Ele fez o quê?

Até o Eduardo agora me encara como se eu fosse um demônio!

— Então... Somos amigos? — Até então sempre achei que ele me considerava mais como o amigo irritante da mulher dele, que não conseguiu afastar.

Isso é bem legal, na verdade.

— Caralho, você tá brincando com a minha cara?

— Não, Vidal. Calma...

— Eu vou ficar calmo! Depois que for ao hospital porque eu quebrei minha mão!

Eduardo olha para os dedos do chefe com uma careta que mostra que a coisa não está bonita.

— E eu preciso colocar meu dente de volta! De jeito nenhum vou ficar andando por aí banguela.

Agora o motorista me encara e sua expressão fica pior, um claro indicativo de que perdi todo meu charme.

— Entra no meu carro, a gente vai junto — Leon fala, com uma cara de quem não vai aceitar discussão —, depois eu decido se tento te dar uma surra com o outro braço ou se te deixo me convencer de que não é um filho da puta.

Faço o que ele diz, porque não tenho muito a fazer em minha defesa. Quebrar o dente dele como vingança não vai me ajudar a resolver as coisas e eu preciso que fique tudo bem. Minha Lua é para sempre e eu não vou a lugar algum sem ela.

Eduardo dirige em silêncio até o hospital mais próximo e quando estaciona, Leon e eu saímos do carro. Devemos ser uma imagem e tanto, porque não tem uma pessoa que não se vire para encarar. Um tatuado e banguela, com o rosto ensanguentado e um engomadinho com a mão quebrada e o que obviamente é o meu sangue a manchando.

Entramos, e ele se dirige a recepção. A moça olha de um para o outro com os olhos esbugalhados.

— Boa tarde — ele tira o cartão do plano de saúde da carteira —, preciso de um atendimento urgente, acho que quebrei a mão, ou ao menos o dedo.

— Tudo bem, vou preencher sua ficha, senhor. Quais os sintomas?

— Dor — ele fala, seco.

— Como se machucou? — a garota insiste em uma conversa para preencher a ficha.

— Socando a cara dele.

A mulher agora está boquiaberta e me encara em busca de confirmação. Eu mostro o dente na minha mão para que ela possa ver.

— Ele arrancou meu dente, preciso de atendimento!

— Mas... Isso precisa de um implante, eu acho. O senhor tem que ir a um dentista...

— Isso faz muito sentido! E agora? Você me fez deixar o carro lá — reclamo com Leon.

Às vezes acho que não tenho filtro, ou medo do perigo.

— Porque pensei que fosse fugir.

— Se fui eu que te chamei aqui, por que iria tentar escapar?

Deixa de ser louco.

— Mas você foi se meter com a minha irmã, seduziu a menina. Rafaela é uma garota inocente!

Agora é a minha vez de rir. O coitado não faz ideia...

— Acha mesmo que eu fiquei andando atrás dela? Foi ela quem me procurou, tá bom? Rafaela é um anjo, mas não é inocente.

E eu nem vou falar do que ela fez na praia.

Leon ergue as mãos, me pedindo para parar. Ainda bem, porque minha língua sem trava estava prestes a mencionar o que não devo.

— Senhores... — a atendente chama nossa atenção. Acho bem válido, porque estamos fazendo muito alarde.

— Vai no meu carro, enquanto eu sou atendido, mas nossa conversa não terminou.

— Vai me deixar dirigir a nave?

Ele franze o cenho, como se fosse uma pergunta idiota.

— O Eduardo vai te levar e, depois, vocês me pegam aqui.

Não estou em posição de recusar, então pesquiso na internet pelo consultório odontológico mais próximo e passo o endereço para o Edu, que se guia pelo GPS.

O dentista me explica que, devido ao trauma e ao fato de que não coloquei gelo, nem estanquei o sangramento, eu poderia de fato ter perdido o dente. Mas por ter sido rápido, existe uma chance de salvação por meio de um reimplante.

Eu gostaria de não ter que descrever o que sofri na cadeira daquele consultório. Entre a anestesia local, a extração do que restou do dente e o tempo para preparar o reimplante, foram

necessárias algumas horas e uma boa dose de sofrimento. Não gosto muito de dentistas, mas nesse caso não tive opção.

Maria Rafaela mandou mensagem, e fui obrigado a dizer apenas parte da verdade. Se ela estranhou o momento que escolhi para ir ao dentista, não demonstrou isso.



Leon também ligou para que Eduardo o buscasse, por isso não é surpresa que esteja à minha espera quando saio do consultório, agora com o dente no lugar e a boca do tamanho de uma bola de golfe.

Ele estreita os olhos ao me ver, acho que está tentando mensurar o estrago que fez. Abro um sorriso forçado para mostrar o dente e ele ergue a mão, mostrando os dois dedos engessados.

Que bela dupla de otários!

— Então conseguiu salvar o dente.

— Eu não diria isso, Leon. Você ARRANCOU meu dente, agora eu tenho a porra de um parafuso na boca e isso não tem volta.

— Mas eu quebrei os dedos — fala, como se justificasse.

— Me socando porque quis. E eles vão voltar ao normal.

— Eu não te matei, então diria que está no lucro. Agora entra aí, vamos conversar direito em algum lugar.

— Vai tentar destruir minha cara de novo? Porque se for, melhor já ficarmos por aqui.

Ele apoia as mãos na cintura e pondera, mas acho que não tem uma resposta quanto a isso, ainda não se decidiu. E eu estou me deixando apanhar por estar errado.

Maria Rafaela e Lua, Amanda... Tudo isso pra me manter na vida das três. Eu poderia acabar com o Leon se quisesse, pelo menos acho que sim, mas isso não iria melhorar as coisas pro meu lado.

— Tá bom, Héctor. Vamos partir do início, você se envolveu com a minha irmã debaixo do meu nariz.

Ele fala, os olhos acusatórios.

— Eu já disse que não foi assim, mas não me sinto à vontade para expor os detalhes porque acho que cabe a Rafaela

falar ou não. O que posso dizer é que ela recebeu um convite de uma festa de dez anos do ensino médio e precisava de alguém para a acompanhar.

— Então você foi com ela a essa festa? Rafaela me falou sobre isso, só não me disse quem era o seu acompanhante.

Aquiesço, as mãos no bolso enquanto narro o que importa pra ele.

— Nós fomos juntos, ela se divertiu, dançou, correu... De uma forma ou de outra as coisas evoluíram e aconteceu. Eu sabia que era errado, considerando o merda que eu sou, tá bom? Não pense que eu não sei a diferença entre sua irmã e eu, ela é...

Leon me encara ainda com os olhos estreitos, aguardando.

— Pura, talvez não inocente, mas tem o coração puro. Eu disse que não podia mais acontecer e ela concordou, e não nos vimos mais. Só que ela estava grávida.

— E você está me dizendo que a Maria Rafaela se escondeu aqui nessa cidade, sozinha, por todos esses meses para esconder a gravidez?

— Mais ou menos isso. Ela está trabalhando no instituto e parece feliz com isso, mas, sim, o motivo principal foi esse.

— E você só descobriu agora?

— Sim, eu... — Penso em uma maneira de não envolver Amanda nisso, mas o único jeito é omitir o nome dela parcialmente.

— Recebi uma dica, de alguém que a tinha visto com um bebê e fiquei desconfiado.

— E veio ver se era verdade.

— Isso. Eu sei que você não deve ter a melhor ideia de mim, principalmente agora, mas eu não a deixaria fazer isso sozinha se eu soubesse.

Leon suspira e passa a mão pelo rosto, ele caminha de um lado para o outro.

— Você... Você gosta dela? — pergunta, de repente. —

Quer dizer, gosta de verdade?

Eu sei o que está implícito aqui, ele quer saber se eu a amo.

É uma ótima pergunta, eu sei que sinto algo por Maria Rafaela, sei

disso há bastante tempo, mas não sei se é amor.

— Eu...

— Já respondeu o bastante, Héctor. — Como não consigo encontrar uma resposta, Leon deduz o pior, claro. — Eu vou falar com a Maria Rafaela.

— Tem mais uma coisa.

— Jura? Não é o suficiente?

— Ela vai fazer a cirurgia, acho que comentou com você que pode acontecer a qualquer momento.

— Sim, ela... Merda, tudo acontecendo de uma vez!

— Sua irmã tem crises de pânico e de ansiedade, e está uma pilha de nervos com a possibilidade de voltar a ver. Acho que você precisa pensar direito antes de ir falar com ela, saber se vai conseguir ter uma conversa que não a deixe nervosa.

Os olhos dele estão fixos em mim e parecem furiosos.

— Quer me ensinar agora como lidar com a minha irmã?

— A Fada está frágil, Vidal. Teve uma filha e vai passar por um momento de tensão. Sinto muito, mas se for discutir com a Rafaela é melhor não ir até lá.

Apesar da expressão de raiva, acho que no fundo ele sabe que eu tenho razão.

— Eu vou embora — fala, de repente —, vou assimilar isso e então eu volto pra conversar com calma. E vê se não faz mais merda, defina suas prioridades.

Com esse último sermão, ele entra no carro e me deixa para trás.

Preciso chamar um táxi para ir até a entrada da cidade, onde deixei meu carro. Depois que o pego, sigo para a casa de Rafaela.

### ***Maria Rafaela***

As cólicas de Lua começaram, e são um horror. Eu acreditei que fosse me livrar desse sofrimento, que havia sido

agraciada com uma bebê sem dores, mas fui enganada.

Estou a horas balançando a pequena no colo, de um lado para o outro. Vivi e eu já tentamos acalmar Lua de todas as maneiras.

— Que tal se eu passar a fralda de novo pra pôr em cima da barriguinha dela? — Vivi sugere. Tão desesperada quanto eu com o choro estridente.

— Não está adiantando.

Em meio ao barulho, consigo ouvir a porta da frente se fechar e logo depois a voz dele se sobressai.

— O que está acontecendo aqui?

— Aqui? — Vivi pergunta, a voz parece alarmada. — O que aconteceu com você?

*O que ele tem?*

— Comigo? Demorei, não foi? Fui a dentista, de repente me deu uma dor absurda e não tive como escapar. O que eu posso fazer para ajudar?

— Não sei... Ela está com cólica — respondo. — Não quer se acalmar e acho que agora já está com sono.

É bom termos essa situação entre nós, de certa forma. Tira toda a atenção do beijo que aconteceu ontem, eu não quero mesmo ter que falar a respeito.

— A gente já tentou aquecer a fralda e demos o remédio, mas não está adiantando — Vivi comenta.

— Fralda?

— É, pra esquentar a barriguinha dela, ajuda a passar.

— E se dermos um banho quente então? — ele sugere.

A ideia me parece boa, não sei por que não pensei nisso antes. Talvez o choro tenha me tirado a concentração.

— Acho que pode funcionar. A Vivi geralmente dá o banho nela...

— Hoje vamos dar juntos, você e eu, Rafa.

— Jura?

— Claro. Vou preparar a água e já volto.

Não sei como Héctor sabe fazer isso, mas com certeza vai se sair melhor que eu.

Pode ser uma coisa boba, mas me sinto tão contente que até o choro alto passa a incomodar menos. Nessas semanas desde que Lua nasceu, não dei banho nela uma só vez, minha filha é muito pequena e frágil e tenho medo de acabar a machucando por não conseguir ver. Então Vivi assumiu essa função.

Sigo com Lua para o quarto, onde Héctor já está enchendo a banheira e a coloco dentro do berço, enquanto escolho uma roupa para que vista. Ainda que não consiga escolher com base nas cores, sinto o tecido nas mãos, analiso os modelos e com isso consigo formar uma ideia das peças.

— A água está pronta — ele anuncia.

Começo a tirar as peças de roupas da pequena, devagar.

— Trouxe umas gotinhas de Camomila para pôr na água, mal não vai fazer. — Ouço a voz de Vivi. Concordo com um

gesto e acho que ela coloca na água, antes de sair do quarto outra vez, nos deixando sozinhos.

— Vou tirar a fralda dela.

Héctor me deixa fazer tudo sozinha, mas sei que seus olhos estão sobre mim, observando e a postos caso eu precise de ajuda.

Quando termino, me afasto para que ele pegue Lua no colo.

— Segura a cabecinha dela, mas com delicadeza por causa da moleira — instruo —, e toma cuidado porque às vezes ela faz birra na água.

— Tá bom, mamãe — fala, percebo o sorriso em sua voz, que está meio anasalada. Será que está resfriado? — Mas nós vamos fazer juntos, como eu disse. Vem, e coloca os braços abertos na água, como se fosse pegar a Lua no colo.

Faço o que Héctor diz, sentindo a emoção do momento quando ele a coloca nas minhas mãos, mas sem retirar as suas.

Ouçó o som da água quando ele molha o corpinho dela e os resmungos de Lua, que estão diminuindo um pouco agora. Ela não está mais chorando alto.

— Estou segurando a Lua, e agora vou colocar o sabonete na sua mão — ele diz, um segundo antes que eu sinta a barra na minha palma aberta.

— Aqui estão as perninhas da nossa bebê, Fada. Pode ensaboar...

Sinto as pernas gordinhas nas minhas mãos e a ensaboo com calma. Passo também a barra pelos pés e vou subindo,

banhando minha filha pela primeira vez.

— Isso, os bracinhos agora...

Toco o tronco pequenino e encontro o caminho para os braços e as mãozinhas. Também ensaboo o pescoço e paro por aí.

— O rostinho vou deixar com você.

— Certo. — Ele pega o sabão comigo. — Agora, filha, o papai vai lavar esse cabelinho lindo, tá bom? Tá gostoso o banho?

Acho que essa cólica malvada já foi embora.

— Você leva jeito com criança, parece que tem prática —  
comento, sorrindo ao ouvir o modo doce como ele conversa com ela.

— Eu não tinha nenhuma, aí o Rodriguinho nasceu e a Nath e eu estamos sempre por perto. Mas banho, é a primeira vez.

— Não vejo a hora de conhecer ele.

— Semana que vem você vai. O Rodriguinho e a Lua vão ser os priminhos mais amigos do mundo, não é, filha? Como o papai e a tia Amanda e como a mamãe e o tio Leon.

Não estranho o fato dele não mencionar ele mesmo e Leon, a relação dos dois sempre foi meio complicada e a tendência não é melhorar.

Meu irmão pode não gostar da ideia de que Héctor seja pai da minha filha, mas não posso negar que as coisas ficaram mais fáceis desde que ele apareceu aqui. E melhores...





## Capítulo 20

### **Héctor**

É impressionante que já tenham se passado mais de quinze dias desde que cheguei aqui, mas entre banhos na Lua, trocas e ocasionais cólicas, os dias foram correndo e meu mundo se tornando mais cor-de-rosa.

Eu nunca pensei que me sentiria dessa forma, que haveria espaço dentro de mim para um sentimento tão forte, mas pelo jeito era apenas mais uma coisa que não sabia sobre mim.

Leon Vidal tomou um chá de sumiço por uns três dias após nossa briga, depois enviou uma mensagem dizendo que havia conversado com Amanda e decidido não preocupar Maria Rafaela por enquanto e por isso buscariam notícias comigo e também passariam informações para mim. Ele não está feliz ou satisfeito comigo, mas sou sua única opção e fonte segura, agora.

Maria Rafaela acaba de terminar a sessão de terapia. Ela não comenta muito a respeito, mas parece estar lhe fazendo bem, ela fica mais calma e parece que está conseguindo lidar melhor com a ansiedade.

Por mais que soubéssemos que estava perto de acontecer, nada nos preparou para o momento em que o telefone dela tocou, com a notícia que vínhamos esperando.

— É do hospital — aviso, entregando o telefone na mão dela.

— Vou colocar no viva-voz... Alô?

— *Maria Rafaela Vida? Temos ótimas notícias! Sua córnea está disponível para transplante.*

— O quê? — Ouço sua respiração ofegante e sei que está à beira de um colapso, apenas seguro sua mão e sorrio, incentivando.

— *Isso mesmo. Podemos marcar para amanhã?*

— Amanhã? Claro! Amanhã...

A mulher passa as instruções e Rafaela apenas aquiesce, enquanto eu anoto tudo mentalmente para o caso de ela não se

lembrar.

Discretamente, aviso Leon e Amanda sobre a cirurgia, e ele responde rapidamente.

*“Não acredito que vai mesmo acontecer! Nós não queremos alarmar a Rafa, ou preocupar, mas vamos para a cidade esperar a cirurgia terminar. Quero estar com ela.”*

Não sei o que fazer quanto a isso, não consigo pensar direito sobre o que é o melhor para Rafaela agora. Saber sobre a vinda deles para que se tranquilize porque os terá por perto, ou não saber para não ter que se preocupar em

contar a verdade à sua família, já que ela ainda não sabe que já estão cientes de tudo.

— Fada... Escuta, como vamos fazer com a Lua, amanhã?

O que acha de deixar Vivi e ela em casa e irmos só nós dois para o hospital?

— O quê? — Ela coloca o celular no sofá. — Mas... Por quê?

— Bom, caso alguém da sua família apareça, assim você não precisa ficar nervosa ou pensando em explicações.

— Acha que o Leon viria?

— Ele se preocupa muito com você — digo, mas a verdade é que seria impossível o impedir de vir. — E se ligasse pra ele pra contar?

— Pode ser, é uma boa ideia...

Digito a mensagem rapidamente em resposta a ele.

*“Ela vai te ligar, fala que vem. Assim ela pode se preparar.”*

Não é que esteja tudo bem entre nós, ele não aceitou ainda o que aconteceu e com certeza continua me odiando, mas não tem outra escolha por enquanto. O bem-estar de Maria Rafaela e sua tranquilidade por hora são mais importantes.

— Leon? — Ela está com o celular no ouvido agora e remexe a mão sobre o colo, nervosa. — Tudo bem por aí?

Entrelaço meus dedos no dela, em uma tentativa de oferecer apoio, e Rafaela os aperta forte.

— Tudo bem por aqui, tudo ótimo na verdade. Acabaram de ligar do hospital, vou fazer o transplante amanhã.

Ela faz uma pausa, ouvindo o que ele tem a dizer.

— Sim, vocês vão vir? — Ela sorri. — Não pensei que fosse me deixar sozinha, bobo! Só queria saber... Eu sei que faz tempo que não nos encontramos, também amo você.

Rafaela aperta forte meus dedos agora.

— Todo mundo? Vai trazer o Rodriguinho? Ótimo. —

Aquiesce. — Eu quero conversar com você, te contar umas coisas, mas depois da cirurgia, você acha que consegue ficar um dia a mais pelo menos?

Eu não ouço o que ele diz, mas a voz dela está falha, embargada, quando responde:

— Eu também amaria você independentemente de qualquer coisa. Obrigada por dizer isso, é muito importante pra mim... Quem?

A Nath e o Héctor? Sei...

Ela agora finca as unhas na palma da minha mão, mas está tão imersa na conversa que acho que mal percebe.

— Quem disse isso? A Nath? Eu... obrigada por virem, todos vocês. Até amanhã então...

Rafaela encerra a chamada e enxuga os olhos. Meu celular vibra com uma mensagem dele, dizendo que mesmo que não levemos Lua ao hospital, vai querer vê-la depois da cirurgia e que deu um jeito nas coisas.

— Ele disse que vem, com todo mundo.

— Amanda e o Rodriguinho?

— Vô Tetê também, e a Nath e você...

— Eu?

— Ele falou que a Nath disse que viria com você de carro.

Imagino que ela saiba o que você veio fazer aqui e estava tentando te dar uma razão para estar no hospital quando Leon chegasse.

Que espertinho esse Vidal...

— Hum, sim, ela sabe. Deve ter sido isso, vou falar com ela depois.

— Isso me tranquiliza, porque minha família vai vir e você vai estar lá também e não preciso me preocupar com a reação do

Leon quando te encontrar.

— Eu não vou sair do seu lado, Fada. Prometo. Exceto durante a cirurgia porque não vão deixar...

Ela deita a cabeça no meu ombro e fica assim, em silêncio por um momento. A verdade é que nossa relação está indefinida, não nos beijamos mais desde aquele dia, no quarto e com o resguardo, não avancei as coisas também. Mas há tanta tensão entre nós que fico duro só de olhar para ela.

Não somos um casal, nem namorados, mas somos mais que amigos e temos uma filha, e isso é muita coisa. Às vezes, consigo até mesmo me esquecer do abismo que nos separa e considerar que parecemos mesmo uma família.

— Obrigada — ela fala, depois de um tempo. — Vamos ter que fazer o que disse e deixar Vivi e Lua aqui, mas vou falar com o Leon depois.

— Tá bom, vamos deixar para pensar nisso quando você acordar. Combinado?

— Combinado. — Ela suspira, fechando os olhos.

Lua está adormecida no bebê conforto, posicionado no chão, à nossa frente.

Alterno meu olhar entre as duas, Lua tem muito de Rafaela, mas também tem alguns traços meus. É uma mistura foda.

— Como você está?

— Cansada. Essa coisa de amamentar, correr pra lá e pra cá com um bebê e com o emocional agitado por causa de amanhã, acabou comigo. Minhas costas agora são de uma velhinha de oitenta anos e meus pés? Nem os sinto mais!

— Então acho que você merece uma massagem do Incendiário nos pés.

— Tá falando sério? — Rafaela sorri. — Não sabia que você fazia massagens também.

— Bom, quando eu fazia programas, precisava fazer tudo que as clientes pedissem, às vezes elas queriam massagens e eu tinha que saber me virar.

Rafaela fica calada por um momento e só quando volta a falar, percebo o que acabo de dizer.

— Quando você *fazia* programas?

— Eu não te contei que não faço mais, não é? Acho que não tocamos nesse assunto, mas agora só danço e faço uns shows em festas.

— Tá aí uma coisa que eu quero saber. Aproveita que a bebê dormiu e me coloca a par de tudo!

— Vou colocar Lua no berço e pegar o creme.

Carrego o bebê conforto comigo e, já no quarto, tiro Lua dele e a coloco deitadinha no travesseiro. Ela suspira em seu sono e se remexe, mas não acorda.

Busco na penteadeira o pote de creme de cereja que sei que ela adora e volto para a sala.

— Vamos no meu quarto, você se deita no colchão —

sugiro.

Rafaela não se opõe, ofereço a mão para que segure e a levo pelo corredor.

Ela se deita no colchão no chão e fecho a porta, para que Vivi não nos interrompa. Tá aí uma coisa que mexe com a minha cabeça, estar em uma cama com Maria Rafaela, depois de meses sem transar.

Eu a ajudo a arrumar os travesseiros e ela se recosta sobre eles. Está usando uma camisola que bate na altura das coxas, e é

toda estampada com flamingos. Não deveria ser sexy, mas a mulher embaixo dela torna isso possível.

Pego um pouco do creme na mão e espalho pelo seu pé esquerdo.

— Bom, eu parei com os programas tem meses, pra ser preciso, foi na semana que você se mudou.

— Jura? Por que exatamente?

Aperto seu calcanhar com cuidado e subo, massageando com um pouco de pressão.

— É uma história bem doida, mas acho que você tá precisando relaxar, então vou superar a humilhação e te contar.

Ela já está sorrindo.

— Deve ser ótima, se envolve humilhação, me conta sua última aventura.

Continuo a massagem e sinto uma fisgada na virilha quando ela geme, entregue.

Pigarreio, disfarçando, e continuo:

— Tinha uma cliente que era praticamente fixa, ela sempre agendava quando o marido viajava.

— Você saía com mulheres casadas, Héctor! — Seu tom é claramente uma reprimenda.

— Era trabalho, Fada. Eu saía com mulheres feias e insuportáveis, serem casadas era o que menos incomodava.

— Você é impossível! Um cafajeste!

— Não estou negando isso... — Passeio a mão por sua perna até a altura da coxa e volto para o pé quando levo um tapa na mão. — Pois bem, fui até a casa da cliente e ela estava bem criativa nesse dia.



— Ai meu Deus...

— Me fez vestir uma tanga de oncinha, que deixava metade da minha bunda de fora.

— Uma visão e tanto, eu imagino — Rafaela comenta, entre uma risada e outra.

— Você fica rindo porque não sabe as coisas que eu passei!

Enfim, tive um probleminha que costumo dizer que foi por sua culpa.

— Minha culpa??? Agora enlouqueceu mesmo.

— Sua culpa, sim, Fada. Eu não amava meu trabalho, mas dava conta do recado e ia bem. Aí você aparecer e me fodeu, e não de um jeito bom.

— E como é que eu fiz isso, Héctor? — Ela tem os braços cruzados sobre o peito agora, o que apenas atrai minha atenção para os seios fartos.

— Bom, você entrou lá em casa, se deitou na minha cama, e de repente não saía mais da porra da minha cabeça!

— Eu... Você está dizendo que pensava em mim? Que não... Que você gostava mesmo de ficar comigo?

— Caralho, Fada! Você não tá entendendo a seriedade disso. O mini Incendiário não quis subir nem a pau! — Era pra ela rir, mas Rafaela parece chocada com a informação. — Eu só pensava em você. Mas aí me senti mal porque parecia errado, e decidi tomar um comprimido pra ajudar.

— Viagra, você quer dizer. — Sua voz é carregada de ironia.

— Não gosto de falar esse nome, parece que tô me confessando brocha!

Agora ela está rindo.

— Então Hector Coleman dos Santos, o Incendiário, tomou Viagra porque o pau não ficava duro, já que só pensava em mim.

— Não vamos deixar isso subir à cabeça, dona Rafaela.

A safada morde o lábio, antes de aquiescer.

— E então?

— Então escapei para o banheiro e foi o que salvou minha vida. O marido decidiu voltar de surpresa e quando descobriu o que estava rolando, pegou uma arma.

— Meu Deus do céu!

— Eu subi pra pular a janela do banheiro e ele me pegou no flagra, acabei caindo e quebrei a perna e me esfolei todo.

— Que perigo! Imagina se bate a cabeça?

— Imagina se o tiro acerta?

— Ele atirou? — pergunta, boquiaberta.

— Corri pro meu carro, seminu no meio da rua. Imagina só a cena! Ele foi atrás de mim e eu estava sem as chaves, fiz uma ligação direta...

— Meu Deus! Você podia ter morrido.

— E acho que teria. Eu orei a Deus, não sei nem quantos anos tinha que não fazia isso, jurei que se Ele me salvasse

eu ia parar e melhorar um pouco de vida.

— E conseguiu escapar...

— Por um triz, mas consegui! Ele atirou logo que arranquei com o carro, depois disso fiquei de molho uns meses, com a perna engessada, e, quando voltei ao trabalho, decidi que só ia dançar.

— Quer dizer que foi seu último programa? Não fez nenhum mais nesse prazo de... praticamente dez meses?

— Isso. Virei um santo! Eu devia escrever uma biografia, se chamaria De Prostituto a Celibatário.

Agora Rafaela ri alto e acaba me contagiando. Eu adoro o modo como seu nariz arrebitado se franze todo quando ela ri assim.

— Você não fez mais programas, exagerado! Duvido que não tenha ficado com mais ninguém. — Apesar das palavras, acho que está só me sondando.

Eu adoraria dizer que ela tem razão, mas não posso.

— Pois não fiquei.

— Tá de sacanagem?

— Parece mentira, né? Mas acho que foi tipo um detox, eu só não quis mais. E você?

— Eu?

— É, ficou com alguém depois? O tal do Marcelo, talvez?

Maria Rafaela tem o cenho franzido, e uma expressão de confusão.

— Quem é Marcelo?

— O cara que você estava saindo na época.

— Que? Não sei de Mar... — Ela faz uma pausa e abre um sorriso. — Esse tempo todo você achava que ele existia?

— E não existia?

Eu é que me surpreendo agora.

— Eu inventei esse cara e não falei nada porque você ficou muito gostoso, enciumado.

— Primeiro que isso é sacanagem. Segundo que eu sou gostoso sempre e terceiro, eu quis matar o Marcelo, isso não se faz.

Rafaela se ajeita na cama, se sentando reta.

— Espera aí. Isso quer dizer, que eu fui a última pessoa com quem você transou?

— É... Foda, né? Não fica com pena de mim? Estou com teias de aranha já!

— Acho justo. Eu estava tão grávida!

Isso me faz pensar nos meses em que estivemos longe.

— Queria ter visto você barriguda, não tem fotos?

— A Vivi tem aos montes, depois peço pra te mostrar.

— Deve ter ficado linda.

— Pode ser, mas minha barriga ficou toda estranha depois, flácida. Meu corpo todo mudou, na verdade.

— Não vejo nada disso.

Ela não tem noção de como me excita, de como cada centímetro dela me atíça até mesmo quando não tenta fazer isso.

— Porque não vê sob as roupas, mas eu passo a mão e sinto.

— Eu só posso ter uma opinião formada se passar a mão também.

— Safado!

Rafaela fecha as pernas uma contra a outra e tenho a impressão de que está tão excitada quanto eu.

— Vou massagear suas costas agora, ergue o vestido.

— Héctor...

— Vai dispensar a massagem? Pode ficar de sutiã e calcinha, eu sou profissional, Fada.

— Sei...

Apesar da objeção, ela ergue o vestido e o arranca pela cabeça. Seus cabelos loiros caem sobre os seios redondos e cheios, que estão abraçados por um sutiã branco de renda.

Praticamente estou salivando sobre a cama. A calcinha, também branca, é pequena, e só de saber a boceta deliciosa que ela cobre, já fico louco.

— Porra... — Passo a mão sobre o meu pau, o ajeitando melhor.

— Que foi?

— Nada, fica de lado agora.

Ela se vira e passo para trás dela, afasto as alcinhas da lingerie e começo a acariciar seus ombros tensos, derramo um pouco de creme e vou apertando com cuidado.

— Acha que estou muito diferente de antes? — ela questiona, e sinto um toque de insegurança na sua voz.

— Você está gostosa como sempre, se é o que quer saber.

— É sério, você me viu antes e está vendo agora.

— Bom, você quer que eu fale sobre as mudanças? Acho que eu não repararia na maioria delas se não estivesse procurando.

— Mas agora está. O que você nota? Como eu disse, eu sinto que mudaram algumas coisas, mas não vejo.

Analiso o corpo bonito estirado na cama, a procura de algum sinal de que ela acaba de ter uma filha.

— De costas você está exatamente como antes, mas seus seios estão maiores e cheios, e estou babando de vontade de enfiar a cara no meio deles há dias.

Ela arfa, acho que por essa resposta não esperava.

— É sério — estou rindo da expressão que ela faz —, meu pau está duro feito pedra.

Rafaela engole em seco, mas não recua.

— E o que mais?

— Tem uma linha amarronzada que corta sua barriga bem no meio. — Passo a mão por cima dela e traço a linha com a

ponta do dedo.

Rafaela concorda.

— Já li sobre isso, ela vai desaparecer com o tempo.

— A barriga não está grande, e não está tão retinha quanto antes, mas acho que era de se esperar, Fada. Você carregou um bebê aí dentro por nove meses e não tem nem dois meses que ela nasceu. Eu diria que está quase como antes.

— Jura? Mas e as estrias?

Viro seu corpo de frente para analisar melhor.

— Tem... umas poucas abaixo do umbigo. — Toco o local e desço a mão para o cócs da calcinha. — O que acha de me deixar ver o que tem aqui embaixo pra eu te falar se mudou? Posso entrar nela também se preferir.

— Você não parece incomodado com as mudanças —  
comenta.

— Incomodado? Estou é impaciente por ficar procurando coisas que não têm a menor importância, isso está atrapalhando meu plano de sedução e meu pau não aguenta mais essa tortura.

— Então é disso que essa massagem se trata? Um plano pra me seduzir?

— Só se funcionar, se não vou fingir que só fui altruísta mesmo.

Meus dedos entram sob o tecido da lingerie e Rafaela arqueia o corpo, entreabrindo os lábios quando toco sua boceta molhada.

— Isso é pra mim, amor? Vai me deixar entrar no paraíso?

— Mordisco a orelha dela, levemente, e levo sua mão até o meu pau. — Olha só como eu te quero.

— Eu também te quero...

— Quanto?

— Tanto que estou sonhando com isso — responde, sem timidez.

Arranco minha camiseta e a calça, depois tiro a boxer e a atiro no chão. Aproximo meu pau da sua entrada molhada e brinco com meu piercing em seu clítoris inchado.

— Porra, Fadinha... olha como você tá melada pra mim.

— Héc, faz isso de novo.

— Você gosta, safada? Gosta que eu masturbe essa bocetinha assim?

— Huum...

Brinco mais um pouco com ela, antes de entrar devagar na minha perdição. Fecho os olhos ao sentir suas paredes me comprimirem e continuo com calma até o fundo.

— Cacete... Como você ficou ainda mais apertada?

— Sendo costurada — ela fala, sorrindo e acho que não está brincando.

— Tá doendo?

— Um desconforto, mas tá gostoso.



— Eu vou com cuidado...

Remexo o quadril em movimentos circulares, estocando com lentidão dentro dela. Rafaela toca meu corpo com as mãos, arranha minhas costas com as unhas e beija meu pescoço e meu queixo. Nossas bocas se encontram em um beijo carregado de tesão, enquanto meto em sua boceta fechada.

— Fada...

— O quê?

— Quando você se recuperar totalmente do resguardo, e da cirurgia, eu vou te comer tão duro, tão forte, que nunca mais vai me tirar do fundo dessa boceta.

— Você nunca saiu de dentro de mim, Héctor.

— Ah, caralho... Eu vou foder essa boca também, que fica mexendo com a minha cabeça.

— Então fode ela agora.

— Caralho de putinha atrevida.

Se ela se assusta com o linguajar, não demonstra. Ao contrário disso, parece gostar e abre a boca, colocando a língua pra fora.

Eu saio de dentro dela e me ajoelho ao lado do seu rosto, enfiando o pau em sua boca. Rafaela suga gostoso e brinca com a língua no piercing, lambendo a cabeça dele e gemendo, sentindo o próprio gosto que me melou todo.

Ela me leva até o fundo da garganta e paralisa os movimentos, esperando que eu faça o que prometi. Agarro

seus cabelos e impulsiono o corpo para frente, até alcançar sua garganta novamente. Entro e saio da sua boca, cada vez mais forte e rápido.

Grunhindo e gemendo gostoso, a Fada me engole por completo e me empolgo um pouco. Rafaela engasga, mas quando

tento me afastar, ela segura meus quadris e me faz continuar. Seus próprios dedos descem sobre a boceta inchada e ela se toca sem parar de me chupar.

Putá que pariu. Vejo seu dedo sumindo dentro dela, que se masturba sugando meu pau. Solto seus cabelos para substituir sua mão pela minha e belisco seu clítoris, enquanto fodo sua boca mais rápido.

Ela chupa gostoso e coloco meu dedo dentro dela, metendo e tocando. Rafaela ergue o quadril, se contorcendo em minha mão e aumento o ritmo. Seus gemidos, com a boca cheia me deixam doido, e ela aperta meus dedos, em espasmos involuntários, me lambuzando enquanto goza.

É uma visão do caralho. Não consigo assistir essa Fada com meu cacete na boca, gozando e rebolando e me controlar mais.

O jato de porra enche a boca dela, que engole e lambe os lábios, lambe a cabeça, sedenta por cada gota, e não é pouco.

— Merda...

Ela ainda passa a língua sobre os lábios uma última vez, como se adorasse o meu gosto, antes de perguntar.

— O quê?

— Eu me lembrava do quanto era bom — admito —, mas minha memória não chegava nem perto da realidade.

— Do sexo?

— Do sexo com você.



## **Héctor**

Não acho que já tenha sentido tanto medo antes, mas caralho, estou apavorado. E pela segunda vez na vida, faço uma promessa a Deus: se tudo der certo e Rafaela ficar bem, não vou mais fumar. Tenho pensado nisso tem um tempo, e acho que Deus também vai achar bacana, considerando minha proximidade com Lua e meus pulmões, claro.

Lógico que não vou demonstrar meu medo, e é uma besteira, já que o médico explicou que a cirurgia envolve poucos riscos. Mas não sei, tenho a sensação de que de um jeito ou de outro, as coisas vão ser diferentes agora.

Rafaela já está sendo preparada para a cirurgia, o médico explicou que não precisamos criar grandes expectativas para o momento, porque a recuperação da visão, dando

tudo certo, será gradual, mas amanhã ela poderá retirar o curativo para que ele analise a cirurgia, e provavelmente vai conseguir ver um pouco, ainda que não nitidamente, com um dos olhos.

— Bom que assim não fico tão ansiosa — ela fala, quando ficamos a sós —, sei o que esperar e, mesmo correndo tudo bem, não vou poder contar quantos cravos você tem no rosto.

— Eu é que estou aliviado. Já pensou se abrisse os olhos e não conseguisse disfarçar o quanto me achou feio?

— Não era você que se dizia o gostosão mais gato do universo? E não fique tão tranquilo, eu ainda vou conseguir ver se você é tão bonito quanto diz.

— É fácil falar essas coisas quando a pessoa não vê — brinco, e arranco uma risada dela.

— Não devia ter mentido, então.

— Você sabe que estou brincando, não é? Vai ficar impressionada com meu rostinho, mas tem uma coisa...

— O quê?

— Você lembra que descrevi as tatuagens pra você? E tudo mais?

— Lembro.

— Tá preparada, então? Não quero que abra os olhos e ache que eu sou um marginal, se assuste ou sei lá — comento.

Acho que ela pensa que estou brincando, mas não sei mesmo o que Rafaela vai achar de mim.

— Deixa de ser bobo, pra mim não faz a menor diferença como você é, Héc.

— Ai... E eu achando que você estava curiosa!

— Não faz diferença porque me apaixonei por quem você é.

Suas palavras causam um reboiço dentro do meu peito.

Ela disse mesmo o que eu ouvi? Que se apaixonou por mim?

Gaguejo em busca de uma resposta, mas, antes que consiga formular uma frase, a porta se abre e Leon passa por ela, com Rodriguinho no colo, seguido por Amanda, vovô Tetê e a Nath.

— Seu irmão chegou — sussurro apenas para ela.

Eles escolheram um momento bem inoportuno, ainda estou assimilando o que acabo de ouvir, quando vovô Tetê me agarra em um abraço.

— Menino! Você sumiu lá de casa, vou te dar uns tapas se ficar desaparecendo assim. Eu não tenho mais idade pra me preocupar com marmanjo!

— Oi, vovô... Desculpa, andei ocupado.

— Eu sei — ele fala, baixinho, só pra mim —, quero conhecer minha bisneta.

É simples assim e estou à beira das lágrimas. Esse homem e minhas amigas são minha família, assim como Lua e Maria Rafaela vão ser parte de mim pra sempre, o que traz Leon no combo. São as pessoas mais importantes da minha vida e estão aqui, apesar de tudo. Porque família te repreende em seus erros, mas permanece ao seu lado.

Amanda me abraça em seguida, me dando uns tapinhas nas costas, e Nath vem depois.

Todos se aglomeram em volta de Rafaela, desejando boa sorte e a abraçando também. Ela está com o sobrinho no colo, e as lágrimas estão caindo por seu rosto.

— Você pode perdoar a titia? — ela pede, se agarrando ao gorducho do meu afilhado. — Não fui te conhecer, mas tive um bom motivo. Prometo que vou te compensar te dando um monte de coisa gostosa de comer e muitos brinquedos!

— Já quer estragar o menino? Não se preocupa com isso, minha irmã — Leon afaga os cabelos dela e parece ter superado o segredo, ainda que não tenha olhado na minha cara desde que entrou —, tudo vai correr bem e você logo vai estar com a gente e vai brincar muito com o Rodrigo.

— Leon, se alguma coisa acontecer comigo...

— Sem falar besteiras, Rafa. Não vai acontecer nada, pelo amor de Deus — ele a repreende.

— Mas se acontecer, eu acho que quero te contar uma coisa... Eu ia falar depois, mas agora estou achando melhor falar de uma vez. — Ela estende a mão na direção em que estou. — Héctor, pode vir aqui?

Caminho até chegar ao lado dela e seguro sua mão.

Leon respira fundo e revira os olhos.

— Eu já sei, Rafa. Não precisa se preocupar, tá bom? Não vou matar esse vagabundo.

— Leon! — Vovô Tetê chama a atenção dele. — Não gosto que fale assim, o Héctor também é da família.

— Esse *ser humano* — ele se corrige.

— Você sabe? — Rafaela é quem está confusa agora. —

Como?

— O Héctor me procurou e contou tudo sobre a Lua, estou ansioso pra conhecer minha sobrinha. Não se preocupa que vai ficar tudo bem e vamos fazer uma festa enorme pra comemorar o nascimento dela, tá bom?

— Jura? Vocês conversaram então? — Ela volta a chorar. —

E vocês não brigaram?

Leon me olha de lado e aponto para o meu dente, mostrando o dedo do meio pra ele, antes de responder.

— Não, ele até aceitou bem, Fada.

Mas Vidal retruca meu gesto, apontando para os próprios dedos, ainda engessados.

— Claro, eu sou adulto.

O médico chega logo depois, com uma enfermeira. Eles nos explicam que o procedimento deve durar uma hora e que depois disso teremos notícias. Ficamos todos em silêncio enquanto assistimos a Rafaela ser levada para o centro cirúrgico.

Seja o que Deus quiser.

### ***Maria Rafaela***

Eu me remexo na cama, despertando, e noto que tem alguma coisa cobrindo meu olho quando levo a mão até ele.

— Você acordou. — É a voz de Héctor.

— Eu... A cirurgia?

— Correu tudo bem, Fada. É um curativo sobre o seu olho, o médico vem tirar já, já.

— Ele não disse que era só amanhã?

Posso estar meio aérea, mas tenho quase certeza de que o ouvi dizendo que seria no dia seguinte.

— Já é amanhã. — Percebo o sorriso na voz dele. —

Achamos melhor que ficasse internada no hospital mesmo, seu irmão acertou tudo já e estão todos lá fora, esperando.

— Quer dizer que já faz um dia? Acho que me lembro de acordar antes...

— Você estava muito cansada. Emocionalmente foi bem exaustivo, e com a Lua... Mas agora dormiu o bastante pra enfrentar mais um mês de choro de bebê.

— Ela está bem? Teve notícias da Vivi?

— As duas estão aí fora, seu irmão não larga minha filha por nada — reclama, bufando.

Mas apenas sorrio.

— Ele aceitou muito melhor do que pensei, achei que fosse ficar bravo com você.

— Ah, mas ele ficou. Eu não te contei nada porque o propósito era não te preocupar antes da cirurgia, mas me lembre de dedurar tudo que ele fez depois.



— Ai meu Deus...

— Agora já passou, mas ele ainda me odeia.

— Bom, não se pode ter tudo — comento, dando de ombros.

— Realmente.

— E Fada... Sobre o que me disse antes...

Ouço a porta se abrir nesse instante, logo quando acho que Héctor ia falar sobre minha declaração. Eu não devia ter dito que

estava apaixonada por ele, mas escapou.

— É a equipe médica — ele fala. — O doutor Benevides, os enfermeiros e auxiliares, acho que todos estão ansiosos para verem o resultado. Quer que eu saia e fale pro Leon vir?

— Não! — respondo, apertando a mão dele para que não se mova. — Vai ser agora?

— Sim, querida — é o médico que responde —, vou tirar os curativos e dar uma olhada. Como disse antes, não deve criar muita expectativa, mas pode ser que veja algumas imagens, embaçadas ainda, mas visíveis.

— Tá certo... — Continuo apertando a mão de Héctor e depois respiro fundo. — Pode pegar a Lua, Héctor?

— Claro. E o Leon?

— Não. Quero a Lua e você aqui antes...

Ele deixa o quarto. Sei disso porque ouço seus passos se distanciando. Acho que está nervoso também, o que é uma

bobagem. Sua aparência não é o mais relevante, com certeza, ainda que eu saiba que Héctor é um homem bonito.

Escuto a porta se abrir novamente e ouço seus passos para perto da cama.

O médico me ajuda a me sentar de frente para onde Héctor está e devagar, começa a tirar os curativos.

— Coloquem uma banquetta aqui — o médico instrui —, e o senhor pode se sentar bem de frente pra ela, com o bebê.

Meus olhos ainda estão fechados, mas estou ansiosa.

— Primeiro preciso lembrar que você deve recuperar uma parte da visão de imediato. — Assinto, freneticamente. Ele já falou isso dez vezes, acho que não quer que eu me frustre, mas já estou cansada de ouvir essa parte. — Não deve ver com nitidez, mas vai ver algum vulto, as cores, luzes. Isso é muito particular de cada pessoa, é claro que também existe a possibilidade de enxergar muito bem. De modo geral deve demorar ainda um pouco para que veja com perfeição, algumas semanas. Agora pode abrir, Maria Rafaela.

E eu o faço.

Primeiro minhas pálpebras tremem, e então eu abro os olhos, o que foi operado está ardendo. Tudo é muito claro e não

estou habituada a tanta claridade. Pisco repetidas vezes, até conseguir os manter abertos.

Meu coração dispara no peito com a imagem que começa a se formar. É o quadro mais lindo do mundo e nenhum pintor conseguiria capturar tanta perfeição.

Ele é forte, tem os braços musculosos e tatuados, não consigo discernir desenhos, mas vejo as sombras. Ela é pequenina, não vejo seus traços, está enrolada em um cobertor rosa. Rosa! Eu consigo ver as cores.

Estou rindo alto agora e chorando ao mesmo tempo.

— Você me vê, Fadinha?

Os cabelos são pretos e ele tem uma covinha. Está sorrindo pra mim, com a boca mais linda desse mundo! Eu acho... Não vejo os detalhes, mas vejo bem seus traços, as cores e formatos, até a sombra da barba por fazer.

— No que eu fui me meter?

— Como assim? — Héctor me fita, ansioso.

— Você é o homem mais lindo desse mundo.

O sorriso dele se amplia e Héctor olha agora para o médico, acho que ele está chorando também.

— Ela está me vendo mesmo, doutor?

— Parece que sim, talvez esteja confusa sobre ser o mais lindo do mundo... — o médico fala, rindo.

Héctor se levanta e chega mais perto, com Lua nos braços.

Ele a coloca diante do meu olho operado.

— Tá vendo? Ela não é perfeita? Os meus cabelos e os seus olhos.

Consigo ver seu rostinho fofo e o azul dos olhos, mas está bem embaçado. Não só pela cirurgia recente, mas porque estou chorando muito.

— Sua família é linda, agora me deixe ver esse olho —

doutor Benevides pede.

Héctor se afasta, e o médico toma o lugar dele. Ele tem os cabelos brancos, muito brancos, e abre um sorriso ao perceber que estou olhando diretamente para seus óculos largos agora.

Isso me arranca uma risada.

— O que exatamente você vê quando me olha, Maria Rafaela?

— Seus cabelos, a cor dos olhos um pouco embaçados, os óculos largos...

— Distingue as cores facilmente?

— Sim, consigo ver!

Ele aquiesce, aprovando.

— E o que você não vê?

— Os detalhes, não vejo com muita nitidez, como o senhor disse que poderia ser.

— Perfeito. Não vê minhas rugas então?

— Não. O senhor tem a pele igual à da minha filha Lua.

— Uma pena que não seja verdade — ele comenta, sorrindo.

— Olhe para os dois lados, Rafaela.

Faço o que ele pede rapidamente.

— Agora pra cima e pra baixo. Isso... posso concluir, querida, que sua cirurgia foi um sucesso absoluto.

Ainda não consigo acreditar, estou prestando atenção ao que diz, mas não consigo manter os olhos nele. O que tem a cicatriz, não pode ver nada com clareza, mas como distingue vultos e tons, agrega a visão do outro.

Analiso o quarto em que estou, a camisola de hospital que estou vestindo e principalmente a dupla à minha frente. Não consigo deixar de olhar para Héctor e Lua, ou melhor, Héctor com Lua, o que torna a visão ainda mais linda.

— Não deve tomar sol diretamente no olho, use óculos se for sair. Vou marcar um retorno para ver como você está, nada de atividades pesadas, sem movimentos bruscos.

— Isso envolve sexo, imagino — Héctor comenta, e sinto meu rosto esquentar.

Ele é tão igual, mas ao mesmo tempo diferente, agora que posso ver seu rosto.

— Envolve sim. — O médico sorri. — Por pelo menos uma semana. Depois pode acontecer, mas nada muito agitado por mais trinta dias.

— Tá bom, vou fazer com que ela se comporte — ele diz, como se a safada fosse eu!

Os outros também começam a rir.

— Pode deixar meu irmão e os outros entrarem? Quero ver todos!

— Claro, claro... Agora mesmo.

Enquanto o doutor sai para chamar aos outros, Héctor retorna para perto de mim. Passo as mãos por seus braços e toco seu rosto, extasiada, acaricio a bochecha de Lua e os cabelos escuros, sem conseguir tirar os olhos da perfeição que ela é.

— Não está arrependida de ter ficado comigo, Fada? Acho que antes do acidente estava acostumada com outro tipo de homem.

— Com certeza, não eram gostosos assim, nem tinham esse sorriso lindo — comento, sorrindo para ele.

— Assim vou ficar convencido.

— Eu posso segurar a Lua agora?

— Bom, não deve fazer esforço por enquanto. Acho que se ficar encostada na maca, posso colocar ela nos seus braços...

Héctor faz menção de me ajudar para que eu me encoste, mas desvio a atenção quando vejo uma moça passar pela porta. Ela tem os cabelos castanhos e compridos e é maravilhosa.

— E como está a cunhada mais linda do mundo? —

pergunta, toda sorridente.

— Amanda! — Tento me levantar, mas Héctor faz sinal negativo, acho que posso ficar tonta ainda. Mas ele fez um sinal! E

eu vi! — Como você é linda! Ah... — Meus olhos já estão cheios de lágrimas outra vez.

— Está mesmo me vendo?

Outra pessoa passa pela porta e desvio os olhos para ver meu irmão, que caminha sorrindo na minha direção.

— E então? Se lembrava do quanto sou bonito?

— Leon! Ai meu Deus! Você era tão magrelo e agora... Você é um homem!

— Claro que eu sou um homem.

A verdade é que apesar de fazer apenas cinco anos desde o acidente, na época Leon estudava no exterior e já tinha um bom tempo que não nos víamos. Só voltamos a nos encontrar depois que perdi a visão, então a última imagem que tinha dele, era de um rapaz na casa dos vinte, e hoje ele já tem mais de trinta.

— Quer dizer, eu sabia, mas olha só pra você. — Ele me abraça e perco uns segundos olhando a cor do seu terno, seus cabelos ruivos lindos e seus olhos. Meu irmão é incrível.

Não tenho dúvidas quando vejo o senhorzinho que passa pela porta, é magro e baixo, usa um suéter verde e é exatamente como eu imaginava que seria.

— E então menina? Está vendo essa belezura que eu sou?

— Vovô Tetê! O senhor é maravilhoso.

No momento, acho que se a pessoa tivesse três cabeças e um par de chifres eu ainda a acharia linda. Estou extasiada com todos ao meu redor e com tudo.

A última a entrar é uma moça morena, os cabelos são castanhos com umas mechas claras e ela sorri abertamente, trazendo um garotinho no colo, que presumo que seja meu sobrinho.

— Nathalia?

— Sou eu! Está mesmo vendo tudo?

— Quase. Não vejo detalhes ainda...

— Isso te livra de ver essa espinha horrorosa que saiu na minha testa hoje de manhã. E está vendo seu sobrinho fofo?

Leon pega o bebê dos braços dela e se aproxima para que eu veja melhor.

— O Rodriguinho, Rafa. Ele não é tão lindo quanto a Amanda?

— Claro que é! Oi, meu amor, agora sim estou vendo você e esses cabelinhos ruivos do papai!

Meu irmão também está chorando, somos uma turma de pessoas sorridentes e choronas.

— E eu conheci a Lua, é uma joia preciosa, lindíssima, apesar do pai.

— Apesar do pai? Você viu como ele é lindo? Leon... —



Diminuo o tom de voz para que apenas ele me ouça. —  
Como um homem pode ser bonito assim?

Leon faz uma careta. Uma careta! E eu vejo. Ah, como eu  
adoro ver as expressões das pessoas.

— E a Vivi? — pergunto, me dando conta de que ainda não a  
vi.

— Está chorando lá fora tem meia hora, desde que o médico  
disse que tudo deu certo.

— Vou chamar ela. — Héctor se afasta na direção da porta,  
mas volta logo depois.

A mulher que entra com ele é completamente diferente da  
imagem que havia construído na minha mente. Eu sabia  
que Vivi era jovem, e que tinha os cabelos cacheados e  
compridos, mas ela

tem um corpo escultural e quando se aproxima de mim,  
sorrindo, percebo que seus olhos são verdes e grandes.

— Que linda! — Bato palmas, animada e todos começam a  
rir.

— Ahh, amiga — ela me abraça, voltando a chorar, e acabo  
sendo influenciada —, você conseguiu! Nem acredito  
nisso...

— Obrigada por tudo, Vivi. Você foi meu anjo da guarda  
durante todo esse tempo.

— Já está me demitindo?

— Claro que não — respondo, a apertando mais forte —,  
você só sai de perto de mim quando uma de nós morrer.

— Não vamos exagerar, amiga — responde, fungando.

É o dia mais feliz da minha vida. Não apenas porque recuperei a visão — ainda que principalmente por isso —, mas porque tenho as pessoas que mais amo no mundo ao meu lado, celebrando essa vitória comigo. Não poderia ser mais perfeito.

— Vou entregar os papéis da sua alta agora, Maria Rafaela

— o médico fala, me atraindo a atenção —, você pode ir para casa, mas não faça muito esforço e siga os conselhos que te dei. Nos vemos logo para que eu possa observar sua evolução.

— Tudo bem, doutor. Muito obrigada por tudo que fez por mim.

Ele aquiesce, deixando o quarto.

Leon entrega Rodriguinho para Amanda e se ajoelha na minha frente com uma caixa linda, preta, com um enorme laço dourado.

— Segurei o lançamento para o próximo mês, porque quero que você esteja lá e veja tudo com seus olhos, irmã. Mas aqui está a primeira caixinha da Luxúria e um presente especial que foi feito exclusivamente para você.

Abro a caixa. Em um estojo de veludo, encontro um colar de ouro. O pingente na ponta é no formato de uma meia lua e incrustado com diamantes.

— Ah, Leon...

— Quero que você saiba o quanto é importante para mim, o quanto eu amo você. As portas da minha casa estão

abertas, da minha vida, e da Gracy's, sempre que quiser.

— Eu também te amo.

Nós nos abraçamos novamente, e Leon coloca o colar no meu pescoço.

É um momento mais que especial, e se os olhos são as janelas da alma, os meus agora refletem a mais pura felicidade e transbordam de amor.



## **Héctor**

Recebo uma mensagem de Iago assim que ligo o chuveiro, me preparando para tomar banho, e a abro antes de entrar debaixo d'água.

*“E aí, cara? Sei que disse que ia tirar o mês de férias, espero não estar incomodando, mas quero saber se vem mesmo pro show na Lust. Tenho que confirmar hoje...”*

*“Eu tenho opção?”*

Envio rapidamente. Apesar de ter me comprometido, estou tão bem aqui, com elas, que não sinto vontade de ir

embora.

*“Na verdade, não. O foda é que faltam menos de quinze dias e tem todo um lance de segurança, então os nomes e documentos são enviados antes, e o prazo máximo é hoje. Não tenho ninguém que possa te substituir assim em cima da hora; os outros caras pegaram uma despedida de solteira.”*

Está tudo bem. Eu vou até lá, danço no clube e volto pra casa, não tem problema. Rafaela já passou a parte mais crítica da cirurgia, e até lá já vai ter completado um mês desde que operou.

*“Beleza, confirma então.”*

Tomo um banho sem pressa, aproveitando que Rafaela está descansando e Lua dormindo. Vivi tinha um encontro, então estou com tempo.

Quando termino, desligo o chuveiro e enrolo a toalha na cintura, observo no espelho a barba, que está precisando ser aparada. Mas então a ouço daqui.

Lua acordou e está aos berros, em uma tentativa provável de ser ouvida na vizinhança inteira. Abro a porta e saio para o corredor, de onde estou vejo Rafaela, com os braços estendidos para o berço, prestes a tirar a pequena de dentro dele.

— Parada aí mesmo, Fada.

Ela estaca onde está e se vira para me encarar, com carinha de culpada.

— Credo, Héctor! Me deu o maior susto.

— Te peguei em flagrante. Não pode pegar peso, ainda faltam quinze dias...

Ela ergue as sobrancelhas e me fita como se eu fosse exagerado.

— Nossa filha tem pouco mais de quatro quilos, eu não chamaria isso de peso.

— Não vamos arriscar, menos de duas semanas agora e você vai estar livre do repouso.

— Tá bom... — ela concorda, se afastando e me dando espaço para passar.

Caminho direto para o berço e tiro Lua de dentro dele, começo a dançar com ela de um lado para o outro e o choro para imediatamente. Ergo o rosto para comentar sobre nossa mimadinha, mas me deparo com o olhar da Fada sobre mim, que não é nada sutil.

Seus olhos percorrem meus ombros, e meu peito, eles se detêm sobre os piercings e ela dá atenção a cada tatuagem. Não sei se percebeu meu flagra, mas me mantenho em silêncio, é a primeira vez que ela me vê assim e gosto do brilho que encontro nos olhos azuis.

Quando ela fita o volume sob a toalha, sinto meu pau começar a crescer lentamente.

— Fada...

Ela ergue o rosto e instantaneamente suas bochechas se tingem de vermelho.

— Sei que voltou a ver agora, mas ficar secando meu pau desse jeito não me ajuda a manter as mãos longe de você.

— Eu não estava fazendo isso.

— Sério? Vai dizer que não está curiosa com o que tem... —

Desvio os olhos para Lua, que agora está voltando a dormir.

—

Acho que não é conversa para ter na frente da bebê.

— Não sei mesmo do que você estava falando — ela diz, dando de ombros.

Às vezes sinto que Rafaela está um pouco distante desde a cirurgia e não consigo entender direito o que mudou, mas eu deveria ter esperado por isso, é óbvio que ela não tem intenção de ficar comigo só porque temos uma filha, principalmente agora que Leon sabe de tudo.

Pensar nisso me gera um desconforto, que dói em um lugar no qual prefiro não pensar.

— O que quer fazer?

Rafa abre um sorriso lindo. É foda pra caralho assistir à sua evolução, o modo como seus olhos brilham quando fitam coisas que

são simples, corriqueiras. Me faz pensar em como não damos importância aos nossos sentidos, até deixar de tê-los.

— Que tal um filme? Eu sempre gostei, mas não vejo um tem séculos!

— Perfeito. Algum que queria assistir?

— Hum... Está chegando o Natal! Vamos ver um romance natalino.

Faço uma careta para a sugestão.

— Mesmo? Tipo O Grinch?

— Não, Héctor! Fala sério... Esses filmes de milagres, amores e reencontros. Não do bichinho verde.

— Ah, eu acho legal — comento, rindo da expressão que ela faz. — Vou me vestir e fazer pipoca pra gente.

— Ótimo, se não colocar roupa não vou conseguir ver filme nenhum... — ela fala mais para si mesma, mas ainda assim eu escuto e não consigo evitar um sorriso.

Estou vivendo um momento estranho. Ao mesmo tempo que me sinto impelido a me jogar nessa, falar sobre o que eu sei que sinto por ela e arriscar, também sigo meu lado racional, que diz que isso nunca vai funcionar e que o melhor a fazer é me proteger, mantendo as coisas como estão.

Não consigo saber o que se passa na cabeça dela e isso me deixa travado.

Visto uma calça de moletom velha que trouxe na mala e uma regata, antes de me encontrar com Rafaela na cozinha.

Estouro as pipocas no micro-ondas e ela enche dois copos com refrigerante.

Já na sala, sentados no sofá, ela escolhe uma comédia romântica de Natal e dá o play.

— Não sabia que você gostava dessas histórias de romance

— comento, quando o filme começa.

— Jura? Eu ouvia muito áudio book quando não conseguia ver os filmes ou ler — ela explica. — Sabe o que eu quero?

— O quê?

— Fazer uma maratona de filmes de romance com a Amanda, agora que posso ver.

— Ah, seu irmão vai amar isso. Ele já deve estar cansado de tanto romance que Amanda o obriga a assistir.

— Cansado nada, Leon é doido por ela.

— É, os dois são ótimos juntos.

— São mesmo. Amanda mudou muita coisa na nossa família quando chegou, ela trouxe você também, e por consequência a Lua.

Seu comentário me dá certa abertura para tentar entender o que Rafaela está pensando a nosso respeito. Talvez seja insegurança, o que me tortura, já que nunca fui esse tipo de cara.

— Isso foi bom pra você?

— Foi a melhor coisa que podia me acontecer — confessa, aquiescendo.

— Pra mim também. — Acaricio o braço dela, que se recostou no meu ombro.

— Sério? — Sua voz demonstra surpresa. — Mesmo com o trabalho e tudo? Eu sei que você ama a Lua e não se esquivou das suas responsabilidades por nenhum segundo, mas desde que soube se sentiu assim?

Aquiesço, pensando no quanto a minha história, meu passado, interferiram no modo como enxerguei a descoberta sobre nossa filha.



— Já te disse que meu pai nos deixou quando eu era pequeno?

Ela aquiesce, concordando.

— Sim, você me disse que ele nunca mais voltou e que chegou a passar umas férias na casa dele uns anos depois.

— Isso, só pra perceber que não existia mais lugar pra mim na vida dele.

— Sinto muito. Sua mãe também não foi legal...

— Não. O que não comentei com você quando conversamos, foi que ela só apareceu uns anos atrás, porque estava sendo ameaçada de morte por um agiota.

— Sério? Ela veio pedir dinheiro? — Rafaela se senta ereta, parecendo irritada.

— Só que eu não tinha — confesso. — Eu conhecia uma mulher que agenciava rapazes...

— Não acredito nisso! Tá me dizendo que começou a fazer programas pra conseguir o dinheiro pra sua mãe?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Só que não era pouco dinheiro, eu precisei me prostituir por meses pra pagar pelo adiantamento.

Rafaela me fita com os olhos marejados. Não foi minha intenção fazer com que chorasse, prefiro que não pensem em mim

como um coitado, eu fiz o que precisava ser feito e muitas vezes até aproveitei.

— Quando terminei de pagar já tinha me acostumado, mas passei a trabalhar por conta. A questão é que tudo isso, me ensinou muita coisa.

— Sobre o que não fazer — ela diz, cruzando os braços.

— Já falamos sobre isso uma vez. Eu sempre soube, Fada, que eu queria um propósito na vida, eu buscava por algo que fizesse a vida valer a pena. E ainda que ser pai não estivesse nos meus planos imediatos, eu sabia que se um dia acontecesse, eu seria um pai do caralho. Porque eu nunca vou ser como eles.

— Não vai, você é perfeito.

— Perfeito eu não sei, mas nunca vou abandonar minha filha. Lua pode crescer e falar muita coisa de mim por aí, mas ela vai ter certeza do quanto eu a amo e de que eu destruiria tudo e todos por ela. Nunca vou deixar minha filha duvidar do meu amor.

Respiro fundo, olhando o rosto da minha Fada. Eu queria poder completar isso, dizer que também não quero que ela duvide do que eu sinto por ela, mas meu lugar no mundo é muito distante do dela e ainda desconheço os seus planos.

— Então quando perguntou se foi difícil, não foi. Eu queria um propósito e você me deu, meu objetivo de vida é cuidar da nossa filha e ser o melhor que eu puder.

— Nossa... Você sempre me surpreende.

— E eu vou abrir um bar — falo, repentinamente. — Já falamos sobre isso?

— Não! Como assim? — Agora Rafaela está rindo, meneando a cabeça.

— Deixei os programas, e quero levar uma vida mais tranquila, manter esse tanquinho também não anda fácil. Essa vida de dieta e exercícios...

Isso faz com que ela sorria mais abertamente.

— Então vai aposentar as tangas de stripper?

— Vou. Eu estou juntando dinheiro faz um tempo, quero abrir e tocar um bar legal, ambiente bacana, boas bebidas e boa comida e parar de dançar.

— São planos pra um futuro próximo?

— Talvez eu faça minha última apresentação no fim do mês, na Lust House, porque já tinha me comprometido. É um clube de BDSM, pagaram uma grana pela apresentação. Depois disso vou começar a preparar as coisas, procurar um ponto legal.

— Vai ser perfeito, você vai se dar bem com isso.

— Tomara.

— Vai sim. Você conhece o ramo, tem amigos no meio e tem tudo planejado. Confio em você.

— Obrigado, Fada. E você, quais os planos para agora? —

sondo, voltando os olhos para a televisão, tentando não demonstrar o quanto isso me deixa apreensivo.

— Bom, quero voltar ao Instituto, ver a Dóris e o Emanuel, as crianças. Talvez na outra semana possa voltar ao trabalho.

— Legal. Vai continuar com as aulas então? E morando aqui?

— Por enquanto acho que sim. Eu amo dar aulas de piano, se tiver sua ajuda com a Lua...

— Lógico que vai ter. Eu adoro isso aqui, ficar perto dela, de você... — falo, com a voz baixa.

Rafaela se inclina para mais perto, com seu rosto assim, tão próximo do meu, consigo sentir seu cheiro de cereja, seus lábios cheios me chamam e não consigo desviar os olhos da boca gostosa.

— Então fica. Fica comigo, Héctor.

Suas palavras são ambíguas, não sei se está se referindo a casa e a cidade, ou a ficar com ela, como um casal. Mas não tenho coragem de perguntar.

Eu me inclino um pouco mais e toco seus lábios devagar, em um beijo que é tudo, menos casual. Não dá mais para fingir que não entreguei a porra do meu coração nas mãos dessa Fada e talvez eu me machuque, mas vou tacar fogo e esperar que ela se queime comigo.

### ***Maria Rafaela***

É meu primeiro dia de volta ao Instituto depois da cirurgia, e eu não poderia estar mais nervosa.

Saber que dessa vez realmente vou ver os rostos deles me deixa animada, mas ao mesmo tempo apreensiva. Será que vão me tratar da mesma maneira? Considerando que o Instituto é para pessoas com deficiência visual e agora voltei a enxergar, tenho receio de que as coisas sejam diferentes. Ainda que seja apenas de um olho.

Coloco um vestido rodado e calço um par de sapatilhas, enrolo as pontas dos meus cabelos e passo apenas um gloss

nos lábios para os realçar.

Quando saio do quarto, encontro Vivi e Héctor na cozinha, entretidos em um papo acalorado.

— O que está acontecendo aqui?

Eles se viram ao mesmo tempo para me encarar.

— A Vivi estava contando sobre o encontro que teve ontem, mas ela não fala coisa com coisa, Fada.

— Como assim?

— Lembra que na semana anterior ela já saiu com esse cara? Agora de novo, e não quer falar quem é ele. Como se a gente fosse conhecer!

— Eu não disse que vocês conhecem, Héctor! Mas que Maria fifi, viu?

— Mas não era o cara da mercearia? — pergunto, sem entender o mistério.

— Ai que tá! Ela disse que *era*... Em um tom que quer dizer que acabou não sendo.

— Que história mal contada, dona Viviane! Até quando quis ir até a boate falar com esse daí, eu te contei, e você fica me escondendo as coisas?

Ela bufa, jogando os cachos por cima do ombro.

— Dois fofoqueiros! Não posso contar agora, tá? Depois, quem sabe.

— Bom, não vou insistir porque tenho que sair. Me desejem sorte!

Os dois me dizem palavras de apoio e Héctor se oferece para me levar de carro até o instituto. Mas acabo fazendo com que

mude de ideia, porque são só duas quadras.

Caminho calmamente na direção do lugar, sem esquecer os óculos escuros para que o sol não incomode meus olhos.

É o mesmo caminho de sempre, mas estou fascinada e levo muito mais tempo que o habitual para chegar ao trabalho.

A cidade é conhecida pelas flores, que enfeitam suas ruas e praças por todo lado. Além dos campos belíssimos que nunca tive o prazer de ver, mas que agora quero mais que nunca conhecer.

Quando chego ao instituto e subo as escadas, avisto uma mulher atrás do balcão. Seus cabelos pretos e lisos são cortados rente ao queixo e ela deve ser uns dez centímetros mais baixa que

eu. A campainha anuncia minha chegada e ela ergue o rosto, com um sorriso simpático.

— Pois não?

— Sou eu, Dóris, a Rafaela.

— Ah! Não acredito que voltou!

Ela sai de trás do balcão e caminha na minha direção, com os braços estendidos. Eu a envolvo em um abraço forte.

— Já está recuperada? E está me vendo mesmo?

— Estou! E você é linda, adorei o corte dos cabelos.

— Que coisa boa, Rafa! Fico feliz demais por tudo ter dado certo, a gente queria ir te ver, mas o Emanuel ficou falando que com

criança pequena em casa e recém-operada, você ia achar que estávamos nos intrometendo demais.

— Claro que não! Eu iria adorar que fossem lá em casa.

— Mas também ficamos sabendo que tem um rapaz lá e não queríamos atrapalhar.

— É o pai da Lua, eu te disse que ele estava na cidade.

— Mas não na sua casa — ela fala, com um sorriso debochado.

— É, acho que omiti essa parte.

— Dóris? — Ouço a voz, antes de avistar Emanuel vindo na nossa direção.

Ele é negro e alto, os cabelos começam a ficar grisalhos e os dois na verdade são bem mais jovens do que eu tinha imaginado.

— Sim, querido.

— O menino quer fazer um piquenique no campo, o que acha?

Ela sorri, parece animada com a sugestão.

— Pode ser, sim. Mas vem cá, a Rafaela está aqui, deixa ela te ver.

— Ahhh agora está vendo tudo, hein? Que maravilha! — ele diz, em tom brincalhão.

— Estou, Emanuel. Um pouco embaçado ainda, e de apenas um olho, mas é quase perfeito.

— Que coisa boa. Fico feliz que tenha dado certo.

— Eu também, mas quero agradecer vocês, aos dois.

— A nós? Por quê? — ele questiona, se colocando ao lado da esposa.

— Vocês me fizeram ver, antes que eu pudesse enxergar.

Me mostraram que independentemente disso, eu poderia ter uma vida normal, ser feliz, ser o tipo de pessoa que faz um piquenique no campo.

— Ah, que isso! Nós só vivemos nossas vidas normalmente.

— É esse o ponto. Eu vivia trancada em casa, tinha perdido a alegria, não acreditava que alguém pudesse me querer por quem eu era, me diminuía... E então o Héctor surgiu, mas vocês foram uma parte importante na minha transformação.

— Fizemos mesmo diferença? Eu fico feliz em ouvir isso —

Dóris fala, levando a mão ao coração, emocionada.

— E como fizeram! Me ensinaram que o amor não foca no exterior, que a felicidade parte de dentro e que se essa cirurgia desse certo, seria ótimo, mas se não desse, o fato dos meus olhos não verem, não mudaria muita coisa. Porque meu coração já enxergava perfeitamente.

Dóris está chorando agora e sei que também estou contendo as lágrimas. Emanuel abraça a esposa e abre um sorriso



para mim.

— Isso nos deixa emocionados, porque o nosso objetivo aqui, com o Instituto, é justamente esse. Mostrar que podemos viver o que todo mundo vive, e fazemos isso dia após dia.

— Vocês são uma inspiração pra mim.

Nós nos abraçamos, e escuto os votos de felicidades deles, enquanto repito meus agradecimentos, feliz por um dia ter me mudado para cá e conhecido esses dois.

Encontrar as crianças não é menos emocionante. Marieta tem cabelos cacheados e sardinhas no nariz, é a coisa mais fofa desse mundo e todos me recebem da mesma forma que antes, perguntando pela Lua a todo instante.

Quando encerro as aulas, me despeço de todos e deixo o prédio, mas me surpreendo ao encontrar Héctor me esperando do lado de fora, no carro.

— Veio me buscar, Incendiário? Eu não disse que são apenas duas quadras?

— Disse, Fada — responde, com um sorriso largo. — Mas não vamos pra casa.

— Ah, não?

— Não. Vivi concordou em ficar de babá por algumas horas, vou te levar pra um passeio.

— Jura? Eu vou adorar!

Entro no carro me sentindo animada, seja o que for, já sei que vou amar a experiência.

Héctor liga o som e dirige para fora da cidade. Ele nos guia por alguns quilômetros até entrar à direita em uma estrada de terra e um pouco depois, estaciona sob uma árvore.

— O que viemos fazer aqui?

— Conhecer um campo de girassóis.

— Tá brincando? — Me viro para o fitar. — Eu pensei nisso hoje, no quanto queria ver os campos. Você lê mentes?

— Talvez eu leia — responde, convencido. — Pode ser que esse seja um dos meus superpoderes que você não conhece ainda.

— Mas pensei que tivéssemos que contratar um guia, ou algo assim — falo, já descendo do carro.

Héctor mexe nos bolsos. Espero vê-lo pegar um cigarro, mas ele tira dois ingressos do bolso.

— É impressão minha ou você não tem fumado esses dias?

— Parei. Não era legal aquele cheiro perto da Lua... — fala, como se não fosse nada demais. Eu acho uma atitude linda. —

Comprei os tickets para a visitação com um guia, mas pedi para que ele nos deixasse sozinhos.

— Que incrível — respondo apenas.

Estou tentando não me empolgar muito, afinal, eu disse pra ele que estava apaixonada, antes da cirurgia, e Héctor não

respondeu nada. Ele até tentou umas duas vezes e foi interrompido, e depois disso parece ter desistido de me dar uma resposta.

O que só me leva a crer que não seja recíproco, ao menos não na mesma intensidade, e, por mais que eu queira ficar com ele, não quero que faça apenas pela Lua, então não pretendo insistir no assunto.

Ele me olha de soslaio, acho que percebe que estou contendo minhas emoções. Minha vontade é correr por entre as flores, segurando a mão dele e comemorando esse momento.

— Vem... — Ele segura minha mão. Mais uma vez é como se lesse meus pensamentos.

Chegamos diante de um mar de girassóis a se perder de vista. No fundo, há um moinho de vento que deixa o cenário ainda mais maravilhoso.

A plantação é alta, chega quase na altura dos meus ombros e Héctor me puxa por entre as fileiras, caminhando devagar.

— O lugar perfeito para uma Fada — comenta, tirando o celular do bolso e se virando para me fotografar. — Sorria, minha Ninfa dos bosques!

É impossível não sorrir.

Héctor ergue o celular e faz uma selfie, me abraçando. Seu rosto colado no meu, e seu cheiro atormentando meus sentidos.

— O que achou?

— É lindo. Estou apaixonada...

— Eu também — ele sussurra no meu ouvido.

Meu coração dispara e, por um instante, tento discernir se ele está mesmo se referindo às flores. Me viro em seus braços e encontro seus olhos sobre mim, cheios de sentimento. Suas mãos envolvem minha cintura agora e ele me dá um beijo rápido nos lábios.

— O que está dizendo? — pergunto, porque não vou ficar com essa dúvida.

— Estou dizendo que sinto por você o mesmo que disse sentir por mim, Fada.

— Héctor...

— Se você me quiser, com todos os meus defeitos e pecados, eu serei seu.

— Eu quero. Principalmente os pecados — falo, abrindo um sorriso —, quero tudo que vier de você, Héctor.



## **Héctor**

Lua teve que tomar algumas vacinas hoje. Não foi fácil, sinceramente.

Ela sofreu um pouco, mas acho que sofri mais. Foi horrível assistir àquela malfeitosa partir pra cima da minha princesa, com uma agulha maior que a perna dela.

Fiz careta, reclamei, mas no fim fui silenciado pelos argumentos dela, de que não havia outra opção. E tudo que pude fazer foi virar o rosto e abraçar minha Luazinha bem apertado, quando terminou.

Voltamos para a casa andando. Ela está no carrinho e eu o empurro pelas calçadas, enquanto curtimos um pouco o sol da tarde que já não está tão forte.

Quando chegamos diante da casa avisto o carro do Leon.

Ele veio sem avisar dessa vez e só espero que não comece outra briga comigo, agora que Rafaela já se recuperou.

Destranco o portão, mas antes de abrir a porta para entrar, as vozes deles chegam até onde estou.

— Eu sei, Rafa. Sei que está bem aqui e que gosta do instituto, mas talvez seja hora de voltar, ficar com a gente.

— Não sei, não... Eu estou pensando, ainda não sei como vão ser as coisas.

Coloco a mão na maçaneta para entrar e avisar que chegamos, quando ele volta a falar.

— E você e o Héctor? O que está acontecendo? Não perguntei antes, porque você estava frágil, e sei que agora têm um filho juntos, mas quero saber se isso é uma relação.

— O que tem pra saber? Nós estamos juntos.

— Mas... Eu não devia tocar no assunto, porque sei que você sabe, mas chegou a falar com ele sobre o trabalho? Imagino

que isso seja uma questão a se conversar, Rafaela. Eu gosto dele, tá legal? Sei que pode não parecer, mas eu gosto mesmo, mas não dá pra você se casar com um cara que fica transando com outras mulheres por aí!

— Não é assim, Leon. Isso não vai acontecer.

O que não vai acontecer? Eu transar com outras ou ela se casar comigo?

Preciso entrar, mas estou travado no lugar, uma sensação péssima toma conta do meu peito e sinto um desconforto que chega a ser físico.

— Você vai pensar sobre voltar pra São Paulo? Pode trabalhar na Gracy's, tem o desfile da nova coleção...

— Eu quero isso, o desfile, mas posso te dar uma resposta depois?

— Claro, vou pra casa agora porque combinei de jogar com o vovô.

— Tá bom, nos vemos logo.

Leon abre a porta da sala e dá de cara comigo. Nós nos olhamos por um momento e ele apenas acena com a cabeça, mas não diz nada, não denuncia que eu estava ouvindo tudo atrás da porta, como se fosse um adolescente.

Ainda estou pensando em tudo que ele disse à Rafaela, quando finalmente empurro Lua para dentro de casa e aviso que chegamos.

A Fada vai dar banho na bebê, e sigo para o meu quarto.

Me jogo na cama, mas não consigo tirar da cabeça a conversa que ouvi.

Porra de Vidal... Estava tudo bem entre nós, nos entendemos a menos de uma semana e Rafaela disse que queria ficar comigo, mas talvez isso seja egoísmo da minha parte querer tanto ficar com ela.

Será que me precipitei em dizer a ela como me sentia?

Rafaela se declarou pra mim antes da cirurgia, e mesmo que se sinta como antes, ela tem muitas opções à sua frente pra gastar a vida toda com um cara como eu.

Não tenho nada a oferecer, não a alguém como ela, e nem me refiro apenas a bens materiais, mas a todo o resto. Leon não

disse com todas as palavras, mas eu não sou digno dela. Não com toda a bagagem que carrego e, mesmo que Rafaela não entenda isso agora, ela vai perceber um dia.

Talvez não em um ano, ou dois, mas uma hora ela vai perceber que eu sou um merda, um lixo humano, um dejetivo que nem os próprios pais quiseram e que ela merece algo muito melhor.

Se não alguém bom e puro como ela, ao menos não alguém que a corrompa em um lamaçal.

Passo a noite toda pensando nisso, mesmo depois que Rafaela se deita ao meu lado e adormece.

Uma fresta na janela dá espaço para que a luz da rua entre e ilumine seu semblante sereno, de um jeito quase

angelical, divino.

Eu deveria ir, por ela, por saber que ela pode encontrar alguém muito melhor.

Olho para minha Lua, que dorme tão placidamente quanto um anjo.

Nunca vou abandonar minha filha, mas isso não quer dizer que eu tenha que ferrar com a vida da mãe dela, não quando existem homens mais decentes que eu, mais honrados e mais adequados também à posição dela.

Sinto um incômodo no peito.

Mesmo que eu não faça isso, ela vai me deixar.

O pensamento passa na minha mente como um borrão, ao mesmo tempo em que meu celular vibra com uma nova mensagem.

São duas e meia da manhã, quem poderia...

Mas que merda é essa?

### ***Maria Rafaela***

Abro os olhos e sorrio ao me lembrar de quanta coisa preciso resolver hoje.

Leon me fez uma proposta de trabalhar em São Paulo, mas a verdade é que a Gracy's não tem lugar pra mim. Quero seguir tocando piano, mas a ideia de participar do desfile de joias finalmente, me anima.

Sobre morarmos em São Paulo é uma questão que pretendo discutir com Héctor. Eu gosto daqui e sei que ele também,



mas é verdade que a cidade grande tem mais oportunidades para o

bar que ele pretende abrir e assim ficaremos perto da família. Lua vai crescer com o primo e as coisas podem ser mais fáceis.

É apenas quando me viro para dar bom dia a ele que percebo que seu lado da cama está vazio, frio até, como se já tivesse saído há bastante tempo, e são apenas oito horas da manhã.

Na mesa de cabeceira há um pedaço de papel e eu o alcanço com o braço esticado.

*“Tenho uma apresentação amanhã à noite e precisei ir para São Paulo antes. Segunda nos falamos.”*

A princípio eu apenas franzo o cenho, estranhando a atitude. Primeiro porque não havia razão para que ele fosse um dia

antes do previsto e não há também para que volte dois dias depois.

Também não precisava ter escrito um bilhete, quando poderia ter me acordado e falado comigo a respeito.

Eu me levanto e caminho até o quarto em que ele esteve dormindo nos dias em que chegou aqui, onde todas as suas coisas estavam antes e não as vejo. É como se Héctor nunca tivesse dormido aqui.

Um aperto no meu peito me diz que tem alguma coisa muito errada nessa história.

O bilhete, a escapada sem confronto, suas coisas que desapareceram e o horário bizarro.

Ele fugiu...

Por algum motivo, entre a semana passada, quando ele se declarou para mim e essa manhã, Héctor mudou de ideia e decidiu me deixar.

As lágrimas se acumulam em meus olhos quando me dou conta disso, e faço o possível para ser forte e não me deixar abalar, mas não consigo. Elas caem pelo meu rosto e sinto uma dor indescritível no meu coração.

Eu o amo, ele disse que sentia o mesmo. Então por quê?

Por que razão ele sairia no meio da noite assim?

Preciso esclarecer as coisas, talvez seja minha ansiedade falando, e eu esteja vendo coisas onde não tem.

Disco o número dele, mas a ligação é desviada. Insisto e na segunda chamada, ele atende ao terceiro toque.

— *Oi, tá tudo bem?* — Sua voz soa preocupada.

— Não sei. Acordei e você tinha saído, suas coisas não estão aqui.

— *Eu vou dançar amanhã, a despedida dos palcos na Lust.*

*Lembra?*

— Lembro, mas você saiu um dia antes e de madrugada e não me falou nada. Estou com a sensação de que não foi isso que aconteceu...

Ele fica calado, o que apenas confirma minhas suspeitas.

Meneio a cabeça e tento firmar a voz para que ele não perceba que

estou chorando.

— Você me deixou, Héctor? É isso?

— *Rafaela, escuta, precisamos falar sobre isso pessoalmente.*

— Então por que você fugiu?

— *Não fugi. Só precisava pensar, mas vou voltar pra conversarmos direito. Também tive um problema que precisei resolver...*

— Quer falar sobre o quê? Sobre como você se declarou e disse que me amava e apenas alguns dias depois saiu sem me dar uma explicação?

Ele respira fundo, ouço o som do outro lado da linha e quando volta a falar, seu tom é frio e despreocupado.

— *Eu sou assim. Sou um filho da puta sem coração, não sirvo pra você, não sou um homem de família, Fada.*

— E aquela história de que nunca deixaria sua filha?

— *E não vou deixar, nunca.*

— Ah, então o lance de não ser um homem de família é só comigo? Tudo bem, Héctor. Eu amo você, mas não vou implorar pra ficar.

Não consigo me despedir, apenas desligo a chamada e caio num choro sentido.

Cubro a boca com a mão para abafar os soluços e não acordar mais ninguém, e me deito na cama que ele dormiu antes. O

travesseiro ainda tem o cheiro dele e por isso eu o aperto contra o peito, fechando os olhos pra tentar esquecer o que me aconteceu.

Só percebo que adormeci quando acordo com as vozes no corredor, diante da porta.

— Não se preocupe, já estava na hora de ela acordar. Eu vou chamar.

Eu me sento no colchão tentando entender o que está havendo e olho no celular, percebendo que já passam das onze da manhã. Estranhamente Lua não chorou esse tempo todo.

— Rafa? — Vivi abre a porta e me encara, confusa. — O que faz aqui?

— Eu dormi... Quem está aí?

Olho por sobre seu ombro, tentando não demonstrar que não estou bem para receber visitas.

— Sou eu — Amanda fala, abrindo mais a porta para passar.  
— A campanha “*volta Rafa*” está forte. Hoje eu vim falar com você pra te apresentar todos os benefícios de me ter por perto.

Aquiesço, sem conseguir sorrir de volta.

— Que carinha é essa? — Vivi pergunta, e percebo que seus olhos percorrem o ambiente, dando falta das coisas que

estavam aqui antes.

— Cadê o Héc? — Amanda questiona.

— Ele foi embora — falo, sentindo a voz embargar de novo.

— Acordei e ele tinha ido.

— Não — Amanda nega —, ele não faria isso assim. Já tentou ligar?

— Liguei e ele disse que depois conversamos, que era assim mesmo e que não é um homem de família.

Amanda agora tem os lábios crispados e parece irritada, Vivi nem se fala, ela coloca as duas mãos na cintura e me olha com raiva.

— Que conversa é essa? Ele ficou doido? Eu vou matar esse desgraçado.

— Ele fez mesmo isso? — Amanda questiona, passando a mão pelos cabelos. — Eu não sei como acreditei que ele tinha mudado — diz, balançando a cabeça. — Ah! Mas ele vai me ouvir, esse irresponsável!

Franzo o cenho, incomodada com as palavras da minha cunhada. Também não é assim, ele não é irresponsável.

— Irresponsável mesmo — Vivi concorda —, e um sem-vergonha! Não vale nada, seduziu a garota e...

— Não é assim — interrompo —, você sabe que fui eu que o procurei, se alguém tem culpa então sou eu.

— Você está defendendo o cara que deixou você aqui, com uma criança e foi pra zona, literalmente?

— Eu adoro o Héctor, Rafa, mas tenho que concordar que isso foi uma sacanagem. E o Leon... Meu Deus, Leon arrancou o dente dele por nada, imagina o que vai fazer quando souber?

— Como é que é? O Leon fez o quê?

— Arrancou o dente dele no soco, você não sabia?

Vivi meneia a cabeça, negando e eu as encaro, entre confusa e irritada.

— Ele não quis que ela soubesse — conta. — Eu fiquei com pena dele, que teve que reimplantar o dente, agora estou é com ódio. Bem-feito! Tomara que pegue uma doença contagiosa.

— Vivi! — falo alto, apontando o dedo de uma para a outra.

— Escutem só o que eu vou dizer, não admito que fiquem falando

dele assim! O Héctor é responsável pra caramba e ama a Lua mais que tudo, ele não faz mais programas e ficou quase um ano sem sexo, ele não é um canalha inveterado do jeito que estão pintando!

— Quase um ano? — Amanda me encara com os olhos arregalados.

— É, e além disso, você sabe muito bem que ele começou a trabalhar por causa da vaca da mãe dele. Ela o deixou e o pai também o abandonou e agora...

— Agora o quê?

A constatação me deixa boquiaberta.

— Agora ele está me deixando!

— Isso a gente entendeu — Vivi fala, revirando os olhos.

— Não, vocês não entenderam nada! Ele está me deixando antes que eu o deixe, não entendem? Ficou com medo de que eu o abandonasse e fez isso antes.

— Isso não faz...

— Não, não... — Amanda interrompe Vivi. — Faz todo sentido. Ele vivia dizendo que você era um anjo, uma fada e sei lá mais o quê. Héctor não acha que te merece e ele tem trauma com abandono. Mas tem que ter tido um estopim nisso aí, ele não iria embora assim do nada.

— O estopim é que ele é um idiota!

Amanda abre a boca, agora pronta para defender o amigo também.

— O Leon veio aqui ontem, ele disse que te falou umas coisas sobre o trabalho do Héctor.

— Foi.

— E disse que deu de cara com ele quando saiu. — Ela bate uma palma estalada, como se as peças se encaixassem. —

Leon foi o gatilho. Uma hora eu ainda mato esse homem! Mas Héctor também não precisava se precipitar assim, podia ter falado que tinha medo disso, conversado.

— Ele disse que vai voltar pra conversar, mas parecia decidido. Eu disse que o amo, tivemos uma filha juntos, estou aqui

apoiando os sonhos dele, fazendo planos pro futuro. Por que esse idiota achou que eu fosse simplesmente mudar de ideia uma hora?

— Sei lá — Amanda dá de ombros —, mas se a mãe deixou, o pai... Ele tem dificuldade em acreditar que alguém vai ficar, sem interesse em nada.

— Pois eu vou mostrar pra ele.

Passo por elas, seguindo na direção da cozinha e as duas me acompanham.

— Vai mostrar como?

— Tenho até medo dessa resposta — Vivi fala.

Ela me conhece bem e sabe que quando coloco uma coisa na cabeça, vou até o fim.

— Só tem uma forma, ele vai ter que passar a vida comigo pra entender. Mas primeiro, vou arrancar ele daquele palco nem que seja pela tromba do elefante.

— O quê? Você quer ir naquela boate de novo? — Vivi cruza os braços.

— Meu Deus do céu...

Amanda se senta em uma cadeira, nervosa.

— Não é uma boate. É a Lust House, ele disse que é um clube de BDSM.

— Maria Rafaela! Se seu irmão souber que você foi...

— Você não devia contar tudo pra ele, Amanda — digo, em tom de crítica. — Além disso, Leon tem que parar de me



vigiar, eu não sou filha dele, e pode avisar que se ele bater no Héctor de novo eu que vou quebrar os dentes dele.

Amanda ergue as mãos em um gesto de rendição.

— Bom, ele quebrou os dedos, então acho que o universo se vingou pelo Héc... — Ela respira fundo. — E tá bom! Vai ser um segredo de amigas, qual é o plano?

— Eu preciso entrar nesse clube e falar com ele — falo, sem entrar em detalhes —, mas não sei como consigo um convite.

— Peraí, como você disse que se chama o clube?

— Lust House — repito, me lembrando do nome que Héctor mencionou antes.

— Esse não é o clube do marido da Sophia? — Amanda se levanta num pulo.

Dou de ombros.

— Sei lá... Quem é essa Sophia?

— Ela faz gastronomia naquela escola chique, fica perto do meu ateliê. Já encomendou vários vestidos comigo, ela até disse que o marido comprou o anel dela na Gracy's!

— E o marido dela tem um clube de BDSM? — pergunto, estranhando a história.

— Bom, eles têm as práticas dele, não pergunto muita coisa, apesar de ficar curiosa. Mas acho que o nome é esse mesmo, e se for...

— Você poderia me conseguir um convite!

— Eu poderia, mesmo arriscando o meu pescoço por vocês.

— Ela alcança o celular dentro da bolsa. — Vou ligar pra ela, vocês fiquem quietas aí.

Amanda procura o contato, deslizando a tela do aparelho, e quando encontra abre um sorriso, antes de fazer a ligação.

Eu apenas cruzo os dedos. Seria muita sorte, e geralmente sou mais conhecida pelo azar que atraio.

— Sophia? Oi! É a Amanda Vidal, tudo bem? Ah... Que ótimo! Estou bem sim.

Vivi me encara também em expectativa e aguardamos que Amanda faça seu trabalho de espiã.

— Escuta, não quero ser indiscreta, mas me lembrei que você comentou sobre o clube do Enrico... Qual é o nome mesmo?

Amanda mordisca a ponta da unha e eu faço uma prece.

Não é muito adequado ao momento, mas é automático.

— Lust House? — ela questiona, quase gritando. — Você se lembra daquele seu vestido que ajustei em cima da hora e você jurou que me devia um favor? — pergunta, em meio a uma risada.

Eu já estou comemorando antes da hora.

— Pois é, preciso de um convite para o clube, para amanhã à noite. É pra uma amiga, ela não é adepta, não... Mas é um caso de reconquista, amiga. Ela precisa encontrar o boy dela lá no clube, ele vai dançar. Sei que é um pedido estranho, mas você teria minha gratidão eternamente.

Amanda cobre a boca com a mão e me encara com os olhos arregalados.

— Uma caixa? Tá bom. Vou te enviar o endereço agora mesmo. Obrigada, Sophia!

Ela encerra a ligação e faz uma dancinha, comemorando.

Eu pulo também e mesmo Vivi, que não parece muito convencida sobre perdoar Héctor, entra na onda.

— Ela vai conseguir, né? — pergunto, apenas para confirmar.

— Disse que vai chegar um convite individual em uma caixa aqui, vou enviar seus dados pra ela.

— Perfeito! Você é a melhor cunhada do mundo!

— Claro que eu sou, Rafa. Só trate de trazer esse gogoboy pela gravata e não o deixe fugir mais.

— Ele que não ouse!



**Maria Rafaela**

Ter minha vida sexual resumida em transas com um garoto de programa e stripper, provavelmente contribuíram para que eu me tornasse quem eu sou agora. Mal posso acreditar que esteja mesmo pronta para fazer algo assim.

Por mais que eu esteja brava por Héctor ter ido embora, e esteja indo até ele com a intenção de acertar as coisas entre nós, saber que isso vai acontecer em uma casa que é voltada para o

sexo me excita. Uma noite para vestir a máscara e se despir dos pudores, não poderia ser mais instigante.

Pesquisei a respeito e descobri que a Lust House é uma casa voltada para os praticantes de BDSM, mas ao contrário do que pensei, as máscaras não são opcionais, são uma regra do local.

Eu nunca estive em um lugar assim e não estou disposta a dividir meu homem com ninguém, nunca mais, também não posso me considerar submissa, muito menos uma dominatrix, mas estou disposta a algumas brincadeiras que fujam da nossa normalidade, e com certeza estou inclinada a assistir sua apresentação e provocá-lo até o limite.

Tivemos tantas oportunidades antes, mas na maioria delas alguma coisa nos impedia de quebrar todas as barreiras. Minha

virgindade, o incômodo causado por ela, a cirurgia e depois o resguardo.

Eu me lembro da vez em que estivemos juntos na praia e transamos totalmente livres das inibições e sinto meu sexo se contrair de desejo. O desejo que sinto por esse homem exala em cada poro do meu corpo, e é ele que vou buscar, pela primeira vez, assistindo a tudo com muita atenção.

Vivi se comprometeu a tomar conta da Lua e me preparei para passar a noite fora. Por hora, tudo está correndo conforme o plano.

Desfaço o laço de cetim dourado, da caixinha preta que recebi e noto o quando se parece com a caixa Luxúria, da Gracy's.

Mas essa contém algo bem diferente, meu convite.

Há um envelope preto nos fundos da caixa e dentro dele, um papel na mesma cor, mas são os escritos em dourado que atraem minha atenção. São as regras do clube e em primeiro lugar, o uso de máscaras, que é indispensável, as demais coisas não me interessam muito, porque apesar de interessante, não é como se eu fosse passar a frequentar a Lust.

Depois disso, olho sobre a cama e admiro a lingerie de renda que escolhi, e finalmente começo a me vestir. A saia é de prega, preta, rodada e não tem mais que um palmo de comprimento, a calcinha da mesma cor é fio dental, mas quando colocada no corpo, um par de asas fica à mostra, bem no topo da minha bunda.

O sutiã é rendado e deixa a pele dos meus seios exposta, mas cobre os mamilos com um bordado mais grosso. Subo um

persex preto pela minha perna e o ajuste na altura da coxa, escolho um par de botas de cano alto e começo a me maquiar.

Não preciso fazer muita coisa nos olhos, porque vou usar máscara, mas faço questão de finalizar com um batom bem vermelho. Enrolo meus cabelos loiros em cachos largos e os deixo soltos sobre os ombros. Meu look se finaliza com a

máscara preta, semelhante à da Mulher Gato, e que deixa apenas minha boca de fora. Por hora eu a levo na mão.

Obviamente não posso sair assim, então coloco um sobretudo por cima e o abotoo até o pescoço. Não posso dirigir, porque apesar de ter voltado a enxergar de um dos olhos, a cicatriz que tenho no outro foi um impedimento para que eu tirasse carteira e ser inconsequente já me causou muita ruína. Como Amanda não

pode mais se meter nisso, ela convenceu Nathália a ser minha cúmplice e me levar até o local, de lá ela vai pegar um táxi de volta para casa, torcendo para que Héctor esteja dirigindo minha Ferrari quando for embora.

Nath me leva para São Paulo, dirigindo devagar e atenta à estrada, afinal ainda temos bastante tempo. Ela comenta sobre como acha minha atitude ousada e me apoia, concordando que Héctor está fugindo, com medo. Nathália também me conta que foi a primeira a saber sobre nós e fala de como ele ficou chateado quando sumi, sem explicação. Acho que posso entender o que ele sentiu.

O show propriamente dito só começa às onze horas e aparentemente não vou ter problemas com a entrada. Pelo que

Amanda conseguiu descobrir com a amiga, o lugar é bem selecionado, e minha única preocupação será a de manter outras pessoas afastadas de mim e chamar a atenção dele.

O clube tem um estacionamento privativo e é onde Nath estaciona meu carro. Eu a acompanho até a rua, e ela chama o táxi.

Apenas depois que a vejo ir embora, coloco a máscara e analiso minha imagem no retrovisor, antes de descer e

seguir para a entrada.

Há um letreiro simples e um segurança na porta, mesmo do lado de fora já posso ouvir a música alta. Compro meu ingresso, deixo meu casaco no armário e depois entro no lugar, sentindo um misto de ansiedade e excitação.

As luzes piscando tornam o ambiente mais parecido com o de uma balada, mas as pessoas seminuas desfilando pelo lugar, mulheres em coleiras e roupas de couro, mostram que a coisa aqui é bem diferente. Percebo os olhares atentos sobre mim, estou sozinha e isso por si só já chama a atenção. Mantenho a cabeça erguida e caminho para o salão de sexo ao vivo, onde o show vai acontecer.

Algumas poltronas estão espalhadas pelo local, são de dois lugares e o encosto delas é meio côncavo, oferecendo uma ilusão de privacidade. Noto alguns casais sentados, aguardando o show e um ou dois homens sozinhos, mas o que mais me deixa boquiaberta são as pessoas que estão literalmente transando, na frente das outras.

Eu sabia o que iria encontrar aqui e vim com planos de entrar no clima e fazer o mesmo, ainda assim não deixa de ser chocante.

Escolho um assento que está posicionado bem na frente e aguardo.

Um garçom passa, oferecendo bebidas, e pego um drink, talvez me ajude a relaxar para colocar em prática a ideia ousada que tive.

Está quase na hora...

Noto uma movimentação atrás da cortina e um rapaz caminha até a frente do palco.

Ele está usando terno e gravata e é a pessoa mais vestida que vi no lugar até agora.

— Boa noite, pessoal. O show vai começar, sei que os frequentadores assíduos já sabem como funciona a Lust, mas os iniciantes podem procurar um de nossos funcionários para maiores informações. A pista de dança é um ponto neutro, não é voltada para o sexo explícito, mas é um bom lugar para se enturmar, conhecer outras pessoas e decidir até onde estão dispostos a ir —

ele fala, apontando para o outro lado do salão, onde posso ver algumas pessoas dançando. — Aqui vocês estão livres. Podem apenas assistir à apresentação, ou não. Fiquem à vontade.

Ele deixa o palco quando as luzes se apagam.

Uma música começa a tocar e os quatro rapazes aparecem quando as cortinas se abrem, cada um carregando uma cadeira.

Eles estão usando máscaras pretas, que cobrem seus rostos e deixam apenas a boca e o queixo de fora, calças e coturnos de exército e não usam camisas.

Mesmo com o rosto coberto, só preciso de alguns segundos para reconhecê-lo.

Héctor é o terceiro, da minha direita para a esquerda. O

corpo malhado, os piercings nos mamilos e as tatuagens não deixam dúvidas. E minha perdição carrega um chicote em uma das mãos.

Eu me concentro totalmente nele.



Seus movimentos são sensuais e ritmados, e ele faz gestos que simulam o ato sexual, sobre o assento da cadeira. São coreografados e sincronizados.

Suas mãos passeiam pelo próprio peito, de um jeito lento que me deixa molhada, as ondulações do seu quadril me fazem fechar às pernas em busca de alívio. Vim até aqui planejando seduzi-lo e estou sucumbindo de desejo.

Olho para os lados e percebo que a mulher na poltrona ao lado se ajoelhou e está chupando o parceiro. Desvio o rosto para não ser pega em flagrante observando.

O ritmo da música muda e Héctor agora está no centro do palco, bem à minha frente. Seus olhos se cruzam com os meus,

mas não acho que me reconheça. Ele rebola e uma de suas mãos entra dentro da calça, provocando.

É agora.

Aproveito que estou diante dele e abro as pernas, apoiando os pés na beirada da poltrona. Ergo o quadril, enquanto abaixo a calcinha até a metade das minhas coxas. Fixo meu olhar no dele e percebo que ele hesita por um instante, mas não perde o ritmo.

Chupo meu dedo, antes de o escorregar pelo meu clitóris, me tocando diante dos seus olhos.

O modo como me fita, é como se me devorasse e chego a me incomodar que ele olhe tanto assim para uma mulher desconhecida, mas não me deixo abater pelos ciúmes, afinal estou aqui me expondo. Mergulho o dedo dentro de mim, e quando Héctor

repete os movimentos que simulam o sexo, na cadeira, percebo o quanto estou excitada.

Um gemido me escapa e penetro minha entrada com o dedo, repetidas vezes, sem deixar de encará-lo. Com a outra mão toco um dos meus seios, me exibindo para que ele veja.

Os rapazes trocam de lugar e percebo que ele se atrapalha todo, mas fecho as pernas e me oculto, para que fique claro que meu show é particular.

Outras pessoas estão nuas, transando e se exibindo pelo espaço, mas é como se não houvesse mais ninguém. Os rapazes agora estão tirando as calças. Eles ficam apenas com os coturnos e as cuecas, além das máscaras, claro.

O show não acaba de verdade. Dois deles pegam bebidas e passam pelas mesas e poltronas oferecendo para as pessoas e se misturando a elas, mas um dos rapazes caminha na minha direção.

Droga...

— Oi — ele cumprimenta, abrindo um sorriso safado —, quer companhia?

Penso no que fazer. Se ele for amigo do Héctor, existe uma boa chance de nos cruzarmos um dia e não quero que saiba que eu estive aqui. No entanto, sou poupada de responder.

— Cai fora, lago.

lago. É o mesmo cara da boate, mas mesmo agora não consigo ver seu rosto. Será que ele me reconheceu? Acho que não.

— Por quê?

Héctor olha para mim e abro um sorriso presunçoso.

— É, por quê?

— Porque eu prefiro que não fique tão perto, quando estou fodendo.

Por essa nem eu esperava. O tal lago ainda me olha uma última vez, antes de se afastar e Héctor para de pé, entre as minhas pernas, seus olhos agora percorrem meu corpo, como se confirmassem que sou eu.

— Que porra você tá fazendo aqui? — sibila, mas consigo ler seus lábios.

— Queria transar com alguém, sou solteira — respondo, provocando.

— Solteira o caralho! Tem noção de que meus amigos podem ter visto essa boceta?

— E daí? Ela não tem dono.

— Fada... — Héctor passa a mão pelo rosto, um pouco descontrolado. — Essa boceta é minha, seu corpo é meu, você é minha, porra.

— Sou? Não foi o que pareceu quando você fugiu e me afastou.

— Você não entende.

Não quero conversar, quero que ele me pegue e perceba que somos perfeitos juntos, que não há mais escapatória para nenhum de nós.

— Entendo sim, não somos nada um do outro e acho que vou falar com o... Iago — falo, dando a cartada final, e me levanto.

— Ah, mas não vai mesmo.

Termino de abaixar a calcinha que já estava no meio das coxas, e ergo uma perna, depois da outra, deixando a peça cair no chão.

— Tchau, Incendiário.

Faço menção de passar por ele, que segura meu braço e me atira de volta na poltrona, antes de se sentar sobre as minhas

pernas.

— Não vai dar pra outro, Fada. Nunca.

Toco o cóis da cueca que ele está usando e desço a mão para encontrar seu pau, duro. Héctor grunhe, e assiste enquanto eu abaixo a peça e o tiro de dentro dela. Eu o observo pela primeira vez, vejo o piercing na cabeça rosada, admiro o comprimento e a largura dele e sinto água na boca, ele é exatamente como imaginei.

— Caralho, Fada. Não faz assim comigo...

— Lembra da promessa que me fez?

— Que promessa?

— Disse que ia me foder com tanta força, que eu nunca ia tirar você de mim. Está na hora de cumprir.

— Aqui? Você está brincando?

Héctor se levanta e meneia a cabeça, posso ver a dúvida em seus olhos. Ele quer isso, mas como sempre, me vê como uma espécie de ser angelical que não deve ser profanado.

Eu me levanto também, mas dessa vez inverte nossas posições. Apoio às mãos em seu peito e o empurro, até que ele se sente na poltrona e eu o monto. Me esfrego nele e desabotoo meu sutiã, o atirando no chão.

— Porra, Rafaela!

— Eu vou te dizer como vão ser as coisas, Héctor. Mas antes, quero sentar no seu pau até o talo.

— Puta que pariu...

Ele fecha os olhos por um segundo, e noto a mudança de comportamento quando os abre novamente. Seus dedos seguram minha bunda com força.

— Então você quer ser minha putinha hoje? Vou dar o que você quer.

Seus dedos deslizam pela minha boceta molhada, ele os lambuza, antes de chupar.

Héctor abaixa a cueca um outra vez, apenas o bastante para tirar o pau pra fora. Me contraio em cima dele, sentindo o

piercing brincar no meu clitóris e então desço sobre ele, centímetro a centímetro. Um tapa forte atinge minha bunda e arfo.

— Vadia safada, senta pra mim, quero esse rabo gostoso, subindo e descendo.

Começo a me mover bem rápido, sentindo a grossura dele me invadir até o fundo, Héctor belisca meus mamilos e solto um gemido alto.

— Que delícia, você quer que as pessoas escutem você gemendo enquanto eu fodo sua boceta?

— Eu quero...

— Ah, Rafaela... você não sabe onde se meteu.

Cavalgo mais rápido, louca de tesão e levo as mãos até o peito dele, fixo meus olhos nos seus e assisto quando ele afunda o rosto no meio dos meus seios e me chupa forte. Sua mão circunda meu pescoço e ele aperta firme, me tirando o ar e me deixando ainda mais molhada. Sinto o piercing me tocar por dentro, causando sensações indescritíveis.

— Héctor...

— O quê?

— Vou gozar.

Ele prende meu corpo contra o seu, paralisando meus movimentos.

— Não vai, não — fala, autoritário. — Levanta.

— Héctor... Por favor...

— Vai gozar com todo mundo assistindo.

Eu me assusto um pouco com o que ele diz, mas ao mesmo tempo a sugestão me excita. Héctor me levanta e me puxa pela mão até um dos tablados de madeira, que estão espalhados pelo piso.

Ele ajusta minha máscara no meu rosto, antes de me deitar sobre o tampo.

— Abre as pernas.

Faço o que ele diz e assisto enquanto ele desce o rosto sobre meu sexo. Ergo o quadril quando sua língua me toca e gemo alto, ele me lambe e suga, mordisca minha boceta e se esbalda na minha lubrificação.

Héctor então se ergue, abre meus braços e os levanta acima da cabeça.

— Tá todo mundo vendo que você é a mulher mais deliciosa desse mundo.

Desvio meu rosto do dele e percebo mesmo alguns olhares sobre nós, mas muitos outros estão entretidos em suas próprias aventuras. Sinto meu rosto arder de vergonha, mas estou gotejando de tesão.

— Héc... — Remexo o quadril, procurando por ele.

— Agora abre bem essas pernas que eu vou meter fundo nessa boceta e quero te ouvir gritar.

Não é nada difícil.

Ele estoca fundo e sai de dentro de mim, me instiga com o piercing e depois leva o pau na minha boca. Busco por ele, desesperada de vontade de chupar, mas Héctor só me deixa provar o gosto, antes de entrar em mim novamente. Agora ele estoca rápido e fundo e suas mãos descem para os meus seios, que ele aperta forte.

Meus gemidos estão mais altos e sinto o orgasmo chegando, intenso e bruto. Grito enquanto os espasmos

tomam conta de mim e ele trinca os dentes, se controlando para me esperar. Quando começo a voltar a mim, Héctor se ergue nos joelhos e me vira de quatro, ele entra em mim com uma estocada violenta e enrola meus cabelos no pulso.

A palmada que ele me dá, me faz gemer de novo. Saindo de dentro de mim, ele abre minhas pernas ainda nessa posição e lambe minha entrada, me atiçando.

Quando ele volta a meter, gozo de novo, gemendo e me contorcendo enquanto ouço os grunhidos que antecipam seu orgasmo. Ele retira o pau de dentro de mim e sinto o líquido quente jorrar sobre minhas costas.

— Na próxima, amor, eu vou meter nesse cuzinho... — ele diz, acariciando a outra entrada.

A cena como um todo e tudo que acontece ao nosso redor estimula meus sentidos para o sexo. Me remexo contra seu dedo e ele me lambe bem ali, antes de afundar o dedo na minha boceta.

Héctor me chupa por trás enquanto me fode com os dedos e mal percebo quando o terceiro orgasmo domina meu corpo, na sequência. Saber que ele tem esse poder sobre mim, deveria assustar, mas me deixa ainda mais rendida.

Quando minha respiração finalmente se regulariza, me viro para o encontrar de joelhos e agora sorrindo.

Eu me levanto e ajusto minhas roupas, o encarando enquanto faço isso. Estou alucinada, mas me lembro do plano e do que vim fazer aqui. Bom, além de tudo que já fiz.

— Boa noite, Héctor.



— Boa... — Ele fica boquiaberto enquanto me assiste dar meia volta, rumo à saída.

E me segue de pronto.

— Fada, o que é isso?

Eu me viro nos calcanhares.

— Tem que pegar suas coisas? Eu te espero no estacionamento.

— Minhas coisas... Tá bom — responde, aquiescendo.

Lentamente sinto que estamos voltando ao mundo real.

— Não acredito que você veio até aqui — ele diz, ainda espantado.

— Por quê? Eu não vou desistir de você, Héctor.

— Mas... como, Fada? Eu sou a porra de um desgraçado!

Destruição, lembra?

— Você nunca mais vai falar assim, eu não aceito, está ouvindo? — questiono, apontando o dedo na cara dele. — Você é meu, eu sou sua e eu vou até o inferno se precisar, pra te trazer de volta.

Estamos perto da saída agora e dou as costas a ele, deixando o estabelecimento.

Entro no meu carro e aguardo, mas Héctor não demora.

Está usando uma camiseta agora e calças, o que é injusto, porque continuo quase sem roupas, já que esqueci de pegar o sobretudo no meio da minha saída dramática.

— Podemos ir para o seu apartamento? — pergunto.

— E a Lua?

— Vivi vai tomar conta dela essa noite.

— Tá bom, claro.

Ele é quem dirige agora, o som do carro está ligado, mas nós ficamos em silêncio, ainda que tenhamos muito o que conversar.



### ***Maria Rafaela***

Observo tudo com atenção, na primeira vez que estive aqui, não pude reparar nos detalhes que tornam o lugar tão a cara dele.

Héctor não é muito ligado a coisas materiais, e o apartamento reflete bem isso. Na sala há um sofá de dois lugares e uma televisão de tamanho médio, mas não há quadros ou objetos decorativos.

É até impessoal demais...

— A maioria das minhas coisas fica em Flor dos Montes —

ele fala, como se soubesse o que estou pensando.

Sempre sabe.

— Então foi aqui que você dançou pra mim.

Caminho até o sofá e me sento, minhas mãos passeiam pelo tecido do móvel, relembrando aquela noite.

— Foi. — Ele abre um sorriso de canto. — E foi ali no quarto que te comi pela primeira vez.

Também quero ver onde isso aconteceu, mas é algo que pode esperar.

Bato a mão no assento ao lado para que ele também se sente e espero que tome o lugar.

— Você disse que íamos conversar, certo? Acho que é o momento.

— Eu disse, só não imaginava que você fosse aparecer no clube assim, vestida pra matar!

Os olhos dele ainda me devoram, mesmo depois de tudo que já aconteceu mais cedo.

— Falei que não iria insistir para que ficasse, mas depois de pensar um pouco, descobri que tenho uma teoria sobre o que te fez ir embora.

Héctor agora está me olhando com atenção, ouvindo com curiosidade.

— Que teoria é essa?

— Bom, por mais que você tenha falado o pior de si mesmo, suas atitudes até aqui me mostraram quem você é de

verdade, então suas últimas palavras não convenceram. — Meneio a cabeça, me recordando. — Você ouviu minha conversa com o Leon, não foi?

A admissão está em cada traço do rosto dele.

— Isso não tem relevância, ele não disse nenhuma mentira.

Realmente, não posso culpar meu irmão por questionar sobre nosso relacionamento.

— Ele não estava mentindo, mas também não estava afirmando nada. Leon queria saber sobre nossa relação e o seu trabalho, mas isso porque não sabia que você tinha parado com os programas.

— Eu sei. — Héctor assente, concordando.

— Se você sabe, então vamos à minha teoria. Acredito que você ouviu aquilo e ficou convencido de que em algum momento eu iria mudar de ideia sobre nós, talvez tenha escutado quando ele me disse pra voltar pra cá, morar em São Paulo, e ficou com receio de que eu fosse te deixar. E aí me deixou antes.

Héctor abaixa a cabeça, de maneira que apenas confirma o que eu já havia pensado, ele nem tenta negar que fugiu para não ser abandonado.

— Seu pai, sua mãe... Eu não sou como eles, Héctor.

— Claro que não é — concorda. — Justamente por isso, você merece alguém muito melhor que eu, uma hora iria perceber isso.

— Você está se ouvindo? — pergunto, exasperada. — Isso é medo! E um medo totalmente sem fundamento. Você

estive do meu lado nos momentos mais importantes e eu me apaixonei por quem você é, Héctor. Eu não vou mudar de ideia ou te deixar, porque eu amo você e meu amor não é instável. O seu é?

Ele meneia a cabeça e percebo que seus olhos estão marejados. Busco uma de suas mãos e entrelaço nossos dedos.

— A menos que você tenha repensado o que me disse, e não se sinta da mesma forma sobre mim.

— Não fala isso, Fada. Eu... Eu te amo — confessa, agora me fitando. — Amo tanto que reconheço que não sou bom o bastante.

— Você é — insisto. — Tem um coração enorme, é leal, um pai incrível e uma pessoa generosa, honesta, que me contagia com seu jeito alegre. — Balanço a cabeça pensando em tudo que houve.

— Mas eu acho que ouvir minha conversa com Leon poderia ter te balançado, mas não te faria me deixar assim, sem uma conversa antes. Tem mais alguma coisa que você não está me contando.

— Fada, ainda que eu não te mereça, posso aceitar que sou um filho da puta sortudo e que ganhei você e a Lua de presente.

Mas...

— Mas o quê?

Eu o encaro, aguardando que fale logo o que está havendo.

— Não foi com você — admite, finalmente. — Eu estava mesmo surtando, achando que você me deixaria, mas não ia sair daquele jeito, foi a minha mãe.

— Sua mãe? Que você não vê a séculos? O que aconteceu?

— Ela mandou mensagem de madrugada, falando que queria me ver.

Héctor suspira e esfrega o rosto, ele parece tenso.

— Eu postei uma foto com a Lua no Instagram, e ela disse que queria conhecer a neta.

— Jura? — Isso me pega de surpresa. — Será que com a idade ela está ficando mais... amorosa?

Héctor solta uma risada, cheia de sarcasmo.

— Não a minha mãe, Fada. O que acontece, é que ela viu nossa foto, aquela que tiramos no campo de Girassóis.

— Eu... Você postou?

Não vi isso, se tivesse visto teria ainda mais certeza de que alguma coisa estava errada quando ele juntou suas coisas e foi embora.

— Claro. Você estava perfeita... E eu te marquei.

— O que tem isso?

— Rafa, amor... Você não se dá conta de como uma mulher como ela pode ser interesseira, e você é uma das herdeiras da Gracy's.

Considero por um momento.

— Bom, na verdade eu já tenho minha parte aplicada, desde quando meu pai morreu. Do que a empresa rende hoje em dia eu recebo uma parcela mensal na poupança e uma espécie de mesada que o Leon manda para os meus gastos. A Gracy's atualmente é do meu irmão, e o Rodriguinho vai ser o herdeiro dele...

— Isso não faz diferença pra ela. Você é muito mais rica do que qualquer homem com quem ela já se envolveu, e seu nome abre portas, Fada. — Héctor balança a cabeça de um lado para o outro. — Ela diz quer ser uma avó presente, uma mãe melhor, mas a verdade é que ela quer a nora.

— Mas que mulher... — Meneio a cabeça, descrente. —

Como você pode ser tão diferente dela?

— Caráter não é genético, mas pode ser influenciado por costume — fala, dando de ombros. — Nós não convivemos muito.

— Então ela te procurou e você quis se afastar de mim, pra me tirar do alcance dela — deduzo, ligando os pontos.

— Eu sei que você pode se defender e eu posso te defender, mas eu fiquei tão...

— O quê?

— Puto! — fala, irritado. — Ela estava me dando os parabéns por conquistar você, como se eu tivesse ganhado na loteria. Como se eu...

— Como se você tivesse me escolhido por interesse. E você pensou que eu fosse achar isso?

— Não, eu sei que você sabe que não foi o que aconteceu, mas me senti sujo só pelo modo como ela falou. E pensar que os outros podem achar a mesma coisa, seu irmão...

— Isso não me importa, Héc, o que ela ou o que qualquer pessoa pode pensar. Você nunca usufruiu de uma bala do meu dinheiro, e sinceramente? Não me importaria de dividir com sua mãe também, se ela não fosse só uma interesseira. Eu tenho muito mesmo.

— De jeito nenhum!

— Não vou mesmo, mas não porque ela é interesseira, e sim porque ela te deixou, te colocou de escanteio por causa de pessoas irrelevantes. Isso eu não posso perdoar, e sobre o Leon, ele não pensa isso de você... Deve achar que você é um safado, mas aí ele não estaria muito equivocado.

Héctor abre um sorrisinho de lado, mas logo fica sério outra vez.

— E se ficarmos juntos e ela começar a aparecer? Não quero que ela roube sua paz.

— Eu não sou mais a menina boba que fui, coloco sua mãe pra correr em dois tempos. Nada vai nos atrapalhar, a menos que você não queira ficar comigo.

— Você tem dúvida? Você deu sentido pra minha vida, Fada. Quando ouvi sua alma gritar naquele jardim, foi como se a minha corresse na sua direção. Eu sou seu desde aquele momento.

— Desde... Desde aquela primeira vez?

Meu coração bate disparado no peito, é uma declaração e tanto.



— Quando te vi passar, pensei que fosse um anjo, ou coisa parecida. Minha fada...

— Eu não sou tão inocente assim, nada muito sagrado —  
comento, me lembrando com detalhes de tudo que fizemos pouco antes.

— Sexo é parte de quem nós somos, linda — ele diz, sabendo a que me refiro. — Isso não muda o fato de que o seu coração é a coisa mais linda que eu já vi.

— Ah, Héctor... Você não pode falar esse tipo de coisa e decidir que não é pra sempre, não depois que eu já me derreti toda.

Isso faz com que ele sorria, tão lindo e fofo. Como pode ser sexy e meigo ao mesmo tempo?

— É pra sempre. Você, a Lua e eu... E mais uns pirralhos se você quiser.

— Hum, acho que podemos pensar nisso mais pra frente.

Héctor se inclina e me beija, um sorriso brinca em seus lábios.

## ***Héctor***

Maria Rafaela está sentada em um dos bancos na cozinha, enquanto remexo os armários e a geladeira em busca de alguma coisa para comermos.

— Tive uma ideia.

— O quê? — Ela se inclina, tentando ver o que encontrei.

— Não tenho espaguete, mas tenho macarrão instantâneo, molho de tomate, creme de leite, bacon e queijo. Vou juntar tudo.

Rafaela ergue as sobrancelhas, ponderando e aquiesce.

— Não vejo como possa dar errado.

Coloco a água para ferver e pico o bacon em cubos. Ouço as unhas dela batucando sobre o balcão.

— O que está se passando nessa cabecinha, Fada?

— O que vamos fazer agora? — ela pergunta repentinamente. — Porque assim, você vai abrir o bar, certo? Estive pensando e acho que talvez seja melhor fazer isso aqui.

— Comercialmente, com certeza. A cidade tem muito mais espaço pra algo como o que pensei, mas você gosta de lá e das suas aulas...

— Gosto, mas também gosto daqui, de estar perto do meu irmão e da Amanda.

— É, tem o vô Tetê e o Rodriguinho.

— A Lua e ele podem crescer perto um do outro.

— Mas e as aulas? Sua terapia...

Eu me recosto na pia e cruzo os braços para aguardar sua resposta.

— Posso dar aulas aqui também e as sessões podem ser feitas por chamada de vídeo.

— Eu confesso que ia gostar disso, a gente acha uma casa maior, que tenha um quarto pra Lua, e que fique perto do lugar onde eu for abrir o bar.

— Perfeito. E você vai contratar alguém pra trabalhar lá?

— Claro, quero poder ir pra casa ficar com vocês.

Rafaela aquiesce.

Coloco o macarrão para cozinhar e começo a mexer o molho em outra panela.

— E o seu irmão? — pergunto. — Precisamos acertar as coisas.

— Fiquei sabendo que ele te arrancou um dente. E eu quero matar o Leon!

— Tá tudo bem, os dedos dele...

— Eu sei que quebraram! — ela interrompe. — Mas a culpa foi dele.

Abro um sorriso ao perceber como ela fica linda, assim, brava e me defendendo.

— Tá tudo bem, eu fiquei nervoso e despejei de uma vez que você tinha uma filha minha. Acho que foi um choque e tanto pra ele, nem preparei o cara.

— Mesmo assim não precisava...

— Tudo bem mesmo, Fada. Ele disse que como amigo deveria ter pensado antes de me meter com você. Fiquei feliz em ver que ele considera que somos amigos, eu gosto do cara e entendo o lado dele, estava te defendendo.

— Hum... E não está bravo por causa do que ele falou lá em casa?

— Ele não disse nada demais. Realmente você não iria se casar com alguém que transa por aí com outras pessoas.

Considerando a minha antiga profissão, foi uma preocupação válida.

Despejo a água do macarrão na pia e depois volto a panela ao fogo. Misturo o molho com a colher de pau e junto o bacon e o

queijo.

— E sobre ele te chamar pra voltar — meneio a cabeça —, é só o carma.

— Como assim?

— Eu disse pra Amanda um dia, na cozinha da casa do Leon, pra ela deixar seu irmão e voltar comigo pra Flor dos Montes.

Ele ficou muito puto, e na época eu só estava preocupado com ela, é a mesma coisa...

— Que bom que pensa assim, quero que sejam amigos e que sejamos uma grande família. — Rafaela abre bem os braços, assim como um sorriso enorme.

As palavras dela me afetam mais do que gostaria de admitir.

Porque é isso. Ainda que a vida não tenha me abençoado com os pais mais carinhosos do mundo, o destino se incumbiu de me entregar uma família nova.

— Isso...

Sirvo dois pratos e coloco um diante dela.

Rafaela come, me lançando olhares ocasionais. Estou feliz que ela seja doidinha assim e tenha vindo atrás de mim, sua atitude transformou uma noite entediante e triste em uma das melhores da minha vida.

Depois que terminamos, vamos para a cama juntos e adormeço com minha Fada nos braços.

Mas acordo com o som irritante da campainha.

Esfrego os olhos, sonolento, e retiro o braço que está sob o corpo de Rafaela, coloco uma bermuda e calço meus chinelos, antes de caminhar até a porta da sala para a abrir.

Estou totalmente desperto quando assisto minha mãe caminhar a passos rápidos para dentro do apartamento.

— Bom dia, querido! Eu pensei em avisar que estava vindo, mas você não viu minhas mensagens.

— O que está fazendo aqui?

Ela se senta no sofá, cruzando as pernas.

— Isso é jeito de falar com a sua mãe? Já te disse que quero conhecer minha nora. E minha neta.

Interessante a sua ordem de prioridades.

— Escuta, dona Joice, eu vou ser claro com você pra que não haja mal-entendido. Sabe quando eu te arrumei aqueles trinta mil pra escapar do agiota?

Ela se remexe no assento, um pouco desconfortável.

— Claro, vou ser eternamente grata.

— Eu fiz coisas que não queria e não precisava pra conseguir aquele valor, e...

Minha mãe ergue as mãos.

— Não precisa falar. Eu prefiro que não fale sobre o que você fez esse tempo todo, Héctor, fico envergonhada!

— O quê? Envergonhada?

Suas palavras são como uma bofetada na minha cara. Eu fiz tudo por ela, ao menos comecei por ela.

— É, graças a Deus você conheceu essa moça — fala, juntando as mãos como se agradecesse a Deus. — Sabe que esse é um dos motivos que me mantiveram afastada todo esse tempo?

Saber que meu filho dançava na noite e fazia... outras coisas, por dinheiro? Eu não podia suportar o constrangimento.

Estou boquiaberto, não consigo acreditar que ela esteja dizendo algo assim depois de tudo que eu fiz. Tento organizar as frases na minha cabeça para responder, mas vejo um vulto loiro passando ao meu lado como um raio e Rafaela está agora a frente dela, com o dedo em riste.

— Escuta aqui, sua egoísta! Ele fez o que fez pra te salvar.

Héctor pegou um empréstimo que custou muito tempo pra pagar, pra que você não morresse — fala, na verdade ela está gritando —, e se ele começou a trabalhar na noite, foi por sua culpa e você tem a cara de pau de dizer que tem vergonha dele?

Minha mãe a encara com os olhos esbugalhados, e acho que não estou muito diferente. Eu nunca a vi reagir dessa forma.

— Eu...

Mas Maria Rafaela não a deixa responder.

— Você deveria ter orgulho do homem que ele se tornou *apesar* dos pais que teve, deveria ter orgulho por saber que mesmo que tenha abandonado seu filho, ele se entregou pra te salvar. —

Rafaela esfrega o rosto e caminha de um lado para o outro, respirando fundo.

— Fada... Calma.

Toco o braço dela.

— Eu estou calma — Ela aquiesce, me encarando com um olhar assassino —, mas não posso ficar ouvindo uma palhaçada dessas!

— Minha querida, acho que me entendeu mal — minha mãe fala, a voz baixa e complacente. — Claro que sou grata por ele ter me salvado.

— Mesmo? Então devo ter interpretado mal. — Rafaela assente, tentando tornar a conversa mais civilizada, mas é óbvio

que não entendeu nada errado.

Acontece que agora ela já deu seu recado e está disposta a deixar que Joice se explique.

— Eu sei que não fui a melhor mãe do mundo, mas queria ter a oportunidade de conhecer minha neta.

— Bom, não foi a pior mãe do mundo também — Rafaela responde, dando de ombros —, esse título minha mãe levou com ela.

Joice a encara horrorizada, mas eu sinto vontade de rir.

Minha Fada não é mesmo uma menina inocente, ela tem garras e sabe usar.

— Vamos marcar pra que a senhora possa conhecer a Lua, eu te ligo, em breve.

Minha mãe concorda, animada, e Rafaela sai da sala, voltando para o quarto. Depois disso, a avó do ano se despede e vai embora apressada.

— Ela já foi? — Rafa pergunta quando me vê entrar no quarto.

— Foi. Acho que estava com medo de você!

— Eu fui uma bruxa? Desculpe, não aguentei quando ouvi as coisas que ela estava dizendo.

— Você foi incrível, estava furiosa e linda. Nem acreditei quando concordou que ela conhecesse a Lua, essa me pegou de

surpresa.

Subo na cama ao lado dela. Rafa está recostada sobre os travesseiros, seus cabelos loiros espalhados sobre o lençol da cama.

— Eu disse que ia ligar. Por acaso tenho o telefone dela?



Não tenho — responde, atrevida. — Nós vamos nos mudar, você vai trabalhar em outro lugar e vai levar meses até ela chegar até nós de novo, talvez anos. Até lá espero que minha irritação tenha cedido um pouco.

— É isso. Gostei de ver que você tem garras afiadas, deveria usar nas minhas costas.

— Acho que temos tempo antes de ir pra casa...



*Três meses depois...*

### **Maria Rafaela**

Mal acredito que isso esteja mesmo acontecendo, eu vou desfilhar no lançamento da coleção Luxúria, da Gracy's, e dessa vez sem medo de cair de cima da passarela.

Amanda anda de um lado para o outro no camarim, conferindo as roupas das modelos, se as joias corretas foram separadas e se tudo está perfeito para o momento.

Na verdade, roupas é um eufemismo. Em razão do nome da coleção, Amanda decidiu que as modelos deveriam usar

camisolas, espartilhos e outras peças que transmitam a sensualidade, de uma maneira elegante.

Ela acertou em cheio, as pessoas de seda e cetim, cobertas por renda, são a personificação de tudo que queriam representar e as joias acabam se destacando ainda mais.

Por isso estou agora me sentindo quase uma Angel, dentro do provador.

A lingerie é uma camisola branca, que bate na metade das minhas coxas e é feita de cetim, então, apesar do tamanho, não é transparente. Meus cabelos foram presos em um coque elaborado e um par de asas cheias de plumas estão presas às minhas costas.

No meu pescoço, o diamante Gracy's, que não está à venda, mas representa nossa marca e vale milhões. Ouço as batidas na porta e confiro minha imagem uma última vez.

— Já está na hora? — pergunto, destrancando a porta. —

Eu estou quase pronta...

Pelo espelho consigo ver quando ele entra comigo no provador e tranca a porta atrás de si mesmo.

— Héctor! — chamo, em um sussurro. — O que veio fazer aqui?

— Caralho, Fada, eu vi essa roupa e não aguentei.

A sinceridade me faz sorrir.

— Tá doido? Já está na hora do desfile e não pode ficar aqui comigo.

— A Amanda colocou a primeira modelo no palco, acho que temos dez minutos — fala, já esticando as mãos para me alcançar.

— Héctor...

A mão dele agora está sobre a minha coxa, erguendo o tecido da camisola.

— É só uma rapidinha.

— Rapidinha nada! Você não para enquanto eu não...

Ele cobre meus lábios com um dos dedos.

— É minha regra. A satisfação da cliente em primeiro lugar.

Mordo seu dedo com força, e ele faz uma careta.

— Não sou sua cliente.

— A satisfação da minha Fada em primeiro lugar — corrige, mas já não estou raciocinando bem, porque seus dedos se infiltraram sob minha calcinha.

— Não podemos fazer isso aqui — sussurro novamente —, é arriscado.

— Mas sua boceta ama correr um risco, amor.

Héctor abre o botão da calça social e desce o zíper em seguida. Vejo o metal do piercing brilhar e minha boca saliva. Talvez se eu fizer silêncio dê tempo...

Sinto quando ele o esfrega contra meu sexo. Já estou molhada, e o fato de estarmos dentro de uma cabine de provador e eu conseguir ouvir as modelos do lado de fora,

andando, conversando e se apressando, torna tudo mais excitante. Alguém poderia nos pegar a qualquer momento.

Suas mãos habilidosas abaixam as alças da camisola e expõem meus seios, ele belisca meus mamilos para que fiquem duros e então desce os lábios sobre eles, fazendo com que um gemido involuntário me escape.

— Héctor...

— Quietinha, Patricinha de Diamante — ele fala, tocando o colar com os lábios. — Vão te ouvir.

Levo o punho até a boca e mordo forte quando ele entra dentro de mim. Faço o possível para evitar barulhos, mas a cabine por si só está se chacoalhando e tornando a tarefa complicada.

Seu pau entra em mim, duro e apertado, e sai lentamente, enquanto seus beijos em meu pescoço e na minha boca me levam à loucura.

Ele toca meu clitóris e começa a massagear, enquanto suas estocadas vão ficando mais e mais fundas.

— Agora...

— Goza pra mim, amor. Enquanto eu fodo sua boceta gostosa.

Meu corpo se contrai em um orgasmo delicioso, ao mesmo tempo em que as batidas na porta me assustam.

— Sua vez, Rafaela! — É a voz do meu irmão. — Está aí?

Héctor cobre a minha boca com a mão, enquanto se enterra mais fundo dentro de mim.

Por sorte Leon não espera resposta, ouço seus passos se afastando da cabine e vejo um sorriso brincando nos lábios de Héctor.

Quando minha respiração descompassada começa a voltar ao ritmo normal, ele sai de dentro de mim e arruma a roupa, antes de começar a abaixar minha calcinha.

— O que está fazendo?

— Lembra que prometeu que ia me dar a outra entrada, amor?

— Aqui não, ficou doido? Estou me preparando tem dias — confesso, sibilando.

— Eu sei, trouxe uma coisa pra te deixar pronta. E, depois daqui, vamos estrear o meu novo brinquedo.

— Amor...

Héctor tira uma caixinha de joias do bolso e franzo o cenho, sem compreender.

— Eu não posso te dar joias da Gracy's, por sorte você nem precisa. — Ele abre a caixa e revela uma joia estranha, a ponta é

brilhante, mas o outro lado parece uma seta, com a ponta arredondada.

— O que é isso?

— Isso é um plug — ele tira um vidrinho de lubrificante do bolso e começa a espalhar no metal —, dos pequenos, pra você se acostumar.

— Eu... Vai colocar em mim?

— Posso?

Eu aquiesço, me virando de costas.

— Ninguém vai saber que minha Fada está desfilando enquanto laceia o cuzinho pra mim.

Héctor me acaricia com a ponta do dedo, me lubrificando, antes de começar a deslizar o objeto para dentro de mim.

Não dói e é apenas um pouco desconfortável a princípio.

Subo a calcinha para o lugar e ajeito a camisola. Me inclino para dar um beijo rápido em seus lábios.

— Então corre pra me ver desfilar.

Saímos os dois do provador e cada um segue para um lado.

Subo ao palco pouco depois e uma música começa a tocar.

Meu irmão está falando, consigo ouvir sua voz anunciando a joia que marcou gerações e que representa a Gracy's.

Amanda faz um sinal com a mão e as cortinas se abrem.

Vejo quando Héctor passa lá embaixo, se esgueirando para o seu

assento na primeira fileira, ao lado do vovô Tetê.

E então eu entro.

Ergo a cabeça e caminho confiante sobre o palco, desfilando como faria a garotinha de doze anos que colocava papel higiênico para encher os seios.

Quando chego na frente da passarela, faço uma pausa e os flashes disparam. Abro um sorriso e desvio os olhos para onde Héctor está, me assistindo com Lua nos braços. As pessoas aplaudem, não a mim exatamente, mas ao colar, e a coleção lindíssima que acaba de ser lançada.

Contente em ter conseguido chegar até aqui, faço meu caminho de volta, e, quando as cortinas se fecham, percebo que é

um ciclo que se fecha também aqui. Eu estou onde eu deveria estar e nada no mundo me faz mais feliz que *pertencer*.

### **Héctor**

O bar está lotado quando chegamos. Após o desfile passamos em casa para nos trocarmos e deixar Lua com a Vivi.

A inauguração foi na semana anterior e foi sucesso absoluto, hoje a casa também está cheia e há uma fila na calçada para a entrada, à medida que houver espaço.

— Amor, que maravilha — Rafaela olha para todos os lados, maravilhada —, eu sabia que você ia se dar muito bem com isso.

— Olha lá seu irmão — falo, apontando para uma mesa no canto, onde consigo avistar a cabeleira ruiva dele —, chegaram

antes de nós.

Rafaela ri, os observando.

— Acho que estão em choque.

O bar é um ambiente moderno, temos um balcão em que são servidas as bebidas, mas os garçons caminham no meio da pista de dança oferecendo drinks e destilados.

Há um palco na frente da pista, e as apresentações acontecem lá. Não são stripteases, como nos lugares em que trabalhei, aqui apresentam danças coreografadas do momento e uma vez na semana trazemos uma pegada mais vintage, com cancan, em um conceito mais artístico. Exatamente o que acontece hoje.

— Vamos falar com eles — ela diz, se adiantando.

— Não quer resolver a questão aí atrás antes?

Ela meneia a cabeça.

— É só não me sentar, depois a gente escapa deles.

Rafaela me puxa pela mão e consigo apenas acenar para Ítalo, que está servindo no balcão, antes de a seguir até os outros.

— Chegaram rápido — ela diz, os cumprimentando.

Amanda assente e dá um beijo em seu rosto, antes de voltar a se sentar perto de Leon.

— Estamos impressionados — fala em voz alta, para que eu possa ouvir.

— De um jeito bom ou ruim?

Ela cutuca o marido, e Leon me olha, abrindo um sorriso inesperado.

— Cara, achei tudo de muito bom gosto, e essa ideia de uma noite vintage foi fantástica. Parece que estamos em



Paris —

ele fala, apontando para as dançarinas de cancan.

— Que bom que vocês gostaram. A comida e os drinks também são ótimos, já pediram alguma coisa?

— Já sim, vocês conseguem se sentar com a gente um pouco ou precisam cuidar das coisas aí?

— Héctor precisa resolver umas coisas no escritório, vou ajudar e já voltamos. Peçam pra gente também...

E a safada me puxa outra vez, agora na direção do escritório. Uma coisa eu fiz bem nessa vida, escolher minha mulher, porque Rafaela não nega fogo e me enlouquece o tempo todo.

Subimos as escadas, mas para meu desgosto, Iago está sentado à minha mesa, mexendo em alguma coisa no computador.

Ele tem me ajudado com o Fairy em seu tempo livre. O plano é que venha trabalhar aqui de vez, quando as coisas engrenarem.

— E aí, cara? Casa cheia, hein? — ele pergunta, erguendo os olhos quando entramos.

— Tá mesmo. Inclusive acho que você tem que ir dar uma mão para o Ítalo lá no bar.

— Ele disse que... — Iago olha de Rafaela pra mim e abre um sorriso debochado. — Entendi, chefe, pode deixar.

Ele passa por nós e sai do escritório, fechando a porta logo atrás de si.

Não perdemos tempo. Eu a seguro pela nuca e beijo sua boca, apressado. Deslizo uma mão pelas suas costas até segurar sua bunda e encontrar o plug enterrado nela.

Rafaela solta um gemido quando eu o giro, devagar. Ergo seu vestido e o atiro ao chão e ela abre o sutiã, jogando-o também.

Eu me inclino para mergulhar o rosto entre seus seios deliciosos e sugo um de seus mamilos com força, sentindo sua mão agarrar meus cabelos.

— Tira a roupa...

— Agora não — me recuso.

Não quero ver o surto que vai ser quando ela descobrir o que eu fiz. Não sei qual vai ser sua reação, então evito por enquanto. Não vou correr o risco logo agora que vou ganhar meu presente.

Abaixo sua calcinha e ela ergue as pernas para retirá-la, eu as afasto e me ajoelho entre elas. Rafaela me dá um puta tesão, e assim, só de salto, me enlouquece completamente.

Passo a língua sobre o clitóris inchado e ela geme, sua lubrificação na minha boca me excita ainda mais. Brinco com sua

entrada e chupo forte, mordo, instigo até que ela esteja gotejando de desejo.

— Você está molhada...

— E pronta. — Ela se afasta de mim e se ajoelha no sofá, que fica em um dos cantos.

Rafaela empina a bunda na minha direção, me oferecendo uma visão privilegiada da joia, brilhando e abrindo-a.

Desabotoo e desço o zíper da calça com uma mão, enquanto uso a outra para tocar sua boceta melada e mantê-la no clima. Entrego o lubrificante em suas mãos, e ela o espalha pelo meu pau em uma massagem deliciosa.

— Porra, Fada... Certeza? Não quer tentar na cama, mais tarde?

Ela balança a cabeça, negando.

— Agora. Vai...

Devagar e com muita paciência, retiro o plug de dentro dela e lubrifico a entrada que agora está mais aberta. Aproximo meu pau e vejo que Rafaela está atenta aos meus movimentos, os olhos faiscando de tesão.

— Se doer...

— Vai, Héctor!

Começo a entrar dentro dela e fecho os olhos, sentindo a compressão gostosa, o quanto é apertado, me esforçando para não machucar Rafaela. Toco seu clítoris e ela se remexe contra meu pau, pedindo por mais.

Eu me enterro mais alguns centímetros e paro quando metade do meu pau está dentro dela. Começo a me mover, entrando e saindo, sem deixar de tocá-la. Apesar do meu cuidado, ela mostra mais uma vez que não está pra brincadeira. Rafaela se remexe e empina mais a bunda, pedindo que eu vá mais fundo.

Aperto sua boceta e então coloco dois dedos dentro dela, começo a fodê-la com eles, enquanto estoco também por trás. Ela grita e inclina a cabeça para me beijar, morde meu lábio enquanto goza gostoso e se contorce com meu pau bem no fundo.

Não preciso muito esforço para chegar lá, assistir minha Fada se desmanchando de prazer é o bastante pra mim. Me afundo nela mais algumas vezes e me retiro em tempo de me derramar nas suas costas.

— Caralho, Fada. Você acaba comigo...

— Foi incrível.

— Como sempre. — Caminho até o banheiro e pego um pedaço de papel.

Voltando para perto dela, limpo a bagunça que fiz para que possa se erguer. Rafaela segue até o banheiro para terminar de se arrumar e eu mesmo cuido de mim, antes de subir a calça novamente.

— Lembra aquela vez na praia? — pergunta, lá de dentro.

— Como eu iria esquecer? — Não posso nem esconder o sorriso com a lembrança.

— Devíamos repetir, eu sei que é meio doido, mas...

A carinha dela está toda vermelha, acho engraçado como pode ser tão solta e tímida ao mesmo tempo.

— Você gostou, não foi, safada?

Ela aquiesce, com um sorrisinho.

— Não precisa ser na praia, chuveiro é uma boa pedida.

— Perfeito — concorda.

Espero que termine de se arrumar, guardo o plug agora no bolso e descemos juntos de volta para o bar. A noite mal começou.

### ***Maria Rafaela***

Héctor está me escondendo alguma coisa e, claro, estou ansiosa para descobrir o que pode ser.

Desde ontem já estou desconfiada. Tivemos o desfile e depois o nosso momento no escritório, mas quando voltamos para a mesa, com Leon e Amanda, ele ficou muito calado.

Leon sugeriu um almoço em família para comemorarmos o aniversário de cinco meses da Lua e Héctor concordou na mesma hora, o que fez tudo ficar ainda mais suspeito. Sua empolgação

repentina foi estranha, já que ele estava totalmente aéreo à conversa.

Agora estamos todos na cobertura em que meu irmão mora.

Além de Amanda, Leon e Rodriguinho, também estão vovô Tetê, Nathalia, Lia e Vivi.

Héctor está usando uma regata branca e um blazer por cima, mesmo no calor de trinta e três graus que está fazendo. Estou atenta a ele, e quando se vira, percebo um esparadrapo saindo do meio do seu peito.

Mas que droga é essa?

Começo a imaginar cenários possíveis para que ele tenha se machucado, e isso me lembra que ontem ele não quis tirar a

roupa, provavelmente para esconder o ferimento.

— Vivi, você pode olhar a Lua um pouco? — pergunto, já entregando meu pacotinho cor-de-rosa nas mãos dela. — Preciso pegar o Héctor de jeito!

Ela franze o cenho e ergue as sobrancelhas e só então percebo como minha frase deve ter parecido.

— Vocês não se cansam? Eu comprei tampões de ouvido pra não escutar a barulheira! Agora aqui também?

— Não é isso, sua boba. Ele está escondendo alguma coisa, vou arrancar a verdade desse safado.

Saio caminhando na direção dele e agarro sua mão, não lhe dando opção que não seja me seguir para dentro do apartamento.

— Que foi, amor?

— Precisamos conversar.

— Ô Fada, eu também tenho ansiedade, lembra? Não pode falar essa frase.

— Quero saber o que o senhor Incendiário está escondendo

— falo, abrindo a porta do primeiro quarto e entrando.

Olho ao redor, me tocando de que é a suíte que Leon e Amanda dividem, mas isso é o de menos agora.

— Escondendo? O que eu escondi de você?

— Vai me contar por bem? — Cruzo os braços e direciono meu melhor olhar fatal para ele.

— Não tem nada...

Avanço sobre ele e puxo a camiseta para baixo pela gola.

Não entendo o que é a princípio, um pedaço de plástico cobre boa parte do abdômen dele e o esparadrapo que o mantém no lugar sobe até mais em cima.

— Mas o que é isso?

Héctor suspira, resignado, antes de tirar o blazer e depois a camiseta.

— Surpresa...

Eu me aproximo mais e percebo que é uma tatuagem. Na verdade, é uma fada com cabelos amarelos, voando em volta da lua.

— Ah, amor... Não acredito!

— Uma homenagem para as minhas garotas, mas você nem deixou melhorar a aparência. Ia te mostrar quando pudesse tirar o plástico.

— Eu amei! Está tão linda — falo, a voz embargada porque mal posso acreditar que alguém possa ser tão feliz quanto eu sou agora.

— Héctor? Está na hora, cara... — É a voz de Leon e um segundo depois ele abre a porta. — O que... — Seus olhos percorrem a situação como um todo e meu irmão já está meneando a cabeça. — Vocês não estão se pegando no meu quarto, né? Tudo tem limite.

Eu entendo o porquê de ele pensar isso, Héctor tirou parte da roupa e estamos sozinhos aqui. Faz sentido.

— Claro que não, Leon! — respondo, me fazendo de indignada. — Eu jamais faria isso na sua casa!

Héctor, ordinário, está segurando a risada. Provavelmente porque se lembra de uma ocasião em que fizemos sim, nessa casa.

— Mesmo? Por que então ele está sem roupa?

— A tatuagem, Vidal — Héctor fala. — A Rafa cismou que eu tinha que contar o que estava escondendo e era isso. — Ele aponta para si mesmo.

Leon se aproxima um pouco e analisa o desenho.

— Foda... representando as duas?

Meu irmão parece gostar quase tanto quanto eu.

— Isso, minha Fada e minha Lua.

— Achei da hora. Agora vamos?

Héctor aquiesce, esfregando as mãos uma na outra. Fico sem entender pra que tanta animação se vamos ter só um bolinho e tirar algumas fotos.

Subimos os três de volta para o terraço, mas quando as portas do elevador se abrem e saio para fora, me deparo com um cenário digno de contos de fadas.

Lanternas foram espalhadas pelo local e vasos altos cheios de girassóis ladeiam um caminho feito de pétalas. Olho para Leon e Héctor, ao meu lado. Meu irmão está com as mãos



nos bolsos, sorrindo e Héctor me oferece a própria mão, para que eu a segure.

Ainda sem entender, eu aceito, e ele me faz tirar os sapatos.

— Agora corre comigo — fala, me lembrando a noite em que me levou ao campo de futebol, em nosso primeiro encontro.

As flores também me lembram outro momento, quando se declarou pra mim pela primeira vez.

Héctor corre para o outro lado do corredor, onde nossos amigos e família estão reunidos, observando tudo e segurando em sua mão, eu faço o mesmo.

Soltando-me, ele se ajoelha à minha frente e cubro a boca, chocada ao constatar o que está acontecendo aqui.

— Minha Fada, você chegou e trouxe sentido aos meus dias, ocupou minhas noites de existência solitária. Transformou minha vida, meu coração e a minha alma, seus sorrisos são o motivo pelo qual me levanto da cama todas as manhãs e quero ter você ao meu lado sempre que abrir os olhos, ao acordar.

— Héctor...

— Eu te amo com todo meu ser, com todos os meus pensamentos e com meu corpo também. — Penso ouvir um resmungo e nem preciso olhar para saber que é meu irmão.  
— Vou passar meus anos me esforçando para merecer o seu amor. Casa comigo?

— Ai meu Deus!

— Isso é sim ou não?

— Mas claro que é sim!

Héctor retira o anel de dentro da caixinha rosa, com laço preto da Gracy's e o desliza pelo meu dedo, antes de se levantar e me tirar do chão, em meio a um beijo apaixonado.

Ouçó os aplausos e os assobios ao redor, ouçó a música calma que toca no fundo e, acima de tudo isso, ouçó as batidas dos nossos corações, que tocam em uma perfeita sincronia.

## ***Epílogo***

### ***Quatro anos depois...***

#### ***Héctor***

As aulas que Maria Rafaela oferece no instituto Vidal, fundado por ela e o irmão dois anos atrás, terminam às dezessete horas.

Estive até agora no escritório, no bar, resolvendo algumas coisas sobre a inauguração do nosso segundo ponto, e agora começo o tour para pegar minhas garotas

Primeiro dirijo até o Instituto, mas nem preciso desligar o carro, porque Maria Rafaela já está me esperando nos degraus do lado de fora, e corre para entrar e fugir da garoa que começa a cair.

— Oi, amor! — Ela se inclina para me dar um beijo rápido.

— Como estão as coisas para a inauguração?

— Oi, Fadinha. Está indo tudo bem, Iago está cuidando das licenças e acredito que vamos abrir na data prevista. E as

aulas?

Rafaela abre o sorriso mais maravilhoso do mundo, sempre que pergunto a respeito.

— Ótimas como sempre, me sinto tão bem em ensinar as crianças que não poderiam pagar. Me alegra a alma!

— Sabe o que mais vai te alegrar?

— O quê?

— Hoje é nossa noite de folga. Você, eu e a nossa Lua, chuvinha, pipoca e uns filmes.

— Ela vai querer ver desenho... — comenta, com uma careta.

— Lua vai apagar em dez minutos e a gente muda o filme.

— Pisco para ela, que sorri, concordando.

Dirijo até a escola. Lua e Rodriguinho estudam no mesmo lugar, meio período e no resto do tempo, Rafaela e eu, assim como Amanda e Leon, nos revezamos com os cuidados das crianças.

Quando paro diante do colégio, Rafa me entrega a sombrinha que estava no porta-luvas e desço rápido para pegar minha filha. Chego diante da sala de aula e a professora me vê. Ela chama Lua, que pega sua mochila e corre para o meu colo.

— Oi, papaizinho — fala, com sua voz aguda de criança.

— Oi, meu amor! Como foi a aula hoje?

Desço com ela em um braço e carrego sua bolsa na mão que fica livre.

— Foi beeem legal, mas o Bibi disse que quer *namolar* comigo.

É como levar um soco. Como alguém tem a cara de pau de falar uma coisa dessas para um anjinho que não tem nem cinco anos?

— Quem é esse tal de Bibi?

— É um menino.

— Isso eu entendi...

Abro a sombrinha, cobrindo a cabeça da Lua e corro com ela para o carro. Destravo a porta traseira e a coloco na sua cadeirinha, prendendo o cinto com calma. Quando me sento atrás do volante, retomo o assunto desesperador, sob o olhar atento de Maria Rafaela.

— Lembra que o papai ensinou o que você deveria dizer quando os meninos safados se aproximassem?

— *Lemblo.*

A cabecinha faz um gesto afirmativo, e seus olhos azuis estão compenetrados.

— E o que era?

— Que sou uma menininha e não posso *namolar*, e que o papai é muito *blavo*.

— Isso mesmo.

Maria Rafaela está abafando uma risada, ela não sabe como o mundo no jardim de infância já pode ser perigoso.

— E você disse isso para o Bibi?

— Eu não *fali*. Eu *fali* *pla* ele que o papai *blinca* comigo de boneca.

— Por... Poxa vida, Lua! Brincar de boneca? Assim não boto medo em ninguém.

— O garoto tem quatro anos, não tem que pôr medo nele!  
—

Rafaela e esses papos modernos.

— Fada, não se lembra mais de tudo que eu já fiz de errado nessa vida? Tenho que ter cuidado, porque se o carma for real, eu tô fodido — falo a última palavra sussurrando.

Lua cai na risada, e fito seu rostinho redondo pelo retrovisor.

— Que foi?

— O papai tá fedido!

Ela segue rindo e me atazanando com isso até chegarmos em casa.

Não moramos em um apartamento mais. Rafaela optou por uma casa grande, com espaço para Lua e a Estrela — nossa cachorrinha —, e nos mudamos para um condomínio onde temos mais segurança.

Nossa rotina durante a semana é bem parecida com o que foi hoje, desde que nos casamos, três anos atrás. Nos levantamos cedo, tomamos café da manhã juntos e passamos um tempo com nossa pequena. Almoçamos e

saímos, Lua vai para a escola, deixo Rafaela no instituto e vou resolver as coisas do bar.

À noite vamos juntos para casa. Desde que Ítalo e Iago passaram a trabalhar comigo em tempo integral, abandonei boa parte do agito noturno, mas ao menos uma vez na semana apareço para conferir as coisas, ou para me divertir com minha Fada.

Vivi se mudou quando também arrumou a tampa da sua panela, mas ela e Rafaela vivem ao telefone fofocando e de vez em quando nos reunimos. Nath e Lia continuam em Flor dos Montes, mas não passamos dois dias sem conversar e nos encontramos toda semana.

A vida mudou muito, mas, de certa forma, tudo que era relevante permaneceu.

— Sabe que tive uma ideia legal? — Rafa comenta.

Estamos na metade do filme. Como esperado, Lua adormeceu no nosso meio, uma perna em cima da minha barriga e a outra no colo da mãe dela.

— O quê?

— Na próxima coleção da Gracy's, a do ano que vem. O

lançamento vai coincidir com o aniversário de noventa e cinco anos do vovô, não seria demais se ele usasse o diamante Gracy's?

Isso me faz gargalhar alto.

— Já posso imaginar o vô Tetê na passarela, as modelos usando vestidos estampados de palavras cruzadas.

— Foi meio longe aí na imaginação, mas acho que é possível. Talvez Amanda possa fazer!

Jogo uma pipoca na cara dela e Rafaela devolve outra, que cai no meio do meu cabelo.

— Por que tá jogando comida em mim?

— De onde Amanda ia tirar um tecido estampado de palavras cruzadas? Eu estava brincando!

— E eu sei? Aí já não é da minha alçada. Leva a Lua pra cama... — diz, com uma careta. — Tá pesada!

Eu me levanto e pego nossa filha no colo, depois sigo com ela pelo corredor até seu quarto. Eu a coloco na cama e puxo o cobertor sobre ela.

— Boa noite, amorzinho.

Volto para a sala e me jogo no sofá. Maria Rafaela se esgueira e se deita no meu peito, respirando profundamente.

— Essa é a melhor parte do meu dia.

Beijo o topo da cabeça loira e inalo o aroma do xampu de cereja.

— Do meu também, Fada.

Quando Rafaela adormece mais tarde, fico por mais um bom tempo observando suas feições delicadas, no sono. Fecho meus olhos e agradeço a Deus por ter me achado merecedor de receber o que tenho hoje.

Uma Fada, que realiza todos os meus desejos, e é o maior de todos eles.

Uma Lua, que ilumina minha existência.

Uma vida, para viver ao lado delas.

**Fim**

## Agradecimentos

*Em primeiro lugar, agradeço a Deus, como sempre, pelo dom da escrita e por me proporcionar a oportunidade de viver meu sonho.*

*Agradeço aos meus pais, por sempre apoiarem meu trabalho e me acharem genial — mesmo quando não sou!*

*Gustavo: com certeza não existe marido melhor que você!*

*Obrigada por me apoiar, por me amar descabelada e de pijama, ou de salto e lingerie. Obrigada por vestir a camisa na hora de me*

*ajudar a divulgar minhas histórias, e muitas vezes tirar também...*

*Obrigada acima de tudo por ser meu referencial de amor e minha melhor escolha. Te amo pra sempre!*



*Meus filhos: agradeço por me darem boletos para pagar e com isso, me incentivarem a escrever. Passem longe desse livro!*

*Agradeço a minha agência Increasy, especialmente a Grazi, que leu este livro antes, revisou e disse: ninguém vai achar bizarro o que eles fazem na praia, vai fundo!*

*Obrigada Maria Vitória, minha assessora linda, que cuidou dessa capa maravilhosa, e que trabalhou e fez seu possível para que o material de divulgação ficasse perfeito, mesmo estando doente. Você é demais!*

*Rose e Lidiane, obrigada por me apoiarem tanto, por lerem e se apaixonarem por Héctor comigo, por não acharem o fetiche dele muito esquisito e por odiarem a mãe dele comigo. Suas opiniões fazem toda diferença.*

*Fernanda Santana, obrigada pelas longas conversas, pela amizade de milhões e por estar ao meu lado sempre. Obrigada por ceder a Lust House para sediar uma cena icônica desse livro.*

*Obrigada Sil Zafia pela diagramação linda, arrasou, como sempre! Kevin, Jussara e Juliana, pelo apoio de sempre, obrigada!*

*Agradeço minhas parceiras e amigas, por estarem comigo em cada lançamento, vocês são tudo na minha carreira e ainda trazem as melhores fofocas. Anny, Anathielle, Anna Bia, Claudia, Emilly,*

*Hayane, Isabelle, Jessica, Laura, Lih, Majô, Rachel, Renata, Rose, Thálita e Vivi.*

*Obrigada Renata Correa, por me ajudar com os detalhes da cirurgia da Rafaela e as possibilidades, você foi*

*maravilhosa.*

*E claro, obrigada as minhas queridas leitoras — e leitores —, sem vocês esse livro não existiria e possivelmente, nem eu como autora. Vocês tornam o processo mais especial e o resultado único.*

*Amo cada Sarete do fundo do meu coração.*



[Conheça o primeiro volume dessa série:](#)

## **Prólogo**

### **Amanda**

Eu nunca quis estudar nesse colégio cheio de gente metida e que não tem nada a ver comigo. Tudo bem que a Giulia passou as férias na Disney e isso é muito legal, bom pra Maria Rafaela que os

pais dela a levaram a Paris e que ela tirou fotos na torre Eiffel. Meu problema não é com o que meus colegas têm ou com o que eu não tenho, mas com o jeito que me tratam por causa disso.

Nós não temos dinheiro nem mesmo pra uma mochila dessas bonitas que as meninas daqui usam, muito menos pra que eu estudasse na *Ecole française du renseignement de Flor dos Montes*.

Mas minha mãe vendeu uma casa para o seu Rodrigo, dono do colégio, e ele me conseguiu uma bolsa na escola francesa. E nós estamos no Brasil, então não entendo essa obsessão com outro país.

Eu sabia que seria assim, que as outras crianças não iam gostar de mim, mas mamãe me obrigou a vir, porque de jeito

nenhum ia me deixar desperdiçar a oportunidade de ouro, nas palavras dela.

Sinto um pouco de raiva dela enquanto corro para trás da escola, meus cabelos castanhos estão pingando a água que Maria Rafaela jogou na minha cabeça. Deixo as lágrimas rolarem e se misturarem à água, ninguém pode me ver

chorando e não posso entregar a menina na diretoria, simplesmente porque ela é tipo a realeza da escola, filha do seu Rodrigo, ela e o irmão, praticamente são donos disso aqui.

Entro no bosque que fica nos fundos do colégio e torço pra que ninguém me veja, uma menina de quase doze anos e chorona, não é muito bem-vista.

As árvores frondosas fazem sombra acima de mim e a terra parece um pouco molhada ainda, da chuva que caiu ontem. Droga!

Vou sujar meus tênis brancos, vovó Lúcia vai me matar.

Ouçó um barulho, como se alguma coisa, ou alguém se arrastasse, e paro, sentindo um tremor percorrer minha coluna. Se de medo ou de frio, não sei dizer.

— Quem está aí? — pergunto para o vazio.

Por quase um minuto inteiro aguardo uma resposta que não vem. Seco meus olhos e passo as mãos pelos cabelos, tentando melhorar um pouco minha aparência e então, ouçó uma voz que vem de cima.

— Não devia deixar te fazerem chorar, sabe? Se demonstrar fraqueza, vão se aproveitar de você.

Procuro pela fonte da voz e o encontro sentado em uma árvore acima de mim.

Um mísero raio de sol, que nem sei como atravessou as nuvens pesadas, incide sobre seus cabelos ruivos, os deixando meio dourados, e seus olhos verdes me fitam com certo ar de desdém, como se me achasse uma boba por me

esconder. Ele tem um cigarro nas mãos e, apesar de ainda ter dezessete anos, parece um adulto pra mim.

Leon Vidal, filho do dono do colégio e irmão do meu pesadelo, Maria Rafaela.

— Você não fala? — ele pergunta, soltando a fumaça do cigarro.

— Eu... Eu falo sim...

— E então? — Leon apaga o cigarro em um canto e pula da árvore para o chão, ao meu lado. — O que houve?

— Foi... As meninas estavam caçoando de mim porque eu não tenho uniforme e uma delas jogou água em mim...

— Uma delas? Aposto que foi a Rafa.

Como não nego, ele dá de ombros e continua falando. Eu nem sei por que ele está se dando ao trabalho.

— Sabe, ela é uma imbecil às vezes. Acho que meu pai nos mimou muito, mas no fundo não é uma menina ruim, você não pode chorar e abaixar a cabeça, na próxima vez, joga água na cara dela também, aposto que vai parar de te encher o saco.

— Não posso fazer isso, eu sou bolsista, se seu pai descobrir...

— Então me conta que aí eu joga água nela pra você. Como se chama?

Leon coloca o casaco do uniforme sobre a terra molhada e se senta, fazendo sinal para que eu faça o mesmo.

— Amanda... — Sento-me ao seu lado, tomando o cuidado de não encostar nele.

É tão estranho estar aqui, com Leon. Nós nunca nos falamos antes, mas ele é um dos rapazes mais populares da escola, enquanto eu sou pior que invisível, porque eles me veem e fazem pouco de mim.

— Eu sou o Leon.

— Eu sei.

— Claro que sabe.

Ergo os olhos para analisar se a fala foi arrogante, mas ele parece... chateado com isso.

— E você? Por que está aqui sozinho? — Crio coragem para perguntar, afinal é um pouco surreal encontrar o garoto em um bosque, sem seus amigos por perto.

— Eu me canso deles — ele diz, quase como se lesse meus pensamentos. — Meu amigo, o Túlio, você deve saber quem é. Ele é meu melhor amigo, mas sabe ser um completo idiota também e eu não gosto que todo mundo fique andando atrás de mim, às vezes quero um pouco de ar, de silêncio pra respirar em paz.

— Só quem é popular diria uma coisa dessas — respondo. —

Eu sei bem o que é querer um minuto de paz, mas isso porque ninguém gosta de mim aqui.

— Eu gosto de você — ele responde, como se me conhecesse. — Mas não estou mentindo, exceto pelo Túlio, os outros só querem estar por perto por causa do meu pai, do dinheiro...

— Mas todo mundo aqui é rico, quer dizer, menos eu. Por que as pessoas que pagam mais de dez mil reais por mês em um colégio iriam se aproximar de você por interesse?

— É diferente.

— Diferente como? Ou a pessoa é rica ou é pobre, eu sou pobre — falo, apontando para minhas roupas surradas para elucidar.

— E todo mundo que você considera pobre, tem o mesmo que você?

— Não, uns tem mais que eu e outros chegam a passar necessidade.

Entendo o que ele quis dizer ao ouvir minha resposta.

— Mesma coisa. Uns são ricos, mas sempre alguns vão ser mais que outros.

— Acho que sim. Seu pai tem uma rede de joalherias mesmo? — pergunto, me referindo ao que sempre ouvi falar dos Vidal. — Então ele é milionário, não é?

Leon abre um sorriso de canto, como se a palavra soasse engraçada para ele.

— Tipo isso.

— E ele sabe que você fuma? Pra respirar em paz? — Meu questionamento é cheio de ironia e isso arranca uma risada dele.

Fico hipnotizada. Eu nunca o vi sorrir antes, ele está sempre sério e com cara de mal-humorado, nem mesmo havia percebido

que sabia sorrir. Mas ele sabe, e seu sorriso é perfeito, o som da sua risada parece dissipar um pouco da tristeza que estou sentindo e me pego sorrindo de volta.

— Não, ele não sabe. Será que sabem que você está matando aula?

— Não. — Semicerrou os olhos, compreendendo a ameaça.

— Então é um segredo nosso.

E foi assim que desenvolvemos uma amizade estranha. Leon e eu não combinávamos em nada, mas a partir de então quase todos os dias, nos intervalos, nos encontrávamos no mesmo local.

Às vezes ele fumava em silêncio e eu apenas o observava em seu único ato de rebeldia, às vezes eu levava algum lanche e

oferecia a ele. Uma semana depois do nosso primeiro encontro, Leon simplesmente jogou uma sacola no meu colo e quando abri, dentro estava um uniforme novinho.

— Acho que serve. — Foi a única coisa que ele disse.

E seguimos assim. Quase não conversávamos sobre coisas pessoais, ele não sabia nada sobre mim além do que podia ver e eu talvez o conhecesse melhor que todo mundo, já que naqueles momentos sozinhos, Leon era ele mesmo.

Eu sabia quem eram seu pai e sua irmã, mas não conhecia sua mãe. Ele sabia que eu era bolsista e que remendava minhas próprias calças. Eu sabia que ele fumava um cigarro com cheiro de menta e Leon havia notado que eu comia maçãs quase todos os



dias. Éramos os amigos mais improváveis e, ao mesmo tempo, não éramos absolutamente nada.

Meus amigos, fora da escola, não sabiam sobre a estranha amizade entre Leon e eu. Com toda certeza, nem Túlio e nem Maria Rafaela sequer sonhavam que nos falávamos.

Os dias no colégio eram sempre parecidos, um pouco de bullying diário, fuga para o bosque, conversas sobre tudo e sobre nada com Leon e depois que o sinal tocava, indicando o fim da aula, eu corria para casa.

— Mãe? Pai? Cheguei — grito, entrando pelo portão barulhento.

É sexta-feira e geralmente é o dia em que posso ficar na rua, conversando com Nathália até mais tarde, por não ter aula no dia seguinte.

Mas hoje não vai dar. Minha melhor amiga viajou para ver os tios na capital e só volta na segunda.

Meu pai aponta a cabeça no final do corredor e faz sinal, indicando que está trabalhando na oficina nos fundos. Ele conserta todo tipo de coisa e apesar de nossa casa não ser grande, tinha esse cômodo sobrando, que foi convertido em oficina e é onde ele passa boa parte do tempo, desde que viemos morar com a mamãe.

Não que eu tenha lembranças, mudamos quando eu era ainda muito nova. Eu tinha uns dois anos quando minha mãe biológica morreu. Cerca de um ano depois, ele se casou de novo.

Desde então, Caren é minha mãe. Ela cuida de mim, me alimenta e trabalha muito pra me dar o melhor. Foi assim com a escola e por isso preciso me adaptar.

Entro na sala e percebo que ela ainda não chegou. É sempre assim, porque como ela mesma diz, alguém precisa pagar as contas e o que papai ganha com os consertos não é grande coisa.

Pego uma sacola em cima da mesa da cozinha, meus sapatos ficam no meio do caminho. Abro e espio dentro, encontrando um pedaço de pão murcho. Dou uma mordida e engulo o pão velho. Melhor que ficar com fome...

Guardo meus pertences no quarto, tiro o uniforme e o dobro com cuidado, afinal, é o único que tenho e foi um presente de Leon, e depois volto para a sala a fim de ver televisão.

Pego o controle e zapeio pelos canais, até encontrar algo de que gosto. Está passando As Patricinhas de Beverly Hills, um dos filmes que mais gosto, e me jogo no sofá, ansiosa para ver a Cher arrasando com seus looks maravilhosos.

Quando crescer, quero ter um closet como o dela e se não for pedir muito, um computador desses que monta as melhores combinações. Eu andaria sempre linda e super estilosa.

— Amanda — meu pai me chama, aparecendo na porta —, você pode ir lá na sua avó? Ela está fazendo o jantar. Você come com ela e traz um prato pro seu papai aqui.

Fico chateada por perder o filme, mas não tenho coragem de retrucar, então apenas concordo e desligo a televisão.

Vovó Lúcia é minha avó de consideração, já que mamãe Caren é sua filha e ela mora na mesma rua que nós, apenas três casas de distância e está sempre preparando alguma coisa de comer pra mim e pro vovô Tetê.

— Vó? — chamo, entrando pela porta da sala.

Eu a encontro na cozinha, cantarolando enquanto já prepara uma marmita para o meu pai.

— Boa tarde, minha Amanda. Seu avô está lá no quarto, chama ele pra vir jantar.

Sigo seu conselho e entro no corredor, de onde vem o som de uma música que meu avô adora ouvir. Ele tem um desses toca-

discos e uma coleção dos LPs com seus cantores preferidos, não é incomum encontrar ele e a vovó dançando juntos no meio da sala.

— Vô Tetê? O jantar está pronto!

Ele ergue os olhos ao me ver entrar e se levanta sem demora.

— Vamos então, Minha Canção — responde, me chamando pelo apelido que me deu logo que nos conhecemos —, sua avó não gosta de esperar.

Comemos todos juntos, brincando e rindo. Eu não sabia, mas essa seria uma das minhas últimas lembranças felizes antes de tudo desmoronar.

## **Leon**

Vinha chovendo nos últimos dias, semanas para ser exato.

Então quando as nuvens finalmente deram uma trégua, não pensei muito antes de me jogar na piscina da mansão.

Túlio se deitou sobre uma boia gigante em formato de espreguiçadeira e agora está do outro lado, falando comigo quase aos gritos, por causa da distância.

— Você não acha que seria muito melhor se a gente fosse pra Las Vegas? — insiste, mesmo que eu já tenha dito que não. — É

seu aniversário de dezoito, a gente vai curtir muito, beber, pegar umas garotas...

— A idade pra beber por lá é vinte e um, Túlio. Além disso, não é o que eu quero pro meu aniversário — respondo, sem me dar ao trabalho de levantar a voz.

Ele começa a remar com as próprias mãos para chegar mais perto de onde estou.

— O que, então? Cara, tem horas que você é muito chato.

— Pode ser uma viagem, só mais uns dois amigos, além de nós. Eu topo praia, algum país da Europa, se quiser a gente pode ir pra Nova York também, mas Las Vegas é demais.

Ele parece convencido com as opções que dei, com certeza vai dar um jeito de me enfiar em alguma festa doida em qualquer cidade que seja.

— E seu pai vai te dar o quê? Pediu um carro?

— Pedi. Ele brincou dizendo que ia me dar um relógio, mas acho que realmente vai me dar o carro.

— Não vejo a hora de também fazer dezoito e ganhar o meu... Tô sonhando com isso. Meu pai é um desgraçado, podia ao menos me dar o que eu peço.

— Ele te dá tudo que você quer, Túlio. Larga de ser reclamão.

— Eu pedi um late e ele não quer comprar.

Realmente não querer é o termo correto, porque se quisesse o pai dele poderia dar o mundo praticamente ao único filho. Com cinquenta e quatro anos, o pai dele é um dos mais novos bilionários do país, um banqueiro que não tem mais onde colocar dinheiro.

— Leoooooon! — Rafa desce correndo de dentro de casa, ela aparece na beira da piscina, com as mãos na cintura e sua expressão dramática.

Ela anda insuportável, desde que chegou na pré-adolescência, age como se tivesse vinte anos e está mais mimada que nunca. Porque ao contrário do pai de Túlio, o meu não nega nada a filha.

— Que foi?

— O papai disse que vai sair à noite e não vai me levar na apresentação de ballet!

— E daí?

— Eu não posso deixar de ir, sou a atriz principal!

— Tá, mas o que eu posso fazer? — pergunto, ouvindo o riso baixo de Túlio com a encenação de Maria Rafaela.

— Me levar! Ele disse que você pode pegar o carro da mamãe.

— Ele falou isso mesmo? — Eu a encaro, sondando sua expressão para saber se está dizendo a verdade.

— Falou, eu juro! Você vai assistir?

— Não garanto, mas se ele deixou, eu te levo.

Rafa bate os pés no chão e vejo uma lágrima escorrer por sua bochecha rosada.

— Ah, vai Leon! Assiste, você sabe que se não for...

Maria Rafaela se abaixa diante de mim e passa seus braços pelo meu pescoço molhado, seus olhos estão cheios de água.

É, talvez eu também ajude a mimá-la, mas ela tem razão. Se eu não for, ninguém mais vai.

Somos nós dois desde sempre, nossos pais não se suportam e evitam estar em casa a todo custo e com isso, nós também somos deixados de escanteio.

— Então eu vou. Mas só se prometer uma coisa...

— Juro, juradinho! Prometo fazer qualquer coisa que você quiser!

— Sabe a Amanda? A aluna bolsista?

Rafa me encara, confusa, como se estranhasse o fato de eu saber quem ela é.

— A esquisita? — pergunta, sem entender o rumo da conversa.

— Ela não é esquisita, só não tem o pai e a mãe dando tudo que ela pede. Já parou pra pensar que tudo que você tem não é porque você fez por merecer ou porque é especial? Tudo que você tem é porque seus pais te deram, eles é que trabalharam por isso.

Rafa tem a decência de desviar os olhos para a água e assentir.

— Quem é essa garota? — Túlio pergunta, alheio à existência de Amanda.

Prefiro ignorar a pergunta.

— Você não é melhor que ela, entende? Vai parar de implicar com a Amanda e deixar a garota em paz.

— Ela foi reclamar pra você? — Rafa pergunta e percebo que posso ter piorado as coisas.

— Não, eu vi você jogando água nela. Ia gostar se fizessem isso com você?

Ela revira os olhos, como se eu estivesse falando bobagem.

— Ninguém teria coragem de fazer isso comigo.

— É mesmo?

Aproveito que seus braços ainda estão em volta do meu pescoço e pego-a pelas pernas, a atirando dentro da água.

— Leon! — ela grita, agitando os braços enquanto se coloca de pé.

Nossas risadas preenchem o lugar e apesar de começar uma corrida malsucedida atrás de mim dentro da piscina, Rafa também está rindo.

Eu não sabia, mas essa seria uma das minhas últimas lembranças felizes antes de tudo desmoronar.

## **Capítulo 1**

### **Leon**

Da minha sala, no trigésimo quarto andar do edifício em que fica o escritório da Gracy's, consigo ter uma ampla visão da cidade de São Paulo. As altas paredes de vidro me permitem assistir aos

minúsculos carros que passam na avenida e ouvir o som distante das buzinas.

Meu andar tem uma vista excepcional, mas o prédio é conhecido pelo mirante que fica na cobertura, ainda que hoje em dia o acesso seja restrito, desde que decidi comprar o prédio e privatizá-lo. Assumi o legado de meu pai alguns anos após sua morte, depois de concluir meus estudos nos Estados Unidos, voltei para tomar conta da Gracy's, que hoje opera como a rede de joalherias de maior sucesso no mundo. Seu nome é lendário, começou em 1847, com nossos antepassados, e vem sendo passada na família, de geração em geração.

Não estava nos planos gerir os negócios tão cedo, mas a morte prematura de Rodrigo Vidal me levou a isso. Fui enviado às

pressas para a faculdade, tão logo completei dezoito anos, enquanto minha mãe cuidava de tudo temporariamente, e logo que retornei ao Brasil, aos vinte e cinco anos, me mudei para a capital, de onde controlo as ações da Gracy's, a matriz e as filiais espalhadas pelo país e pelo mundo.

Isso já faz cinco anos, considerando que completo meu trigésimo aniversário no próximo fim de semana e, desde então, dirijo as empresas da mesma maneira que meu pai fez, lidando com ouro, prata e todo tipo de pedras preciosas. Nossos produtos são de qualidade inquestionável e os anéis solitários produzidos por nossos designers, assim



como as alianças douradas incrustadas com diamantes se tornaram símbolo do amor, o que significa que não há

uma só moça solteira, que não sonhe em receber uma caixinha rosa, com laço de cetim preto.

As pessoas chegam ao ponto de tentar adquirir a caixa, símbolo de nossa marca, mas não está à venda. Apenas os seletos clientes, com poder aquisitivo para ter uma de nossas joias, podem tocar em nossas embalagens bem desenhadas. Claro que os sonhos, o romance e essa imagem de contos de fadas, são resultado de um marketing muito bem trabalhado no decorrer dos anos, mas o que de fato interessa a mim, são os números e nosso nome perpetuado pelo mundo.

— Senhor Vidal? — minha secretária chama. Perdido em meus pensamentos nem mesmo notei que ela tinha entrado na sala.

Eu me viro para que ela continue falando e noto o papel tremendo um pouco em suas mãos. Isso não pode ser um bom sinal.

— Pode falar, Telma.

— Pedi ao seu piloto que prepare o helicóptero pra ir pra Flor dos Montes. Tudo certo com a viagem?

Eu me irrito com a pergunta. Não que seja culpa de Telma, ou de qualquer um aqui, a verdade é que não sinto a menor vontade de ir para minha cidade natal, ainda que seja um voo curto. Desde que saí de lá, doze anos atrás, posso contar nos dedos as vezes em que estive em casa, mas agora é inevitável.

Sinto falta da minha irmã e não é que eu odeie encontrar minha mãe, mas seus planos altamente sociáveis para os dias em que vou estar em casa, me tiram do sério. Além do mais, nós brigamos o tempo todo.

— Tem certeza de que eu preciso ir até lá? Não posso apenas assinar os contratos de venda da propriedade e enviar para a corretora?

— Infelizmente sua mãe foi categórica nesse sentido, senhor Vidal. Precisa estar presente ou a venda da casa não será feita, e ela ligou avisando que vai ter um jantar em homenagem ao seu aniversário, estão ansiosos para tê-lo em casa.

— Um jantar? — Estreito os olhos, conhecendo bem os jantares simples organizados por ela. — Ela disse o que devo

vestir?

Telma tem a decência de desviar os olhos para o chão.

— Black Tie...

— Smoking pra um simples jantar? Ela deve ter fechado a cidade e contratado uma banda.

— Acho que algo assim.

Desde a morte de meu pai que ela ficou fora de controle e sempre que cedo e vou para Flor dos Montes, sou recebido com festas grandiosas, que duram dias e uma dezena de moças, filhas de seus amigos mais ricos e influentes, que discretamente são jogadas no meu colo na esperança de que eu me case com uma delas.

Eu faria o possível para evitar a viagem se fosse apenas o meu aniversário, mas com a venda da propriedade da família, a fim de que minha mãe e Maria Rafaela se mudem para São Paulo, ela me deixou de mãos atadas. Provavelmente planejou a data com antecedência para que eu não pudesse escapar de suas tentativas de me casar.

Não é que eu seja avesso a relacionamentos, mas todos os que tive não duraram muito, porque dedico boa parte do meu tempo aos negócios, e as mulheres com quem me envolvi nunca souberam lidar com isso. Espero que agora seja diferente.

— Ligou pra Elisa? Sabe a que horas ela chega? — pergunto, afinal, ainda que Elisa seja um pouco grudenta, pode ser meu escudo durante os próximos dias.

Telma não tem coragem de me encarar, e o papel treme ainda mais em suas mãos.

— O que foi?

Ela finalmente estende a folha e eu a pego.

— A senhorita Elisa ligou avisando que não vai acompanhá-lo e que está... Bom, ela está terminando com o senhor.

Por um momento sua fala me deixa atônito. Não por ter uma namorada terminando um relacionamento comigo, geralmente meus namoros acabam ou porque elas não suportam minha ausência, ou porque eu não aguento as cobranças, mas me surpreendo por ter sido dispensado através da minha secretária.

— Por que ela não ligou pra mim?

— Está explicado no bilhete...

Abaixo os olhos para ler o recado e o que encontro me faz sorrir. Ao menos Elisa era espirituosa, também não era interesseira como eu havia pensado, já que preferiu romper o namoro.

*"Tentei te contatar para conversarmos, liguei e fui encaminhada para a caixa postal, infelizmente não consegui achar uma brecha na sua agenda para marcar o rompimento. Então, assim como você, que resolve tudo por meio de horários, pedi a sua secretária que encaixasse esse recado no seu tempo livre. Adeus, Leon, namoro platônico não funciona pra mim."*

— Me desculpe, senhor. Ela só ditou e eu copiei.

— Não tem problema — respondo, me divertindo um pouco com a mensagem —, ela era engraçada. Mas agora me deixou com um problema.

Percebo tardiamente que se não levar Elisa comigo, minha mãe vai voltar aos planos de atirar uma garota pra mim a cada oportunidade — e sei que ela deve ter preparado ao menos umas cinco.

— Chame o Eduardo pra mim.

Telma assente e sai da sala, apressada. Meu bom humor momentâneo por causa da mensagem se evaporou e não sinto a menor vontade de lidar com minha mãe e seus joguinhos agora. A única razão que ainda me motiva a ir pra casa é Maria Rafaela, só de pensar em minha irmã sou consumido pela sensação de culpa

por não a ter protegido como deveria. Se ao menos eu não estivesse do outro lado do mundo quando tudo aconteceu...

Eduardo bate na porta e então coloca a cabeça para dentro, entrando em seguida.

— Chamou, chefe?

Formal, como sempre, ele está usando seu terno preto, os cabelos escuros meticulosamente arrumados.

— Chamei. Preciso de um favor, em outras circunstâncias eu pediria a minha secretária, mas acho que seria no mínimo embaraçoso — confesso, repassando minha ideia na mente umas três vezes.

— Claro, o que precisa que eu faça?

Eduardo é meu motorista, meu segurança, uma espécie de assistente e, com o passar do tempo, se tornou um amigo. Ele faz muito mais que o acordado em seu contrato de trabalho, mas também recebe um bom salário para isso.

— Preciso de uma acompanhante para minha estadia na casa da minha mãe — conto, decidido. — Não posso esperar que encontre alguém, preciso partir agora, então pode mandar a moça depois e colocá-la no hotel que vou ficar hospedado, pegue o endereço com a Telma.

— Não vai ficar na casa da sua família? — ele questiona, estranhando.

— Minha mãe está se preparando pra me irritar muito, com toda certeza. Algumas horas por dia já são mais do que posso

aguentar.

— E o senhor disse acompanhante? Quer que eu ligue para alguém em específico? Dona Elisa ou uma amiga, talvez?

Paro por um momento, percebendo que terei que ser mais claro.

— Uma profissional, Eduardo. Preciso de uma acompanhante de luxo, não estou pagando pelo sexo, que isso fique claro. Preciso de companhia pra afugentar minha mãe e seus planos casamenteiros, mas a Elisa terminou comigo no último momento e não tenho tempo pra começar um romance agora.

— Sinto muito.

— Eu também sinto — admito —, porque agora preciso conseguir alguém em cima da hora. Pode resolver isso? Me mande fotos se conseguir e resolvemos assim que eu chegar lá.

— Hum, claro... Flor dos Montes? Vou resolver.

Deixo-o em minha sala e saio, encontrando Telma na recepção.

— O senhor já vai?

— Preciso escolher algumas peças na loja, pra levar de presente. Talvez um belo colar distraia Suzana por tempo o suficiente para que esqueça minha vida amorosa.

Telma sabe que quando começo a tratar minha mãe pelo nome, minha paciência está por um fio. Ela deixa sua mesa rapidamente e aperta o botão do elevador.

— Se o senhor me disser quais peças vai querer, eu mesma busco no andar da loja.

— Não precisa, também quero algo pra minha irmã e prefiro escolher. — A porta do elevador se abre e entro, apressado.

O trajeto é rápido até o térreo, mas meus pensamentos frenéticos me fazem pressentir uma dor de cabeça chegando. Fecho os olhos por um momento e, quando dou por mim, as portas já estão se abrindo novamente.

Uma das vendedoras sorri, logo que me vê e se aproxima de mim. As roupas sociais impecáveis, a camisa branca sem um único amassado e os pequenos brincos de brilhantes nas orelhas. Nossos

funcionários são como uma vitrine humana, mas todas as joias precisam ser deixadas na loja antes do fim do expediente.

— Posso ajudar, senhor Vidal?

— Pode. Preciso de um presente pra minha mãe, pensei em uma pulseira.

— As peças novas chegaram. Já viu a pulseira de ouro branco? — ela questiona, caminhando na direção da vitrine iluminada por lanternas vintage. — É incrustada com diamantes e safiras intercalados, delicada e elegante.

Observo a pulseira que a moça indica e aceno para que a pegue, é bonita o bastante para que Suzana goste, mas nada excepcional porque ela não está merecendo.

— E para a senhorita Rafaela? Um par de brincos, talvez?

— Isso. Um par de esmeraldas. — Pensar sobre minha irmã me traz certa paz. — Posso imaginar o sorriso que vai abrir quando receber o presente — comento, sem analisar muito no que estou dizendo.

A moça hesita por um momento, crisca os lábios, e instantaneamente sei o que passou por seus pensamentos e isso me enche de raiva.

— O que foi, querida? — pergunto, mas meu tom é gélido.

Se ela fosse esperta, encontraria uma desculpa para sua reação, mas quando volta a falar, percebo que com toda certeza não é.

— É que... a senhorita Rafaela não enxerga, senhor. Ela não vai ver a cor dos brincos...

Como se eu precisasse de alguém para me dizer algo assim, como se todos os dias eu não me lembrasse de onde estava quando minha irmã perdeu a capacidade de enxergar.

— É mesmo? Embale os presentes, por favor — respondo, sucinto.

A mulher percebe meu humor e se apressa em fazer o que ordeno, vejo suas mãos trêmulas colocarem a pulseira em uma caixa de veludo preta e, depois, a depositarem dentro da famosa Gracy's Box, finalizando o pacote com o laço preto.

Aponto para a vitrine com os brincos, escolhendo as maiores pedras de esmeralda que vejo e, sem dizer uma palavra, a vendedora repete o processo, embalando o presente para minha irmã.

Pego os pacotes de suas mãos, percebendo o modo como desvia o olhar do meu, ciente de que fez besteira. Retorno em silêncio para o elevador, dessa vez subindo direto para o mirante, onde fica o heliponto. Digito uma mensagem rápida para Eduardo.



*"Fale com o gerente da matriz para demitir a funcionária que acaba de me atender. Não quero vê-la aqui quando voltar de viagem."*

## **Amanda**

Desliguei o som assim que meu avô dormiu, mas o barulho da máquina de costura me acompanha no silêncio da casa, abafando os ruídos do sono inquieto do vô Tetê, no quarto ao lado.

Eu me distraio costurando os vestidos das poucas clientes que consegui manter, trabalhando por apenas algumas horas e focando a maior parte do meu dia nos cuidados com vovô desde que ele adoeceu.

A verdade é que nossa família vivenciou uma sequência de tragédias nos últimos anos. Primeiro mamãe, que morreu em um acidente quando eu ainda era adolescente, depois disso, meu pai não aguentou e se afundou na bebida. Um homem que até então era trabalhador e centrado, simplesmente desistiu de viver e também de mim, acho que foi demais pra ele. Com isso, não havia

mais condições de que criasse uma adolescente e ele não ofereceu resistência quando vovó Lúcia e vô Tetê se ofereceram pra cuidar de mim, desaparecendo no mundo.

Mas minha avó já estava velha e doente e viveu mais algum tempo depois disso. Ela faleceu dois anos atrás, um baque e tanto para o vovô, que perdeu não apenas sua companheira, mas o grande amor de sua vida. Ele ainda dança comigo pela sala, revivendo os momentos que os dois viviam e ainda faz suas palavras cruzadas, porque tem a mente tão aguçada quanto antes, mas seus rins não funcionam mais e ainda que esteja na fila de doadores, ainda não tivemos sorte.

Alguns dias são melhores que outros, mas quando ele faz hemodiálise, as coisas ficam realmente difíceis para o meu velhinho.

Termino de costurar a bainha do vestido violeta e ouço uma batida discreta na janela do meu ateliê improvisado, que dá para a rua. Me levanto e abro o vidro, encontrando Héctor do outro lado.

— Oi, Amandinha — ele fala e passa as pernas para dentro do quarto, pulando pela janela mesmo.

— Oi — Volto para minha cadeira, sabendo que Héctor vai me seguir. —, e então? O que estava fazendo?

— Dormindo um pouco. Tive uma noite agitada.

— Você e suas noites agitadas, enquanto fico vendo televisão e fazendo palavras cruzadas... — respondo, reclamona.

— Cadê o vô? — questiona, olhando para a porta entreaberta e para a poltrona que geralmente está ocupada por ele.

Héctor e eu não somos parentes, somos amigos há muitos anos. Eu, ele e Nathália somos vizinhos desde que ainda éramos pequenos, e nossa amizade apenas se fortaleceu com o tempo.

Estive ao lado dele quando sua família se mudou para outro país e fui a primeira pessoa a quem ele contou quando começou a trabalhar com o que faz hoje. Sair com mulheres por dinheiro.

Nós apoiamos a Nath quando a família virou as costas ao descobrir seu namoro com a Lia, e os dois ficaram comigo

após a morte de mamãe, da vó Lúcia e agora, na doença do vô Tetê.

Somos como irmãos e contamos uns com os outros pra tudo.

— Ele dormiu. Fomos à hemodiálise de manhã e estava muito cansado... — Paro o que estou fazendo e encaro Héctor. — Estou preocupada, o médico disse que ele está ficando inchado, retendo

líquido demais e vão colocar uma sonda. Ele precisa da cirurgia logo, ou...

— Nem pense nisso. Vamos conseguir a cirurgia, tem que acreditar.

— Eu vou ficar louca, Héctor. Se nenhum de nós é compatível, como vou acreditar que vão achar alguém que seja? Se não bastasse isso, vieram cortar minha luz, eu dei um jeito, mas se aparecerem pra cortar a água, não tenho mais dinheiro. Os remédios, comida e todo o resto, é muita coisa só pra aposentadoria do vovô bancar e não estou conseguindo trabalhar.

Héctor cruza os braços e se recosta na minha mesa, seus olhos estão distantes e seu maxilar tenso.

— Eu tenho um pouco de dinheiro, se ajudar...

— Já falei que não quero que gastem o dinheiro de vocês com a gente, nem você e nem a Nath. Mal conseguem se sustentar.

Ele aquiesce, afinal, já tivemos essa conversa outras vezes.

— Tem outra forma.

Percebo o que quer dizer, pelo modo contrariado que fala.

— Eu não vou fazer sexo por dinheiro, Héctor. Entendo suas motivações, o que te levou a isso e respeito suas decisões, mas não conseguiria nem que quisesse.

— Não é isso, eu jamais iria sugerir que entrasse nesse negócio — ele fala, meneando a cabeça —, mas também não é tão

diferente.

Como fico calada, ele entende como deixa para continuar, e acho que realmente é.

Meu Deus, a que ponto cheguei? Estou desesperada a ponto de considerar essa opção?

— São só fotos. Você sabe que trabalho por conta própria agora, mas aquela mulher que agenciava meus encontros, está à procura de garotas para fotografias eróticas. Não precisa mostrar o rosto.

Engulo em seco, imaginando a situação ridícula em que teria que me expor. Ouço a tosse engasgada do outro lado da parede e isso aperta meu coração.

— Quanto?

Héctor dá de ombros e, apesar do sorriso, seus olhos estão tristes quando responde:

— Você é bonita, tem um corpo... Você sabe, venderiam as fotos com facilidade, Amanda.

— Não sei se isso é um elogio.

— Não é, só um fato. Acredito que ela pague dois mil por umas oito fotos.

— Dois mil reais por oito fotos? — Arregalo os olhos e minha voz sobe uma oitava. — É o salário de quase dois meses de um monte de gente!

— Eu sei...

— Quantos vestidos eu teria que fazer pra conseguir juntar isso?

— Bom, como eu disse, não precisaria mostrar o rosto. Eu...

sei que isso não é pra você, Amanda. Sei que não se sente à vontade, eu só não sei, a ideia me surgiu. — Ele meneia a cabeça.

Héctor fecha os olhos e apoia os dedos entre as sobrelanceiras, pensativo. — Não devia ter sugerido, desculpe. Não é a vida que quero pra você.

Apesar de entender o que está dizendo, isso também me surpreende, porque ele sempre diz que está nisso porque escolheu, porque gosta do que faz.

— Pensei que gostasse dos programas.

Ao menos é o que ele sempre nos fala quando tocamos no assunto, mas por um momento, sinto um toque de tristeza em sua voz, em seus ombros caídos.

— E gosto! — Héctor responde, com mais ênfase do que de costume. — Mas isso é pra mim, que adoro sexo, que gosto de ganhar pra fazer algo em que sou muito bom. Não é pra você, você tem que cursar moda e virar estilista, não é esse o sonho?

— O problema é que ninguém vive de sonhos, Héctor.

# Document Outline

- [Notas Iniciais](#)
- [Dedicatória](#)
- [Aviso:](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [AGRADECIMENTOS](#)
- [Degustação - Império de Diamante](#)